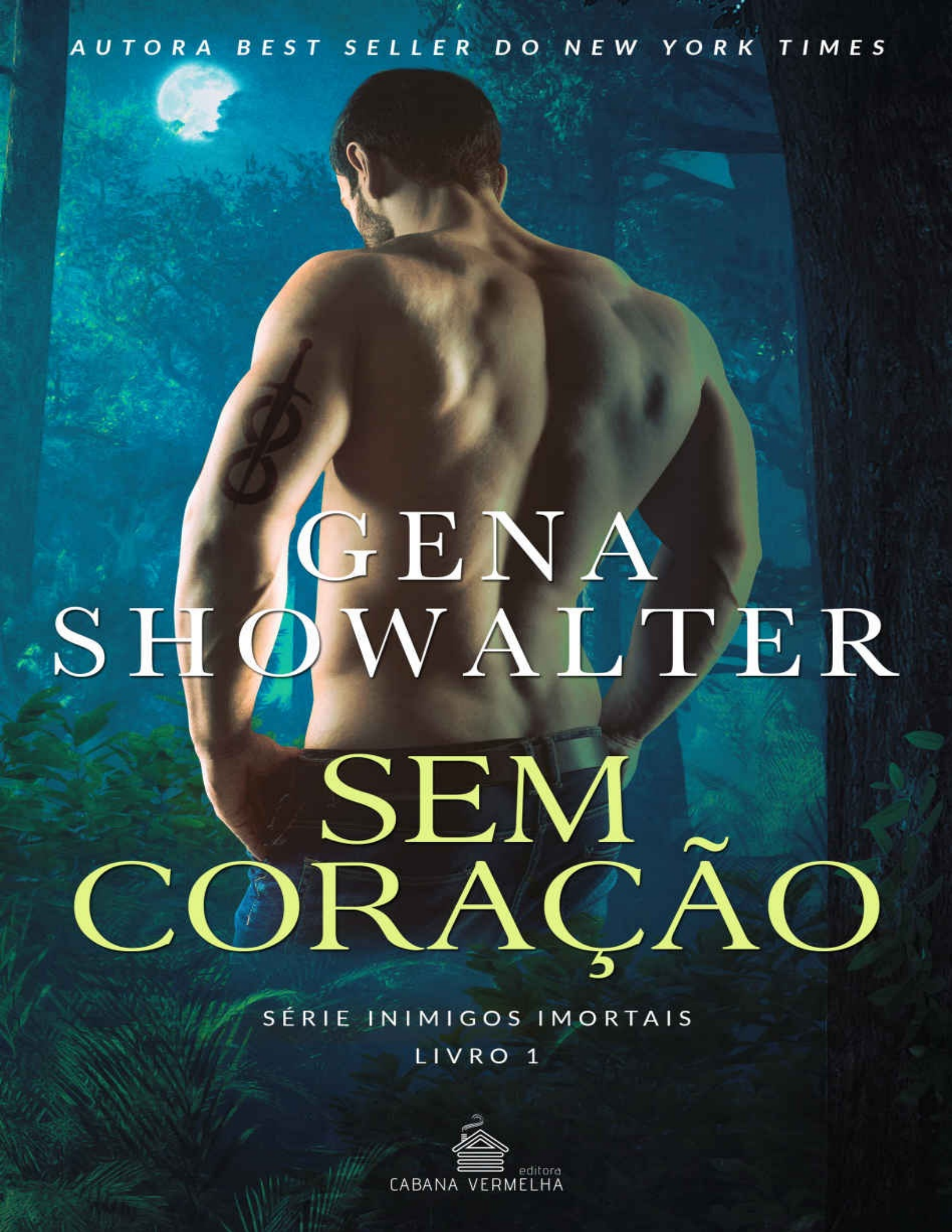
AUTORA BEST SELLER DO NEW YORK TIMES



GENA SHOWALTER

SEM CORAÇÃO

SÉRIE INIMIGOS IMORTAIS

LIVRO 1

editora CABANA VERMELHA

AUTORA BEST SELLER DO NEW YORK TIMES

GENA SHOWALTER

SEM CORAÇÃO

SÉRIE INIMIGOS IMORTAIS

LIVRO 1

Tradução
Erika Robles

editora
CABANA VERMELHA

Copyright © 2021 Gena Showalter
Copyright © 2022 Editora Cabana Vermelha
Título original: Heartless

Esta edição é publicada mediante acordo com Harlequin Books S.A.

Todos os direitos de edição reservados, incluindo o direito de reprodução no todo ou em parte de qualquer forma. Nenhuma parte dessa obra pode ser apropriada ou distribuída em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Diretora Editorial: Elaine Cardoso
Editora: Mari Vieira
Tradução: Erika Robles
Preparação: Renata Broock
Revisão: Nadja Moreno
Revisão Final: Sara Lima

CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
ELABORADA POR BIBLIOTECÁRIA JANAINA RAMOS – CRB-8/9166

S559

Showalter, Gena
Sem coração – Inimigos imortais, volume 1 / Gena Showalter; Erika Robles (Tradução). – São Paulo: Cabana Vermelha, 2022.

Título original: Heartless
16 X 23 cm
ISBN 978-65-81238-17-9

1. Romance. 2. Romance sobrenatural. 3. Literatura norte-americana. I. Gena, Showalter. II. Robles, Erika (Tradução). III. Título.

CDD 813

Índice para catálogo sistemático
I. Romance: Literatura norte-americana

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia, e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, negócios, estabelecimentos, eventos ou localidades é mera coincidência.

“Uma das autoras pioneiras do romance paranormal. Gena Showalter entrega uma estória totalmente fascinante!”

— Kresley Cole, autora best-seller do *New York Times*

“Amo esse mundo e esses machos alfa – isso é Gena Showalter em sua melhor forma!”

— J.R. Ward, autora best-seller do *New York Times*, sobre *Shadow and Ice*

“Gena Showalter nunca falha em deslumbrar.”

— Jeaniene Frost, autora best-seller do *New York Times*

“Showalter… me encanta toda vez!”

— Sylvia Day, autora best-seller do *New York Times*

“Showalter escreve personagens divertidos e sensuais que fazem você se apaixonar.”

— Lori Foster, autora best-seller do *New York Times*

“Showalter faz romance fervilhar em todas as páginas!”

— Jill Shalvis, autora best-seller do *New York Times*

“Uma premissa fascinante, um herói sedutor e ação sem parar, *A noite mais sombria* é Showalter na sua melhor forma.”

— Karen Marie Moning, autora best-seller do *New York Times*

Para as mulheres que me encorajaram quando eu disse “Então, tenho essa ideia.” Um milhão de obrigadas para Jill Monroe, Mandy M. Roth e Naomi Lane. Vocês me ajudaram de mais maneiras do que posso expressar.

Amo e adoro todas vocês.

SUMÁRIO

SINOPSE
PRÓLOGO
CAPÍTULO UM
CAPÍTULO DOIS
CAPÍTULO TRÊS
CAPÍTULO QUATRO
CAPÍTULO CINCO
CAPÍTULO SEIS
CAPÍTULO SETE
CAPÍTULO OITO
CAPÍTULO NOVE
CAPÍTULO DEZ
CAPÍTULO ONZE
CAPÍTULO DOZE
CAPÍTULO TREZE
CAPÍTULO CATORZE
CAPÍTULO QUINZE
CAPÍTULO DEZESSEIS
CAPÍTULO DEZESSETE
CAPÍTULO DEZOITO
CAPÍTULO DEZENOVE
CAPÍTULO VINTE
CAPÍTULO VINTE E UM
CAPÍTULO VINTE E DOIS
CAPÍTULO VINTE E TRÊS
CAPÍTULO VINTE E QUATRO
CAPÍTULO VINTE E CINCO
CAPÍTULO VINTE E SEIS
CAPÍTULO VINTE E SETE
CAPÍTULO VINTE E OITO
CAPÍTULO VINTE E NOVE
CAPÍTULO TRINTA
CAPÍTULO TRINTA E UM

CAPÍTULO TRINTA E DOIS
CAPÍTULO TRINTA E TRÊS
CAPÍTULO TRINTA E QUATRO
CAPÍTULO TRINTA E CINCO
EPÍLOGO
SOBRE A AUTORA

SINOPSE

A vingança é irresistível…

Kaysar, o Desequilibrado, Rei Fae da Corte Meia-noite, pode levar qualquer um à loucura com sua música. Um guerreiro implacável forjado em ódio, ele vive para deixar seus inimigos de joelhos. Ele não medirá esforços para alcançar o sucesso – nem sequestrar e seduzir a amada noiva do inimigo para garantir que seu próprio filho um dia se sente no trono do homem. Só que seu prêmio escapa para o reino mortal antes do primeiro beijo, seu coração sendo transplantado para uma beleza humana com segredos perigosos…

Chantel “Cookie” Bardot é uma gamer profissional ótima em falar besteira, péssima em lidar com pessoas. Após uma cirurgia há muito esperada, ela começa a se transformar em uma poderosa princesa fae. Jogada em uma terra estranha governada por um vilão cruel, mas sedutor, ela deve lutar contra monstros de carne e osso e lidar com intrigas da realeza. Mas o verdadeiro perigo é Kaysar, cujo toque perverso a tenta além da razão. Será que ela deve fugir… ou descer para a escuridão com ele?

PRÓLOGO

Kaysar de Aoibheall, de doze anos, limpou sangue e outras coisas das garras de metal presas em sua mão. Seu terceiro assassinato em oito meses. Engoliu o choque e a repugnância e correu por uma linha de árvores para pegar sua irmãzinha.

Quando o troll avançou da escuridão pela primeira vez, ansioso para fazer da garotinha de cinco anos um lanchinho, Kaysar a havia empurrado em um arbusto e afastara o monstro de mais de dois metros com sua habilidade mais poderosa – uma voz de compulsão. Mas pelo tanto que estava assustado, sua habilidade havia… se deturpado, e desencadeado uma luta brutal. Uma luta que ele mal havia ganhado.

Cheio de arranhões, parecia muito assustador, mas Viori mal notou. Olhava para o nada, inexpressiva como sempre.

— Tudo está bem — disse, revelando um sorriso frágil ao ajudá-la a se levantar. Ela segurava firme a boneca, Drendall. — Vem, querida. Vamos sair rápido daqui.

Trolls andavam em grupo. Onde você encontrava um, haveria outros.

Com o coração acelerado, ele guiou Viori para a frente, para longe da carnificina. Qual o caminho, qual o caminho? O mapa de sangue que desenhara no braço havia borrado durante a batalha, e ele xingou para si mesmo internamente. Parece que teria de improvisar.

Kaysar decidiu seguir um caminho sinuoso criado por um riacho balbuciante e aumentou o passo. A natureza adocicava sua respiração ofegante, um vento quente demais rodopiando folhas caídas daqui para ali. Manteve a mão de Viori apertada na dele, com receio que ela e a boneca também voassem para longe.

Apesar de ser de manhã, sombras densas espreitavam e rastejavam do outro lado da água, a folhagem carnívora atraindo presas desatentas. Do lado deles,

pelo menos, os raios de sol banhavam a terra em luz dourada. O problema eram as pixies zunindo pelo ar. Conhecidas ladras.

Outra ameaça. Kaysar não podia se dar ao luxo de perder nada. Tudo o que tinha, precisava para a sobrevivência de Viori.

— Por que não canto para você, humm? — perguntou, fingindo não estar preocupado.

Minutos passaram em silêncio. Sua irmã não havia dito uma palavra desde que seus pais morreram.

A princípio, Kaysar não havia se preocupado com a falta de comunicação dela. Estivera inundado com novas responsabilidades, ocupado demais para lidar com o próprio luto, muito menos o de outra pessoa. Agora pensava em pouco além disso.

— Canto qualquer coisa que você quiser — falou, tentando outra vez. — Algo sobre uma princesa e seu príncipe, talvez? — Uma vez fora o tema favorito dela. — Ou posso cantar para Drendall? Você acha que ela gostaria de uma música só dela?

Viori continuava a olhar fixamente para a frente, sem dar resposta alguma.

Um suspiro de desânimo escapou dele. *Estou fracassando com ela*.

Kaysar sabia que a culpa aprisionava a língua dela. Também sabia por quê. Oito meses atrás, uma praga havia assolado a vila deles, infectando sua mãe e seu pai. Já que a sobrevivência deles dependia da capacidade dos pais de trabalharem no campo, coletando pétalas de pixies, Viori havia optado por usar sua *glamara*. Uma habilidade sobrenatural inata. Apenas os fae mais fortes a possuíam.

Assim como Kaysar, ela dominava uma voz impregnada de compulsão. Quando emitia um comando, a audiência obedecia. Não adiantava lutar. Só que sua *glamara* ainda não havia sido afiada. O que ela não havia compreendido na época? Emoções afetavam o tom. Sempre. Coisas ruins aconteciam quando os sentimentos errados envolviam suas palavras.

Temerosa, chateada e desesperada, Viori ordenara que os pais se sentissem

melhor. E os dois de fato se sentiram melhor – quando morreram.

Os irmãos estavam sozinhos desde então. Viori havia parado de falar de vez.

Lágrimas de arrependimento fizeram os olhos de Kaysar arder. No dia seguinte a ele queimar o corpo dos pais, de acordo com o costume fae, um coletor de impostos chegou para acertar os débitos remanescentes, confiscando a fazenda. Mais tarde, naquele mesmo dia, um vizinho convidou Kaysar e Viori para ficar com ele… se encontrassem uma maneira de "recompensar tamanha generosidade". Ele recusou. Outro casal o havia abordado, com esperança de adotar Viori, e apenas Viori. Recusou a oferta deles, da mesma maneira, sem conseguir tranquilizar seus medos a respeito da segurança da garota, e indisposto a negligenciar o último desejo dos pais. *Fiquem juntos, não importa o que acontecer.*

Kaysar podia não ter um abrigo permanente ou recursos, mas oferecia o que os outros não podiam. Amor incondicional. Sua irmã era a única família restante, e ele a protegeria com a própria vida. Outra pessoa poderia dizer o mesmo?

— Esqueça a música. Por que não te conto sobre a vila que vamos visitar? — Ele era propenso a escolher povoados a uma boa distância da Corte Estival. A capital movimentada do reino. Rumores sugeriam que órfãos eram frequentemente sequestrados da rua, para nunca mais serem vistos ou ouvidos.

Conforme o silêncio se alongava, uma sensação de urgência ficava mais forte nele.

— Me diga como te ajudar — implorou.

Outra vez, ela não disse nada.

Como ele poderia diminuir a angústia e a culpa de sua irmã? Como ele a convenceria da verdade? Não a culpava pelo que aconteceu. Ele, também, havia cometido erros de vida ou morte com sua *glamara.*

Deveria repensar suas decisões? A garota traumatizada ficaria melhor com o casal? Eles vinham com um lar permanente. Estabilidade. Três refeições diárias, preparadas com alimentos orgânicos, em vez de migalhas roubadas de qualquer fonte possível. Se deixada para trás por qualquer motivo, Viori não precisaria se

esconder. Não haveria perigo de um ataque de troll. Ou pior. Preocupação com o clima? Nunca mais. Oportunidades abundantes de amizades. Vestidos bonitos substituiriam os trapos que seu irmão surrupiava de varais.

E quando a nova família descobrisse o alcance da sua *glamara*? Poucos fae manejavam uma dessa magnitude. Enquanto a melodia da sua mãe arrebatava a todos, e todas as palavras de seu pai inspiravam excitação anormal e antecipação, nenhum deles havia compelido outros a se submeterem à vontade deles.

E se a família usasse Viori para benefício próprio, tratando-a como um objeto?

Respirou fundo, músculos diferentes ficando tensos. Não, sua irmã não estaria melhor sem ele. Fazia tudo em seu poder para mantê-la segura, e ele entendia suas dificuldades de maneiras que ninguém mais podia. Por qualquer meio necessário, ele a alimentava com uma refeição completa todos os dias, conseguia uma profusão de água fresca, e assegurava os abrigos mais quentes. Quem poderia dizer o mesmo?

Com frequência, ele roubava o que precisavam. Como último recurso, ele usava sua *glamara*. Quando isso acontecia, ele e Viori faziam as malas e seguiam em frente no dia seguinte, para o caso de alguém perceber a verdade. As pessoas temiam o que não podiam controlar, e atacavam o que temiam.

Outro grupo de pixies voou por eles, tagarelando com animação, deixando uma trilha de poeira brilhante no seu encalço. Para onde estavam indo com tanta pressa? Alguma coisa estava acontecendo?

Kaysar ajudou Viori a passar sobre um tronco caído e parou.

— Um segundo, querida. — Estudou o que restava do mapa. O único marco em frente parecia ser uma pequena clareira.

As pessoas se reuniam ali? Era provável. Onde as pessoas afluíam, provisões transbordavam. Comida. Roupas. Armas.

Ou as pixies roubavam tudo, ou Kaysar roubava.

Sua próxima respiração se provou tão perfurante quanto uma lâmina. Se ele

fosse pego, Viori estaria sozinha na floresta e não em uma vila, onde poderia procurar alguma alma caridosa para ajudá-la.

Ir em frente ou mudar de direção?

Esperou. As pontas das suas orelhas afiladas se contorceram. Vozes. Ele se agachou, puxando Viori para baixo também.

Kaysar focou no barulho, as orelhas estremecendo mais rápido. Ah, sim. Vozes. Duas delas. Três? Todas masculinas. Fae. Autoritárias. Bravas.

Emoções estavam acaloradas, acrescentando ao nível de perigo. Ele e Viori poderiam conseguir provisões em outro lugar. Sim. A melhor escolha. Ele se endireitou um pouco, puxando a irmã para os pés e avançou devagar.

Após recuar apenas dois passos, o estômago dela roncou. No silêncio, aquele ronco pareceu obscenamente alto.

Vergonha o escaldou, e ele diminuiu o passo. Quando se tratava do bem-estar de Viori, ele não tinha medos, nem limites e nem amigos. Apenas inimigos com posse temporária de suas coisas.

Para alimentar sua irmã faminta, o risco valia a recompensa.

Farei isso. Um graveto se partiu enquanto ele levava Viori para mais perto do riacho. Água limpa corria por pedras preciosas trituradas, quebrando em espuma branca na ribanceira. Onde esconder a garotinha?

Uma avaliação rápida revelou duas opções. Aglomerações de videira venenosa tóxicas ou troncos de árvores enormes com raízes em pilar grossas que serviam de hospedeiras para legiões de formigas lava-pés.

A videira venenosa.

Kaysar guiou Viori pelo caminho, tremendo conforme o ar adocicava. Videira venenosa atordoaria um fae ao contato. Poucos sequer se aproximavam.

Ele a encorajou a se abaixar entre os talos e acomodou a boneca no colo dela. Contanto que Viori ficasse imóvel, não roçaria na folhagem.

— Sabe que sempre vou te proteger, não sabe? Fique aqui, e permaneça imóvel — sussurrou, colocando a sacola deles aos seus pés. O tecido carregava seus poucos, mas preciosos pertences.

Sua irmã não mostrou reação, perdida demais na própria cabeça para perceber o que transcorria à sua volta.

— Vou descobrir o que está acontecendo — falou para ela mesmo assim. — Enquanto estiver longe, quero que lembre o quanto te amo. Tudo bem? Volto em breve. — Poderia estar ferido e ensanguentado mais uma vez, mas retornaria.

Ela olhou para além dele, em silêncio.

Com o peito apertado, ele segurou suas bochechas e beijou sua testa, depois beijou a testa de Drendall e correu antes que mudasse de ideia. A visão dele anuviou por um segundo.

Não olhe para trás. Foco.

Kaysar atravessou o riacho frio e saiu do outro lado, os pés e as panturrilhas encharcados. Ao se esgueirar por árvores ramosas cobertas em sombras, ele deixava uma trilha de água para trás. Galhos retorcidos arranhavam suas bochechas, ardendo, mas ele se recusava a diminuir o passo.

O olor de flores desapareceu, sobrepujado por um odor de necrose. Ele prendeu a respiração e passou por cima de um cogumelo vermelho e amarelo crescendo de uma pedra rachada.

Um homem urrou um insulto terrível segundos antes de um grito de dor feminino ecoar.

Kaysar acelerou o passo, soltou o arco ancorado em seu ombro e encaixou uma flecha. Aproximando-se… Trançou por um labirinto de galhos quebrados e folhas secas, onde centenas de pixies se reuniam, encantadas. Mais perto…

Perto do último emaranhado de árvores, ele avistou três homens e uma única mulher. Parou para analisar. Uma garota pequena, grandes brutamontes. Deviam ser soldados. Ricos… Reais? Dois eram mais velhos. O terceiro era jovem, talvez tivesse dezesseis ou dezessete anos.

Do ponto vantajoso que estava, Kaysar observou todo mundo de perfil. A garota permanecia de joelhos, enquanto os homens estavam de pé. Com um coque vermelho-vivo desarrumado na nuca. Parecia mais velha do que o adolescente, mas mais nova do que os outros. Seu vestido, apesar de simples,

aparentava ser bem feito, um decote baixo mostrando o colar cravejado de diamantes em volta do seu pescoço.

— Por favor — choramingou, pressionando as mãos juntas, formando um campanário. — Não faça isso.

O homem mais jovem zombou, e os mais velhos bufaram. Eram irmãos? Os dois tinham cabelos brancos, os lados trançados e presos para trás. Eles eram altos e musculosos, usando suéteres bem tricotados, calças de couro e botas de combate. Espadas curtas com punhos de osso de gelo se estendiam por cima dos ombros largos dos homens. Osso de gelo. Um cristal encontrado apenas nas terras de Inverno.

A testa de Kaysar franziu em confusão. Por que os guardas Reais da Corte de Inverno estavam tão longe de casa?

Mirou, mantendo o homem maior em foco. Apesar de saber que algumas flechas não poderiam derrubar guerreiros fae fortes como aqueles, ele também sabia que alguns mísseis bem colocados poderiam deixá-los mais lentos, ganhando tempo para que pudesse escapar.

— Você esperava ganhar meu reino pelo meu filho, garota? — exigiu saber o homem mais alto, estalando com fúria.

Seu reino? O rei Hador Frostline era conhecido por ser alto e cheio de músculos, com um tufo de cachos brancos. Relatórios sugeriam que o príncipe Lark, seu irmão mais novo, se parecia com ele.

Medo resfriou o sangue de Kaysar. Com o que ele havia se deparado?

O rei deu tapinhas no ombro do adolescente. *Ele deve ser o príncipe Jareth Frostline, o filho.*

— Você tem algo para dizer para essa mulher?

— Por que deveria? — respondeu, parecendo ofendido pelo prospecto. — Ela não é nada para mim.

Raiva esquentou o peito de Kaysar. E se esse trio tratasse Viori assim algum dia?

A garota desmoronou, os ombros encolhendo. Ao abaixar a cabeça nas mãos

erguidas, soluços baixos estremeceram sua silhueta esbelta.

O príncipe Lark fez um barulho de repulsa.

— Vou ser boa. — Ela esticou o braço para afastá-lo ou grudar nele, Kaysar não tinha certeza. — Posso… Posso deixar a Corte Invernal. Sim, vou embora e nunca mais volto. Por favor. Me deixem ir.

Os observadores riram uns com os outros.

— Cuide dela, irmão. — O rei cutucou o príncipe Lark. — Você precisa do treino.

— Minha habilidade é quase tão robusta quanto a sua — protestou o príncipe Lark.

— Quase. Mas você não tem controle. Então proceda. — Ele acenou para a garota como se fosse algo de pouca importância. — Treine.

Kaysar percebeu que tinha uma escolha. Salvar a garota e sua consciência, talvez condenando a si mesmo e Viori no processo, ou afastar-se e condenar a garota e sua consciência.

Ele *podia* salvá-la? Um garoto contra três fae reais? E se falhasse? O que seria de Viori?

A necessidade de debate acabou ali. Abaixou o arco. Para o contínuo bem-estar de Viori, ele deveria não fazer nada.

Seu estômago revirou conforme o príncipe Lark segurava o rosto da garota e seus olhos se arregalavam com terror. Sons de engasgo saíram dela enquanto linhas pretas apareciam em sua pele. Ela lutou contra ele, fazendo o seu melhor para quebrar a conexão, mas o príncipe segurava firme, sem soltar.

As linhas se espalharam pelos olhos. Desceram pelo pescoço, desaparecendo sob as roupas dela.

Kaysar observou, suas entranhas em chamas.

Ela lutava menos e menos.

Ele cerrou as mãos em punhos.

A garota ficou mole, e Kaysar parou de respirar de vez.

Com um simples torcer de pulso, o príncipe Lark casualmente arrancou a

cabeça da garota. Ele ria enquanto o sangue esguichava. Ria enquanto o corpo dela atingia o chão, o colar cravejado de diamantes caindo a alguns metros de distância. O rei e seu filho celebraram.

Bile subiu, queimando a garganta de Kaysar. O príncipe Lark ergueu a cabeça como se fosse um prêmio de guerra. Não, um brinquedo de criança. Ele a chutou para uma boa distância, depois usou um *flitter.* Uma habilidade de teletransportar de uma localização para outra. Uma habilidade que Kaysar ainda precisava desenvolver.

Os outros dois reais seguiram o príncipe em segundos.

Um urro rouco explodiu de Kaysar nesse momento, as pixies saíram voando. Respirou fundo e lutou para controlar seus pensamentos. Esquecer a atrocidade que acabara de testemunhar. Lidaria com as emoções depois. Com o comprador certo, o colar de diamantes poderia prover um mês de refeições para sua irmã.

Kaysar fez uma varredura visual. Uns seis metros o separavam do colar, sem nenhuma pedra ou tronco no caminho. Ignorando seu tremor, ele colocou o arco sobre o ombro e respirou fundo.

Vai! Ele correu do emaranhado de galhos. Meio do caminho…

Abaixar e esticar a mão…

Um braço duro enrolou em sua garganta, puxando-o contra um corpo mais duro ainda. Embora ele lutasse, seu captor torceu o braço nas suas costas, prendendo-o mais.

— Pensei que tivesse sentido o cheiro de alguém nas sombras. — Uma risadinha rouca espalhou hálito quente sobre sua testa. — Então, quem temos aqui, humm? — O príncipe Lark estalou os lábios na bochecha de Kaysar. — Um ladrãozinho safado planejando roubar propriedade da Corte Invernal?

Quando o rei e seu filho reapareceram a alguns metros de distância, o pânico cresceu.

O rei franziu o cenho.

— Não podemos permitir que uma testemunha espalhe nossos segredos.

— Uma pena desperdiçar um rostinho tão bonito. — O príncipe Lark se

esfregou em Kaysar. — Dê ele para mim. Vou garantir que permaneça em silêncio.

Não, não, não. Deixado com nenhum outro recurso, Kaysar se concentrou na sua *glamara*. Quando sua garganta esquentou, falou:

— Você vai me soltar. — *Calmo, estável.* — Vocês vão embora e me esquecerão.

O rei empalideceu, e os príncipes ficaram tensos. Mas nenhum dos três o obedeceu. Em vez disso, eles se entreolharam.

— Detecto um traço de compulsão? — O rei Hador ergueu as sobrancelhas, como se estivesse impressionado.

— Acho que sim. — O príncipe exalou, depois mordiscou o lobo da orelha de Kaysar. — Você não sabe? Para comandar um fae real sua *glamara* precisa ser mais forte que a dele, não importa a habilidade que domine.

Frio gélido invadiu os membros de Kaysar.

— Deixe que eu o mate. — Um sorriso maligno ergueu os cantos da boca do príncipe Jareth. — Como meu tio, preciso do treino.

Sorrindo com um tipo doentio de satisfação, o rei desembainhou uma adaga.

— Desculpe, meu filho, mas devo um regalo ao seu tio. No entanto, não vou me arriscar.

Horror ameaçou afogar Kaysar. Ele irrompeu em movimento, contorcendo-se, relutando. O homem maior não teve dificuldade em pegar seu queixo, abrir sua boca e alinhar a lâmina com o lado da sua língua. Outra vez, os príncipes riram e riram e riram.

O rei começou a serrar, *removendo* sua língua. Dor lancinante, agonia total. Pontos pretos piscaram ante os olhos de Kaysar. Sangue entupiu suas vias aéreas. *Tanta tontura.* Quando seus joelhos se dobraram, o príncipe o soltou. Ele desmoronou no chão, pontos pretos trançando sua visão.

Tentou se arrastar para longe. *Devo retornar… Viori.* Mas a escuridão o engoliu.

Um ano mais tarde

Um tilintar de metal. Um gemido agudo enquanto dobradiças não lubrificadas rangiam. Depois, um barulho contínuo de passos conforme o carrasco de Kaysar subia uma escadaria longa como a eternidade, mas ainda muito curta.

Uma respiração entrecortada cutucou suas narinas e cortou seus pulmões. Coração batendo como um martelo, ele se arrastou para trás e se pressionou contra a parede, onde as sombras o cobriram. Pele nua encontrou pedra frígida, e ele sibilou, sua corrente chacoalhando um pouco, acrescentando uma nova nota à melodia tenebrosa.

Lark estava de volta.

O príncipe poderia ter usado o *flitter*, aparecendo diretamente na sala, mas ele preferia alongar sua aproximação e aumentar a expectativa.

Kaysar movia os olhos, focando em detalhes fúteis. O sol começara a se pôr. Raios fracos de luz brilhavam pela janela, iluminando o ambiente mais alto na torre mais alta do Palácio das Terras Invernais, a joia mais preciosa da Corte Invernal. Aqui, Kaysar tinha um pouco dos confortos que ansiara dar para Viori. Uma cama embutida com um colchão de plumas de ganso. Uma banheira livre e acesso a água fresca, um verdadeiro luxo. Mas, ah, como ele desprezava este lugar.

Havia sofrido em cada momento da sua captura. O príncipe Lark e o rei Hador abusaram dele como lhes satisfazia e sempre que lhes agradava, mantendo Kaysar confinado com o colar cravejado de diamantes que uma vez teve esperança de vender. Uma corrente esticava entre o colar e a parede, os elos inquebráveis. Os reais o alimentavam apenas o bastante para existir.

No começo, ele se sentia como um animal enjaulado. Lutou contra suas circunstâncias com todo seu ser. Quando toda a raiva, o ódio, a culpa e a vergonha finalmente atingiram um pico trágico, sua mente havia… quebrado. No desfecho, ele descobriu que apenas o ódio permaneceu.

Cada minuto de cada dia ele fervilhava com o desejo – a *necessidade* arrebatadora – de massacrar seus inimigos. Os gritos que ele arrancaria. Ah, os gritos. Depois, sua caça por sua amada Viori poderia começar.

Seu peito se comprimiu. Ela estava bem? Alguém a encontrara e ajudara? Alguém a machucara? Nos seus piores pesadelos, ele a imaginou morrendo de sede dias depois de abandoná-la naquelas videiras.

Uma lágrima escapou, escorrendo por sua bochecha.

Tump-tump. Kaysar ficou tenso conforme os passos do príncipe se aproximavam. Hoje, ele começaria sua fuga. Se falhasse…

Não podia falhar.

Limpou a testa úmida com o dorso da mão e murmurou uma melodia suave. Vibrações correram pela sua língua – uma língua em processo de crescimento. Lark não fazia ideia. Mas faria.

Kaysar sorriu ao imaginar o sangue saindo de cada orifício do príncipe.

Outro tilintar de metal. Outra serenata de dobradiças seguiu a porta abrindo… e Lark apareceu, consumindo o espaço. Cachos pálidos bagunçados, orelhas pontudas à mostra. Olhos azuis vidrados. Vestia uma túnica branca amassada e calça de couro, um par de adagas embainhadas na cintura. O odor de vinho azedo e suor maculava o ar.

— Não acho que você vai gostar do que planejei hoje — disse o príncipe com um sorriso.

Odeio o príncipe. Odeio todos eles. Lark e Hador haviam tomado tanto de Kaysar. Sua irmã. Sua liberdade. Sua honra. Sua sanidade. Até seu futuro.

Eles não tomarão mais nada.

Rindo, sempre rindo, o príncipe avançou como um predador, removendo e largando a camisa pelo caminho.

O ódio se acumulou na garganta de Kaysar, queimando-o.

— Pare — gritou.

Lark… obedeceu. A testa do príncipe franziu com confusão. Resistiu à imobilidade, mas não deu outro passo.

Ali. Naquele momento. Kaysar sentiu gosto de vitória, e apenas ansiava por mais.

— Como? — exigiu saber Lark, jogando a pergunta para ele.

Como Kaysar, que ainda precisava congelar em sua imortalidade, conseguiu fazer crescer uma parte da sua língua?

— Tenho murmurado uma canção de cura para mim mesmo. — Não havia usado sua voz em tanto tempo. A simples alegria disso! — Agora — falou, esfregando as mãos —, vou fazer você *sofrer.*

O príncipe recomeçou seus esforços, lutando com uma ferocidade terrível. Tarde demais. Kaysar fixou o olhar em Lark, abriu a boca e gritou. Um som tão adorável. Lindo e horripilante. Assombroso e enlouquecedor. Gritara antes, mas nunca assim. Mais alto e mais alto, a cadência ecoando. A torre tremeu, o ar estalando com mais poder do que ele tinha conhecimento que possuía.

Sangue escorria das orelhas de Lark, uma visão gloriosa para se presenciar. Os pensamentos de Kaysar se fragmentaram e cristalizaram. *Mate Lark. Escape. Mate todo mundo. Encontre Viori.*

Ah, a diversão que ele teria ao deixar a Corte Invernal.

Lark desmoronou, retorcendo-se em agonia. Quando falhou em obter alívio, ele tateou a cintura às cegas até segurar uma adaga.

O grito de Kaysar cessou quando o príncipe se apunhalou nas orelhas.

Arfando, Kaysar se aproximou. Carmesim saía de todos os orifícios do príncipe, exatamente como imaginara. Seu sorriso voltou. Que início maravilhoso.

— Ajuda. — Pálido e tremendo, o príncipe esticou a mão para ele, lembrando Kaysar da criada que um dia esticou a mão para Lark. — Me ajuda.

A dor e o desamparo do príncipe eram como um bálsamo na alma surrada de Kaysar.

— Sim, deixe-me te ajudar — sussurrou, caindo de joelhos.

Alívio emanava de Lark conforme Kaysar gentilmente limpava o sangue dos olhos pálidos. E então o príncipe encontrou o olhar de Kaysar, e o alívio se

transformou em medo.

Delicioso.

Enquanto o homem balançava a cabeça em negação, Kaysar pegou a adaga – e atacou. Outra, e outra e outra vez. Todo golpe o inundava com alegria, mesmo o mais leve toque de satisfação. Como os Frostlines, ele riu e riu e riu. Só quando a cabeça de Lark se soltou do corpo a risada de Kaysar parou.

Franziu o cenho. O príncipe estava morto, sua vida extinta. Mas… Kaysar não havia terminado de matá-lo. Ele *precisava* matar Lark outra vez. Apenas algumas apunhaladas não era nem de perto o bastante.

Nada será o bastante.

Pingando carmesim e arfando, Kaysar usou a adaga para abrir o colar. Quando o metal atingiu o chão, ele permaneceu no lugar. Estava livre. Deveria estar transbordando de triunfo. Em vez disso, ele chafurdava em fúria enquanto o corpo do príncipe o provocava. Nenhuma vida significava nenhum tormento.

No lugar de sofrer pela eternidade, um dos carrascos de Kaysar descansava. Como isso era justo? Lark havia torturado Kaysar por um ano, só para morrer em um segundo? Inaceitável.

Kaysar deixaria o reino sem matar outra pessoa, decidiu. Retornaria para lidar com o rei Hador e o príncipe Jareth só depois de aumentar sua força. Logo, a família Frostline inteira experimentaria os horrores que gostavam de aplicar nele. Matá-los cedo demais? Não.

Tinha sido um erro que Kaysar se recusava a cometer outra vez.

CAPÍTULO UM

Astaria, Domínio Fae
Corte da Meia-Noite

— Como ele ousa! — Kaysar, o Desequilibrado, rei da Corte da Meia-Noite, bateu o punho no braço do trono, um assento elaborado feito de ramos de videira venenosa. Flores vermelho-sangue com pétalas irregulares e afiadas floresciam pelo arco superior, perfumando o ar com uma fragrância doce e intoxicante. — Algo precisa ser feito.

O príncipe Jareth das Terras Invernais havia mentido para ele. Kaysar desprezava mentirosos. Desprezava o príncipe por mil outros motivos, é claro, mas as mentiras… Na sua consideração, não havia crime pior.

Ele passa dos limites.

Outro grito surgiu. Se você não podia assumir sua crueldade, talvez não devesse cometer o ato.

Com uma mão coberta por metal, preparou-se para se levantar, pronto para golpear Jareth nesse momento. Com outra mão metalizada, segurou a videira venenosa para se manter sentado.

— Me conte novamente, palavra por palavra, sem mudar nada — comandou sua vidente. — Encha meus ouvidos com o crime dele mais uma vez.

— Palavra por palavra? — O tom dizia o que ela não enunciou. *Preciso?*

— Precisa. — Apesar de ter mencionado seu nome uma vez ou três dúzias de vezes, ele apenas a conhecia como Olho, uma bela que havia salvado de goblins algum tempo atrás. Anos? Eras? Tempo havia perdido todo o sentido para Kaysar, um dia semelhante a qualquer outro. Ele acordava, pensava em maneiras de punir seus inimigos, e depois punia seus inimigos. Seus métodos podiam

variar, mas seu objetivo continuava imutável.

— Pois bem. — Evidenciando temor, Olho repetiu: — Sinto muito por lhe contar isso, Majestade, e por favor não grite, mas o príncipe Jareth se aproxima da sua… — Ela franziu o cenho. — Fronteira.

— Como ele ousa! — Kaysar explodiu novamente.

Sua companheira retesou.

— Talvez você devesse estudar seu mapa — ela sugeriu.

como uma mãe para uma criança chateada. — Você deseja estudar seu mapa, correto?

Seu mapa. Ficou tenso antes de relaxar, derretendo no trono.

— Sim, desejo estudar meu mapa. — Soltou os dedos da videira venenosa e correu as garras pelo antebraço, do jeito que costumava fazer quando era garoto. O ardor e o escorrer do sangue foram bem-vindos.

Durante os séculos, ele havia memorizado a disposição de Astaria e cada uma das cinco cortes fae. Ainda assim, a arte de criar um mapa ainda o acalmava. Seu único elo restante com sua irmã. Se ele sequer teve uma irmã… Algumas vezes se perguntava se a havia imaginado. Uma invenção da sua imaginação para mantê-lo são durante o pior ano de sua existência. Mas bem no fundo, ele sabia a verdade.

Traçou linhas carmesim na pele, aplicando mais força, cortando mais fundo e usando bordas rasgadas como marcadores. As últimas pontadas mal registraram conforme a tensão o abandonava.

— Majestade?

A pergunta suave atraiu sua atenção e ele ergueu a cabeça. Estreitou os olhos e focou na mulher à sua frente. Cercada por paredes de ônix e luz de tochas, Olho usava um vestido cor de marfim, parecendo tão etérea quanto um sonho. Uma gloriosa juba de cabelo escuro emoldurava um rosto delicado, sua pele um tom mais claro do que seus ricos olhos castanhos.

Empurrando as palavras por entre dentes cerrados, ele disse:

— Qual é minha única e solitária regra para você, Olho?

Ela fez uma careta antes de admitir.

— Não devo lhe interromper. Mas se precisar, tem apenas duas instâncias que nunca devo fazer, mesmo que estiver morrendo.

— Exato. — Olho tinha mais privilégios com Kaysar do que qualquer outro na existência, mas havia limites que nem mesmo ela poderia passar. — Nomeie-as.

— Quando você está estudando seus mapas que não são mapas. — Ela mudou o peso de um pé para outro. — E todo momento entre eles.

Mapas que não são… Ele passou uma língua sobre um incisivo. Era culpa dele que outros não podiam ler suas obras de arte?

Quando garoto, ele não tinha dinheiro para desperdiçar com tinta e papel, então havia adaptado. Com a frequência que ele e Viori haviam corrido de vila em vila para evitar serem punidos por simplesmente sobreviver, ele *precisava* de um mapa. A Floresta de Muitos Nomes era um labirinto infame, conhecida por devorar visitantes e cuspir seus ossos. Um dia.

Seu maior medo era encontrar os ossos de *Viori* no terreno florestal.

Seus pulmões se apertaram, sua respiração afinando.

— Sua insolência neste dia é preocupante, Olho. Mas sou um rei piedoso. Dada a ocasião. Piedoso demais, talvez. Mostre-me o que o príncipe Jareth está fazendo neste exato momento.

A vidente tinha a habilidade de unir sua mente com a de outrem e revelar quaisquer imagens que observava em uma visão – o passado, presente ou futuro. Era um processo doloroso para ela. Ele não ligava.

Como havia feito milhares de vezes, ela projetou uma imagem na mente dele. Uma imagem de Jareth Frostline, o príncipe herdeiro da Corte Invernal, viajando pela Floresta de Muitos Nomes com sua noiva, princesa Lulundria, a queridinha da Corte Estival.

— Mostre-me o resultado final do nosso combate que se aproxima. — E haveria um combate.

Jareth *ansiava* por uma briga. Por que mais o príncipe se aproximaria das

fronteiras de Kaysar?

O marido esperava impressionar a nova esposa com sua coragem, talvez?

Ele vai encarar apenas humilhação.

Depois de escapar do cativeiro, Kaysar havia procurado por Viori incessantemente, mas ela havia desaparecido sem deixar pistas. Segurou o trono, as garras cravando fundo. Até mesmo Olho falhara em vislumbrá-la.

Os Frostlines haviam tomado tudo que Kaysar sempre amou. Por séculos, ele cultivou seu ódio como um bom vinho. Agora, vivia para garantir que a família real sofresse e sofresse e sofresse e sofresse e sofresse. Exatamente como planejara. Até Hador e Jareth experienciarem a mesma devastação que causaram em um garoto inocente e sua irmã, Kaysar não tinha intenção de terminar sua guerra pessoal. O que significava que a guerra *nunca* acabaria.

Seu sofrimento perdurou durante eras. O deles também perduraria.

— Para lhe mostrar o fim, preciso assistir o começo. — O desgosto de Olho por sangue era sua maior falha. Junto com uma dúzia de outras. — Por que deveria me dar ao trabalho? Nós dois sabemos que você ganhará.

— Você se dá ao trabalho porque assim comando. — Kaysar sorriu para ela. Uma expressão que muitos consideravam “a visão mais aterrorizante em toda a terra”.

Sabia que ganharia? Sim. Mas ainda gostava de dar uma olhadinha no resultado final.

Na batalha, ele não tinha igual. Não porque nascera com um talento natural, ou mesmo anormal, para matar. Nos seus anos formativos havia trabalhado como fazendeiro, como seus pais. Não: prosperou porque não deixava nada dissuadi-lo de um objetivo.

Ajudava que ele treinara sob as condições mais duras. Que passara séculos batalhando contra trolls, goblins e ogros. Os piores dos piores.

Talvez ele mesmo fosse um monstro, sim? Mas pelo menos não era um mentiroso.

Depois de tomar controle das Terras Noturnas – um antigo território de prisão

habitado apenas pela escória da sociedade – havia criado uma Corte, Meia-Noite, sem ninguém que pudesse impedi-lo. Para os fae, poder era igual a direito, cada reino era comandado por alguém com a força para manter a coroa.

Ao longo dos anos, a Corte da Meia-Noite havia se tornado o reino mais farto com recursos que os outros não tinham. Melhor ainda, as Terras da Noite eram muito mais perigosas. Bom, exceto pelas Terras da Penumbra.

Só por diversão, ele também havia conquistado a terra abandonada e árida repleta de monstros. Ele não havia criado outra Corte para comandar –, mas iria. Quando cansasse de machucar os Frostlines.

Ele e seu exército não teriam problema para realizar o que quer que decidisse, seus soldados motivados a prevalecer. Na batalha, os homens que havia treinado também não tinham iguais. Sem hesitar, eles selvagemente matavam qualquer um que servisse aos Frostlines, mas, como ordenado, sempre poupavam os próprios Frostlines. Até hoje, Kaysar lamentava ter acabado com a vida do príncipe Lark tão rápido.

Você não podia torturar um homem morto. Kaysar havia tentado.

Seu único consolo vinha de fazer o resto da família desejar a morte.

— Você vai me mostrar o final e qualquer coisa mais que eu deveria ver. — Ele se recostou e bateu uma garra no braço do trono. Veneno de videira venenosa vazava das perfurações.

Contato com a menor gota paralisava a maior parte dos fae por minutos e os enfraquecia por semanas. Com exposição prolongada, Kaysar havia desenvolvido imunidade – e uma adoração profunda.

— *Sempre* tem mais que você deveria ver — murmurou Olho —, mas você apenas reconhece o que deseja reconhecer.

— E estou certo em fazê-lo. Agora mostre-me o que exijo e nada mais.

Olho balançou a cabeça, decepcionada com ele, depois projetou outra imagem em sua mente. Em um lampejo, ele viu um Jareth ensanguentado de joelhos, sua cabeça baixa ao soluçar.

O príncipe Jareth abatido o bastante para arrancar algumas lágrimas? Kaysar

precisava testemunhar isso.

A vidente real ancorou as mãos nos quadris.

— Por que você não mata o rei Hador e o príncipe Jareth e acaba logo com seu ódio de uma vez por todas?

Garota tola.

— Você não se afasta das coisas que ama. Você as mantém perto e nunca as deixa ir. — Seu ódio era seu mais velho e querido amigo. Sua família mais próxima. Se ele o perdesse como perdera Viori, não teria *nada*.

Olho lhe deu um olhar de pena, depois acenou para a tatuagem em seu bíceps. Uma cobra enrolada em um número oito, comendo seu próprio rabo, com uma espada passando pelo centro. O símbolo do seu reino, significando "guerra eterna".

— Por que seu desejo por vingança importa mais do que meu sonho de paz? A guerra me cansa, rei Kaysar. *Todos* os seus súditos se cansam da guerra. Você sequer se importa?

— Que pergunta ridícula. Claro que não me importo. Meus súditos têm abrigo, comida e proteção, uma desfeita com eles é uma desfeita comigo. Exijo *apenas* o que me devem em retribuição.

— Você acredita que lhe devem obediência cega.

— Não. Acredito que me devem obediência *e* verdade. — Se alguém mentisse para ele, imediatamente perdia o privilégio de respirar.

Ela jogou as mãos para o alto.

— Você faz ser impossível para seus súditos encontrarem felicidade.

Errado.

— Felicidade é a única coisa que deixei à mercê deles. Se não a têm, podem culpar a si mesmos. — Inclinou a cabeça, intensificando sua análise do oráculo. — Você decidiu que meus termos são inaceitáveis, Olho? Se assim for, é mais do que bem-vinda para deixar minhas terras. Vou até permitir que faça com a cabeça no pescoço.

Para chegar em outro reino, ela precisaria viajar pela Floresta de Muitos

Nomes. Um pouco difícil de se fazer, considerando que Kaysar havia realocado centauros, ogros e trolls na selva tantos anos atrás. Para qualquer um que não portava sua proteção – seu selo ou o nome Frostline – mover-se de reino em reino vinha com uma grande chance de fracasso.

— Não tenho o desejo de lhe deixar — disse ela, depois soltou um suspiro familiar. — Você não anseia por amor, elogios e respeito?

— Não — respondeu, e falava sério. Nobres e vassalos com frequência o acusavam de ser cruel e sem coração, obcecado e enlouquecido. Por que mudar? Gostava de si mesmo assim.

Os ombros dela relaxaram, como se tivesse falhado com ele.

— Se você não abandonar sua vingança, não vai segurar seu futuro e sua parceira, a única pessoa que pode lhe dar o que você deseja tão desesperadamente. E não é vingança, prometo.

O que ele desesperadamente desejava. Retornar para a floresta como um garoto de doze anos de idade, com a mão da sua irmã firme na dele.

— Não tenho parceira, não quero parceira, e desejo apenas vingança. — Sua única forma de satisfação. Por que precisar de uma companheira de cama específica? Uma amante era uma amante, uma igual à outra, apenas usavam rostos diferentes. A característica menos importante.

Em desespero, Olho tagarelou:

— Você *poderia* ter uma mulher. Você poderia ter mais do que solidão e dor.

Solitário? Ele?

— Estou começando a questionar sua sanidade, Olho.

— Se você continuar nesse caminho, vai condenar a si mesmo a uma eternidade de angústia — ela afirmou, com simpatia no olhar escuro. — Vai perder tudo o que tem valor para você.

— Eu *já* perdi tudo o que tem valor — rosnou. — Agora apenas retribuo.

— Mas…

— Chega disso. — Temperamento beirando o perigoso, ele se levantou de um pulo. — Os Frostlines plantaram sementes de ódio no solo fértil do meu

coração. Por doze meses, o rei e seu irmão regaram essas sementes, garantindo que brotassem e criassem raízes. Ainda assim, aqui você está ousando reclamar para a árvore por produzir sua colheita? Como *você* ousa? Os Frostlines vão comer os frutos do seu trabalho, isso eu lhe juro.

— Kaysar…

— Melhor proteger a língua, Olho, antes que a adicione à minha coleção. — Sim, ele exibia línguas cortadas em jarros, em prateleiras especiais em seu quarto. Exibia outros órgãos também. O que fazia um troféu melhor do que literalmente pedaços dos seus inimigos?

— Muito bem. Vá. — Ela fez um gesto de dispensa. — Dê início ao começo do fim.

Antes que fizesse algo do qual poderia considerar se arrepender em uma data futura, Kaysar usou um *flitter* para a Floresta de Muitos Nomes, aparecendo em um local que reconhecia da visão de Olho.

Voltou o foco para sua missão – machucar o príncipe Jareth da pior maneira imaginável. Que a diversão comece.

CAPÍTULO DOIS

Armado com garras, espadas curtas e adagas, Kaysar perseguiu o príncipe Jareth e sua nova noiva e a guarda real de Inverno sem ser detectado, uma habilidade que havia aprimorado com perfeição. Como esperado, passou despercebido, observando seus inimigos desimpedido enquanto o grupo de vinte e duas pessoas passava pela floresta montado a cavalos.

O príncipe e a princesa cavalgavam juntos, tocando-se o tempo todo. Não demorou até o casal luxurioso parar a procissão, ordenando aos guardas que patrulhassem enquanto se banhavam.

Os guardas estavam nervosos com a possibilidade de uma emboscada e claramente ansiosos para retornar para casa. Kaysar fez *tsc-tsc*. *Que majestadezinhas egoístas.* Suas ações colocaram outras vidas em grande perigo.

Alternado entre se esgueirar e usar o *flitter*, Kaysar se moveu de um lugar para outro, conferindo o perímetro. Ogros e trolls já haviam se reunido. Pixies também, voyeurs tanto quanto ladras.

Quinze guardas se posicionaram em volta de uma pequena gruta, entre três e cinco metros de distância, mão pousada no punhal da espada. Eles permaneceram parados, os olhares vagando ao procurarem por predadores. Os cinco guardas restantes marchavam em um círculo em volta dos outros.

O que fazer, o que fazer? Em certos pontos do passado, Kaysar poderia ter tomado a cabeça de Hador ou de Jareth do jeito que havia tomado a de Lark. Ele sempre se conteve. Qual era seu propósito, se não o tormento dos Frostlines?

Um plano se formou rapidamente, e ele sorriu. Hoje, ele tomaria a princesa Lulundria.

O mais silencioso e rápido possível, ele passou pelos guardas. Primeiro, cortou as gargantas dos homens patrulhando, abaixando seus corpos com

cuidado sem ninguém perceber. Animação crescendo, ele cuidou do resto, ficando criativo. Um contorcer cruel do pulso aqui. Um golpe triplo ali. Cada um dos vinte morreram com um gemido abafado de surpresa. Apenas desejava que houvesse mais guardas.

Gostava tanto do seu trabalho.

Kaysar limpou suas mãos sangrentas na última vítima e usou seu *flitter*, indo para mais perto da água, onde se sentou. O casal nadava na gruta que fervilhava com exuberantes folhas verdes e flores roxas. Um paraíso para amantes. Pedras cobertas por musgo cercavam a lagoa, poeira de pólen dançando em uma brisa gentil. Aromas incríveis saturavam o ar: o doce da floração, o ardor do sol, o frescor da água.

— Quanto você me quer, marido? — perguntou Lulundria em um tom baixo, andando para trás e passando os dedos entre os seios.

Sem dúvida, fazia o tipo de Jareth: alta, esbelta e tão delicada quanto um camafeu com sua cascata de cachos cor-de-rosa, olhos esmeralda e pele pálida e brilhante. Se Kaysar se lembrava corretamente, sua *glamara* envolvia plantas, permitindo a ela cultivar um jardim inteiro em minutos. Os súditos dela adoravam sua natureza gentil e coração amável. Algo que Kaysar poderia ter desenvolvido ele mesmo, se não fossem os Frostlines.

— E então? — Ela se acomodou na margem. — Roubei seus pensamentos?

Jareth nadou para mais perto, para a parte mais rasa, e ofereceu a ela um sorriso ardente. Com as pálpebras pesadas, ele segurou a base do seu pênis e acariciou, dizendo:

— Quero você esse tanto.

A princesa Lulundria deu uma risada rouca, e Kaysar fez uma careta.

— Se você ficar maior, meu querido, não vai caber dentro de mim.

Que direito Jareth tinha de aproveitar uma mulher dessa maneira, depois do que fizera com aquela criada?

A princesa sabia que seu casamento com o príncipe Jareth a colocava bem no meio da mira do Desequilibrado?

Se não, saberia.

— Ah, vou caber, sim. — Quando Jareth se juntou a princesa na margem, ela moldou suas curvas suaves no corpo tatuado dele. O guerreiro de cabelos louros e a bela de cabelo cor-de-rosa. Ele a envolveu com os braços e mordiscou o lábio inferior dela. — Vou entrar com calma e devagar.

E vou te surpreender assim que chegar no ponto que não tem volta.

O casal enamorado se beijou. Eles se deitaram na pilha de roupas, as armas de Jareth ao lado deles. Mãos vagaram e gemidos soaram.

Kaysar nunca gostou de beijar ou tocar. Ele os fazia apenas quando necessário, usando o prazer que distribuía como arma. Seduzia mulheres casadas para longe de seus maridos e descobria segredos que não podia desvendar de outras maneiras. Nunca entendeu o prazer que suas conquistas sentiam com seus cuidados.

Passou as garras no antebraço, esperando pacientemente pelo perfeito momento para atacar. Apesar de desejar estudar seu mais novo mapa, não o fez. Ele não se permitiria perder a noção de seus arredores. Tinha decisões a serem tomadas.

O que ele deveria fazer com a princesa Lulundria depois que a tivesse sequestrado, em seu palácio? Tantas opções interessantes.

Poderia matá-la, claro, causando em Jareth um luto sem fim. Mas luto tendia a esvanecer rápido demais. Poderia até seduzi-la e roubar suas afeições do príncipe, iniciando séculos de humilhação e fúria. Essa nunca ficava velha.

No entanto, emoção não era algo que Kaysar compelia. Podia conquistar uma princesa devota do seu marido adorado apenas com seu charme? O desafio o intrigava.

Quem ele estava enganando? Desafio? Ele fez um barulho zombeteiro. Sim, ele poderia conquistá-la. Poderia conquistar qualquer mulher que escolhesse. Nenhuma tinha a força de vontade para resistir ao seu rosto bonito e físico forte.

Era irônico, na verdade. Inspirava grande desejo em outrem; no entanto, ele mesmo nunca havia experimentado paixão genuína. A tortura que havia

aguentado com Lark e Hador causara uma desconexão permanente entre sua mente e corpo. Poucas sensações registravam como algo além de pressão, calor ou frio. Nunca se sentiu próximo de uma amante, não do jeito que outros pareciam fazer. Um fato que ele celebrava.

Para Kaysar, sexo sempre seria uma arma. Nunca quis alguém por motivos além de vingança, e nunca iria querer. Em quem poderia confiar?

Conforme Jareth posicionava sua esposa de quatro, uma ideia floresceu. Algo realmente vil. Algo que Kaysar nunca havia feito antes. E se ele… a engravidasse?

Era uma ideia nojenta, pior do que o sequestro e sedução… e absolutamente perfeita. No reino fae, um marido sofria grande desonra se deserdasse o filho da esposa, não importava o motivo para tal.

Para afastar o filho de Kaysar do trono, Jareth seria forçado a expor o coração negro que escondera com tanta habilidade do resto do mundo. Algo que não faria, prevenindo que o descendente de Hador algum dia herdasse a coroa.

A vingança poderia ser mais doce?

O plano foi traçado ali. Assim que Lulundria engravidasse, Kaysar a retornaria para o marido e desfrutaria do resultado.

Ansioso para iniciar, ele ficou de pé com um *flitter*, colocou os ombros para trás, e preparou as garras. Depois, ele usou um *flitter* para trás do homem que estocava, segurou seu cabelo com uma mão, ergueu a cabeça para cima e cortou metade de sua garganta com a outra. O bastante para causar dor agonizante, mas não o bastante para matar. Ele pulou para trás enquanto o príncipe segurava a garganta.

Sem dúvida, Jareth se recuperaria em segundos e usaria sua *glamara*. Como um dos seus ancestrais Frostline, ele dominava uma habilidade de convocar gelo e atirar estilhaços pelas pontas dos dedos.

— Jareth? — A princesa olhou por cima do ombro, provavelmente se perguntando por que o marido parou com as estocadas. Vendo Kaysar vários metros atrás do homem, ela gritou e se atrapalhou para colocar uma túnica.

O príncipe que se engasgava e sangrava caiu para a frente. Kaysar usou um *flitter* para aparecer na frente do casal e sorriu.

— Parabéns, Jareth. Por algum milagre, você não rasgou sua noiva com seu tamanho maciço. Como vocês devem estar animados. — Bateu palmas. — Entre nós dois — acrescentou com um tom baixo, como se estivesse compartilhando um segredo —, não tenho certeza se poderei dizer o mesmo. Meu tamanho *na verdade* é mesmo gigantesco. Shhh. Não fale. Quero surpreendê-la.

— Não a toque. — Cuspe espirrou da boca do príncipe conforme ele recuperava a voz e se levantava cambaleante. — Você não merece nem olhar para ela.

A princesa correu para trás do seu marido de olhos selvagens. Quase totalmente recuperado, Jareth acenou na direção de Kaysar, atirando pequenos pedaços de gelo.

Kaysar aparecia e desaparecia com o *flitter*, os mísseis afundando na árvore atrás dele. Sorriso aumentando, ele encarou o príncipe.

— Vá em frente. Chame a guarda real. Exija ajuda… meu querido.

Percebendo que ele havia sido observado desde o começo, Jareth avançou para distância de ataque. Kaysar poderia ter se movido, evitando o punho que veio em sua direção, mas ele absorveu o impacto de bom grado – enquanto eviscerava seu oponente. Ah, um velho favorito.

O príncipe cambaleou para trás, e outro grito saiu da princesa.

— Vá — comandou Jareth, sua voz pouco mais do que um sibilo ao empurrá-la na direção das árvores.

A majestade tola hesitou, como se pensasse mesmo em ajudar o marido, permitindo que Kaysar usasse o *flitter* e pegasse seu pulso em um aperto firme. Tentou usar o *flitter*, também, mas a resistência dele se provou maior. Em uma batalha de vontades, ele vencia, toda vez.

Jareth puxou o cotovelo para atirar mais gelo, e uma ideia criou raízes. Por que não fazer o príncipe machucar a esposa da pior maneira?

Assim que o príncipe soltou a mão, atirando outra saraivada de estilhaços,

Kaysar usou o *flitter* e colocou a princesa na frente, fazendo parecer que ela estava avançando sozinha. O gelo afundou no seu torso, e ela cambaleou.

Jareth gritou uma recusa rouca enquanto Lulundria balançava, colidindo com Kaysar. Fraca demais para absorver impacto, seus joelhos se dobraram. Ele a segurou, apreciando seu desconforto tão sublimemente quanto Jareth se arrependia.

Apesar de não ser o melhor começo para seduzi-la, Kaysar não estava preocupado. Havia superado algo muito pior.

— Aprendemos nossa lição hoje, príncipe? Proteger outros antes de nos proteger nunca acaba bem para ninguém.

Jareth não parecia ouvi-lo. Surpreso, ele caiu de joelhos. Abaixou a cabeça e um soluço escapou dele, a visão de Olho ganhando vida.

— Meu gelo é venenoso para moradores das Terras Estivais. Para reais mais do que quaisquer outrem. Ela… ela vai… Você a matou. Você matou minha Lulu.

— Não dê ouvidos para ele, minha querida. — Com o príncipe imobilizado pela devastação, Kaysar abaixou a princesa em uma cama de flores silvestres e sorriu. — Vou deixá-la inteira assim que a instalar em sua nova casa. — Verdade. Possuía uma lasca de *elderseed*. Talvez a última existente. A semente mística que tinha muitos usos, e curar o incurável era um deles.

— Não — urrou Jareth, avançando nele —, não vou deixar você levar o corpo dela.

Eles rolaram pelo chão, lutando por dominância. Aproveitando a oportunidade, a princesa cambaleou sobre os pés e começou a correr, trôpega. Ele a deixou ir. Por enquanto.

De pé novamente, arfando, Jareth golpeou Kaysar várias e várias vezes.

— Ela não fez nada para você. Nunca o machucou. Nunca machucou ninguém.

— Ela se alinhou com sua família. — Ele bloqueou e arranhou, rindo ao rasgar músculo. — Isso é o bastante.

Jareth ficava mais lento com cada ferimento, mas nunca parou de golpear.

— O que você quer de mim? O que vai acabar com sua obsessão doentia? Diga-me e o farei!

Sem dúvida.

— Quero tudo, e nada, sempre e nunca, mas só se você não quiser dá-los para mim. — Fez um círculo em volta da sua presa. — Por que você está tão preocupado, príncipe? Falei sério. Vou curar sua esposa, e ela vai ficar como se estivesse nova. Vou até devolvê-la para você. Um dia.

Olhos queimando, Jareth atacou com renovado vigor, Kaysar evitou os próximos murros antes de avançar para o golpe final. Bom, não final, mas quase. Ele abriu a boca e cantou.

Em segundos, o príncipe perdeu toda a cor. Ele pressionou as mãos nos ouvidos, mas não fez bem nenhum. Sangue saía do seu nariz e ele caiu, logo se contorcendo de agonia. Kaysar apenas ficou quieto quando Jareth caiu, inconsciente.

Ele aguardou, esperando uma onda de satisfação. Um lampejo de triunfo. Alguma coisa. Ganhou outra rodada, como profetizado. Mas…

Acabou rápido demais!

Não importava. Tinha outra chance. Logo teria a princesa na sua cama. Mas primeiro, precisava pegá-la.

Transbordando de antecipação, ele escaneou as árvores. Ali. Ela diminuíra o passo. Sangue ensopava sua túnica.

Enquanto ele a perseguia, galhos estalavam sob suas botas. Ela deu uma olhada frenética por cima do ombro. Gritando, balançou os braços num ritmo mais rápido.

— Posso te ajudar, princesa — chamou. Verdade. Sempre. Kaysar nunca mentia.

Com muita facilidade ele se lembrava de observar o rei Frostline e os príncipes pela janela da torre. Como ele sentia raiva ao ver o trio manipular as multidões, sorrindo e acenando, aceitando elogios e celebrações como se

tivessem corações de ouro.

Outro olhar frenético sobre o ombro. Lulundria tropeçou em um tronco e caiu, pousando em uma poça de lama. Apesar de mais fraca do que antes, ela se colocou em pé. Ela – o que era *isso*? Trepadeiras espinhentas verdes fluíam de suas mãos, rastejando pela terra e se desenrolando como cobras. Crescendo. As vinhas se alongaram na sua frente e soltaram uma bruma. A uma boa distância, a ponta de ambas as trepadeiras, direita e esquerda, mudaram de direção, subindo na direção do céu e se enrolando juntas, formando um arco.

A habilidade dela superava a de uma *glamara* baseada em plantas. Abriu um portal para o mundo mortal, algo que apenas um fazedor de portais poderia fazer.

Compreensão arrancou a calma dele. Se ela passasse pelo portal, o gelo de Jareth a mataria, como temia, e Kaysar perderia uma oportunidade inestimável.

Ele usou o *flitter* diretamente para trás dela e esticou o braço… Argh! Ela escapuliu da sua mão. As trepadeiras permaneceram presas a ela, curvando dos seus pulsos para a ponta dos seus dedos, puxando-a cada vez mais para perto do portal.

— Só desejo lhe ajudar, princesa. — Usou o *flitter* outra vez, mas ela se contorceu, evitando suas mãos.

Se ele aparecesse na frente do portal, ela poderia colidir com ele, empurrando-o para o mundo mortal com ela. Ou sem ela. Deixar os Frostlines sem um meio garantido de retornar a Astaria? Nunca. Mas ele *precisava* colocar o próprio filho no trono da Corte Invernal. Sua vingança exigia isso. Então Kaysar usou a única opção que estava disponível a ele. Compulsão.

Conforme a princesa Lulundria passava pelo portal, ele preparou sua *glamara* e chamou:

— Volte para mim, princesa. Volte para mim por qualquer meio necessário.

Um momento depois, ela desapareceu na névoa. Conforme as vinhas murchavam até o pó e rodopiavam no vento, Kaysar parou e xingou. Fazedores de portais precisavam de semanas para recarregar depois de abrir um portal. A *glamara* dele era forte o bastante para recarregá-la agora? Hoje?

Uma hora passou, frustração correndo seu mau-humor.

Ela *deve* retornar. Ela deve, ela deve, ela deve. O desejo de obedecê-lo provavelmente a consumia neste momento, ajudando na sua sobrevivência. Então onde ela estava? Quanto tempo ele deveria esperar?

CAPÍTULO TRÊS

Reino mortal
Oklahoma City, Oklahoma

Presente

— Espero que goste do sabor das suas bolas, Nick, porque estou prestes a enfiá-las na sua garganta. — Chantel “Cookie” Bardot apertou os dedos no controle do videogame na velocidade da luz, guiando sua Chapeleira Maluca para espancar o fogo de um aprendiz de Príncipe Encantado.

Receberia uma dúzia de e-mails nos próximos dois minutos, pedindo que agisse mais profissionalmente, e ah, sim, ela poderia continuar fazendo o mesmo e, ao mesmo tempo, mudar tudo? Não a deixe começar a falar das mensagens.

Nick – avatar Nicobra – rebateu com precisão impiedosa, um chute bem colocado mandando-a para o outro lado do campo de batalha. No impacto, o chapéu mágico dela caiu no terreno florestal. Uma das quatro barras de poder desapareceu.

Ele ronronou no fone de ouvido dela.

— Que tal você engasgar com as minhas bolas *primeiro*, Cookie.

Ah, não, ele não falou isso.

— Eu tentei, lembra? Mas são do tamanho de Tic Tacs. — *Cuidado.* Existiam limites. O que ela provocava, ele tinha direito de responder na mesma moeda. E mais, ele não valia a dor de cabeça que ela teria com os patrocinadores.

Apesar de Cookie odiar Nick, ela amava o trabalho. *Quero dizer, olha isso!* Empresas pagavam a ela para fazer *stream* de videogames e aparecer no vídeo. Como um bico secreto, ela aceitava trampos como uma assassina digital,

cobrando de outros jogadores para aniquilar a competição dentro do mundo dos jogos.

Uma vez, Nick tentou contratá-la para dar cabo *dela mesma*, nunca sabendo que fervilhava por trás da tela.

Quem *não* amaria o emprego dela? E mais, ela precisava disso. Por ter nascido com um coração muito danificado, ela passara por várias cirurgias, infinitos testes médicos, numerosas pesquisas e uma abundância de drogas experimentais nos seus vinte e seis anos; as contas haviam acumulado.

— Você sabe que é a pior namorada que já tive? — perguntou Nick, sem estar disposto a deixar o bate-boca para lá. — Você ganhou da traidora e da ladra. Parabéns.

Ai. Para quem estava observando o rosto dela no lugar do jogo, Cookie deixou um sorriso enjoativamente doce se abrir, como se Nick tivesse acabado de dar um elogio fofo a ela. Nunca deixe um oponente te ver abalada.

Seus pontos fracos se tornavam um alvo eterno e ofereciam munição infinita. Nick provava essa teoria toda vez que interagiam. Durante o relacionamento de um ano deles, ele havia descoberto sua maior vulnerabilidade – rejeição. Agora ele gostava de implicar e cutucar até que ela estourasse.

Expressão impassível no lugar.

— Alguém está ficando defensivo com seu tamanho? — Ela fez tsc-tsc. — Não se preocupe, garotinho. Tamanho não importa de verdade. Desde o começo dos tempos, mulheres mentiram sobre preferir um homem bem-dotado. Quanto menor, melhor, nós dizemos.

Nick errou uma série de socos, permitindo que Cookie recuperasse seu chapéu. Sua confiança havia levado a pior? Que pena, tão triste.

Do lado direito da tela dela, choveram balões de comentários. Palavras-chave se destacavam, as mensagens por trás delas claras. Falando mal de Cookie… falando mal de mulheres em geral… falando mal de homens… uma ameaça de morte… uma ameaça de estupro… apoio… outra ameaça de morte… uma ameaça de morte para qualquer pessoa que a apoiasse.

Que seja. Ela ativou a "*elderseed*", carregando o chapéu até a capacidade total em segundos e dando uma cabeçada no príncipe, rachando seu crânio. Sim! Cookie *vivia* pelo sangue e pelas entranhas. Na tela, claro, somente em uma tela. Apesar que, tudo bem, sim, às vezes ela invejava o avatar. De vez em quando ela até se perguntava se ela mesma talvez fosse meio que tipo… curiosa com assassinatos. Mas apenas de vez em quando.

Ah, ela nunca mataria ninguém na vida real. Não era uma psicopata ou algo do tipo. Em sua maior parte, ela gostava de forçar um bocado de justiça nos vilões. Na tela, e fora dela. E sim, ela sempre foi assim.

Depois do divórcio amargo dos pais, ela ficava com a mãe a maior parte do ano, e com o pai nos feriados e nas férias. Enquanto os dois criavam novas famílias, ela se perdia em TV Justiça e videogames.

Com dezoito anos, ela fez as malas e se mudou de Dallas, no Texas, para Oklahoma City, em Oklahoma, para trabalhar para a empresa que criou o jogo de vários níveis chamado *A Névoa A. E. A Floresta do Bem e do Mal.*

Cada nível oferecia uma experiência diferente. Como um todo, o jogo tratava de contos de fadas e seu vasto elenco de personagens, todos misturados nas terras mágicas. Enchantia. Rhoswyn. Loloria. Você podia criar e construir seu próprio reino, batalhar com outros pelo deles, ou competir em torneios por prêmios especiais.

Mesmo depois de Cookie trilhar novos caminhos, deixando a empresa para jogar sozinha, escolheu permanecer em Oklahoma. Havia formado uma família ali. Uma verdadeira família. Estranha, claro, mas amada.

Um dia, Nick havia feito parte dela. Em uma única hora, eles foram de um casal feliz na vida e colegas de time solidários, para inimigos na vida e competidores no jogo. Ele queria fazer alguma coisa, ela queria ficar em casa. Uma briga começou, e ele colocou a culpa de todos os problemas deles em Cookie. Ela *nunca* queria sair da casa. Ela o ignorava. O sexo era ruim porque ele tinha que ser muito cuidadoso com ela. Em outras palavras, ela tinha mais seguidores online.

No seu caminho até a porta, ele havia dito:

— Se conserte antes do próximo cara aparecer, tá?

Essa ainda doía. No jogo, ela acertou um golpe particularmente bom. Só não foi bom o bastante. Merda. O tempo estava acabando. Em vinte… dezenove… dezoito segundos, o chapéu perderia o poder. Se Cookie falhasse em drenar Nick da sua essência de vida até lá, a partida estaria quase perdida.

Levando sua habilidade ao limite, ela jogou com mais afinco e definitivamente sujo, aumentando a velocidade e precisão dos seus golpes. Nick ficou ocupado demais se defendendo para lançar um contra-ataque e logo começou a perder energia bem rápido.

— Sim! — gritou ela quando Príncipe Encantado recebeu um golpe selvagem na cabeça. Ele caiu, onde ficou, fraco demais para se levantar. Um sorriso triunfante desabrochou. — É assim, senhoras e senhores, que você lida com um bebezão birrento que acha que está pronto para lutar com as mocinhas.

— Não grite aí fora. Estou cochilando. — A voz rabugenta veio do corredor, cortesia da colega de casa de sessenta e dois anos dela, Pearl Jean Levitt.

Elas se conheceram há dois anos na recepção do consultório do cardiologista. Cookie havia amado Pearl Jean na hora pelo mesmo motivo que considerava *roller derby* um dos grandes esportes da história. Ambos eram brutalmente honestos e absolutamente doidos.

— Boas notícias. Ganhei. — Ela jogou o controle para o lado e encerrou o *stream*. *Chega disso.*

— Sim, você ganhou — respondeu Pearl Jean, nada impressionada. — Por pouco.

Uma vitória era uma vitória, certo?

— Então você assistiu? — Ela desligou as duas telas e tirou o fone de ouvido sem fio.

— Só porque não conseguia dormir. Meu ciático está irritado. A gota deve ser a próxima.

Cookie fez um barulho zombeteiro. Pearl Jean era excelente em três coisas.

Reclamar, doenças e esperar o pior.

O gato, *Sugars*, pulou do sofá. Seu trono. Ele pulou na mesa e bateu a cabeça na dela, uma exigência por carinho. Seu peito se encheu de amor pelo felino ridiculamente mimado, enquanto coçava atrás das orelhas dele. Sua pequena pantera caseira havia assistido o jogo todo, julgando-a em silêncio por ignorá-lo e rezando para que falhasse.

— Seu ciático, uh? Você foi para a cama por causa de uma dor de cabeça.

— Uma pessoa não pode ter três enfermidades ao mesmo tempo? — retrucou Pearl Jean.

— A mesma pessoa pode ser um milagre médico que contraiu todas as doenças conhecidas pelo homem e até algumas desconhecidas?

— Humpf. A juventude de hoje em dia. Muito atrevimento, pouca classe.

— Você sabe que me ama.

— Às vezes — resmungou a velhota. — Talvez.

Sorrindo, Cookie colocou a cânula nasal no lugar e deu uma cheirada do negócio bom – oxigênio. O tubo conectava a um tanque portátil. Passara a última meia hora precisando disso, mas precisava mais não perder para o arqui-inimigo.

Nick também fazia *stream* para *A Névoa A. E.* As pessoas amavam vê-lo treinar. Mais pessoas amavam vê-la em combate.

— Esse garoto, Nick — falou Pearl Jam, recomeçando a conversa.

— Por que você não levanta e marcha seu traseiro para a sala para que possamos conversar como adultos civilizados?

— Foi ele que pensou que você era desleixada demais para namorar? — Sua colega de apartamento continuou agindo como se ela não tivesse falado.

— Não. — Aquele cara havia dado uma olhada para sua camiseta e calça legging e dado risada. Não teve uma segunda chance. Ele quase não pôde continuar respirando, também. Na cabeça dela. Apenas na cabeça dela.

— Nick é o que falou que você é bonita, mas horrível de passar tempo porque é péssima em se conectar com outras pessoas?

— Não. E como deveria me conectar com alguém que nunca viveu minha

vida, de qualquer maneira? Não, sério. Por que esperam que eu compartilhe meus problemas com alguém que nunca vai entender o terror constante de ter uma bomba no peito? Além do mais, tempo é limitado. — Para ela, *muito* limitado. — Por que perder um minuto considerando um passado que não posso mudar? — Estava ofegando quando terminou seu discurso. Subir no palanque do dia requeria esforço.

Uma pausa.

— Nick é o que reclamou da Hora Padrão de Cookie e seu atraso constante?

— Não, esse foi o Paul — ela rosnou. Seu único outro relacionamento longo. O mesmo cara que, temporariamente, acabou com sua autoconfiança com a farpa "horrível de estar por perto". — E não precisa me lembrar de outro motivo pelo qual fui jogada de lado. Nick é o aprendiz de herói que disse que eu precisava parar de pensar em estratégia de jogo 24 horas por dia, sete dias por semana e começar a viver pelo futuro. — Fácil para ele fazer, já que tinha um.

Cookie tinha o aqui e agora.

Quando Nick havia postado um desafio mano a mano na rede social, ela provavelmente deveria ter recusado. Algumas vezes, oportunidades eram como o *Titanic*. Grande, luxurioso e bonito, mas destinados a afundar. Estrear um novo chapéu durante uma *livestream* – uma grande oportunidade. Perder um jogo porque ela não podia respirar – um iceberg. O físico dela não estava no seus melhores dias, ou até mesmo nos mais regulares, há meses.

Seus concorrentes homens ainda deixavam suas mães cortarem a crosta dos seus sanduíches. Ainda assim, ela precisava manter o dobro da proporção de mortes ou os espectadores perdiam o interesse. O interesse deles ajudava a pagar as contas.

Mas esqueça o dinheiro. Esqueça os patrocínios e contratos de influencer. Jogava porque não tinha outra escolha. Seu coração não permitia.

Ah, as coisas que ela faria se algum dia conseguisse um transplante. Enfim, ela experimentaria a faísca – o afã pela vida – que todo mundo parecia ter. Uma intensidade ardente por mais. Por melhor. Aí, suas aventuras da vida real

poderiam começar. Nada e ninguém iria pará-la.

Conforme Cookie virava uma garrafa de água, ela percebeu que havia esquecido de mencionar os patrocinadores durante a batalha.

— Ah, merda. — *Quatro* dúzias de e-mails a esperavam na caixa de entrada agora, garantido.

Suspirando, ela empurrou as tigelas de salgadinhos para o lado e se levantou da cadeira de *gamer* para se alongar. Suas costas protestaram, e ela fez uma careta. Talvez ela devesse ser mais compreensiva com o ciático de Pearl Jean?

Pense na mulher-monstro, e ela aparece. Pearl Jean marchou pelo corredor, uma mulher em uma missão.

— Espero que esteja feliz consigo mesma. — Balançou um dedo na direção de Cookie. — Toda a sua tagarelice me impossibilitou de dormir.

A velhota tinha um metro e setenta, três centímetros mais alta que Cookie. As duas tinham o busto e bumbum cheios, e podiam facilmente passar por uma neta gostosa e sua avó de mil anos. Um fato que Cookie adorava usar para provocar a amiga. Apesar que não tinham características muito parecidas.

Cookie tinha cabelo castanho na altura do ombro, pele pálida e uniforme, e olhos cinzentos; Pearl Jean tinha uma juba de cachos prateados, pele dourada enrugada e olhos azul-marinho. Uma Marilyn Monroe mais velha, ela gostava de dizer.

Com uma voz baixa e irônica, Cookie disse:

— Da próxima vez, tire o aparelho de audição. Problema resolvido.

Pearl Jean balbuciou por um momento.

Sugars pulou para o chão e se entrelaçou nas pernas de Cookie, mostrando que esperava sua refeição da noite. Ela o encontrou no quintal ano passado, machucado e congelando até quase a morte. Com um pouco de ajuda online, cuidou dele até ficar saudável. Estavam juntos desde então.

Ele ronronou com a voz mais chorona. O jeito de Sugars dizer *mais rápido, mulher.*

— Okay, okay. — Saudou Pearl Jean antes de ir para a cozinha, arrastando o

tanque de oxigênio atrás dela. Tufos de pelos grudavam na legging que precisava ser lavada desesperadamente. Um dia. Em breve. Lavar roupa precisava de energia, e Cookie havia queimado a dela para matar um inimigo digital.

Uma tábua do assoalho gemeu quando ela passou, e a outra grunhiu como se o colapso fosse iminente. Porque é claro que sim. Havia economizado e ralado para comprar aquela antiga casa de fazenda, ansiosa para realizar o sonho de infância de morar em uma casa quadradona com acres de terra, uma cerca de madeira branca e um enorme carvalho com um balanço de pneu. Visões de vizinhos oferecendo caçarolas de boas-vindas e emprestando ovos para emergências culinárias haviam passado por sua cabeça.

Ansiava por uma comunidade similar àquelas que havia visto na tevê. Onde todo mundo fazia compras no mesmo mercado, odiava o mesmo time de futebol do ensino médio, e compartilhava informação pessoal demais um com o outro.

Pensou, *Compre a casa. Gaste o dinheiro. Curta sua vida enquanto pode.*

Tradução: *Todos a bordo do* Titanic.

Oportunidade. Batida. Naufrágio.

Agora a casa lentamente ruía à sua volta. Internet wi-fi de cidade pequena saía direto do inferno. Em uma carroça. Sem rodas. O sr. Benson de mil anos, o único vizinho a uma caminhada de distância, nunca lhe deu atenção, muito menos uma obra de arte culinária.

Que seja. Cookie tinha coisas melhores para fazer do que lamentar sonhos fracassados. Ela se concentrou em preparar uma tigela de petiscos de acordo com a exigência específica de Suggy. Comida molhada no meio, comida seca formando um círculo perfeito ao redor, com ABSOLUTAMENTE NADA TOCANDO AS BORDAS DA TIGELA. Se um único grão saísse do círculo aceitável, o babaca precioso dela se recusava a comer.

Quando ela terminou, ele olhou para a oferenda e soltou um miado de aprovação. Enquanto ele comia, ela foi para o quarto, tirar uma soneca energizante – não. Pearl Jean estava parada de guarda na sala de estar.

Sua colega de casa parou bem no caminho e acenou para o sofá.

— Sente-se. Vamos conversar. Caso tenha alguma confusão, não estou pedindo.

— Qual o problema? — Sem a ajuda da sua adrenalina proveniente da guerra, fadiga era absorvida pelos ossos de Cookie. Sentar-se? Sem problema. Soltou o tanque e se acomodou nas almofadas. — Sobre o que você quer conversar?

— Suas reações estavam mais lentas que o comum hoje, e você teve problema para manter o foco. Pude notar.

Então a velhota havia assistido devido a mais do que tédio, hum?

Precisando de um momento para considerar a melhor resposta, ela passou os olhos pelos móveis florais gastos, uma tevê de plasma enorme, retratos de famílias sorridentes que ela e Pearl Jean encontraram em várias vendas de garagens, e uma mesa de centro bagunçada com as coisas que ela precisava: uma garrafa de água, o iPod, os fones de ouvido, um pacote de bolacha salgada, um protetor labial ChapStick, um iPad carregado com livros de romance e crimes reais, e mais salgadinhos.

Desse lugar vantajoso, ela tinha vista das janelas de sacada do outro lado da sala. Do lado de fora, nuvens com bordas rosa e lavanda manchavam o céu, o sol se pondo sobre seu terreno abandonado. Árvores frutíferas não produziam mais e ervas daninhas dominavam. O que ela não daria para ter energia para jardinagem. Ou pelo menos o dinheiro para pagar alguém para fazê-la.

Aqui vamos nós.

— Estou bem hoje, Pearl Jean, e vou estar bem amanhã. Sério. Você não precisa se preocupar. Não vai acordar e descobrir que estou morta.

— Tem certeza? Porque você parece a morte *neste instante.*

— Sim, mas sempre pareço a morte ultimamente. — Doze meses atrás, o médico achou que ela tinha onze meses de vida, a não ser que localizassem um novo coração. *Vivendo com os dias contados agora.* — Está vindo, assim como sabemos que viria.

— Não. Tem que ter algo mais que possamos fazer. Você procurou na

darknet?

— Não é assim que chama…

— Não ligo para como chama. Use-a. Você pode dar sorte e encontrar alguém que esteja vendendo um órgão usado perfeitamente aceitável.

Cookie piscou para segurar as lágrimas. Nenhuma emoção. Se ela começasse a chorar, Pearl Jean choraria.

— Não, não vou procurar um coração usado na “darknet wide webs” — ela disse baixinho, controlada.

— Dinheiro é um problema? Porque estou disposta a doar minha aposentadoria.

Deitada ali, fadiga levou a melhor dela. Cookie lutou para manter os olhos abertos.

— Podemos adiar essa conversa?

— Não, não podemos — gritou sua melhor amiga. — Isso é vida ou morte.

Acho que ela precisaria terminar isso do jeito Cookie. Brutalmente.

— Tudo bem, então. Vamos falar sobre o fato de que não vou conseguir um coração novo. Vou morrer mais cedo do que tarde. Antes de morrer, quero garantir que você e Suggy tenham alguém para cuidar de vocês. — De preferência alguém disposto a cuidar dos menores caprichos da pantera caseira, exatamente como ele merece, enquanto essa mesma perfeição resiste à vontade de se esfaquear nos ouvidos toda vez que Pearl Jean se convencia que havia tocado a campainha da Morte.

Em outras palavras, Cookie precisaria encontrar um unicórnio humano. O champanhe dos amigos. Uma marca genérica, talvez. Barato nem sempre significava de qualidade inferior.

— Okay, sim — falou Pearl Jean com um aceno de cabeça. — Podemos adiar essa conversa.

Terminando sua refeição, Suggy pulou no sofá, passou por cima das pernas de Cookie e se curvou em seu peito.

Conforme esticava a mão para acariciá-lo, ela pegou o lampejo de luz do

celular. Em seguida, seu toque foi ativado. Que estranho. Antes da partida com Nick, ela havia desligado o som.

Espere. Havia programado o celular para fazer uma única exceção.

Sua mandíbula ficou solta. Não. Nem pensar. Isso não podia estar acontecendo. Podia?

Riiiiiiing. Ela levou o olhar para Pearl Jean.

— Acho… que isso pode ser… um coração. — As duas últimas palavras saíram como um guincho.

— Bom? O que você está esperando? — Pearl Jean vibrava com animação. — Atenda. Atenda o telefone agora!

— Tudo bem, tudo bem. — Cookie pegou o telefone, fazendo o melhor para não incomodar o gato, tremendo enquanto colocava o aparelho na orelha. — Alô? Sim?

— Chantel Bardot? — perguntou uma voz jubilante.

Ouvir seu nome de nascimento a distraiu.

— S-sim, é ela. Eu. Quero dizer, a primeira. A primeira que eu disse. Ela. — Seu olhar permaneceu em Pearl Jean. *Por favor, por favor, por favor que seja a notícia que esperei tanto.* — E você é?

— Sou a pessoa que fala pra você que conseguimos alguém compatível. Seu cirurgião e o time de transplante foram notificados. — Ela continuou jorrando fatos, mas Cookie não podia mais escutar.

Isso estava mesmo acontecendo?

Vou viver?

CAPÍTULO QUATRO

Seis meses depois

Cookie olhava para todos os lados enquanto caminhava com Sugars na coleira. O quintal parecia normal. Luz da manhã era filtrada por uma cobertura de galhos, cortesia dos carvalhos enormes. Pássaros cantavam dos galhos retorcidos. Uma família de coelhos observava o triozinho por trás de um arbusto brotando flores, ainda que fosse inverno.

Tudo parecia normal. Sugars caçava uma folha rodopiante, e Pearl Jean avançava ao seu lado em uma *scooter.* Mas nada era normal para Cookie.

Durante 26 anos, sentiu-se como se estivesse existindo, e não vivendo. Nunca tão rápida ou tão forte quanto as outras crianças. Mantida em uma dieta rígida e um regime de medicamentos sem fim. Infinitas visitas ao médico. E então, de repente, o coração que seus pais haviam criado no momento da concepção sumiu, fora cortado para fora do seu peito. Agora o coração de outra pessoa energizava seu corpo. Alguém que havia morrido, altruisticamente dando a Chantel Melissa Bardot uma chance de viver. E ainda assim…

Ainda lhe faltava entusiasmo. Por tanto tempo, ela esperava morrer. Havia se resignado a isso, tornando-se confortável com sua visão de mundo. Mas seu ponto de vista havia mudado. Agora deveria viver por si mesma, bem como pela mulher que a salvou. Sem dúvida sua família esperava que Cookie fizesse coisas incríveis com o presente que lhe fora dado. Quanta pressão!

E quantos outros pacientes teriam sido mais merecedores do coração? E se Cookie cometesse erros, desperdiçando o sacrifício? Ela não tinha ideia do que fazer com essa segunda chance.

A pior parte? Paranoia havia resetado seu cérebro. Ela não podia se

desvencilhar da sensação de que estava sendo caçada. Sentia isso *o tempo todo*. Mesmo agora, um suor frio cobria suas mãos.

Junto com a paranoia, vinha uma sensação de ser tanto implacável quanto frágil como um vidro, capaz de tudo e nada ao mesmo tempo. Antes da cirurgia, ela tinha motivação, mas não tinha energia. Depois da cirurgia, ela tinha bastante energia, mas motivação confusa. Era irritante, e a mantinha prisioneira na própria propriedade.

As outras pessoas – normais – sentiam-se assim, como se não soubessem diferenciar o de cima do de baixo e de dentro do de fora?

Ganhara um coração apenas para perder a cabeça?

Poderia perguntar para o terapeuta, se algum dia criasse coragem de sair da fazenda.

— Você está ridícula, a propósito — disse Pearl Jean, bufando. A mulher falava verdades, não importava o quê.

— Eu? — Cookie tomou um gole do café fumegante… em uma taça de vinho, porque o dia de lavar a louça era amanhã… depois reajustou os óculos de sol gigantes pousados em seu nariz. — *Eu* estou ridícula?

— Sim, você.

— Estou usando as roupas que você tricotou para mim. — Ela abriu os braços para mostrar o suéter e o cachecol que Pearl Jean havia dado no último Natal, usados juntos com uma camiseta que dizia “Dona de Casa Mãe de Gato”, calças legging pretas e pantufas felpudas com sola de borracha para ficar em casa. Apenas a melhor roupa do mundo. Bom, isso e shorts jeans usados com botas de cowboy, sua roupa de vou-me-dar-bem. Ah, e também os vestidos que ela usava às vezes para cosplay. Aqueles também eram demais.

— Pensei que você fosse ser esperta o bastante para enterrar o suéter e o cachecol em uma gaveta — falou sua amiga.

— O que posso dizer? Conforto e estar quentinha ganham de estilo, sempre. — Mas nas roupas íntimas, ela escolheu um top compressor e sua calcinha de vó favorita. As peças *principais* da gaveta de lingerie de todas as mulheres. Ela

morreria, mas não mudaria de opinião.

Exceto que ultimamente estava olhando lingerie sexy online com grande interesse, perguntando-se como seria a sensação do material sedoso na sua pele, e como um namorado poderia reagir. Mesmo que ela não tivesse um namorado, ou sequer quisesse um. Homens davam trabalho, e sempre davam o fora.

Havia uma chance maior de fazer uma tatuagem. Seria sua primeira, outro desejo recente. Algumas vezes ela imaginava ramos de trepadeira em ricos tons de verde em volta dos seus pulsos, alongando-se pelas mãos e dedos.

— E o *Cheetos* no seu cabelo? — perguntou Pearl Jean. — É parte do seu *estilo*?

Mechas caíram do coque preguiçoso de Cookie quando ela desviou de uma planta, evitando contato, para o caso de algo estranho acontecer. Algumas vezes, com um roçar da sua pele, flores desabrochavam instantaneamente. Mas ela não pensaria nisso. Um novo pânico surgiria.

— Só para você saber, você também está ridícula — respondeu com um tom afiado.

— Por favor. Sua inveja-Pearl-Jean está aparecendo. — Apesar de estar fresco, tomava chá gelado de uma garrafa *squeeze*. Porque "o negócio quente é horrível" e "às vezes uma garota precisa esquecer que pode estar desenvolvendo diabetes". Um grande chapéu de praia amarelo estava sobre seus cachos prateados, protegendo duas manchas de sol que ela acreditava que pareciam mais suspeitas hoje do que ontem. Como sempre, um vestido *muumuu* e um roupão de banho cobriam sua estrutura rechonchuda.

— Sempre pensei em mim mesma como um bom puro malte. Melhor com a idade e capaz de derrubar qualquer um de cara no chão.

— Concordo plenamente que você é um bom puro malte – mais velha que o tempo. Espero poder vê-la servida com gelo.

Pearl Jean deu uma risada zombeteira.

— Pirralha mórbida.

— Velha caquética.

Sugars virou a atenção para um inseto, caçando-o – não. Desculpe. Ele *comeu* o inseto. Que legal.

O cheiro de algaroba flutuou pelo ar. O sr. Benson deve ter acendido a churrasqueira. Ela respirou fundo sem o auxílio de um cilindro de oxigênio. Uma experiência realmente maravilhosa, até seu estômago revirar de fome. *Urgh.* Precisava tomar café da manhã. Correção: precisava do *quarto* café da manhã. Desde que acordara no hospital cheia de tubos, ela sentia fome como se fosse um poço sem fundo, e não ganhava um quilo.

Em um esforço de entupir esse poço sem fundo, Cookie havia consumido seu peso em donuts açucarados, os já mencionados *Cheetos*, e cookies de gotas de chocolate com menta mais cedo. Parece que teria de continuar tentando.

Duas borboletas passaram voando e – uau! *Não* tinham *rostos humanos*. Tinham?

Os insetos mutantes deram a volta, chegando mais perto, e Cookie respirou fundo. Elas tinham! As bocas humanoides delas se moviam como se estivessem falando, mas ela não detectou sons. Quando entrou em pânico e balançou a mão no ar, seus dedos distorceram suas imagens.

Não eram nada além de névoa?

Seu estômago se revirou. O que aquilo significava? Ela estava dormindo ou enlouquecendo?

Ela deu uma olhada em Pearl Jean.

— Você viu as borboletas?

A outra mulher franziu a testa.

— Quais borboletas?

Talvez Cookie devesse começar a tomar os remédios outra vez?

— Esquece — murmurou.

— Não, não esqueço. — Sua amiga puxou o guidão da *scooter* para evitar uma pedra. — Tenho percebido algumas coisas estranhas acontecendo por aqui, e acho que devemos conversar sobre elas.

Ô-ou. Pearl Jean deve querer resposta sobre as mudanças mais

personalizadas de Cookie. *Não estou pronta.* Ela se encolheu, como se tornar-se um alvo visual menor pudesse parar a conversa no meio.

— Vamos concordar que coisas não usuais *têm* acontecido e deixar por isso mesmo, tudo bem? Por favor?

— Poupe suas súplicas. *Não* está tudo bem. Você se recuperou de uma grande cirurgia em poucas semanas. — As palavras saíram de Pearl Jean. — Você não tem nem uma cicatriz. Há seis meses seu cabelo castanho-escuro chegava aos ombros. Agora metade dos fios são cor-de-rosa e param no meio das suas costas. E você já cortou duas vezes! Sim, eu sei que você raspou a cabeça outro dia. Antes, seus olhos eram cinza-chumbo. Agora são verdes com pontos cinzentos, e plantas misteriosamente florescem na sua presença. Então? O que está acontecendo?

Todas as acusações a atingiram como um soco. Sua amiga não sabia nem da metade. Sem sua medicação – uma sentença de morte para alguém na sua situação – ela havia florescido.

Manter uma expressão neutra era difícil, mas ela conseguiu.

— Que tal essa ideia? Você finalmente está senil.

— Ah! E você sempre cheira como rosas recém-cortadas, ainda mais quando fica suada. É nauseante.

— Estou usando muito Chantel Nº5.

— Não faça gracinhas comigo, querida. Você pode parecer com os seus avatares com esses grandes olhos redondos e lábios vermelhos maiores ainda, mas você tem uma escuridão em você, que só ficou mais intensa depois da cirurgia. Não — ela interrompeu, quando Cookie abriu a boca para responder —, não me diga que estou imaginando todas essas coisas. Me diga o que o novo coração fez com minha melhor amiga.

Ela queria. Mesmo. Algumas centenas de vezes, ela quase fez. Mas e se alguém ouvisse a conversa delas? Ontem de manhã ela havia mencionado um desejo por panquecas com geleia caseira de morangos. Quando deu meio-dia, anúncios de panquecas e geleias especiais estavam aparecendo em todos os sites

que ela visitava.

Chame-a de maluca das conspirações, mas os espiões estavam em todos os lugares, sempre bisbilhotando. Se a novidade sobre suas mudanças algum dia se espalhasse, ela poderia acabar aprisionada em um laboratório do governo. Uma das muitas razões pelas quais faltara seus check-ups médicos. Ficar em silêncio lhe pareceu a melhor opção.

Volte para mim.

Cookie deu um pulo involuntário. A voz grossa e rouca havia vagado pela sua cabeça, parecendo surgir de uma memória há muito enterrada. Aquele timbre… mais sensual do que uma carícia.

Essa não era a primeira vez que ouvira aquelas três palavrinhas. Como todas as vezes antes, ela *ansiava* por obedecer. Mas voltar para onde? E por quê? Quem estava chamando?

Sentindo como se estivesse sendo observada mais uma vez, ela deu uma olhada por cima do ombro. Grama suave e exuberante a encontrou. Árvores com galhos balouçantes. A casa da fazenda permanecia à vista, uma adorável caricatura de tinta descascando e tábuas quebradas que ela ainda não havia consertado. A perfeita metáfora para sua antiga vida. Negligenciada, esquecida e surrada para caramba por tempestades.

Tudo parecia bem, ninguém abertamente a seguindo. Mas. Cara. Desconforto passou pela sua coluna.

Ela precisava se livrar dessa paranoia estúpida, e rápido.

— Preste atenção em mim — ralhou Pearl Jean. — O que você sabe da doadora?

Certo.

— Não muito — admitiu. — Me disseram que tinha minha idade e se envolveu em algum tipo de acidente. A família não quer ter contato com nenhum recipiente dos órgãos.

Sério, alguém a estava observando?

— Seja honesta. Você tem superpoderes ou algo assim? — Pearl Jean passou

por uma saliência, a tampa do seu *squeeze* soltou da garrafa, chá gelado espirrou pelo bocal e vazou do suporte. — Você pode me contar. E não precisa se preocupar. Tenho certeza de que provavelmente vou aprender a aceitar sua estranheza no futuro. Afinal, lar é onde o coração está, e o coração está onde Cookie está.

A garganta de Cookie se apertou. Maldita mulher.

— Você acabou de falar Cookie Monster para mim? — *Ganhando mais um pedacinho do meu coração.*

Pearl Jean bufou.

— Talvez.

— Tudo bem. Você quer conversar, vamos conversar. — Depois de dar mais uma olhada com suspeita por cima do ombro, ela pegou Suggy. — Mas apenas quando estivermos dentro de casa.

— Não. Chega de esperar. — Pearl Jean dirigiu a *scooter* para a frente de Cookie, parando-a. — Não vamos sair desse lugar até você explicar o que está acontecendo.

Existia alguém mais teimoso?

Ela olhou por cima do ombro. Esquerda. Direita. O desconforto aumentou.

— De um jeito ou de outro, vamos entrar. Mova-se ou fique para trás.

Sua urgência se provou tão contagiante quanto uma doença imaginária. Pela primeira vez, Pearl Jean não discutiu.

— Sim. Vamos entrar.

Juntas, elas se apressaram para a casa. No meio do caminho, as pessoas-borboletas reapareceram, passando zunindo por Cookie, depois voltando para voar círculos à sua volta. Quando ela parou de supetão, as duas pararam junto, pairando por perto. Observando-a.

Ela notou outros detalhes. Rostos humanos, por volta de vinte anos… de *corpos* humanos no tamanho do seu indicador. Ambos os seres estavam vestidos com folhas de trevos. A fêmea tinha cabelo azul até os ombros e asas brancas, enquanto o macho tinha cabelo branco e asas azuis.

— Por favor, me diga que está vendo isso — ela coaxou.

— Vendo o quê? — A *scooter* apitou conforme Pearl Jean dava ré, voltando para seu lado. Preocupação anuviava a expressão da amiga. — Cookie! *Vendo o quê?* — insistiu.

— Não sei. Ainda. Mas estou pronta para descobrir. — Tremendo, ela passou Suggy para a amiga, depois esticou o braço. As pessoas-borboleta não se tornaram névoa com o contato dessa vez, mas também não gostaram da sua atitude. Sibilaram, revelando presas brancas e afiadas.

Perigo! Seus dedos se aqueceram em um instante. O calor começou nos ossos e irradiou pelos poros dela.

Ela se afastou e ralhou:

— Leve Sugars para casa, Pearl Jean. — Nunca havia usado um tom tão duro com a amiga, mas estava falando sério.

— Você não pode…

— Vá. Agora. — O calor se espalhou pelas suas mãos, e ela gemeu. Ela balançou as mãos, surpresa, quando chamas de verdade falharam em se acender. Espere. O que era *aquilo*?

Seu queixo caiu conforme folhas verdes brotavam de seus dedos. Café derramou quando a taça de vinho escorregou da sua mão. Horror e confusão a bombardeou. Trepadeiras se desenrolaram, estendendo para além das suas unhas. Crescendo. Enrolando-se e rastejando pelo chão.

— Apenas uma alucinação, apenas uma alucinação — cantarolou.

— Então por que também estou vendo? — Pearl Jean deu um gritinho. — Não posso racionalizar isso…

À frente, as trepadeiras subiram, e subiram, como se estivessem tentando alcançar o céu. Quando chegou em dois metros, as pontas se uniram, formando um arco espinhento ainda conectado às suas mãos. Conforme névoa densa preenchia o espaço entre os talos, uma força incrível a puxou para a frente. Ela tropeçou e tentou firmar os calcanhares, depois lutou para desconectar as trepadeiras. Falhou nas duas coisas.

As trepadeiras apenas a puxaram mais rápido. Logo ela estava se engasgando de medo e sendo arrastada pelo quintal.

— Nos ajude! Alguém nos ajude! — gritou Pearl Jean atrás dela. — Cookie!

— Pearl Jean! — Não! Seu coração batia forte enquanto ela voava pela névoa.

CAPÍTULO CINCO

Confusa, arfando, Cookie se levantou em um pulo. Ela observou seus arredores. O que – como – *o quê? Não consigo processar…* Seu quintal iluminado pelo sol havia sumido. No seu lugar havia… alguma outra coisa. E não era imaginação dela. Era tudo muito real.

Ela se virou, o coração batendo mais forte, o olhar se movendo rápido. Árvores cor-de-rosa e brancas eram abundantes. Flores arco-íris pareciam tão fofas quanto algodão-doce, soltando pétalas etéreas em uma brisa quente. Mais pessoas-borboletas voavam ao redor, fazendo chover glitter. À sua direita, um riacho borbulhante corria sobre cristais brilhantes. Do outro lado da água, sombras deslizavam sobre árvores retorcidas e grama seca. Folhas irregulares se fechavam, como se estivessem mastigando alguma coisa. Talvez estivessem. Migalhas/gotas vermelho-sangue caíam dos cantos.

Cookie engoliu em seco ao focar em algo se movendo aos seus pés… Gritando, ela pululou para evitar centenas de pequeninas aranhas avançando debaixo das suas pantufas.

As pessoas-borboletas – fadas? – permaneciam no nível do olho, ziguezagueando à sua volta.

Assim que se acalmou, ela escutou o zumbido de asas e o barulho agudo das suas vozes.

— É ela, sim?

— Ah, sim. E não.

— Ela, mas não ela.

Isso não podia estar certo. *Nada disso* podia estar certo. Era hora de voltar para casa.

Cookie rodopiou, determinada. Ela mergulharia pelo portal ou porta ou o que

fosse e…

— Não! — As trepadeiras haviam se desconectado dela e murchado, os resquícios flutuando para longe em uma brisa leve.

Agitada, ela tocou o ar sem hastes.

— Pearl Jean? — gritou, ficando imóvel. Tremores a sacudiram. — Sugars? — Onde eles estavam?

Passou a língua nos lábios. Talvez pudesse criar outro… portal? Com aquelas trepadeiras? O que você fazia uma vez, podia repetir. Certo?

Uma risada sem graça escapou. Recriar algo que ela não compreendia? É. Nada demais. Ainda assim, precisava tentar.

Cookie estendeu os braços e balançou as mãos. Nada aconteceu. Ela balançou com mais força, mas o calor nunca reacendeu em seus dedos.

— Vamos, vamos. — Ela agitou. Abanou. Pulou. Ainda nada.

Histeria borbulhou, fazendo troça do seu pânico. Como deveria ir para casa? Ela *precisava* ir para casa. Pearl Jean e Sugars… Um rugido violento cortou pela floresta, e ela respirou fundo.

Correntes de raiva estalavam, formigando sua pele. As fadas voaram para longe na velocidade de um raio.

Cookie segurou sua garganta em reflexo, chamando:

— Esperem. Voltem.

Sozinha em um lugar estranho? Estava tudo bem. Tudo estava bem. Seus joelhos bateram, ameaçando se dobrarem. O que ela deveria fazer? Ficar ali ou se aventurar em busca de ajuda?

Ela deu outra volta, escaneando seus arredores com mais cuidado. As árvores, na verdade, não eram cor-de-rosa, ela percebeu. Centenas de formigas com barrigas brilhantes rastejavam nos troncos. Arbustos de roseira selvagem cresciam ao longo das margens do riacho, avisando aos visitantes para que ficassem longe. Cogumelos roxos escorriam em um tronco caído. À distância, um cervo com chifres de madrepérola mastigava nozes e a observava sem preocupação.

Mesmo quando outro rugido de gelar o sangue soou, fazendo-a estremecer, o cervo continuou a comer, imperturbável. *Porque sabe que sou mais lenta e mais provável de ser o jantar.* Tonta, ela segurou um galho, esperando se firmar.

— Ai! — Mil agulhas pareceram espetar sua palma, e ela rapidamente soltou seu elo com a vida. Em segundos, grandes vergões vermelhos apareceram na sua mão e antebraço. Enjoada, ela se curvou.

O que… Uma raiz grossa de árvore se curvou no seu tornozelo e puxou.

Cookie caiu de bunda, ar saindo dos seus pulmões e estrelas piscando na frente dos olhos. Ali. Naquele momento. A náusea ganhou a guerra. Virando-se para o lado, ela vomitou o conteúdo do estômago.

Quando terminou, ela se levantou, relutante em ficar no chão por mais tempo do que necessário. Não tinha experiência com… portais espaciais? Buracos de minhoca? Mas seu avatar tinha bastante. No videogame, ela sempre permanecia pronta para qualquer coisa. Aqui, agora, o risco era mil vezes maior. Relaxar a guarda, mesmo por um momento? Não.

Outro rugido irrompeu, e os pássaros voaram. Galhos se moveram e bateram nela. Apesar de se desequilibrar, ela não caiu. Ainda bem, o rugidor – o que fosse – soava bem longe.

Grilos chilreavam com alívio, e gafanhotos zuniam. Um sapo coaxou. Sons normais em uma situação anormal.

Ela envolveu a cintura com os braços, encolhendo-se. Antes de descobrir o próximo passo, ela precisava entender o anterior. De alguma maneira, ela… o quê? Abriu algum tipo de transporte para uma localização diferente na terra? Outra dimensão? Planeta? Realidade alternativa?

A histeria ameaçou a alcançar o pico. Ela inalou e exalou em busca de calma. Por enquanto, aceitava o fato de que havia deixado Oklahoma, e não havia viajado de maneira normal. Nada mais, nada menos. Agora, ela precisava de um plano para voltar para casa.

Tudo bem. Tudo certo. Isso ela podia fazer. Toda aventura que venceu, ela havia abordado da mesma maneira: um passo de cada vez.

Cookie entrou em modo de jogo, suas tarefas se alinhando. Procuraria por uma cidade próxima. Ali, ela poderia descobrir o sistema monetário, conseguir dinheiro, comida, abrigo, armas e respostas. Se alguém desenhasse um mapa do mundo para ela, até melhor.

Ela não podia permitir que o medo a tirasse do trilho, como se fosse algum tipo de – Cookie estremeceu – *novata*.

Em sua experiência, o maior erro que novos jogadores cometiam continuava o mesmo, não importava sua idade ou habilidade. Quando o medo do desconhecido invadia, ignoravam seu objetivo final. Em vez de trabalhar para alcançar uma meta, eles focavam em silenciar o senso de urgência, o que apenas levava ao desespero.

As provações de hoje são as forças de amanhã. Um mantra que ela repetira várias e várias vezes quando era criança. Se algum dia existiu um momento de retomá-lo…

Outro rugido a fez vacilar. Porque estava *mais perto* do que o primeiro. A criatura, ou o que fosse, devia ter voltado. Ela esperava que um predador faminto respirasse no seu pescoço a qualquer minuto. Até o cervo reagiu, correndo para longe.

Hora de dar o fora. Cookie avançou, seguindo o mesmo caminho que o cervo. Perigos espreitavam de todos os lugares. Não apenas as fadas e os animais selvagens, mas as plantas. Qualquer coisa poderia ser venenosa.

Não! Ela perdeu o cervo de vista.

Para sua surpresa e alívio, seus pés pareciam saber onde ir em seguida, guiando-a ao redor desta e daquela árvore sem nenhuma assistência da sua mente. Resistir parecia tolo, já que ela não tinha ideia de onde ir.

Otimista, pensando que tropeçaria em alguma ajuda, ela atravessou o riacho…

Perdida. Faminta e morrendo de sede. Exausta e imunda. Com frio demais num minuto e quente demais no próximo. Além de dolorida. Machucada e

escoriada. Cookie estava tudo isso e mais. Teria escapado do monstro que rugia apenas para perecer sozinha em uma terra estranha?

Ao desviar de uma árvore, imaginou um avatar em algum lugar seguro e aconchegante, *controlando-a*, fazendo-a seguir e seguir e seguir, sem levar em conta seus sentimentos quanto a isso. Ela tinha quase certeza que havia usado todas as suas barras de força imaginárias. Permanecer em seus pés latejantes requeria energia que ela não tinha, mas descanso havia sido apagado da lista de atividades do dia. Seu corpo recusava a obedecer a sua mente, então ela andou e andou e andou. Resistir era fútil.

Lama a cobria da cabeça aos pés. Ela havia perdido seu amado cachecol e suéter em algum lugar do caminho. Seu cabelo havia soltado do coque, as mechas longas demais se embaraçando. Pelo menos ainda cheirava a flores, misturando-se com a natureza, prevenindo que predadores acrescentassem "lanchinho de cabelo cor-de-rosa gostoso" aos seus cardápios.

Ela deu uma risada sem graça. É, que maravilhoso lado bom para seu pesadelo real.

Horas atrás, fora forçada a simplificar o plano: continuar até tropeçar em ajuda ou desmaiar. O que mais ela poderia fazer? Um milhão de vezes diferentes, de um milhão de jeitos diferentes, tentou mudar de direção. Segurando-se em galhos. Afundando os calcanhares no chão. Abraçando troncos de árvores. Suas pernas sempre levavam a melhor e a guiavam para longe dos obstáculos, levando-a para lugar nenhum.

As horas se misturavam, mais e mais fadas a seguiam pela floresta. Toda vez que ela cedia e implorava por respostas ou ajuda, elas sussurravam entre si e lhe davam olhares furtivos. Ninguém nunca a respondia de forma direta.

Uma benção disfarçada, ela supunha.

— Agora posso comer vocês, babaquinhas, sem culpa — ralhou na direção delas.

Com um suspiro coletivo de terror, elas zuniram para se esconderem nas árvores.

Uma coisa que ela notara: as fadas existiam de todas as cores, todas, desde o tom pastel mais claro até os neons mais brilhantes e os tons mais escuros. O que a fazia ponderar… e se não fossem fadas, no final das contas, e sim pixies?

Em Rhoswyn, seu nível favorito de *A Névoa A. E.*, existiam personagens que não eram jogáveis ou NPCs, conhecidos como pixies, e elas também existiam de todas as cores. O que a fazia se perguntar se ela talvez ainda estivesse na mesa de operação, e isso era uma delusão gerada por drogas, afinal, sua mente criando cenários enquanto morria. Ou se já havia morrido e esse era algum tipo de inferno. Algumas vezes, quando ela estava exausta demais para se corrigir com lógica, ela até se perguntava se ela, de alguma maneira, bom, abriu um portal para um mundo baseado no seu videogame. Meio tipo *Jumanji*, mas também nada como *Jumanji.*

Isso era estúpido, não era? Um fragmento do seu cérebro superativo de jogadora tentando fazer sentido de uma situação ruim. Mas, e se ela tivesse de alguma maneira entrado em uma versão de tamanho real de *A Floresta do Bem e do Mal*? *Pronta, jogadora número um.*

Mais do que as pixies, a terra e os animais apresentavam uma fartura de semelhanças com Rhoswyn. Em ambos os locais, coelhos eram listrados como zebra. Sapos tinham os mais adoráveis bigodinhos de gato. A maior parte das cobras com as quais havia cruzado possuíam duas cabeças. Raposas usavam seus rabos de nove pontas como um chicote.

E se o designer de *A Névoa A. E.* tivesse visitado aquele lugar?

Uma vez, ela vislumbrou um grupo de ogros que pareciam idênticos ao quadro pendurado na sede do jogo. Enormes, peludos e bestiais, com presas e um rabo. Eles viviam para matar invasores.

Cookie havia se preparado para um ataque conforme eles bufavam e batiam os pés com agressão ilimitada. No entanto, nenhum único ogro sequer dera um passo em sua direção. Como se ela estivesse marcada com um escudo de proteção, do jeito que avatares com frequência eram marcados. Pelo preço certo, de qualquer maneira.

Duas vezes ela passou por um enclave de trolls. Grandes e musculosos brutos com chifres. No jogo, eles com frequência espancavam e escravizavam viajantes cansados. Eles, também, haviam exalado agressão ao vê-la. Como os ogros, mantiveram suas mãos comportadas.

E se a doadora do seu coração tivesse vindo daquele lugar? E se a doadora do órgão tivesse aberto um portal entre os dois mundos? Era uma ideia, de qualquer maneira.

No jogo, pixies coexistiam com os fae. Seres místicos com uma variedade de poderes mágicos. O que explicava sua habilidade repentina de crescer videira sob sua pele, no solo rico das suas veias. Magia também explicava sua inabilidade de impedir seus passos – ela estava sendo guiada por uma corrente invisível. Passo. Passo. Passo. Para este lado. Vira. Aquele lado. Onde ela pararia?

E se a doadora de Cookie tivesse sido… fae?

Tudo havia mudado depois do transplante. O jeito que ela havia se recuperado com velocidade sobrenatural. Sua falta total de cicatrizes. O cabelo de Crescimento Milagroso da Rapunzel. Pele de videira. O que ela sabia sem sombra de dúvidas: um novo mundo significava novas regras. Se *A Névoa A. E.* era baseado naquele mundo, magia era normal. Ela poderia ser capaz de fazer mais do que colher trepadeiras ou o que for.

E, merda, alguém a estava seguindo? O desconforto retornou.

Com a mão instável, tirou o cabelo da testa suada e olhou por cima do ombro. Uma pixie pairava a meros centímetros do seu rosto. Uma bonita Polegarina cor-de-rosa, que decidiu pousar em seu ombro.

Os sentidos de Cookie se apuraram conforme a pequenina beldade segurava sua orelha com uma pegada surpreendentemente forte e falava direto dentro dela.

— Vire à direita.

— Sinto muito, mas meus pés não querem ir para a direita.

Polegarina puxou o lobo, gritando:

— Vire. À. Direita. Aqui. Humana. Tola.

Ela está me ajudando? A direção atual era perigosa demais para a “humana tola”?

A adrenalina subiu. Preparando-se para resistir outra vez, Cookie esticou o braço para um galho. Mais uma vez, seus pés se rebelaram, continuando a marchar em frente. Ela apertou os dentes e se virou, lutando para pegar um galho mais firme. Aquele bem ali. Quase…

Pontadas quentes queimaram sua pele conforme a videira brotava dos seus antebraços e mãos. Trepadeiras se desenrolavam e propagavam, envolvendo o tronco da árvore e a parando com um solavanco. Exceto pelos seus pés. Passo, passo, passo. Indo a lugar nenhum. Para seu grande alívio, a folhagem se provou mais forte do que a corrente invisível, e ela permaneceu no lugar.

Espere. Suas orelhas se contraíram. Era o som de água corrente? Um choramingo escapou.

Estalando seus lábios secos e partidos, e imaginando uma lagoa de água fresca, deliciosa, incrível e maravilhosa, Cookie usou os ramos de videira para empurrar seu corpo para a frente, apesar das objeções de seus pés. Quanto mais longe do caminho indesejado ela se aventurava, menos seus pés lutavam contra sua mente. Logo, ela não precisava mais das trepadeiras. Quando murcharam, ela permaneceu na sua rota atual.

Eu consegui? Eu venci? Galhos roçavam suas bochechas, um ponto de calor aqui, um ponto de gelo ali, mas ela não ligava mais. A vitória a fazia se sentir bem, e a água esperava.

Polegarina voou na sua frente, desaparecendo em uma parede de folhagem. Cookie passou pelo emaranhado e cambaleou em uma clareira com um lago pequeno e cristalino. Lágrimas encheram seus olhos, embaçando sua visão conforme entrava na água. O líquido refrescante a engolfou, aliviando as piores de suas dores.

Afundou sob a superfície; ao voltar, tomou gole atrás de gole, gemendo em deleite. Como o sabor era limpo. Mais limpo do que qualquer coisa que algum dia consumira em casa.

Volte para mim.

A voz rouca ecoou em sua mente, um resquício de uma memória há muito esquecida. Um sonho. Parte dela se aqueceu, parte se esfriou.

Ela saiu do lago, apesar de que amaria se demorar ali, caminhando até a margem. Hora de encontrar uma cidade. Entre um passo e outro, o lampejo de uma imagem invadiu sua mente, apreendendo-a. Um homem. Nu. Um brutamontes alto, de cabelo claro, com feições rudes, mas bonitas e uma caralhada de tatuagens. Os lados da sua cabeça eram raspados, o topo das madeixas era longo e denso. Bem Viking-nesco e totalmente delicioso.

Músculo esculpido cobria cada centímetro do seu corpo poderoso. Pele dourada brilhava com a umidade. Estava com uma expressão assassina e maliciosa ao encarar outro homem, parado nas sombras.

O coração de Cookie pulou com excitação, como se tivesse sido chocado de volta à vida pela primeiríssima vez. Mesmo sem um vislumbre do rosto do segundo cara, ela respondia a ele?

Era tão alto quanto o Viking, e igualmente musculoso, com linda pele morena. Usava uma camisa e calças de couro. Garras de metal cobriam a ponta de seus dedos. Quem era? Perigo emanava dele.

Na memória, uma mulher com longo cabelo cor-de-rosa atirou seu corpo na frente do segundo homem.

O coração palpitou outra vez. A mulher tinha um longo cabelo cor-de-rosa. Rosa. Cookie instintivamente levou a mão para uma mecha das suas madeixas de algodão-doce.

O Viking abanou a mão, névoa rodopiando das pontas dos seus dedos conforme finos estilhaços de gelo eram atirados. Aqueles estilhaços cortaram a mulher de cabelo rosa, que gritou com angústia.

Ele a atacara? Os olhos de Cookie se estreitaram. *Ele vai pagar.* Graças a anos de mistérios criminais e crimes reais, ela sabia de uma dúzia de maneiras de fazer o serviço. E esconder o corpo depois.

Gemendo, a mulher caiu no chão – não, ela foi colocada ali pelo segundo

homem. O perigoso das sombras.

Ao se mover, ele entrou em um raio de luz, dando a Cookie um lampejo de suas feições. Respiração, de repente, queimou em seus pulmões. Cabelo escuro bagunçado emoldurava o rosto mais bonito já criado. Tinha sobrancelhas grossas e proeminentes e um nariz orgulhoso, o contraste perfeito para seus lábios macios. Íris de um âmbar profundo a lembravam de whisky com gelo, cercadas por cílios longos o bastante para se curvarem. Uma mandíbula forte coberta por barba preta.

Não podia ser real, mas estava ali parado, na frente e no centro de sua mente, vestido todo de preto e cheio de armas como se tivesse saído de um jogo. Além das garras, ela viu uma besta, duas espadas curtas e várias adagas.

Trazendo a mortal de volta.

A imagem desapareceu, e ela fez uma careta, outra vez se perguntando quem ele era. E o assassino Viking? A garota de cabelo rosa?

Em algum lugar na região próxima, um farfalhar arrancou Cookie de seus pensamentos. Alguém ou alguma coisa se aproximava, mas eram amigos ou inimigos?

Ela correu para um emaranhado de trepadeiras, similares à espécie que produzia. As folhas eram grandes o bastante para se esconder…

— Ahhhh! — Um espinho foi ejetado de uma haste e apunhalou seu ombro. Seus membros convulsionaram, tornados inúteis conforme a dor passava por ela.

Cookie caiu, sem conseguir evitar, e comeu terra. Apesar de lutar em seu interior, ela não podia se mover externamente.

— Falei que ela se cansaria em breve — uma voz masculina se gabou de algum local próximo.

Um momento depois, uma sombra a cobriu. Cascos de cavalo pisotearam perto do seu rosto.

Dedos duros juntaram uma mão cheia do seu cabelo e a ergueram. Pânico a possuiu ao passar o olhar pelo seu captor. Um centauro? Tinha o torso de um homem e a parte inferior do corpo de um cavalo. Polegarina pousava em seu

ombro, dando um sorrisinho para Cookie.

Armaram para mim?

Horror a congelou, mas raiva a queimou.

O centauro sorriu, um contorcer cruel de seus lábios. Para outros, que ela não podia ver, chamou:

— Nossa caçada foi um sucesso, garotos. Peguei nosso jantar.

CAPÍTULO SEIS

Kaysar pegou uma adaga da sua cômoda, seu humor pior que o de costume. Ele se virou para… Não conseguia se lembrar. Provavelmente planejava matar alguém por ousar fazer algo que não gostara. Mas quem? Ah, o que importava? Bufou com irritação e jogou a arma no chão.

Conforme andava de um lado para o outro no quarto, seus pensamentos foram para a princesa Lulundria. Sua obsessão. Onde estava? Por que não havia voltado para ele? Seus ferimentos haviam se curado sem a *elderseed*? Devem ter se curado. Ordenou que ela voltasse, e ela não tinha escolha a não ser obedecer.

Mas por que não estava ali? Na casa dele. Na cama dele. Ele a deveria estar tentando além da razão e chifrando seu marido de todas as maneiras possíveis. Onde, onde?

Rugindo, Kaysar passou o braço pela superfície da cômoda. Jarros voaram para o chão. Vidro se estilhaçou, um líquido transparente vazando. O cheiro pungente e forte do fluido de preservação saturou o ar, fazendo suas narinas arderem.

— Nãaaao! — *O que eu fiz?* Cada jarro continha uma língua que havia cortado da boca do rei Hador. Seus tesouros mais preciosos. Agora estavam no mármore com veios dourados, desprotegidos, como se não significassem *nada* para ele.

Ele se apressou em se abaixar e as recolher. *Meus!* Protegia o que era dele. Sempre. Sem exceção. Era seu dever. Se não o fizesse, quem faria?

Ao se atrapalhar no chão, fios de sangue escorreram de suas palmas, manchando o chão assim como as línguas que segurava. Deve ter cortado os dedos nos cacos de vidro. Kaysar encolheu os ombros. Dor era sentida tão vividamente quanto prazer – quase nada.

— Olho — gritou. Onde estava o oráculo? Ela não deveria saber o que ele queria antes de ele saber que queria? Neste momento, precisava de jarros intactos e fluido de preservação. — Olho!

Um barulho farfalhante soou atrás de sua porta. O oráculo correu para dentro um minuto depois, segurando um único jarro, líquido escapando pela abertura.

— Desculpe, desculpe — falou ela. — Tentei carregar mais, mas os derrubei. Por que você não os enf… quero dizer, *armazena* sua coleção aqui, por enquanto? Sim, assim. Enfie essas carnes horrorosas para dentro. Você está fazendo um trabalho excelente, majestade.

Ele olhou feio para ela.

— Quero saber onde minha princesa está. Por que você ainda não a encontrou? Por que ela não voltou para mim? Por que você não pode me dizer se ela está viva ou morta? — Por que, por que, por quê?

Olho selou a tampa no jarro lotado.

— Você acha que venho ao seu quarto privativo sem respostas, majestade? — Ela bufou, como se tivesse sido insultada, a barra do vestido amarelo dançando nos tornozelos.

Animação e temor colidiram, provocando um tremor visível em suas mãos.

— Conte-me.

— Gostarás de saber que sua princesa finalmente retornou a Astaria.

O mau humor de Kaysar se dissolveu em um instante. Ele sorriu ao segurar Olho pelos ombros.

— Ela se curou?

Um aceno firme.

— Sim. Completamente.

Que maravilhoso. Seu sorriso se alargou enquanto se levantava. Tanto para fazer. Kaysar desejava estar no seu melhor para sua reunião. A sedução dela começaria *hoje*.

— Onde ela está? — exigiu saber, já tirando a roupa para tomar um banho.

De boca aberta, Olho se virou e encarou a parede.

— Ainda estou descobrindo essa parte, majestade.

— Não está fazendo rápido o bastante. Sei disso porque *não a tenho comigo.* — Ele usou o *flitter* para chegar ao banheiro e tomou um banho apressado, depois selecionou cuidadosamente uma túnica branca e couros pretos antes de se armar. Duas espadas curtas. Um par de adagas. Ignorou o arco e a aljava de flechas. Hoje não. Ocupariam muito espaço.

Colocou seus anéis favoritos. Os que tinham molares que arrancara da boca de um inimigo. Por último, prendeu seu jogo favorito de garras de metal nos dedos.

Não precisava olhar no espelho para saber que esse era um dia de derreter calcinhas para ele. As mulheres amavam seu rosto. E seu corpo. Algumas raras até amavam sua maldade.

Kaysar voltou para o quarto pisando firme. Olho estava sentada na cadeira da sua mesa, o jarro de línguas ao seu lado.

Levantou-se de um pulo, palavras explodindo dela.

— Sei onde ela está.

Antecipação lhe tirou o fôlego, seus pulmões queimando.

— Sim?

Por um momento, ela mordiscou o lábio inferior.

— Não vou lhe falar — disse, quase perdendo a cabeça por isso. — Não até explicar outra coisa. A princesa morreu no mundo mortal, Kaysar.

O quê?

— Você me disse que ela sobreviveu.

— E sobreviveu. Mas também morreu. E, ainda assim, agora ela vive.

Ele tentou ver sentido nas suas declarações. Quando falhou, a raiva o guiou diretamente para a frente do oráculo. Fuzilando-a, ele segurou seus ombros delicados e chacoalhou.

— Você mentiu para mim, Olho?

Apesar dos tremores, ela inclinou a cabeça para trás para encontrar seu olhar.

— Não menti, juro. Como se ousasse.

Apenas ligeiramente apaziguado, ele apertou as mãos.

— Então, explique. Como Lulundria está ao mesmo tempo morta e curada?

— Não sei, mas está. — Olho usou seu tom mais apaziguador. — Ela morreu, mas agora vive. Seu coração bate… — A voz dela sumiu quando sua expressão perdeu o foco, uma visão a assoberbando. — Melhor você se apressar, majestade. Os centauros… a vila deles. Ela logo vai morrer. Outra vez. Para sempre.

Os centauros pensavam em sacrificar sua princesa, arruinando sua vingança? A ira de Kaysar retornou, acendendo um fogo em sua alma. Ele usou o *flitter* e foi até os arredores da vila dos centauros, escondida no coração das Terras Noturnas.

Um campo de flores silvestres se abria à sua frente. Depois dele, centenas de criaturas meio cavalos, meio fae seguiam seus dias. Os homens estavam com peitos nus, as mulheres cobertas com coletes de couro.

Kaysar usou o *flitter* por todo o assentamento, procurando. Ali, soldados treinavam para a guerra, combatentes lutando um contra o outro com lanças enquanto cavaleiros praticavam galopes, desviando de obstáculos e atirando flechas ao mesmo tempo. Espectadores celebravam cada sucesso e vaiavam cada falha. Por ali, trabalhadores cuidavam de panelas de sopa e atiçavam fogueiras.

Quando não encontrou sinal de Lulundria, seu controle ruiu. Onde ela havia… Ah. Ali estava. Um vento suave carregava um leve toque do seu doce perfume.

Como um garanhão no cio, Kaysar seguiu sua fêmea escolhida, alternando entre correr e usar o *flitter*. Ele pulou sobre pedras e correu ao redor de árvores. Folhagens carnívoras se encolhiam para longe dele, ansiosas para evitar seu toque. Nada surpreendente. Agressividade empoderava todas as suas ações. Procurando, buscando… Nada nunca havia sido tão importante para ele.

Risada ecoou. Várias fontes, masculinas e femininas. O cheiro da princesa ficou mais forte, cobrindo seu hálito. Júbilo substituiu a ira de Kaysar quando ele chegou em um caminho bem gasto, marcado por cascos.

Espiando o começo de uma procissão de centauros, ele usou o *flitter* pousando num galho grosso, no alto de uma árvore, e se agachou. Vinte guerreiros trotavam no caminho que ele havia percorrido na direção da vila. Alguns dos soldados eram escuros, outros claros, alguns malhados. Todos estavam armados, mantendo um trote constante e sempre caçando predadores.

Kaysar estudou o final da procissão, onde os prisioneiros eram mantidos. Dois machos guiavam uma carroça transbordando de fae, ninfas da floresta e um punhado de mortais. Rostos sujos pressionados contra barras de prata, olhos desolados olhando para fora, procurando um salvador.

Em breve, aprenderiam a dura verdade. Você não poderia contar com ninguém além de si mesmo.

Os centauros esperavam usar os mortais como servos, as ninfas da floresta como escravas sexuais, e os fae como comida. Um horror culinário com o propósito de estender a vida de quem comia.

Diferente dos fae, que com frequência viviam um número infinito de milênios, os centauros normalmente expiravam depois de cinquenta ou sessenta anos. No entanto, consumir um fae – qualquer fae exceto um real – poderia conferir uns dez anos, mais ou menos, a mais para um centauro. Os reais eram de uma raça bem diferente. Coma um deles, e você ganhou a vida eterna de um imortal. O motivo pelo qual Olho havia avisado que a princesa logo morreria?

Kaysar soltou um rosnado suave. Os centauros pensavam em *comer* sua vingança?

Ah, a dor que logo sofreriam…

Onde estava sua princesa? Ele tamborilou as garras no tronco da árvore, impaciente ao estudar o resto da procissão. No meio da cavalaria, dois guerreiros carregavam uma tora entre eles, uma ponta repousando no ombro de cada macho. Uma mulher pendia do centro. Trapos imundos a vestiam, o comprimento do seu cabelo cor-de-rosa arrastando por sujeira e pedras.

Alívio esmurrou Kaysar, cada fibra do seu ser lhe certificando da identidade dela. Ele havia encontrado a princesa Lulundria.

Nada poderia parar sua vingança agora.

Os centauros haviam amarrado os pulsos e tornozelos dela, pendurando-a da tora como um porco valioso. Uma túnica estava enfiada na boca, as mangas amarradas na sua nuca para ficar presa no lugar. *Eles praticamente a embrulharam para me presentear.*

Talvez ela ficasse tão consumida por gratidão depois do resgate dele, que esqueceria a briguinha que tivera com seu marido, no dia em que fugira dele.

Tentando não sorrir, Kaysar usou o *flitter* até o começo do comboio.

O líder relinchou, depois ergueu um punho, gritando:

— Parem. — Quando se acalmou, a identidade de Kaysar foi conhecida, e a cor drenou da pele dourada do líder. — Rei Kaysar. — O centauro abaixou a cabeça em deferência. — Como… somos abençoados por lhe ver.

Apesar de o soldado ser vários centímetros mais alto do que Kaysar, tremia de medo. Como deveria. Uma pixie cor-de-rosa estava sentada em seu ombro, observando Kaysar com desconfiança.

O centauro perguntou:

— Como podemos servi-lo?

Havia lidado com aquele potro antes. Race, o filho presunçoso do imperador centauriano, considerava a si mesmo um inimigo formidável. Não era.

O macho havia sequestrado um Frostline, contra ordens. Agora, pagaria o preço.

— Chegou à minha atenção que você falhou em pagar o Imposto do Pulso deste mês. — Dinheiros devidos pela disposição de Kaysar de deixá-lo *ter* um pulso cardíaco. — Vai ficar feliz em saber que estou me sentindo benevolente. Decidi que você pode se desculpar com um presente. Vou ouvir seu agradecimento agora.

Piscada, piscada.

— O-obrigado. Mas… — O cavaleiro deu um passo para trás. — O próximo pagamento não vence até a semana que vem.

— O que quer dizer que você já está dois dias atrasado, não é? — Kaysar

repreendeu, gostando do desconforto do homem. — Por esse erro imperdoável, vou esperar o dobro do seu valor normal. Também, com sua insistência, vou escolher meu próprio presente.

— Claro, mas…

— Mas? Não me lembro de solicitar um debate sobre isso. Agora, o que devo escolher? — Com as mãos unidas nas costas, Kaysar perambulou pelas fileiras. Ninguém queria morrer, então ninguém tentou impedi-lo. Não empurrar todo mundo para os lados e correr para a princesa precisava de imenso esforço. Por algum milagre, ele manteve um passo vagaroso e sem pressa.

Race trotou para seu lado.

— Talvez me permitiria auxiliar na vossa seleção? Fico feliz em dizer para meus homens lhe mostrarem tudo o que temos enquanto você se senta e descansa. — Ele bateu palmas em um comando.

— Não — disse Kaysar com simplicidade, ninguém ousando correr para perto. Finalmente sua paciência foi recompensada. A tora apareceu na sua visão… e lá ela estava. Princesa Lulundria da Corte Estival, com ligações matrimoniais com a Corte do Inverno.

Prazer desabrochou. Tão perto do seu objetivo.

Enquanto ela lutava com as amarras, seus olhos se encontraram e… ela parou. Kaysar tropeçou. Para permanecer de pé, usou o *flitter* como seu próximo passo. Uma vez firme, parou. Seu coração trovejava no peito.

Aquela não era Lulundria.

Ah, ela tinha o cabelo rosa necessário, mas as mechas eram intercaladas por castanho-escuro. E sua pele… ela brilhava com luz radiante, um farol. Ele poderia instigar um eclipse se parasse entre ela e o sol?

Ela tinha as feições mais delicadas, lembrando-o de Drendall, a boneca que sua irmã carregava. Uma perfeição tão imperfeita. Um tesouro escondido que precisava de mais estudos. Uma testa larga que levava a sobrancelhas mais grossas do que o comum. Olhos grandes. Primorosamente grandes. Cílios pretos longos cercavam as íris da cor de uma floresta ao pôr do sol.

Kaysar puxou o colarinho. Olhar naqueles olhos fazia algo com ele. Movia algo. Ele não compreendia ou gostava. Mas não queria que parasse. Fazendo uma careta, forçou sua atenção para a próxima característica dela. Bochechas rosadas. Um nariz de botão. Lábios vermelhos e suculentos partiram ao redor da mordaça. Uma pequena covinha marcava o que parecia ser um queixo teimoso.

Ela morreu, e ainda assim ela vive.

As palavras de Olho se repetiram dentro de sua cabeça. Lulundria havia morrido e… essa garota havia comido o coração dela, de alguma maneira se *transformando* na princesa fae? Não. Errado. Os centauros não se transformavam nos reais que comiam.

Ela poderia ser outra princesa da Corte Estival?

Não, de novo. Ele *sentia* Lulundria.

Ela havia usado uma ilusão mágica antes? Era possível. Alguns fae possuíam tal habilidade.

— Você não a quer — disse Race, depois forçou uma risada. Ele esfregou as marcas vermelhas pontilhando seu peito. — Ela morde.

Melhor ainda.

— Dê ela para mim. — Não podia mais mascarar sua ansiedade, as palavras escapando dele. — Eu a quero. Ela é minha.

Com o tom endurecendo, Race falou para ele:

— Peça qualquer outra coisa de mim. Mas a garota, vou ficar com ela.

O centauro percebera que havia colocado uma mão no punho da espada?

Ao redor deles, os soldados ficaram tensos. Os machos poderiam não querer desafiar o rei das Terras Noturnas, mas obedeceriam ao líder. Afinal, queriam o que ele queria. Algumas mordidas da garota, garantindo sua vida eterna.

Novas faíscas de raiva acenderam, queimando por Kaysar.

— Você pode ser o filho de um imperador, mas habita as Terras Noturnas. *Minhas* terras. Esqueceu-se da minha regra?

Race se eriçou, mas grunhiu:

— Não esqueci.

— Fale-a. Diga-me a regra.

O centauro arfava todas as respirações. Uma tentativa de controlar seu temperamento?

— Não desembainhar uma arma na proximidade de Kaysar a não ser que planeje matá-lo — falou, forçando as palavras entredentes.

— Isso mesmo. Então, você vai remover a mão da sua espada e me presentear com a garota, ou vou matar você e todos os membros do seu grupo de caça. Posso voltar a atenção para suas famílias em seguida. — Kaysar não ameaçava. Ele garantia. — Decida. Agora.

CAPÍTULO SETE

O gostosão de cabelo escuro da visão de Cookie! Ele estava aqui, era real, e era amedrontador. Ao mesmo tempo lindo e terrível, com um brilho ameaçador nos olhos. Um anjo misturado com um demônio, tanto assombroso quanto assombrado.

Ele ficaria supergostoso em uma foto de registro criminal.

Na visão, ela havia comparado àqueles olhos escuros a uísque com gelo. Em pessoa, eles eram inflamados. Antes, ele tinha barba por fazer. Agora, estava com a barba cheia. Ele era até mais alto do que ela havia pensado. Quase dois metros de altura de guerreiro puro, com a massa muscular mais sublime.

Duas espadas com detalhes elaborados se cruzavam em sua nuca, gemas preciosas brilhando dos punhais. O tipo de arma que ela usava no jogo.

Uma camisa branca grudava em seu peito largo, formando um *v* no colarinho para revelar uma sombra de pelos pretos e a alusão de tatuagens. Linhas e pontos. Calças de couro rasgadas se esticavam por coxas poderosas, as barras enfiadas em botas de combate gastas. Garras de metal cobriam a ponta de seus dedos. Ele usava meia dúzia de anéis encravados com… dentes?

Se alguém podia conseguir uma vitória impossível contra os centauros, era aquele homem. Ainda mais considerando que era dono da terra. Vantagem de casa, baby. Isso sim é um aliado perfeito para um peixe fora d’água. Mas o que ele planejava fazer com ela depois da batalha? Toda vez que olhava para ela, ele se iluminava como uma criança no Natal, ansioso para arrancar as cabeças dos novos brinquedos.

Natal… casa… *Algum dia verei minha família novamente?*

Pobre Pearl Jean. Pobre Sugars. Eles não sabiam o que acontecera com ela, onde estava, ou mesmo se ela vivia. Como eles deviam estar perdidos.

O que você está fazendo, lamentando? O jogo ainda não acabou. Lute!

A primeira prioridade de Cookie havia se estampado em seu cérebro – chegar em casa por qualquer meio necessário. Se tivesse que derrotar um exército, ela derrotaria um exército. Se precisasse matar, mataria. Sem dúvida. Ela costumava treinar esfaquear pessoas. Os movimentos, apenas os movimentos. E apenas para ter uma melhor compreensão do seu avatar. Mas…

Em uma parte profunda e secreta, ela talvez meio que… gostasse. Aquela mesma parte profunda e secreta ansiava por matar seus captores e deixar seus corpos apodrecendo no chão. Uma hora atrás, Cookie havia acordado assim, presa e assolada pelo cheio de cavalos e suor enquanto pendia de uma tora. A pressão constante ardia as articulações nos ombros, nos tornozelos e no quadril. Seu corpo gritava em protesto. Formigas e outras abominações rastejavam por todo seu corpo, fazendo-a se coçar. Se pudesse tirar todas as camadas de pele, ela não seria nada além de músculo cruento naquele momento.

Os centauros a haviam amarrado como um aperitivo perfeito para qualquer churrasco ao ar livre, planejando se esbaldar dela no estilo de buffet-coma-o-quanto-puder.

Espero que você seja tão saborosa quanto parece, garotinha. Logo você será um assado no rolete, e vou roer até os ossos.

A provocação de mais cedo ecoou, criando uma faísca de fúria. Enquanto os cavalos-homens a levavam pela *Candyland* dos Pesadelos, eles especularam a respeito de quais temperos usar na sua carne assada. Eles discutiram manter ninfas como bichinhos de estimação e se apropriar de mortais como servos. Ela havia fluído de histeria para raiva, para modo de jogo, fazendo o seu melhor para pensar em uma saída.

Quantos mais os centauros haviam machucado? Quantos mais machucariam no futuro, se fosse permitido que vivessem?

Ah, sim, ela *ansiava* por matá-los. Um desejo que surgiu de um lugar muito mais profundo do que seu lado mesquinho e vingativo que se deliciava quando testemunhava a queda de um vilão. Um lugar que ela nunca teve coragem de

encarar antes. Mas ela o encararia.

Por qualquer motivo, ela nunca se sentira mais viva.

— Estou farto de esperar — disse o gostosão com a voz incrível. O nome dele era Kaysar. Foi ele quem dera o comando para voltar, e cada vez que falava, ela estremecia.

Para Cookie, ele aparentava ser um homem que matava sem hesitar, sem suar ou se arrepender de suas ações. *Então por que ele fica* mais *atraente a cada minuto que passa?*

— Responda — falou. — Antes que eu comece a cantar.

Cada centauro emitiu um protesto apressado. Centauros de carne e osso. Um fato que poderia surpreendê-la para sempre.

Por que o recém-chegado a queria? Por que lutar contra um exército para reivindicar uma estranha?

A não ser que ele também tivesse planos nefastos para ela?

Apreensão a abalou. Antes que cedesse ao pânico, ela deveria considerar os fatos. Na sua visão, a mulher de cabelo rosa pulara na frente deste homem, como se para protegê-lo do Viking. Se ela o amava o bastante para salvá-lo, ele poderia não ser um cara tão ruim. Mas o que acontecera com a Rosa depois que fora atingida por aquelas adagas de gelo? Ela sobrevivera? Esse homem a procurava?

Cookie pensou que o coração fosse parar com o pensamento, outra pergunta surgindo. Ela compartilhava uma conexão com a mulher? Ela havia sentido um salto durante a visão. Agora, ela sentia um puxão inegável de afinidade. Um conhecimento que ela não deveria ser capaz de discernir…

Eu tenho o coração dela.

O conhecimento surgiu, brilhante e certeiro. O homem também sabia a verdade? Ele podia sentir? Ele viera pelo coração de sua… amante?

Ele adorara a bela de cabelo rosa?

Se ele pudesse encarar vinte centauros e sobreviver, ele poderia ajudar Cookie. Ali, existiam ameaças das quais ela nada sabia. E nunca esqueceria as duas ameaças da qual tomara conhecimento em primeira mão – pixies traiçoeiras

e trepadeiras venenosas. Ela precisava de um aliado. Um companheiro de time. Alguém que conhecesse o terreno.

Gostosão se moveu para um raio de sol mais forte, como se estivesse se preparando para o combate, e a respiração dela falhou. Seu cabelo preto brilhava com tons de cobalto, sua pele morena cintilando com toques de ouro derretido. Ele tinha as orelhas pontudas mais adoráveis de todos os tempos, perfuradas com metal.

— Seu silêncio me diz que você preferiria que eu tomasse a decisão por você, Race. — Confiança grudava nele, uma segunda pele que exalava arrogância. — Isso é verdade?

A voz dele havia ficado mais grave, despertando células que ela não sabia possuir, prazer de repente tomando cada ponto de dor. A sensação perdurou apenas por um momento, e ela ficou faminta por mais.

Espere… o quê? *Mais?* Vergonha queimou suas bochechas. Ficar excitada por causa da voz de um estranho – no meio de uma situação de vida ou morte – não era nada bom. Mesmo para Cookie.

— Eu… Você… — Olhando de Cookie para o Gostosão, o centauro de nome Race manteve a mão segura no punhal da espada. — Eu vou ficar com a garota?

Fora Race que a encontrara no lago, e ela se deleitou quando suas respirações ficaram mais rasas. Que provasse um pouco do terror que causara.

— Você parece incerto — respondeu Gostosão, suave como seda. Ele deu um sorriso que era puro mal. — Devo admitir, esperava que escolhesse esse caminho.

Ele pareceu mudar o peso de uma bota para outra e nada mais, mas um órgão sangrento apareceu em sua mão.

Uau. Ele atacara tão rápido que ela não tinha percebido? Ele havia se teletransportado? *O quê?*

Race apertou o buraco no peito, vermelho se acumulando entre seus dedos. Olhos se arregalando com dor e uma compreensão cada vez maior da sua morte iminente, ele caiu. Seu corpo se contraiu uma vez, duas, depois relaxou sobre a

grama. Uma poça de carmesim se formou ao seu redor.

O que não era nem um pouco nojento como ela esperava. Não era nem perturbador.

Era *merecido*.

Murmúrios de choque irromperam conforme os outros centauros compreendiam o destino do líder. O soldado na frente de Cookie se surpreendeu, relinchando, e inclinando o alinhamento dela. Ela escorregou pela tora. O outro soldado não conseguiu se manter firme, e a tora escorregou do seu ombro.

O tronco e Cookie bateram no chão. Ar saiu de seus pulmões e poeira subiu à sua volta. Ela tossiu, desesperada por oxigênio, e…

— Argh! — Um centauro andou em seu tornozelo, triturando os ossos.

Cookie gritou por trás da mordaça, luzes piscando, cegando-a. Náusea revirou seu estômago. Ela arfou suas respirações, a agonia ameaçando desligar sua mente. *Fique acordada, apenas fique acordada.*

Não vou ser um alvo fácil. Ela piscou, balançou a cabeça, ativou sua magia de cura. Sua visão clareou, e ela inclinou a cabeça para procurar por Kaysar…

Um por um, os centauros caíram, cada um jorrando sangue. Ou faltando uma cabeça. A cada piscada ou outra, ela vislumbrava Kaysar enquanto ele se movia pelo esquadrão. Carmesim o ensopava, sua expressão de puro êxtase.

Ele amava aquilo.

Terror a segurou e apertou. Okay. Talvez ela não precisasse da ajuda dele, afinal de contas. Se ela entendera errado a visão, se ele algum dia focasse sua mira assassina em Cookie, ela perderia. Por enquanto, era melhor ela navegar pela floresta e seus perigos que ela era capaz de sobreviver sozinha.

Ela pulou e se contorceu, fazendo o possível para soltar os braços da corda enquanto se arrastava pela tora. Se ela falhasse em ter êxito desse jeito, ela planejava ter êxito do outro.

Devagar. Pense. Medo está guiando, urgência se acomodando.

Ela ignorou o aviso. Cookie queria sair daquilo… Sim! Viu? Sucesso. Uma mão livre, depois a outra. Jogando as mãos para cima, arrancou a mordaça,

depois trabalhou na corda em volta do seu pobre tornozelo machucado. Para sua incredulidade, ela já havia começado a se curar. Em questão de minutos, ela poderia até estar pronta para correr.

Vamos, vamos. E se Kaysar mirar nela em seguida?

Por fim, a corda cedeu. Cookie ficou de pé e deu uma olhada rápida pelo campo de batalha, ficando tensa enquanto compreensão a acometia. Apenas dois centauros permaneciam. Hora de ir.

Ela se lançou para a frente, perdendo as pantufas ao correr pelo limite das árvores…

— Não!

Kaysar apareceu, imponente, na frente dela. Sem conseguir diminuir a velocidade, ela colidiu com ele e quicou, tropeçando, mas permanecendo de pé.

Respire. Apenas respire. Aquilo era bom. Tudo estava bem. Sim, okay, ele parecia um pouco insano naquele momento, os olhos maníacos ao analisá-la da cabeça aos pés. Mas. Ele não retaliara quando ela colidiu com ele. Suas intenções para com ela poderiam não ser terríveis.

Ela recuou, passo a passo, mas manteve o olhar nele, por via das dúvidas. Sangue ensopava um corpo poderoso zunindo com agressão. Depois de todo o dano que causara, ele não estava sem fôlego. Se um centauro conseguira machucá-lo, ela não encontrou evidência de ferimento.

Com a voz num rugido indutor de êxtase, ele perguntou:

— Onde você pensa que vai?

Para longe daqui? Para sempre? Dedos cruzados.

Cookie parou a uma boa distância e ergueu as mãos, com as palmas para fora. Um gesto de inocência ou uma tentativa de afastá-lo, ela não tinha certeza. De qualquer maneira, até ali tudo bem.

— Oi. Olá. Primeiro, não conseguiria agradecer o bastante por me salvar. Apesar de não ser uma fã de ser uma dama em perigo, estou feliz por não estar morrendo. — *Bem sutil.* Mas verdadeiro. — Certo? Não estou morrendo?

Segundos eternos passaram sem uma resposta.

Okay. Seguindo em frente e tentando outra vez. Do jeito de Cookie.

— Sou Cookie Bardot. Bom, meu primeiro nome, na verdade, é Chantel, mas meus amigos me chamam de Cookie. Aparentemente, *cookie* foi a primeira palavra que eu disse, e também tudo o que queria comer. Mas estou tagarelando, desculpe. Eu faço isso quando apareço em um mundo estranho, onde monstros mitológicos olham para mim com talheres mentais e um cara com orelhas sensuais aparece e mata todo mundo. — Ela forçou uma risada ofegante, as bochechas aquecendo. Ela disse para um maníaco homicida que ele tinha orelhas sensuais? — De qualquer maneira. Para resumir, pode me chamar do que quiser.

Ele dedilhou as orelhas antes de balançar a cabeça e abrir uma carranca.

— Chantel? Cookie? Não. Seu nome é Lulundria. Mas posso ser persuadido a usar o nome Drendall em raras ocasiões.

Ô-ou. Ela detectou um toque de raiva. Raiva. De um assassino sem escrúpulos que não mostrou nada de raiva enquanto arrancava as entranhas dos centauros.

— Claro. Vou responder como Lulundria. Ou Lulu. Até Lue. Ou Drendall. Dren também é legal. — Quem eram essas mulheres? — Sou fácil. De lidar, quero dizer. Não fácil… esquece. Você entendeu.

Ele semicerrou os olhos.

— Você é ela, mas não é.

A mesma coisa que a primeira leva de pixies disseram. Não que ela seria estúpida o bastante para confiar em uma pixie outra vez. Na verdade, se ela colocasse as mãos na rosinha, ela deixaria de ser curiosa com assassinato e passaria a se alegrar com assassinato.

Cookie continuou com cuidado:

— A Lulundria, hum… a *outra* Lulundria tinha cabelo rosa e olhos verdes?

As feições esculpidas de Kaysar escureceram. Ele deu uma inclinada firme na cabeça.

— Tinha.

Lulundria. O nome foi reconhecido, e mais uma vez ela sabia. Sua doadora.

A mulher que vira na visão. Que ela reconhecia em um nível celular, apesar de nunca terem se conhecido.

Contar ou não contar para esse homem? E se ele a salvara apenas para conseguir respostas a respeito do transplante? Uma vez que soubesse a verdade, não teria uso para ela. Pior, e se ele acreditasse que ela era, de alguma maneira, responsável pela morte de Lulundria?

Por outro lado, e se a informação lhe conseguisse um protetor e um guia para casa?

Mediante o silêncio, ele se aproximou como se fosse um predador. Aproximou-se mais…

Ela permaneceu no lugar, imóvel, o coração batendo mais forte e mais rápido, como se estivesse no meio de uma maratona. Quando ele parou a apenas alguns centímetros de distância, ela sentiu seu cheiro e se liquefez. O que *era* aquilo? Doce, mas apimentado. Intoxicante. Ele andou em círculo à sua volta, e ela deixou fazê-lo sem reclamar, permanecendo enraizada onde estava. Em parte, por medo. Em parte, por… não medo, um desejo crescente de se aninhar em sua força.

Tão desesperada por um companheiro de equipe que vai entrar na jaula do urso?

Ele parou atrás dela, o hálito quente roçando na sua nuca. Os arrepios mais deliciosos se espalharam por ela.

— Você é muito mais bonita do que ela era. Um objeto de desejo que poucos têm a força de resistir. — Ele ronronou as palavras direto na orelha dela, envolvendo os poderosos braços em sua cintura, cobrindo-a. Tap. Tap. A ponta da garra de metal beijava a barriga dela repetidas vezes sem cortar suas roupas. — Me conte, garota. Eu a deixo apreensiva?

A sensação dele…

— Você me deixa apreensiva, sim — admitiu, recebendo um sobressalto de surpresa dele. *Entre outras coisas.*

Cookie não se pressionava contra um corpo duro e masculino há tanto tempo.

Como ela sentira falta do calor. Da sensação de proximidade. Da segurança. Pela primeira vez, ela não se sentia oprimida por solidão ou ruína iminente.

Tap, tap, tap.

— Você em particular não tem motivo para temer seu tempo comigo, mulher. — Tap, tap. — Não neste momento.

E mais tarde?

Ela decidiu arriscar. *A verdade a libertará.*

— Sinto muito dizer isso, mas acredito que sua Lulundria esteja… morta. Sinto muito — repetiu. — Meu coração era defeituoso, e estava morrendo. Ela não precisava mais do dela, então os médicos o transplantaram para dentro de mim. Depois da cirurgia, comecei a mudar. Meu cabelo. Meus olhos. — As trepadeiras.

O guerreiro brutal ficou tenso. Ela se preparou para um grito de negação, ou uma acusação de desonestidade.

Ele apareceu na frente dela, que gritou. Como ele estava *fazendo* aquilo?

— Você detém o coração de Lulundria no peito? Ela sobrevive em você? — Ele colocou dois dedos sob seu queixo e inclinou sua cabeça para a dele, revelando um sorriso deslumbrante. Ele era a tentação em pessoa. — Isso é maravilhoso. Maravilhoso mesmo.

CAPÍTULO OITO

Kaysar não detectou nenhuma mentira na confissão da beldade, a verdade o acertando com toda a sensibilidade de uma bola de canhão. Lulundria *havia* retornado para Astaria. Ela voltou como esta boneca viva – essa Drendall viva – cujo rosto de feições finas ao mesmo tempo o deixava mesmerizado e desconfortável.

Uma mulher como qualquer outra? Dificilmente.

Poderia olhar para essa mulher por todos os dias para todo o sempre, e não seria tempo o bastante. E o corpo dela… Toda aquela pele pálida e radiante. O topo da cabeça dela alcançava os ombros dele. Por pouco. Ela era baixa, mas cheia de curvas, usando uma túnica cor-de-rosa com um texto escrito no meio. “Dona de Casa Mãe de Gato.” Nas pernas estava um material preto que parecia ter sido pintado na sua pele. Moda mortal?

Ele fez uma careta conforme o impensável acontecia – ele endureceu sem permissão da sua mente. Mas por que isso aconteceria? As pessoas respondiam a ele; ele não respondia às pessoas.

Apesar da reação sem precedente, ela ajudava a causa dele. O coração de um Frostline por casamento batia no peito daquela ex-mortal, garantindo que Lulundria continuasse a sobreviver. Garantindo que sua conexão com Jareth e Hador continuasse.

A princesa não era a primeira fae real a estender a vida dessa maneira, mas existiram poucos que ousaram se aventurar nesse caminho em particular. A mente era um escape para o coração, a bateria de qualquer *glamara*, e todas eram diferentes, nenhum intelecto era igual. Quanto mais tempo Chantel carregasse o coração de Lulundria, mais seus pensamentos e personalidade a moldariam. Para melhor ou pior.

Quer ela percebesse ou não, era infalivelmente imortal, incrivelmente poderosa e indiscutivelmente fae. Cada uma das cinco cortes agora a reconheciam como membro da realeza Estival *e* do Inverno. Os próprios pais de Lulundria a receberiam de braços abertos. Jareth também. Os votos de casamento dele exigiam isso.

O príncipe não tinha escolha além de aceitar essa estranha como esposa – e o bebê Aoibheall que logo cresceria em sua barriga.

Um bebê que Kaysar nunca conheceria.

Ele… não estava certo de como se sentia com a ideia, agora que a vitória estava tão próxima. O que pertencia a Kaysar, pertencia a Kaysar. Sempre. Sem exceção. Ele não compartilhava com ninguém. Nunca. Ele se *recusava* a compartilhar. E ainda assim, ele planejava dar seu sêmen a essa princesa? Sua progênie? Um bebê inocente entregue para o príncipe Frostline? Colocado ao alcance de Hador?

Fúria surgiu com a incongruência, sempre a postos, a necessidade de matar alguém, qualquer um, quase irresistível. No lugar, Kaysar passou as garras no antebraço. O leve formigamento o lembrava de seus mapas. Sua irmã. Seu porto seguro em qualquer tempestade.

Ele se equilibrou e se acalmou, certo de que solucionaria o dilema amanhã. *Vingança primeiro, todo o resto em segundo.*

Hoje, o destino *queria* que ele cuidasse da punição dos Frostlines. Diferente da Lulundria original, essa mulher não havia passado a infância ouvindo histórias sobre o Desequilibrado. Qual motivo ela tinha para resistir a ele?

Sem dúvida seduzi-la seria ridiculamente fácil.

— Quem você é para mim? — perguntou ela, uma coisinha desconfortável. Primeiro, ela mudava o peso de um pé descalço para outro. Depois, afastou as mechas rosa e pretas da testa. *Depois* ela massageou as abrasões marcando seus pulsos. — Quem você era para Lulundria?

Seu sotaque era suave, líquido e preguiçoso de um jeito agradável, como xarope de bordo quente servido sobre os bolos de frutas vermelhas da mãe dele.

Uma delícia que ele não havia considerado em séculos. Agora, sua boca encheu de água.

Uma pontada queimou seu peito, mas ele ignorou, aumentando o foco, controlando as expressões. *Que comece a sedução da princesa.*

Hoje ele conversava com ela. Se recebesse encorajamento, ele tocaria. Mas nada além de algumas carícias leves. Para mantê-la grudada ao seu lado a longo prazo, ele precisava conquistar sua confiança antes de reivindicar seu corpo.

— Sou Kaysar de Aoibheall da Corte da Meia Noite, ao seu dispor. — Nenhum motivo para mencionar sua designação. "Desequilibrado" pode ser um pouco difícil de explicar no começo.

— Kaysar — repetiu ela, seu jeito de falar lento transformando o *zar* em *ssar.*

A pontada apenas se intensificou. *Ignore.*

— Quanto à outra pergunta, só você sabe quem eu sou para Lulundria. Você só precisa lembrar. — Filtrando a ansiedade do tom, ele perguntou: — Você reviveu alguma das memórias dela?

Ela balançou nos pés.

— Só uma, e só um fragmento, mas foi o bastante. Um homem atirou adagas de gelo nela. Ele a *machucou.*

Ora, ora. A ira calma dela era totalmente deliciosa. Ainda melhor, ela havia se referido a Jareth, seu marido, como um "homem". Um estranho. Ela considerava o príncipe um assassino impiedoso.

O primeiro sinal de satisfação provocou Kaysar. *Quase minha.*

Ele fingiu pensar no assunto e concordou.

— Talvez seja melhor não procurar nenhuma outra memória. E se forem piores?

— Sem dúvida, não quero lembrar as memórias de outra mulher. Mal dou conta das minhas.

Isso, ele compreendia. Kaysar fez outro círculo ao redor dela, inspecionando seu prêmio mais uma vez. Mas uma vez não era o bastante. Tinha muito dela para se aproveitar, então ele continuou. Com cada volta, ele aumentava a

distância entre eles para sorver mais dela. Nenhuma mulher tinha direito de ter um cheiro mais doce do que videira venenosa. Ainda mais aquela mulher.

Desejos desconhecidos o acometeram. *Beijar. Lamber. Tocar.* Por prazer.

Ira sempre à frente, ele fez uma carranca. Kaysar sentir prazer com uma Frostline, fazer coisas que considerava uma tarefa?

— Você está mandando sinais confusos, e não sou fã disso. — Para essa análise, ela se moveu com ele, seu olhar grudado bem firme nele, não importava onde Kaysar parava. — Você está planejando fazer coisas vis comigo ou não? Pra ser sincera, não sei dizer.

Ele respondeu sem pensar.

— Diga-me sua definição de *vil*.

Ela deu duas piscadas rápidas, uma lufada de ar partiu seus lábios em um silvo. Um sorriso grande se espalhou.

— Caraca, você é gostoso. Vou ser honesta. Acho que você está a fim de mim. E eu admito, posso estar um pouco a fim de você também.

Aquele sorriso o imobilizou na hora e roubou seu fôlego. *Primoroso.*

Encontrou o olhar dela e forçou um sorriso próprio. Ele tinha pagado as melhores concubinas do reino para ensiná-lo como encantar e intrigar, e ele utilizava essas habilidades agora.

— Você não está errada… Chantel. Estou muito *a fim* de você.

Relaxando mais, ela perguntou:

— Onde estamos?

— Isto é Astaria. — *Sua nova casa.*

— Astaria — ela ecoou, observando o terreno em volta deles. — Não Rhoswyn? Ou Loloria? Ou Enchantia?

— Há cinco reinos fae, também conhecidos como cortes. Meia Noite, ou Terras Noturnas. Verão. Outono. Primavera. E Inverno. — Ele falou o último entredentes. — Também há um território conhecido como Terras Crepusculares. Neste momento estamos na Floresta de Muitos Nomes.

— Fae — chiou ela. — Sabia. Mas estamos falando de Seelie e Unseelie? Ou

isso sequer importa?

— Fae são fae. — Insatisfeito com a distância, Kaysar se aproximou, retornando ao campo de força floral de Chantel. Seu sangue se aqueceu devagar, borbulhando… fervilhando.

Seu cheiro o lembrava de videira venenosa – não, não videira venenosa, não exatamente, mas um tipo mais potente e mais puro. A cabeça dele anuviou.

— Devo lhe contar como Lulundria e eu nos conhecemos? — perguntou de maneira sedosa.

— Sim, por favor — falou, rouca, lambendo os lábios rubi.

Tensão contorceu-se dentro dos músculos dele como nunca, um choque ao seu organismo.

— Seis meses atrás, encontrei Lulundria nessa floresta com o marido, um príncipe Invernal. O homem mau que você viu na memória. Com minha ajuda, a queridinha Lulundria escapou, fugindo. Eu a procurei desde então. Eu a *desejei* desde então. — Ele observou sua expressão enquanto dizia: — Agora desejo você.

As feições dela suavizaram, evaporando qualquer tensão remanescente.

Ah, sim. Essa sedução era mesmo ridiculamente fácil. Ela procurou seu olhar. Para sua consternação, a tensão dela voltou aos poucos. Quando a metamorfose completou, ela se empertigou com tudo, deu um passo para trás para aumentar a distância entre eles.

— Posso ter o coração de Lulundria, mas garanto a você, não sou ela.

Ele ralhou:

— Qual uso tenho para você, se você não é Lulundria?

Ela deu mais um passo para trás. Bom. Deixe-a temer o temperamento do homem que decidiria seu destino. Como uma Frostline, todas suas respirações eram um presente de Kaysar. Deixe-a ver o sangue dos inimigos que ele havia massacrado em seu nome.

Em *seu* nome? Não. Cada assassinato servira ao mestre, vingança. Nada importava mais do que a dor e sofrimento do marido dela.

— E mais — falou como se a explosão dele não significasse nada. — Não quero ser uma princesa. Elas são as personagens mais fracas.

Ele não fazia ideia de como responder. Respirou fundo. Soltou. Kaysar deu à princesa sua melhor imitação de um sorriso tranquilizador.

— Você *é* Lulundria de todas as maneiras que importam. Você também está casada com o príncipe que a matou. — Para aumentar ainda mais a desconfiança do príncipe, ele contou: — Jareth perfurou os órgãos internos de Lulundria com gelo bem na minha frente. Lutei com ele e corri atrás dela, com intenção de curá-la e protegê-la. Mas em sua dor, o medo levou a melhor e ela criou suas trepadeiras. As ramas a arrastaram por um portal e ela desapareceu.

— Trepadeiras também me arrastaram por um portal. — No seu fervor para saber mais, ela perdeu a relutância e se aproximou. — No segundo que passei por ele, as ramas murcharam.

Como um professor para seu estudante, ele disse:

— Porque você é uma criadora de portais. Você abre e fecha portais para os mundos mortais e fae.

— Então, posso ir para casa? — Alívio saía dela em grandes ondas arrebatadoras, acordando uma corrente confusa de… algo dentro dele. — Posso ir para casa! — Ela diminuiu o resto do espaço e segurou a túnica dele. — Como abro um portal? Você sabe?

Ele desejava responder, mas sua voz havia parado de funcionar. Sua cabeça rodopiava com pensamentos selvagens e incontroláveis que ele não conseguia compreender. O corpo dela estava rente ao dele. Tão quente. Tão suave. Seios. Seios estavam esmagados contra seu peito. Seios cheios.

Prazer o açoitou como um chicote de mil pontas, arrancando um gemido do fundo do seu ser. Seu membro reagiu sem ordem da sua mente mais uma vez, ficando duro como ferro. A vontade de se esfregar nela era quase impossível de resistir.

— Você não pode — falou, rouco. Ele mal se impediu de envolvê-la nos braços. Primeiro ele deveria controlar essa reação estranha e não apreciada. — A

abertura de um portal sempre drena o criador. Apesar de provavelmente ainda ser capaz de criar trepadeiras, não será forte o bastante para fazer outro portal por semanas ou meses.

Meses. Humm. Ele vivera milhares de anos, e viveria milhares mais. Como ele podia obter satisfação permanente através da conexão daquela mulher com Jareth em tão pouco tempo? E se ela falhasse em conceber antes de sua habilidade recarregar?

Além de acorrentá-la, uma solução temporária e entrave para seu objetivo, ele não tinha como contê-la.

— *Você* também é um criador de portais? — perguntou.

Calmo. Firme.

— Não sou. Poucos são.

— Bom, isso é ótimo. — Ela bufou, apoiando a testa contra o esterno dele. Uma pose derivada da decepção ou necessidade de conforto? — Um período de resfriamento para uma habilidade que não sabia que tinha e não tive intenção de usar.

Resfriar? Sim. Ele deveria resfriar. Deveria usar um *flitter* para fora do alcance e escapar do calor sendo gerado entre seus corpos e se livrar das coisas maravilhosas e horríveis que ela continuava a fazê-lo sentir.

Em vez disso, ele a envolveu com um braço, segurando firme. As pontadas que experienciara mais cedo devem ter causado algum dano residual no seu peito. Deixado fraturas. Alguma coisa. Porque algum instinto há muito enterrado ressuscitou, subindo a superfície. *Desejo… mais… dela. Devo proteger…*

Ela ergueu a cabeça e ele soube. Ela não estava decepcionada; ela havia procurado conforto dele. *Dele.*

— Bom. Não importa — falou. — Uma vez para baixo, não significa sempre para baixo, certo?

— Óbvio — respondeu, sem ter ideia do que ela queria dizer. Kaysar não conseguiu se impedir. Ele traçou duas pontas de garras pelas bochechas dela e colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha, com cuidado para não cortar sua

pele. — Quais da pletora de habilidades da Lulundria você exibiu?

Animada, ela pulou um pouquinho.

— Quantas é uma *pletora*?

— Não tenho certeza. Mais do que uma dúzia menos que duas dúzias? — Novos desejos lutaram por domínio. Para ouvir Chantel tagarelar mais coisas sem sentido. Para aumentar sua animação. Para acariciar seus lugares mais suaves e ver seus olhos anuviarem. Para empurrá-la contra uma árvore e arrancar aquelas calças justíssimas. Coisas que ele nunca fantasiou em fazer com outros.

Como ela o estava afetando desse jeito?

— Todos os fae têm uma *glamara*, a habilidade mais forte deles — explicou ele. — Mas alguns podem viajar grandes distâncias em segundos ou mesmerizar com um olhar. Outros criam ilusões. E a lista segue.

— *Você* é fae. — Chantel manteve sua túnica presa e procurou nos olhos dele sem reserva. A maioria das pessoas desviava o olhar em segundos, relutantes a encarar o abismo. Uma pena, ele costumava pensar. Ele pagara um alto custo pelas poças de ódio fervilhantes, e ele gostava de mostrá-las. Agora? Ele pensou que talvez estivesse incomodado. — O que você pode fazer?

— Mais do que uma pletora. — Ele segurou suas bochechas. — Diga que virá para minha casa. Vou cuidar da sua proteção, eu juro.

O bom humor dela desapareceu.

— Sinto muito, Kaysar, mas quero voltar para *minha* casa assim que possível. — Ela se removeu dos braços dele, e ele não pôde fazer nada além de deixar. — Mas adoraria se você me ajudasse a encontrar outro criador de portais.

Ajudá-la a retornar ao mundo mortal? Não. Ela iria para seu palácio. Que ela poderia deixar a qualquer momento que desejasse, assim que aprendesse a usar o *flitter*. O que faria, muito antes de recarregar sua *glamara*.

Ele passou uma garra pelo braço, arranhando a pele. Mapa. Irmã. Calma.

— O príncipe cruel vai lhe caçar. Ele pode estar lhe caçando até mesmo agora, Chantel. E ele vai lhe encontrar. Todos da realeza empregam oráculos. Aqueles que vislumbram o passado, presente e futuro. Mas posso lhe esconder

dele e de seu oráculo. Deixe-me fazê-lo. Cheguei tarde demais para proteger Lulundria, mas não estou atrasado para proteger você.

Sua jura só aumentou a resistência dela, que balançou a cabeça com firmeza.

— Medo não vai me impedir de agir. Não tem garantia que minha *glamara* vai recarregar por completo. Preciso de um plano B.

Ridiculamente fácil, Kaysar?

— Você não pertence mais ao seu antigo mundo — persuadiu ele. — Fique aqui. Você vai ter todo conforto no meu castelo.

Os ombros dela se ajeitaram, e sua coluna endireitou. Ela ergueu o queixo conforme aqueles olhos de floresta ao pôr do sol enregelaram.

— Não quero ir para seu castelo – espere. Tipo, é um castelo de verdade, com torres e masmorras e tal? Quais defesas existem… Não. Não responda isso. Não importa. Vou para casa. Minha melhor amiga e meu gato estão preocupadíssimos comigo. Pearl Jean *não* precisa de outra preocupação, e Sugars tem… particularidades. Vou voltar para eles. Nada vai me impedir.

— Você nunca vai encontrar outro criador de portais. — Ele garantiria.

— *Você* é um oráculo? — indagou ela, um pouco doce demais na opinião dele.

Porque ele sabia onde ela queria chegar com essa pergunta.

— Não — respondeu entredentes, ressentido com a percepção dela.

— Então você não pode saber se vou ou não vou encontrar um criador de portais.

Ele moveu a mandíbula. Ela tinha mesmo intenção de deixá-lo.

— Você não terá sucesso sem minha ajuda — avisou.

— Talvez, mas ainda vou tentar. Você vai ao menos desenhar um mapa na terra antes de nos separarmos e me mostrar o caminho para uma cidade segura?

Um mapa. Sim. Automaticamente, ele arranhou as garras mais fundo, usando o sangue para criar um rápido contorno carmesim dos arredores. Quando terminou, ele estendeu o braço para ela sem pensar.

Ela avaliou os ferimentos, pensativa. Horrorizada?

As bochechas dele esquentaram enquanto silêncio se alongava entre eles. Até as pixies haviam ficado quietas, sem sussurrar mais nas árvores. Com um rosnado, ele abaixou o braço para o lado.

— Espere. Não havia terminado de memorizar. — Ela pegou o pulso dele e manobrou o braço em um raio mais forte de sol. Os cortes já tinham se fechado, mas as linhas de sangue permaneciam. — Me corrija se estiver errada, mas esse é o lago. Essa é a carnificina que abandonamos. O que significa que estamos aqui. — A testa dela franziu ao bater em um ponto perto do pulso dele. — Esse caminho parece levar para uma cidade, certo?

Ela podia ler seu mapa de sangue? Como isso era possível?

Ninguém podia ler seus mapas de sangue.

— Kaysar? — ela instigou, olhando para ele. Uma brisa quente rodopiou entre eles, girando folhas e erguendo uma mecha de cabelo rosa.

Ela era bonita demais. Suave demais. Quente demais. Única demais. Kaysar mordeu a língua até sentir o gosto metálico de sangue.

— Mesmo com o mapa, você não vai encontrar um criador de portais sozinha. Se sobreviver à própria floresta, você pode morrer nas mãos dos habitantes. Você acha que os centauros são maus? Espere até encontrar ogros e trolls.

— Já encontrei. Eles me deixaram em paz.

Sim. Bom. Claro que deixaram. Eles sentiram a conexão dela com os Frostlines, e eles seguiram as regras. Nem mesmo um arranhão na realeza.

— Você já encontrou um goblin?

Ela estremeceu, como se soubesse que horrores esperar dos demônios fantasmagóricos.

— Não, mas não vou abrir mão da minha caçada por um criador de portais.

Mulher teimosa.

— Tudo bem. Vou lhe acompanhar. — Ele desenvolveu um novo plano. Esqueça sedução no castelo. Ele guiaria Chantel pela floresta e para as Terras Crepusculares.

A jornada se provaria exaustiva para ela – porque ele faria com que fosse, forçando-a a fiar-se do conhecimento dele e depender da sua força. Noites passadas sob as estrelas garantiriam que ela procurasse seu corpo por calor.

Assim que a tivesse em seus braços, ela esqueceria todos os pensamentos da antiga casa. *Vou ter minha vingança. E tudo ficará bem.*

— Você vai me ajudar? Mesmo? — perguntou, desconfiada. — A qual preço?

Ah, eles discutiriam o preço em breve.

— Tenho certeza de que pensarei em algo. — Ele a olhou de cima a baixo com a jornada em mente. — Por enquanto, você precisa de sapatos. E suprimentos.

— E armas próprias.

Aquele montinho de morangos com creme queria empunhar armas? Quando ela ergueu uma sobrancelha em desafio, ele apenas respondeu:

— Naturalmente. Vou reunir tudo o que você precisa.

— E o preço de tudo *isso*? — Quanto ela estaria disposta a pagar?

Ele decidiu avançar na direção em que desejava acabar e avaliar a reação dela.

— Diga-me, Chantel. Você teme que exija sexo de você? Ou espera que o faça?

CAPÍTULO NOVE

A pergunta de Kaysar pairou no ar, uma carícia sensual na pele superaquecida de Cookie. Seus olhos cor de whisky brilhavam com alguma emoção concentrada. A necessidade de matá-la? De beijá-la? Excitação ou ressentimento? Mais raiva do que qualquer pessoa deveria conter? Anseio? Esperança?

Insanidade?

Durante a breve interação deles, Kaysar mostrara todas essas coisas e mais, navegando com destreza pela confusão contraditória. Algumas vezes, principalmente quando arranhava aquelas garras de metal nos braços, ele a lembrava de um garotinho perdido… com sonhos de queimar o mundo em cinzas.

Durante esses episódios, ela chegara a sentir camaradagem com ele. Estranho, certo? Prova que *ela* não era bem sã, talvez.

A voz de Kaysar era o equivalente vocal a querosene, e sua intensidade um fósforo aceso. Em um punhado de minutos, ele a incendiara com milhares de desejos e medos diferentes. Cada toque dele a eletrificava, como se ela estivesse programada para reagir a ele. O cheiro dele era entorpecente. O jeito ganancioso com o qual a olhava, como se nunca tivera observado uma criatura mais fascinante, reforçava a confiança dela. *Posso sobreviver a isso.*

E mais, ela meio que gostava de conversar com ele, apesar de seus altos e baixos. Ele oferecera informação que ela procurara desesperadamente, e vez ou outra, ele a fizera sentir gloriosamente segura. Até mesmo – chocante – normal.

Ele queria mesmo ajudá-la?

— Olha. Sexo está cem por cento fora de cogitação. — Para começar, ela nunca usara o corpo como pagamento para nada, e não começaria agora, provavelmente. Segundo, dormir com alguém de quem você precisava era

estúpido. Ele poderia perder o interesse depois. Ou ficar obcecado. Ele era um assassino, e ela tinha problemas o bastante para controlar o próprio lado negro. Não precisava acrescentar o dele na mistura, e embaralhar mais o autocontrole. — Isso nunca vai mudar.

— Eu deveria lhe acompanhar pelo reino de graça? — Ele usou seu tom sedoso outra vez. Ela não sabia se o perigo passara ou havia aumentado. — Tenho deveres para cuidar. Tenho certeza que tem outras donzelas em perigo que posso salvar. Elas podem ser mais receptivas aos meus pedidos.

Ah, isso doeu.

— Você planeja propor isso a todas? — ralhou, irritada que ele a colocara na mesma categoria de donzelas indefesas do folclore. — Se você está pronto para ser realista com as opções de pagamento, estou pronta para negociar. Mas tic toc, Homem Garra. — Ela deu tapinhas com o indicador no relógio de pulso que não estava usando. — Só vou perder mais dois minutos com essa conversa. Depois dou o fora.

Ele deu uma piscada lenta.

— Você se referiu a mim como *Homem Garra*?

Sim. E daí?

— Meus colegas de time recebem apelidos ou não são meus colegas de time. Precisamos de um uniforme, a propósito.

Ele semicerrou os olhos.

— As palavras *colegas de time* implicam que somos iguais. Não somos. Eu faço as exigências e você as obedece. É assim que nosso relacionamento vai funcionar.

Cookie ficou eriçada.

— Você não pode simplesmente decidir que é o líder do time. — Que audácia! — Meu jeito durão e decidido e abordagem sem frescura na batalha inspira confiança nos outros. Quando tenho uma visão, tomo decisões rápidas, e eu nunca me desvio do objetivo, na maior parte do tempo. Eu deveria ser *considerada* para a posição de cocapitã, ao menos.

Kaysar era mais apropriado como o brutamontes. O escudo de carne perfeito. Com ele, ela teria a melhor chance de encontrar outro criador de portais. E também de convencer dito criador de portais a ajudá-la, sem cobrar.

— O tempo está acabando, Kaysar — falou, impaciente para selar essa parceria e colocar os pés na estrada. Ou só para colocar os pés na estrada. De qualquer jeito, ela teria alguma ação.

Atrás dele, o céu escureceu tão de repente quanto se alguém tivesse desligado um interruptor. Um relâmpago queimou num lampejo e sumiu, iluminando o rosto impossivelmente sexual e corpo de deus da guerra do seu companheiro – ela pensou que o coração fosse parar. Porcaria. Ele estava além de sexy-assustador.

Um trovão ecoou, uma tempestade repentina surgindo. A mudança instantânea no clima a sobressaltou, apesar de não saber por quê. Esse tipo de coisa também acontecia no *Floresta do Bem e do Mal*. O designer *deve* ter vivido aqui.

Sim, Mãe. Videogames me deram *uma educação adequada para meu futuro.*

A raiva do seu companheiro – se era isso o que mostrava no momento – dissipou conforme gotas de chuva gélidas caíam.

— Destino está tentando lhe dizer alguma coisa, princesa. — Ele deu um sorriso tenso. — Atravessar a Floresta de Muitos Nomes durante uma tempestade sem minha proteção? Tsc-tsc. Você *quer* morrer?

— E? Está chovendo. Grande coisa. — Gotas molhavam o rosto dela… e o resto. Em segundos, ela estava gelada até os ossos. Com os dentes batendo, ela disse: — Com chuva ou não, vou encontrar um criador de portais, e não vou dormir com você. E não me chame de princesa. — O dia que ela logasse como Cinderela ou Bela Adormecida seria o dia que ela se aposentaria. Complexo de herói? Não, obrigada. Ela preferiria não ter um fardo desses.

Mesmo quando era criança, ela se voltava para personagens como o Chapeleiro Maluco e a Malévola. Modelos reais de pessoas que resolviam as coisas.

— Mas você *é* uma princesa. — No meio de outro lampejo de relâmpago, ele apareceu a um sussurro de distância. Ela arfou quando a mão quente dele queimou sua nuca e o corpo firme de Kaysar pressionou rente a suas curvas. — Você é *minha* princesa.

A reivindicação e o contato a animaram por todos os motivos errados.

Foco.

— Você se teletransportou?

— Chamamos isso de *flitter.*

— *Flitter* — ecoou ela. Por que ele precisava ser tão deliciosamente quente? Tão errado para ela?

Ele "desejava" Lulundria. Ah, sim, e essa Drendall, quem quer que fosse. Outra princesa? Que seja. No final, Cookie não era Lulundria. Quando Kaysar aceitasse a verdade, ele poderia se revoltar. Melhor acabar com todos os pensamentos e vontades sexuais que o incluíam.

— Não sou nada sua agora, Kaysar. — Bom. Ela usou um tom racional. — Mas eu poderia ser sua parceira, se você cedesse um pouco, trabalhando comigo ao invés de contra mim.

O pedido razoável o irritou. Ele afastou os lábios dos seus dentes retos e brancos em uma paródia de um sorriso.

— Vai ficar contente em saber que meu preço não é sexo. Isso, você vai me dar de graça. Não, o que exijo de você é um voto de nunca fugir de mim. E Chantel? Tem uma penalidade grande a ser paga se quebrar sua promessa. Mentirosos não se dão bem na minha presença.

Ela engoliu em seco, uma dura realidade atingindo seu estômago. *E voltamos para letal.*

Ela precisava da ajuda de Kaysar? Sim. Óbvio. Talvez? Ela não sabia de mais nada. Mas não podia mentir ou enganá-lo em nada. Honestidade também era importante para Cookie. Era coisa dela, a linha que ela se recusava a cruzar. Quantas vezes seus pais prometeram levá-la para algum evento ou outro, criando expectativa só para arrumarem uma desculpa?

Ela podia ser ruim em várias coisas, mas sempre mantinha sua palavra.

— Sempre vou ser honesta com você, prometo. — As gotas de chuva continuavam a cair, e ela se pegou inclinando-se na direção dele. — É por isso que não vou jurar que nunca vou fugir de você. Nunca é muito restritivo. — E ele confessara mesmo sua crença que ela era fácil? — Deveria ter exceções.

Se ele testasse o voto dela e ela corresse porque se sentia ameaçada, ele teria a desculpa perfeita para machucá-la. Por que se armar para falhar?

O olhar que ele lhe deu dizia *querida, por favor.*

— Para sua falta de sorte, não tenho necessidade de negociar. Essa é uma chuva da Terra Estival e vai durar a noite toda. Você vai fazer o que exijo ou vai congelar.

Que homem irritante! Ele não cedia. Mas passar a noite toda na chuva? As gotas haviam começado a pinicar como agulhas.

— Olha. Sempre faço o que falo que vou fazer. Então, ou você acrescenta algumas exceções ao seu pedido, ou vou embora mesmo com o perigo. Não — falou quando ele abriu a boca para protestar. — Pense nisso. E se eu precisar fugir de você para salvar minha vida, por qualquer motivo?

Ele pensou, depois assentiu.

— Você tem uma lógica excelente. Mas não haverá exceções.

Argh! Ele estava blefando. Devia estar blefando. Mas *ela* não estava. Quando ela disse a ele que falava sério, *ela quis dizer o que disse, caramba.*

— Muito bem. Recuso sua oferta. Obrigada pela assistência. Agora, tenha um bom dia, senhor. — Ela se soltou da sua mão e deu um passo ao redor dele.

Não. Não ao redor. Ele se moveu com ela, continuando como se ela não tivesse falado.

— Para pagar os suprimentos, você vai me dar uma hora para lhe mostrar por que eu exijo que permaneça ao meu lado. — Finalmente! Uma concessão. Mas era uma armadilha de algum tipo? A alegria ímpia dele dizia que *sim.*

Ele olhou para além dela e se animou mais.

— Vou ter um par de sapatos para você dentro de minutos. — Depois ele

desapareceu sem dar chance a ela de responder, deixando-a na chuva enregelante.

Okay. Mensagem recebida. Ele preferia discutir o negócio da promessa mais tarde. Ela também. Mas, hum, para onde ele fora? Ela deveria esperar seu retorno? Ou fugir enquanto tinha chance?

Um par de botas contra sua liberdade de escolha?

Urgh. Talvez ela pudesse roubar os sapatos dele, *depois* dar o fora? Ela *poderia* se livrar dele sem uma oportunidade como esta? Ele queria a mulher que pensava que ela era. Deixara isso claro. Ela tinha vantagem, mas quanta?

Que outros superpoderes o assustador matador de centauros dominava?

Pergunta melhor: "*Quais outros superpoderes* eu *domino?"*

Com mais frio a cada segundo que passava, Cookie correu para uma área protegida por uma cobertura densa de folhas. No caminho, suas roupas ganharam cem quilos de água. Lama congelante espirrava sobre seus pés descalços. Seus dentes batiam com maior intensidade e os tremores se espalhavam pelo resto do seu corpo.

Quando um clique contínuo de metal contra metal soou, ela fez uma careta. Obra de Kaysar? Ele estava fazendo os sapatos de espadas?

Curiosidade e angústia a venceram. Ela enfrentou a tempestade, correndo no campo do massacre, de onde o barulho se originava, seu olhar procurando. Ali. Kaysar batia uma adaga no cadeado que prendia os prisioneiros na carroça. Ele removera a camisa encharcada, os músculos tensionando e flexionando com os movimentos. Gotas de chuva deslizavam por suas tatuagens. Ah! As linhas e os pontos criavam um mapa detalhado que ela poderia perder dias observando.

Conforme ele trabalhava, mulheres vestidas em trapos gastos gemiam e imploravam por misericórdia.

Talvez ele não fosse um cara tão ruim. Ele decidira ajudar os outros antes de obter os sapatos.

— Quietas — ralhou ele—, antes que eu acrescente suas línguas à minha coleção.

Bom. Ele também não era um cara legal. Mas uma boa ação ainda era uma boa ação, certo?

Ele tem mesmo uma coleção de línguas?

Elas pareciam pensar que sim. Ficaram quietas em um instante. Dobradiças rangeram quando a porta abriu. Ele voltou para as sombras, permitindo aos prisioneiros saírem da carroça. Até que, com reflexos super-rápidos, ele pegou uma mulher pela roupa, arrastando-a para seu lado.

— Seus sapatos — falou, sua voz dura e fria como aço. — Dê para mim.

A mulher chorosa apertou os olhos bem fechados e assentiu, abaixando para soltar as sandálias.

Ah, não, não, não.

— Pare — gritou Cookie, correndo para eles. — Fique com os sapatos. — Roubar a propriedade de uma pessoa inocente para se salvar? Um grande não. Não fora do videogame, pelo menos.

A dona dos sapatos parou, esperançosa ao olhar de Cookie para Kaysar.

Ele encontrou o olhar de Cookie. A chuva aumentou, lavando a evidência de sua batalha anterior.

— A mulher vai me dar os sapatos ou vou tomá-los. Qual vai ser?

A prisioneira arrancou as sandálias o mais rápido possível. Cookie acrescentou:

— Vou continuar descalça se precisar, Kaysar. Não vou aceitar esses sapatos.

— Aceite-os ou vou… — Ele pressionou os lábios. — Você *vai* aceitá-los. Nenhuma outra opção está disponível para você. — Okay. Ele claramente operava sob a percepção errônea que ela cederia às suas exigências, só se ele enfrentasse por tempo o bastante. Para fazê-lo entender a magnitude da teimosia e a força da determinação dela, Cookie precisaria desafiar o blefe *dele*. E ir até o fim, se necessário.

Manda ver.

— Se você me forçar, vou deixá-lo na primeira oportunidade.

— Você ousa me ameaçar com seu abandono? — exigiu saber ele, seu lado

letal reaparecendo. — A mim?

Então, está bem. Hora de ir até o fim.

— Esqueça as sandálias — falou, e bufou. Ele precisava aprender uma lição valiosa. Apronte com a Cookie e perca. Mas cara, ela pensou que pudesse mesmo sentir falta dele. Não de sua personalidade brilhante, mas da conexão que sentia quando ele a envolvia nos braços. Uma sensação elusiva pela qual ansiou durante anos. — Vou partir com os outros. — Talvez a escolha melhor, independente da sua próxima resposta. — Novamente, adeus, Kaysar.

Cabeça erguida, ela seguiu as mulheres que ele libertara da carroça. Talvez seu protetor em potencial faria a coisa certa e a chamaria de volta, pronto para uma barganha genuína. Talvez não chamasse. Ali no final, sua expressão surpresa fora satisfatória. A corrente sutil da sua raiva ainda mais, apesar do perigo.

Ela *queria* mesmo que ele a chamasse de volta? Ele podia não ser estável.

Bom, e daí? Ela também não era conhecida por sua racionalidade. E porcaria, Kaysar era a melhor opção para protegê-la dos perigos ocultos e não tão ocultos – porque ele era sua única opção. Como ela poderia navegar o mundo sem outro mapa de sangue? Como ela saberia a diferença entre um criador de portais e um fae comum sem sua ajuda? Espera. Alguma das prisioneiras que escaparam seria uma criadora de portal?

— Ei, pessoal, esperem — ela gritou, iniciando um trote, movendo-se cada vez mais distante de Kaysar – que não a chamou de volta. A chuva havia cedido, ao menos.

Ninguém esperou. Elas desapareceram por uma linha de árvores.

Ainda nenhuma chamada de retorno. Que seja. Ela e Kaysar estavam se separando. Nada demais. A maioria das pessoas escolhia não ficar com ela em algum momento ou outro. Pelo visto ela era “abrasiva”. Pearl Jean e Sugars eram os únicos que ficavam. O par que ela não conseguira “afastar inconscientemente”, como sua terapeuta disse uma vez.

De qualquer forma, era melhor assim. Por que se unir com um homem

dominador e mandão que podia estourar a qualquer momento? Com certeza alguém deixaria ela se juntar a eles, fazer perguntas e…

— Pare — rugiu Kaysar, poder estalando em sua voz. Ah, graças a tudo que é bom. Os pés de Cookie congelaram enquanto seu coração acelerava. Qualquer mulher ainda visível também congelou, como se assustada demais para se mover.

— Voltem para mim — comandou. — Todas vocês. Concordo com seus termos, Chantel. Vou conseguir outro par de sapato para você.

Ele iria? Choque a assolou primeiro, quase a derrubando de bunda. Ela ganhara a guerra privada deles?

— Acredito ter dado uma ordem para o resto de vocês. — Ele rugiu outra vez, mas o estalo desapareceu, trocado por impaciência. — Por que ninguém está parada ao meu lado? Devo começar a caçar?

Ao mesmo tempo, as mulheres correram para Kaysar, muitas saindo das árvores. Uau. Ele falava e todos obedeciam, como se o preço da desobediência fosse alto demais.

Era alto demais? Ele se rebaixaria a machucar as mulheres se o recusassem? Cookie gostava de um banho de sangue tanto quando qualquer pessoa, mas poxa! Essas prisioneiras não haviam feito nada de errado.

Conforme as mulheres passavam por ela, uma murmurou:

— Ele é o rei das Terras Noturnas, e soberano das Terras Crepusculares. Faça o que ele diz ou morra.

Espere. Ele era um rei de verdade, com uma coroa e um trono? Ele *mencionara* ter um castelo e havia declarado ser dono do terreno. Sua atitude de “mestre de tudo o que vejo” com certeza combinava. Mas por que não usar o título quando se apresentou?

Como rei, ele tinha mais recursos a sua disposição do que o fae comum. Ele definitivamente tinha mais poder. Qual criador de portais teria a coragem de recusar sua vontade, se ordenado a ajudá-la?

Ela voltou para trás, ficando mais quente só por parar ao seu lado.

Conforme encontrava seu olhar, as íris dele se iluminaram com satisfação. Ela cometera um erro terrível?

— Você é um rei, hein? — Espere. — Você tem uma rainha? — Traidores eram mentirosos que subiram de nível; eles faziam os piores tipos de colegas de time. Os piores tudo.

Seu rosto formou uma carranca de nojo.

— *Nunca* vou ter uma rainha.

— Fidelidade não é pra você, hein? — Muito bem. Cookie faria isso. Ela se juntaria a ele.

— Você também pode ter sua exceção — falou entredentes, ignorando a pergunta dela. — Você não vai fugir de mim… a não ser que sinta que estou colocando sua vida em perigo. Eu posso protegê-la de qualquer outra ameaça. — Ele tinha uma condição própria, aparentemente. — Mas. Antes de fugir, você vai me dizer que sente como se eu estivesse colocando sua vida em perigo. Só depois que eu tenha confirmado que você está, de fato, em perigo, você poderá fugir. Vou lhe dar até uma vantagem.

— Então, o que você quer pelos suprimentos? — Já que ele não a daria aquela hora para convencê-la a concordar com seus termos. Melhor serem claros.

— Você não vai me contrariar outra vez.

Hum.

— Vou precisar de exceções. Mas tirando isso — acrescentou antes que ele pudesse reclamar —, concordo com seus termos.

Ele passou a língua pelos dentes.

— Preciso deixá-la aqui para obter outros sapatos. — No lugar de celebrar um acordo de benefício mútuo, ele projetava irritação. — Você vai ficar aqui, neste exato lugar. Não vai se mover. Essas mulheres vão ficar de guarda à sua volta. Se elas fugirem, morrem. Se você se ferir na minha ausência, elas morrem cruelmente. — Com isso, ele desapareceu.

Cookie olhou para os rostos aterrorizados em volta dela. *No que eu me meti?*

CAPÍTULO DEZ

— Exceções — resmungou Kaysar, materializando em seu quarto. — A audácia da garota! — Ele pisou firme na direção do seu armário e pegou a bolsa que usava para carregar uma cabeça decepada ou órgãos sempre que necessário. O tecido mágico autolimpante não podia ser rasgado, mesmo com suas garras de metal.

Chantel sabia como chegara perto de perder *sua* cabeça?

— Eu não me curvo às opiniões de ninguém.

Desde que escapara dos Frostlines, Kaysar fazia o que queria, quando queria, com *zero* exceção. Até hoje, quando uma ex-mortal ousou se afastar de um rei poderoso que precisava desesperadamente ao seu lado.

A beldade astuta sem dúvida o surpreendera. Ela havia planejado deixá-lo para sempre, colocando em risco sua vida e a vingança dele, forçando-o a ceder às suas exigências ou guerrear com ela. Uma escolha entre ruim e pior.

Mas então, ele havia dado a ela uma escolha igualmente miserável. *Ajude-me a destruir seu marido ou sofra.* Não que ela estivesse ciente.

Por algum motivo, o instinto há pouco ressuscitado de protegê-la emitia um protesto cada vez mais alto. *A princesa* nunca *deve sofrer*.

Proteger e paparicar Chantel – uma Frostline – dos esquemas dele? E daí que ela possuía o rosto de uma boneca das suas memórias mais preciosas? E daí que ela enfim oferecia uma chance de ele ser o salvador? Rindo com um som maníaco, ele socou a parede. A pedra se esmigalhou. A pele partiu e o osso quebrou.

Ele não era o salvador de ninguém. Ainda assim, o cabo de guerra persistia.

Use-a. Proteja-a. Use. Proteja.

Ele pensou que pudesse… admirá-la um pouco. Sua teimosia parecia

rivalizar à dele. Ela encarou um oponente impiedoso, malditas as consequências. Apesar do medo, ela buscara seu abraço. Duas vezes. Mas não com intenção de o seduzir para a cama, como outras fizeram no passado, pensando em domar o rei desequilibrado. Não, ela havia buscado conforto. Nele. Esse fato poderia desconcertá-lo pela eternidade.

No entanto, os objetivos conflitantes dele mal importavam. *Vingança primeiro.* Chantel exigia uma busca por um criador de portais? Muito bem. Ela teria uma. E desprezaria cada segundo. Ele faria mais do que a deixar desconfortável. Ele pressionaria e prensaria e forçaria até ela chegar no seu ponto de ruptura. Ela tinha um, todo mundo tinha.

Ansioso para retornar, Kaysar atravessou o quarto, enfiando qualquer coisa que pensava que ela pudesse precisar na sacola. Conforme mexia em seus pertences, sua mente vagou para Jareth. O príncipe se rebelaria quando conhecesse a beldade teimosa que não estava disposta a ceder em uma batalha de vontades? Ou se alegraria?

Quero você esse tanto, falara para Lulundria enquanto acariciava o pênis. Quanto mais ele poderia desejar esta, uma mulher que aparentava ter sido criada pela própria luxúria?

Amargura antiga fundiu-se com uma nova. E se o príncipe levasse Chantel para a cama assim que Kaysar terminasse com ela, aliviado demais pelo seu retorno para se importar com a gravidez?

Jareth, ousando desfrutar do seu corpinho cheio de curvas noite após noite… O ultraje!

Ele não merece prazer. Kaysar deu outro murro na parede. E mais um. E mais, mais, mais. Pele partiu. Articulações estilhaçaram como vidro. Mas sua raiva falhou em esfriar.

Talvez ele ficasse com Chantel por anos.

Ligeiramente tranquilizado, ele usou o *flitter* para chegar a um cofre nas catacumbas do castelo. Tochas eternas iluminavam uma sala sem portas, lançando luz baixa dourada por um mar de moedas de ouro, pedras preciosas e

armas. Mil mapas pendurados nas paredes de pedra. No meio da câmara estava uma fonte de mármore enorme, com uma escultura da mãe morta do príncipe Jareth.

Ali dentro, Kaysar mantinha os bens materiais que roubara dos Frostlines. Baús cheios de roupas que usaram durante ocasiões especiais. Joias de família inestimáveis. Espadas que encomendaram dos mais habilidosos ferreiros. Ele até havia levado móveis, pinturas e – seu favorito – a urna contendo o príncipe Lark.

Um dia, Kaysar decidiria como melhor profanar as cinzas.

O que Chantel necessitava? Ela precisaria de roupas, claro. Ele enfiou vários vestidos na sacola, despreocupado com o tamanho já que vestimentas fae serviam magicamente na pessoa que as usava, quem quer que fosse. Apesar que… Ela ficaria confortável demais neles.

Ele queria mais do que a deixar miserável – queria ela dependente.

Kaysar removeu os vestidos e selecionou outros muito mais leves, de um material quase transparente. Em suma, roupas de dormir. Ele sorriu. Até o calor em sua virilha reacender, e seu pênis endurecer.

Desejo espontâneo pela princesa precisava parar. Por que as roupas de uma mulher importariam para ele? Ainda mais vestimentas que planejava tirar de seu corpo assim que a levasse para a cama.

Um gemido surgiu dele. Chantel… nua…

Qual seria a cor de seus mamilos? Ela teria cachos cor-de-rosa ou escuros? Aquelas íris esmeralda com flocos de prata ficariam suaves conforme ele a levasse ao clímax?

Ele pressionou uma mão no seu comprimento dolorido – desejando que fosse a mão *dela*.

Com um rosnado, ele foi enfiando coisas às cegas na sacola. *O que mais, o que mais?* Isso, e isso, e aquilo. Sim. Sim. Isto. *Elderseed*. Ele colocou com cuidado o objeto grande com formato de tijolo nas dobras de um vestido.

Se alguém ferisse Chantel mortalmente em algum ponto do futuro, Kaysar agora tinha como curá-la no mesmo instante.

O que mais? Ao andar pela câmara, as solas das botas encharcadas faziam barulho no chão. Ele deveria trocá-las por… Sapatos. Ele quase esquecera. Onde estavam os sapatos? Ele usou o *flitter* para o quarto de Olho, deu um passo à frente e parou. Seu oráculo descansava em uma banheira com pés de garras, na frente de uma lareira acesa, coberta por um véu denso de fumaça. Ela empilhara o cabelo escuro na cabeça. Em uma posição reclinada, com os olhos fechados, ela aparentava o retrato de relaxamento total.

Inveja queimou as fraturas em seu peito.

— Dê-me seus sapatos — exigiu ele.

As pálpebras de Olho se abriram e ela gritou, levantando-se toda atrapalhada. Gotas de água deslizavam por sua nudez. Nudez que ela tentou esconder com as mãos antes de se atrapalhar novamente, procurando uma toalha.

Ele revirou os olhos.

— Você não é de meu interesse nesse aspecto. — Kaysar não via pessoas. Ele via peões e obstáculos. — Onde estão seus sapatos?

— Vo-vossa Majestade — balbuciou ela. — Como o senhor entrou sem – não importa. Agora não é um bom momento para nada. O senhor deveria sair. Por favor.

Ele soltou uma risada fria.

— Você não está divertida hoje? Tentando me expulsar do quarto no qual eu permito que respire.

Os dedos dela apertaram a borda da toalha.

— Talvez devesse ser mais legal comigo. Tive uma visão com sua princesa.

Ele agiu sem pensar, usando o *flitter* para chegar a ela. Tão perto que as pontas dos narizes roçavam uma na outra.

— O que você viu? Conte-me.

Palavras saíram aos tropeços da língua dela.

— Ela é mais do que Lulundria. Ela é a pele em que habita.

Kaysar esperou que o oráculo dissesse mais. Ela não o fez. Confusão enrugou a fronte dele.

— O que isso sequer significa?

— Eu não sei. Apenas pressinto que isso é similar ao problema do coração. As peles são ela, mas também não são, ao mesmo tempo parte dela e separados, ainda não formados em sua plenitude. — Ela abaixou a cabeça e esfregou a têmpora. — Chantel ainda está se descobrindo. Ela não escolheu um caminho.

— Você diz coisas sem sentido. — Mulher inútil. Ele se afastou com uma bufada e bisbilhotou pelo quarto, procurando chinelos, sandálias ou botas. No armário, ele encontrou livros. Centenas de volumes armazenados em uma biblioteca privativa.

Ele analisou o conteúdo de todas as gavetas. Nada. Seus punhos ficaram pesados conforme raiva se acumulava no local.

Ele ergueu o braço para bater em algo. O quarto não tinha o que ele queria? Muito bem. Então seria reduzido a nada além de um monte de pedras. No último momento, ele encontrou uma prateleira de sapatos variados do lado de fora da varanda e usou o *flitter* para lá.

Agora sorrindo, Kaysar pegou um par de botas incrustradas de joias que uma parte de seu cérebro reconheceu. Onde ele as vira antes?

Conforme se preparava para se reunir com sua princesa, Olho o chamou de dentro do quarto.

— Vossa Majestade, espere! O senhor precisa ver o que eu vejo. — Ela enviou uma nova imagem à sua mente.

Como todas as vezes anteriores, uma cena se formou, fazendo-o sentir como se estivesse observando uma pintura ganhar vida. Chantel, correndo pela floresta, pânico marcando suas feições. Centenas de emoções brotaram juntas, nenhuma delas boa. Músculos ficaram tensos e ossos vibraram. Ele preparou as garras.

— Quando isso ocorreu? — exigiu saber.

— Há uns cinco minutos.

Em perigo? Ou ela havia aproveitado de uma oportunidade para escapar dele, como alardeara?

Qualquer que fosse a resposta, alguém morreria hoje.

Temperamento ficando vermelho, Kaysar usando *flitter* chegou ao campo do massacre. Gotas de chuva frígidas evaporaram ao tocar sua pele, ira fumegante o cobrindo. Nenhum sinal de Chantel. As prisioneiras fae e mortais que comandara a permanecerem o perceberam e correram para implorar misericórdia.

— Fiquem em silêncio e se afastem — gritou. Obediência imediata. — Alguém atacou? — Ele pensou ter sentido o cheiro… Kaysar rugiu uma maldição. *Jareth*.

Como se ele tivesse emitido uma convocação, o príncipe se levantou com dificuldade a uma curta distância. Sangue fresco cobria sua boca. Ele balançou a cabeça, como se para se livrar de um torpor, e viu Kaysar. Jareth, também, rugiu uma maldição.

Ódio rastejou pelo corpo de Kaysar.

— Olá, principezinho.

— Ela é minha — rosnou Jareth, enquanto as mulheres prometiam que haviam lutado contra o príncipe para evitar que ele seguisse a princesa. — Você não vai tocá-la.

— Ela é sua, sim — ele concordou. *Por enquanto*. O pensamento o abalou, e não de uma boa maneira, mas ele se recuperou rápido, revelando o sorriso que reservava somente para os *Frostlines.* Uma curva cruel dos lábios que era um aviso assim como uma promessa.

— Mas quem você acha que vai levá-la para a cama primeiro?

Uns Cinco Minutos Antes

Cookie limpou as gotas de chuva do rosto.

— Vamos, pessoal. Vocês não podem dar um pouco de espaço para essa garota? — implorou. No momento que Kaysar desaparecera, o grupo havia se fechado em um círculo à sua volta.

Elas olhavam para longe dela, à espreita de qualquer ameaça possível. Como se elas pudessem mesmo lutar contra uma brisa suave, que dirá um agressor.

Elas pareciam que não comiam há meses.

Ninguém respondeu, o ar denso com apreensão. Ela poderia dar uma cotovelada ou outra, forçando uma porção do grupo a se afastar. As outras apenas se reagrupariam. Porque temiam que Kaysar fizesse o que ameaçou e matasse todas elas se algum ferimento recaísse sobre Cookie.

Ela suspeitava que ele… faria. A pior parte? Não sabia mais como se sentia a esse respeito. E deveria. Essas mulheres não haviam feito nada de errado. Eram inocentes, e não mereciam morrer.

Idiota. Assim que as outras estivessem a salvo, ela deveria deixar Kaysar sem hesitar. Era a coisa certa a fazer. Talvez. Provavelmente. Por ela, não estava com medo dele. Não de verdade.

Claro, quando ele ficava todo imóvel e quieto, sibilando as palavras, ele arrancava puro pavor de todo mundo a sua volta. Mas ela pressentia que o perigo não era direcionado a ela. Suas táticas eram péssimas, mas não eram um empecilho. Os prós ganhavam dos contras.

— Lulu?

Uma voz, ao mesmo tempo familiar e não, a fez cruzar os braços na frente da barriga. Um gesto protetor instintivo. O Viking estava parado à distância. O olhar preso nela. Grande, loiro e bonito, capaz de matar uma mulher a vinte passos com gelo.

O coração dela batia com compreensão. Ele a encontrara, exatamente como Kaysar tinha avisado. Ali estava, o príncipe cruel que Lulundria devia ter desprezado.

Calma. *Firme*. Ele se aproximou rápido, e as seguranças dela fecharam o círculo.

Raiva faiscou, apagando o medo de Cookie.

Ele chegou na primeira parede de mulheres. Apesar de lutarem com ele da melhor forma que sabiam, ele não teve problema em empurrá-las para o lado, duas por vez.

Assim como Kaysar, ele era gigante ao lado dela, cheio de músculos. Seu

peso devia ser o dobro. Ela perderia em um combate físico, sem dúvida, mas não aceitaria sem lutar.

— Você quer me encarar? — *Matar ou morrer, o vencedor leva tudo.* — Tudo bem, vamos lá.

Na frente dela, ele parou. E franziu o cenho.

— Não compreendo. — Ele pinçou uma mecha do cabelo dela entre os dedos. — Você é ela. Mas como pode ser? Você não é ela.

Ele matara a própria esposa. O que ele não faria com Cookie? Ela o esmurrou na garganta. Duas vezes.

Ele arfou enquanto segurava seus ombros. Ah, não, não, não. Isso não daria certo. Com um rosnado, deu uma joelhada no pacote dele, forte. *Livre-se* disso, *príncipe.*

Ele se curvou, saliva espirrando da boca. Sem hesitação. Sem riscos, sem recompensas. Ela bateu com a palma da mão no nariz dele, o próprio embalo dele fornecendo mais força ao golpe. Ele rugiu e a soltou, caindo de joelhos.

Os ossos na mão dela haviam estilhaçado com o impacto? Sim. A dor e a náusea reviraram seu estômago? Também. Mas ela não parou. Ele matara sua doadora e agora sofria um pouco da sua dor. *Valia qualquer agonia.*

— Vamos, garotas. Corram — ela comandou, pegando duas delas pelos vestidos e saindo correndo. As duas mulheres resistiram. Até seguraram seus pulsos e a forçaram a parar… depois a arrastaram lentamente na direção oposta. Cookie tentou se firmar na lama. — Kaysar vai entender, está bem? — Chuva borrava sua visão e balançou a cabeça para tirar as gotas dos olhos. Puxando. Contorcendo. Falhando. — Não estamos fugindo *dele*. Estamos correndo em direção à *segurança*. O Viking é um matador de esposas.

Um matador de esposas que já se empertigava e voltava a focar nela, os olhos semicerrados.

Medo e fúria colidiram, calor se juntando nos braços de Cookie. Trepadeiras saíram e voltaram, chicoteando suas captoras antes de desaparecer. Ambas as mulheres gritaram e a soltaram, caindo.

Uma chicotada de folhas suaves causou tanta dor que soltaram seu prêmio? Sério?

Uma bala viva, Cookie correu na direção das árvores. Poças de lama espirrando sob seus pés.

— Nãaoooo — gritou o Viking. — Não a machuquem.

Uma debandada soou atrás dela. Suas guardas a perseguiam?

Um olhar rápido para trás… Argh! Um peso duro colidiu com ela, arremessando-a de cara no chão. Pela segunda vez naquele dia, ela comeu uma boca cheia de terra. Ar saiu como uma explosão de seus pulmões, e estrelas piscaram na frente de seus olhos conforme as mulheres se empilhavam nela.

— Lulu, por favor — chamou o Viking, aproximando-se correndo.

— Esse não é meu nome — disse Cookie entredentes, contorcendo-se e lutando. A chuva ajudava, deixando sua pele lisa. Sim! Liberdade. Ela se levantou e correu outra vez, escapando da mão do Viking por pouco.

Suas tarefas cristalizaram. *Vá para segurança. Encontre Kaysar.*

CAPÍTULO ONZE

Essa deve ser minha história de criação. Uma aventura de herói da vida real ou que seja.

Cookie odiava histórias de criação. Ela resmungou baixo ao tropeçar pela floresta de dor. Seu instinto de luta ou fuga permanecia ativado, transformando seu sangue em combustível. Não que ajudasse muito. Os inúmeros arranhões em seus pés deixavam rastros de carmesim para qualquer detetive seguir.

Ela fugira do príncipe, o ex-namorado abusivo de sua doadora, o quê? Vinte e quatro horas atrás? Mil anos? Ele havia perseguido. Porque é claro que havia. De alguma maneira ela conseguira evadi-lo durante a noite e sobreviver à umidade gélida. Ela até o evadira durante toda a manhã. Agora o sol da tarde filtrava pela cobertura colorida das árvores, iluminando cada passo.

Por quanto tempo mais ela seguiria em frente? A chuva que lamentara, agora sentia falta. *Com tanta sede.* Ela ainda não havia comido, seu estômago vazio protestando. Suas roupas molhadas haviam secado, mas estavam duras e sujas. Coçavam.

Ela perdera a conta dos trolls e ogros que havia encontrado. Eles reagiram como os outros, fungando e dando patadas, prontos para atacar, só para deixá-la passar sem incidentes. Com exceção de um. Aquele ogro em particular havia corrido e a prendido contra o tronco de uma árvore, suas mãos grandes a enjaulando enquanto arfava e bufava seu hálito grande e fétido por todo o rosto dela. Mas no fim, ele também a deixara passar. Todos eles fizeram o mesmo para o príncipe cruel. Ela havia voltado para trás vez ou outra, esperando testemunhar sua penitência.

Por que Kaysar ainda não a encontrara? Os homens fae eram como humanos? Ele já desistira de Lulundria, a mulher que supostamente desejava? Não importa

o quanto ela um dia pensara diferente. Ela não era a donzela em perigo, ou a princesa que necessitava de auxílio, como ele acreditava. Ela tinha habilidades. Boas. E ela se lembraria o que eram assim que encontrasse um lugar seguro – ou meio seguro – e meio decente para descansar.

Em qual direção ir? Para a esquerda, árvores, arbustos e flores floresciam, um campo perfeito para pixies. À direita, sombras cobriam ramas retorcidas e cheias de espinhos.

Esquerda – qualquer coisa poderia ser veneno. Direita – aqueles espinhos deviam cortar como lâminas.

— Lulundria? — chamou o Viking. Ele se aproximara. — Por favor, querida. Kaysar vai se recuperar dos ferimentos a qualquer momento.

Os dois haviam lutado, e o Viking vencera? Porcaria. Isso era péssimo para ela. E Kaysar. Se o príncipe Viking era forte o bastante para incapacitar o assassino de centauros, o guerreiro mais feroz que ela conhecia, que tipo de mal ele poderia causar a Cookie?

Uma imagem das suas adagas de gelo piscou, e ela estremeceu. Reformulando. Quanto mal ele poderia causar *mais* a ela?

Apesar dos músculos que protestavam, ela apertou o passo. *Que sejam os espinhos.*

Ao avançar, os galhos bateram nela. Uma pedra afiada cortou a sola do seu pé. Ela abafou um grito de dor com a mão. Suor formava gotas em sua pele, fazendo todas as feridas arderem, mas ela não diminuiu a velocidade.

Continue, não pare. Respiração entrava e saía de sua boca em arfadas. Ela pulou sobre uma procissão de formigas lava-pés, seus joelhos quase cedendo quando pousou. Quase lá…

Um galho estalou em algum lugar atrás dela. Cookie arriscou um olhar por cima do ombro, o olhar se movendo rápido. Ele não estava à vista ainda. Um alívio. Mas era apenas questão de tempo. Uma preocupação. Ela seguiu em frente, movendo os braços mais rápido. Mais forte. Sangue corria em suas veias, suas mãos aquecendo. De repente, videiras brotaram de seus dedos.

As trepadeiras rastejaram para longe, como antes, mas não foram longe, e não criaram um portal. O que… Talos sempre engrossando se enrolaram em volta dela, formando um casulo de folhagem, cobrindo todas as partes do seu corpo e a enraizando no lugar.

Seu coração continuou acelerado. Como ela criara essa prisão de talos e folhas sem pensamento ou prática? Conforme lutava para controlar sua respiração, as folhas se afastaram dela. As que estavam na frente de seus olhos se separaram, formando uma fresta para observação. Esqueça respirar. O Viking se materializou a uns quatro metros de distância. Frenético, ele procurou em todos os lugares.

— Lulu? Por favor, querida. Sei que você está aqui. O rastro acabou. — Ele empurrou galhos para longe do caminho e chutou pedras, aproximando-se de Cookie… — Eu amo você. Senti tanto sua falta.

Ainda mais perto… Tremores passaram por ela. Quando a atenção dele veio em sua direção, sangue correu entre suas orelhas, e ela congelou, até mesmo seu coração acelerado pareceu parar. Mas ele apenas fez uma careta e seguiu em frente, desviando da trepadeira para evitar contato e continuar sua caçada.

Ele não a vira sob as folhas?

— Lulu, sei que você está por perto. Querida, sinto muito por ter lhe machucado. Não vou deixar Kaysar ganhar outra vez. Ele vai pagar, eu juro. Onde você está? Você já se lembrou de mim? Não posso mandá-la para um lugar seguro usando o *flitter* se não puder tocá-la.

Uma nova imagem piscou. O Viking, prostrado sobre Lulundria, as feições tensas, mas contentes enquanto seus olhos azuis olhavam para ela. Aquele olhar… o que era? Amor? Adoração, talvez. Era o tipo de olhar que Cookie nunca recebera. Uma expressão pela qual ansiou durante toda a vida. Ela só não soubera até agora.

Sua mãe e pai normalmente apenas demonstravam desinteresse. Namorados, em sua maioria, tesão. Pearl Jean e Sugars chegaram perto de adoração, mas o par tinha as próprias defesas para superar, e Cookie se recusava a pressionar.

Como o príncipe podia olhar para Lulundria dessa maneira e depois matá-la? *Ele é pior do que imaginei. Tão ruim quanto os centauros.* Quantas outras mulheres inocentes e indefesas o Viking havia machucado durante sua vida? Quantas mais machucaria no futuro, se alguém não o impedisse?

Se Cookie apenas pudesse comandar seu corpo com um controle naquele momento, os restos mutilados dele já estariam espalhados aos seus pés.

— Lulu, por favor — sussurrou-gritou ele, ficando desesperado. — Você está ferida. Quando penso em sua dor… Você precisa da minha ajuda, e preciso lhe ajudar. Querida, sei o que aconteceu com seu coração. As pixies me contaram. Por favor, não se preocupe. Podemos superar isso juntos.

As pixies… Aquelas fofoqueiras odiosas!

A explosão de humor a lembrou de uma em particular e ela formou uma carranca. Dê cinco minutos a ela em um quarto sozinha com Polegarina, e Cookie palitaria uma pixie dos dentes.

— Posso ser um estranho para você neste momento, mas sou um estranho disposto a morrer para lhe proteger. Lulundria? Por favor. — O Viking se virou de um lado para o outro. — Kaysar está no meu encalço. Se ele lhe descobrir…

— Tarde demais — anunciou uma voz familiar. — Ele já descobriu.

Kaysar. Os joelhos dela tremeram. Ele viera por ela, no final.

— Quando você vai morrer? — rosnou o Viking.

Seu cavaleiro sombrio entrou em seu campo de visão e sorriu.

— Vamos lá, príncipe Jareth. Isso é jeito de cumprimentar um oponente estimado?

Santa bondade. Ele se sujava bem. Olhar voraz, ela o sorveu. Cabelo escuro bagunçado que combinava com o brilho de seus olhos. Agressão controlada corava sua pele, seus músculos tensos. Suas roupas estavam sujas e rasgadas em inúmeros lugares, suas botas surradas.

— Não vou deixar você se aproximar dela uma segunda vez. — O brutamontes de cabelo dourado se preparou para a batalha. Ele e o rei eram similares em altura e massa muscular: tamanho Hulk. O demônio versus o

demônio, ambos assassinos experientes. Mas apenas um deles a liquefazia.

— Que tal uma terceira? — Kaysar exalava mais daquela paciência perturbadora, um pouco de diversão e um toque de satisfação, os dois com uma grande quantidade de malícia. — Minha Olho é melhor que a sua. Recebi a localização da princesa bem antes de você.

Qualquer que fosse o dano que o príncipe infligira mais cedo havia se curado, o rei pronto para a próxima batalha. Ela quase sussurrou seu nome para fazê-lo saber que esperava por perto, mas cautela a manteve quieta.

— Vá em frente — provocou o Viking. — Golpeie-me.

Kaysar ergueu uma sobrancelha, divertido.

— Você acha mesmo que pode ganhar de mim?

— Ganhei antes.

— Você? — Kaysar bufou, uma ação casual que desmentia as bombas de fúria explodindo em suas íris. — Aí, você continua mentindo. Uma pixie rosa cortou meus tendões de Aquiles — explicou, tão paciente que era aterrorizador. — A pixie rosa ganhou. Ao menos por um tempo. Acredito que ainda tenho restos dela nas minhas botas.

O pulso de Cookie tremeu. Ele havia dado cabo da Polegarina? *Aceno com chapéu. Próxima rodada é por minha conta, majestade.*

— Você mata e assassina e massacra — ralhou o outro homem, suas adagas brilhando no sol. — Como você é melhor do que os Frostlines que odeia? — Partículas de poeira rodopiavam à sua volta, um contraste gentil com a tensão que crepitava no ar. — Por que não podemos acabar esta guerra entre nós de uma vez por todas?

— Tsc-tsc. Se você não me queria viciado no seu tormento, Jareth, você não deveria fazê-lo ser tão gostoso.

O Viking atacou. Kaysar piscou e desapareceu antes do contato.

Cookie silenciou um grito de negação ao se pressionar contra a frente do seu casulo de folhagens. Ele não sabia que ela estava aqui. Ele não sabia que a deixara para trás, que ela…

Calor incrível inflamou da sua nuca até seus tornozelos. Ela tentou se virar, mas tinha pouco espaço. Menos do que antes. Braços fortes a envolveram por trás, uma mão com pontas de garras afiadas espalmando sua barriga, os dedos bem abertos. Outra mão segurou sua garganta, o metal frio pousando em cima de sua artéria acelerada.

O coração de Cookie batia mil vezes mais rápido do que antes, frenesi de consciência alertando suas terminações nervosas. Kaysar *soubera* que ela estava aqui. Ele viera até ela. Não estava mais sozinha. Ela ficou sem fôlego ao relaxar contra ele, aliviada.

Com o polegar sob seu queixo, ele forçou sua cabeça a se inclinar e descansar no ombro dele. Apesar das sombras que os cercavam ela não teve problemas para encontrar seu olhar. Os olhos dele brilhavam, um farol na tempestade dela.

Kaysar abaixou a cabeça, colocando os lábios na orelha dela. Ele sussurrou:

— Sentiu minha falta, docinho?

A voz grossa encheu sua cabeça, levantando fumaça sensual, anuviando os pensamentos. Como ele facilmente tecia um feitiço em sua mente. E seu corpo. Seus mamilos enrijeceram e sentiu um friozinho na barriga. Um desconforto quente desabrochou entre suas pernas. Ela queria… *ela queria!*

A intensidade do seu desejo pelo homem a assustava de um jeito que a violência de Jareth não fizera, e ela engoliu em seco. Kaysar havia falado de desejá-la. Mas *ela* o desejava, mesmo sabendo que era errado.

Você focava no que desejava. No que você focava, você ampliava. O que você ampliava tinha poder para corroer sua resistência.

Ela precisava da resistência para evitar que cometesse um erro estúpido. Suas defesas já estavam baixas, sua habilidade de filtrar emoção dando pane. Devia estar. Os sentidos permaneciam aguçados, o nariz saturado com o cheiro delicioso dele, a pele formigando, desesperada pelo seu toque.

Calor da tarde? Que calor da tarde?

Percebendo que havia perdido o inimigo, o Viking – Jareth – soltou sua

agressão, usando um tronco de árvore como saco de pancadas. Ela retesava com cada golpe. Com qual frequência ele havia usado aqueles punhos em Lulundria?

Quando ele terminou sua birra, a árvore tinha um buraquinho legal para esquilos do tamanho de gatos.

Cookie tentou manter um foco na sua localização, caso se aproximasse outra vez. Mas sua mente tinha outras ideias, seguindo cada respiração de Kaysar. Cada ponto de contato a aquecia.

Jareth pisoteou em volta. Kaysar continuou a abraçá-la como se tivessem todo o tempo do mundo, acariciando, alisando, resvalando o polegar sobre o pulso acelerado dela, deixando um rastro de fogo no encalço.

Quando Jareth finalmente deu o fora, Kaysar afastou uma folha de sua bochecha.

— Vejo que alguém está aproveitando os novos poderes. Como deveria. — Uma risadinha rouca cobriu seus lábios, e ela queria dizer a ele para calar a boca e nunca parar de falar. Para ficar parado e se mover até ela. Para soltá-la e segurá-la para sempre. — Lulundria criava videira. O que você criou é videira venenosa. A diferença diz muita coisa, não acha?

— Diz? — perguntou ela, engolindo um gemido quando ele esfregou a ereção enorme na sua bunda.

— Uhum. Diz. — Ele afagou sua bochecha. — Uma foi feita para a luz, outra para escuridão. — Fixando seu olhar, ele deslizou a mão em sua garganta pelo seu queixo e depois traçou a ponta de uma garra em volta de seus lábios. O roçar mais leve; ainda assim, correntes de prazer atingiram seu núcleo. — Como você se encaixa perfeitamente comigo, princesa.

Concentre-se no que importa. Sobrevivência. Conhecimento. Uma passagem para casa.

— O que é videira venenosa? — Ela machucaria outros com ela, como machucara as duas mulheres durante sua fuga? Ela machucaria as pessoas que amava como Pearl Jean e Sugars? Isso… não. Isso não poderia ser permitido. Ela preferia morrer a machucar a família.

— Videira venenosa é perigoso para a maior parte dos fae. Enfraquece-os. Mas você, vai fortalecer, imagino.

— O que videira venenosa faz com *você*?

— Cócegas — ofegou ele. Kaysar mordiscou o lobo da sua orelha e arrepios cobriram seu corpo. — Diga-me, Chantel. Qual é esse poder que você detém sobre meu corpo, hum?

Ela tinha poder sobre o corpo dele? Ela?

— Nenhum. Algum? — Muitos? — Não sei. — Ele certamente detinha poder sobre o dela. Ao segurá-la ela cedia àquelas carícias gentis, os músculos dela derretiam como manteiga. *Foco*. Certo. — Qual é sua birra com Jareth? — E eles tinham uma birra. Grande.

O Jareth havia dito? *Por que não podemos acabar com essa guerra entre nós, de uma vez por todas?*

Kaysar ficou tenso.

— Isso não é de sua conta.

Seis palavras, um comando firme. Se ela perguntasse outra vez, ele planejava retaliar. Mas como? Ela ainda não tinha medo dele.

Pense bem sobre isso. A guerra entre os dois homens não começara com Lulundria. Kaysar só havia conhecido a princesa no dia que Jareth a enchera de gelo. Então por que o rei havia arriscado sua vida para ajudar a esposa de um inimigo?

— Talvez você devesse me soltar. — falou. Precisava de um momento para pensar *sem* ele por perto.

Outra risadinha.

— Minha proximidade lhe incomoda, docinho?

— Sim — soltou. — E prefiro um apelido como Machete ou Golpes. Agora seja um bom garoto, e me solte.

Ele moveu as mãos por seus braços, tão gentil, quase carinhoso, nunca cortando-a com aquelas garras perversas.

— Bonequinha, não sou eu lhe mantendo aprisionada. É você.

Bonequinha? Respirar se tornou uma atividade do passado.

— Como me livro dos talos?

— Você não aprendeu a controlar os talos misticamente — falou —, então deve soltar sua conexão física com ele. — Quando deu tapinhas nos seus dedos com os dele, ela se lembrou das trepadeiras. Ah, sim. Certo outra vez. Ontem, os talos haviam murchado quando ela parou de segurá-los. Até onde sabia, não havia feito nada de especial.

Ao soltar as mãos, as folhas murcharam como as poucas vezes antes, libertando-a e seu convidado de sua prisão esmeralda. Ela respirou fundo, o oxigênio limpo e fresco que faltava à carnalidade doce de Kaysar. Enfim, ela podia pensar outra vez. Mais ou menos. Na maior parte. Uma vibração de prazer permanecia…

Ele usou o *flitter* e apareceu na frente dela, e ela gritou.

— Pelo menos, avise a garota da próxima vez — resmungou.

Bonito demais para o bem de qualquer um, ele removeu um par de botas de uma sacola de tecido abarrotada.

— Para você.

Ela aceitou sem hesitar, segurando os sapatos no peito.

— Muito obrigada.

Ele sorriu para ela ao remover a alça de couro da sacola do peito e oferecer a ela. Com uma alegria desconcertante, disse:

— Suas provisões estão aí dentro. Você vai carregá-las, claro.

Ela franziu o cenho, o peso da sacola um pouco preocupante.

— Por que *claro*?

— *Minhas* provisões não estão aí dentro. Por que *eu* carregaria?

Hum…

— Por que você é um cavalheiro, ou o que seja?

Divertido, ele deu um toquinho suave no queixo dela.

— Que coisa boba a se dizer.

De fato. Tudo bem, tentando outra vez.

— Você deveria carregar para irritar Jareth. — Ele se deleitava com o tormento do príncipe. Era por isso que ajudara Lulundria? Para machucar Jareth? — Ele provavelmente ficará superchateado de saber que seu inimigo ajudou a mulher que ele acredita ser sua esposa.

Ele analisou o rosto dela, como se precisasse confirmar a intenção por trás de suas palavras.

— Você vai carregar a bolsa, Chantel, ou vamos deixar suas provisões para trás.

Urgh. Seu tom seco prometia atrito se ela protestasse. Mas e daí?

— Já estou fraca e cansada. Corri por uma eternidade porque você não me encontrou rápido o suficiente. — Ela não conseguiu disfarçar seu lamento conforme sua força falhava. — E estou morrendo de fome.

As pálpebras dele abaixaram um pouco.

— Você quem insistiu no nosso acordo atual. — Ele a lembrou. — Sou seu guia pago para atravessar a floresta, nada mais. Apesar de você ter quebrado sua promessa minutos após fazê-la, não é mesmo?

— De jeito nenhum. Usei minha exceção. O que eu deveria fazer, de qualquer maneira? — Ela bufou. — Ficar parada e deixar Jareth me pegar?

Ele pensou por um momento.

— Certifiquei-me de embalar roupas limpas, produtos de higiene, e até as armas pelas quais você implorou.

Armas?

— Sério? — Ela deu um gritinho agudo. Encontrando uma nova força, ela enganchou a alça da sacola pelo peito. — Tudo bem, sim, vou carregar a bolsa.

— Essa é minha princesa — falou, os lábios contraindo. Pegou as botas de volta e ajoelhou na frente dela. Segurou seu tornozelo, sua gentileza surpreendente. — Primeiro, vamos preparar seus pobres pés.

Enquanto ela segurava seus ombros largos para se firmar, ele colocou as botas no lugar. Ela esperava dor, mas seus arranhões deviam ter se curado. Um acontecimento bem-vindo. Apesar que ela aguentaria *qualquer* quantidade de

agonia por aquelas botas. Elas eram o par mais maravilhoso que já vira, cravejadas com safiras, diamantes amarelos, obsidianas e pérolas para criar um efeito *Noite Estrelada*.

Nenhum dos seus sapatos em casa se comparava.

— Para esclarecer, essas botas são minhas para sempre?

— São. — No momento que ele apertou os cadarços, as botas aqueceram e se mexeram, adaptando-se aos seus pés, como se feitas para ela.

Ela andou um pouco, testando como serviam conforme Kaysar se levantava. Perfeição.

— Estamos prontos. — O brilho nos olhos de whisky dele fazia coisas estranhas ao seu âmago quando ele ofereceu a mão para ela. — Então vamos. Nossa jornada começou.

CAPÍTULO DOZE

Kaysar guiou sua protegida pela Floresta de Muitos Nomes, fingindo ser o cavalheiro que ela insinuou querer. Ser solícito não era algo natural para ele, mas seu humor permaneceu alegre.

Uma nova experiência para quem existia em uma névoa de fúria. Pensou que pudesse até estar beirando a euforia. Tinha a princesa outra vez. O dia e a noite sem ela foram o pior tipo de tortura, sua mente constantemente à beira de um surto.

Agora, ali ela estava, viva e bem, arfando e resmungando reclamações ao caminhar atrás dele. Ela tinha dificuldades com o peso da bolsa. Provavelmente porque ele acrescentava uma pedra a cada quilômetro ou outro, mas quem tinha certeza?

Ele não esquecera o aviso da Olho. *Ela é a pele que habita.*

Ele apenas não sabia o que significava ou como afetava seus planos. *Nada vai afetar meus planos.* Cada passo o impelia mais perto do sofrimento eterno de Jareth.

Uma vez que lidasse com o príncipe e sua esposa, Kaysar focaria no rei Hador por um tempo. Rumores sugeriam que o velho rei estava procurando uma esposa para si.

Posso tomá-la também…

— Quanto vamos andar hoje? — perguntou Chantel, cansada de resmungar.

Não dê um sorriso.

— Estamos quase chegando.

Ela bufou.

— Isso foi o que você disse há uma hora.

— E agora estamos ainda mais perto. — Sua tortura havia apenas começado.

Logo ela perceberia sua completa dependência dele e imploraria por auxílio. — Não é maravilhoso?

— Meus pés estão doloridos — choramingou ela. — Essas botas são as melhores, sim, e as amo demais, mas também são as piores e as odeio com o calor de mil sóis.

— Você preferiria andar descalça? — Alerta, ele manobrou circundando árvores, abaixou sob galhos retorcidos e evitou teias de todos os tipos. No momento, eles passavam pelo território da Corte Outonal, onde os Frostlines tinham muitos aliados. Trolls e ogros mantinham distância. Pixies também. Compreensível, considerando o que Kaysar fizera com a cor-de-rosa. Ele estava no meio de uma batalha com Jareth quando ela havia se intrometido e o derrubara, passando as bordas afiadas como adagas de suas asas pelos seus tendões de Aquiles. A versão de retribuição dela por massacrar Race.

Se ela tivesse voado para longe imediatamente, poderia ter sobrevivido ao encontro. Em vez disso, retornou para acabar com ele. Apesar de pixies parecerem frágeis, eram muito fortes. Mesmo assim, ele não tivera problema nenhum em capturá-la e esmagá-la no punho, depois pisotear no que restou.

Lembrar o ataque dela renovou sua fúria. Quase desejou que alguém se escondesse nas proximidades, pensando em atacá-lo. No mínimo, teria uma oportunidade de testar os poderes fae de Chantel. O que mais ela podia fazer? Quais eram seus limites? Como reagiria à sua música?

— Dá pra ir mais devagar? — reclamou ela, e ele deu uma olhada por cima do ombro. Suor umedecia sua pele radiante, brilhando como se tivesse sido polvilhada com pó de diamante. — A terra é traiçoeira. As pedras afiadas, a casca da árvore tem espinhos, e o que é esse cheiro horrível?

Apesar da constrição em seu peito, ele não conseguiu evitar o sorriso.

— Isso, princesa, é o odor da morte. Nos aproximamos de outro campo de massacre. Meus inimigos e seus aliados pensaram em invadir minhas terras há algumas semanas. — Meses? Os dias haviam se embaralhado para Kaysar. — Ataquei primeiro e deixei seus corpos para todos verem. Gostaria de dar uma

olhada?

— Não, obrigada — respondeu, mas ele pensou ter ouvido um tom de curiosidade no lugar de angústia ou nojo.

Seu sorriso aumentou. Existia uma escuridão naquela mulher. Ele percebera a verdade quando ela criou videira venenosa no lugar de videira. Uma mudança que Jareth com certeza lamentaria. O tolo. *Nenhum apreço pelas coisas mais belas.*

Talvez aquela escuridão explicasse a atração inexplicável de Kaysar por ela? Durante toda sua existência eterna, poucos compreenderam sua aspiração para devastar os Frostlines. Os cidadãos de Astaria o chamavam de mau, como se ele não tivesse direito de cogitar tal malícia. Claro, poucos sabiam do abuso que sofrera.

Meses de dor. Degradação. Perda interminável.

O passado surgiu do lamaçal de sua mente, uma onda traiçoeira focada em engolir o presente. Com um sibilo, ele afundou as garras de metal no pulso e arrastou até o cotovelo. Sangue jorrou dos quatro arranhões. Mapa. Irmã. Calma.

Melhor.

— Kaysar! Você está ferido — gritou Chantel atrás dele. — Tem um rastro de sangue…

— Já estou me curando. — A preocupação dela gerou algo nele. Mas ele mal percebeu. Sim, já foi esquecido.

Mentindo para si mesmo, agora?

Ele cortou um galho de árvore bloqueando seu caminho, depois a apressou ao lado de uma linha de arbustos índigo. Uma pequena clareira circular transbordando com luz solar e flores silvestres. A entrada do território *dele*.

— Vamos descansar aqui? — perguntou e comandou em união.

— Nós… — Ela arfou com a região, de repente sem palavras, e o peito dele se inflou com orgulho. Ele pagara por cada centímetro das Terras Noturnas com miséria, inúmeras batalhas com monstros e inanição, com frequência passando semanas sem comida ou conforto de qualquer tipo.

Enquanto ela olhava com mais atenção para tudo, sua pele lustrosa esbanjava da luz solar, brilhando com vida e vitalidade.

Quando poderei abraçá-la novamente? Como reagirá?

Ele mal podia esperar para descobrir. Lembrando como o corpo dela tremera contra o seu, como o pulso havia pulado e as curvas suaves derreteram sobre si, ele pulsou. Pulsou. Por ela. Uma Frostline. Como se ela controlasse seu corpo, e não ele.

Kaysar abriu uma carranca, frustração se misturando com raiva e desejo. Sua posição não havia mudado. Mulheres eram recursos para serem explorados para sua causa. Eram úteis até não serem mais, e não valiam nenhum esforço para o contrário.

A princesa soltava algum feromônio de planta que estimulava seus sentidos e revelava uma natureza desejosa que ele não sabia existir antes?

Com muita frequência em sua curta convivência, ele se pegou ponderando como seria transar com ela. Como poderia diferenciar do sexo que fizera com alvos anteriores. Como ela poderia preferir. Forte ou suave?

Ele sempre ajustava as seduções de acordo com o indivíduo, sem pensar no próprio prazer. Ele apenas fizera o que sabia que a outra pessoa queria. Alguns temiam violência. Outros imploravam por isso. Uns tinham exigências, e poucos se sentiam inclinados a proferi-las. Mas o que *ele* preferia? Ele não sabia. Sua mente destroçada nunca se importara, as sensações de seu corpo embotadas.

Mas não estavam mais embotadas.

— Aquela árvore. — Ela apontou para uma enorme *okatriva*. Uma árvore jovem com tronco preto, folhas brancas e frutas vermelhas. — Ela se parece com a Árvore de Novos Começos encontrada no *Floresta do Bem e do Mal.*

Árvore de Novos Começos? Floresta do Bem e do Mal? Sem dúvida ela estava se referindo ao seu antigo mundo mortal. Palavra-chave: antigo. Significava que a informação não importava nem um pouco. Ela tinha uma nova casa agora.

Durante a caminhada, ela fizera inúmeras perguntas a respeito de diferentes

referências, venenos e animais, usando nomes que ele nunca ouvira antes. Ela perguntara sobre tudo – menos o próprio Kaysar. O insulto de tudo aquilo. Como guia, sua segurança era de responsabilidade dele. Ela não deveria estar curiosa a seu respeito? Pelo menos um pouquinho?

Ele definitivamente estava curioso quando se tratava dela. Um marido ou amante mortal a esperava em sua antiga casa? Como ela gostava de passar os dias?

Irritado, ele lhe disse:

— Suponho que aqueles que comem o fruto recebam um novo começo. — Ele deu de ombros. — Já que morrem segundos depois.

Ela retesou, mas deu um olhar de anseio para o fruto.

— A morte é permanente ou tem alguma brecha?

— Sim. — *Ela estava com fome, é? Bom.* Ele idealizara a estratégia correta. Suas necessidades seriam o arauto de sua rendição.

Exceto que o instinto que ele combatia intermitentemente sussurrou outra vez. *Alimente. Satisfaça. Proteja.*

O dilema ameaçou incitar sua ira. Ele rangeu os dentes, e depois rangeu com mais força quando percebeu que mais mechas de seu cabelo tinham ficado rosa. O tom claro fornecia uma inegável ilusão de vulnerabilidade às suas feições delicadas. *Minha própria boneca.*

Ainda assim, ele sentia falta das profundas mechas escuras. Seriam tão sedosas como aparentavam? Ele quase esticou a mão, quando o aviso de Olho ecoou dentro de sua cabeça, parando-o. *Ela é a pele em que habita.*

— O quê? — Chantel deu uma espanada acanhada em si mesma. — Tenho insetos no cabelo, né?

As íris dela. Também mudaram. Uma explosão estelar dourada deflagrara ao redor de suas pupilas, derramando mais em suas íris esmeralda. O efeito era surpreendente. Esplêndido. Atordoante. E ah, o olor. Seu perfume natural havia desenvolvido uma sugestão mais apimentada. Uma droga potente com função de seduzir homens distraídos para sua ruína.

— Sério — falou, mordiscando o lábio inferior. — O que é?

— Você é… — Ele apertou os dentes até a mandíbula protestar. Elogiá-la, quando havia elaborado seu tormento? Não.

Movimento arrastou o olhar dele para a esquerda, onde uma cobra de duas cabeças se desenrolava de um galho de árvore, aproximando-se de Chantel. Uma mordida não a mataria, só a faria desejar ter morrido, acelerando sua dependência a ele.

Não estique o braço. Não o faça.

Kaysar esticou o braço, passando as garras pelo corpo do réptil. As duas cabeças caíram no ombro dela e depois escorregaram para o chão.

Tolo. Ele desperdiçara uma oportunidade.

— O que… — Ela olhou as cabeças decepadas e gritou, depois correu para trás dele e agarrou sua túnica. — Me salve!

Ela temia tanto cobras que estava disposta a usá-lo como escudo? Ele ficou parado, em choque. A última pessoa que o usara daquela maneira fora Viori.

A pontada no peito dele voltou, e a sensação não era apenas desconfortável. Em vez de resistir, ele se inclinou para ela, assim como inclinou o corpo para o de Chantel, passando um braço à sua volta.

— *Ninguém* vai salvá-la melhor — disse ele. O voto surgiu das profundezas de sua alma, implacável.

— Ah, hum… me expressei mal. Não preciso ser salva. — Ela se atrapalhou para longe dele, as bochechas coradas de um vermelho profundo.

Orgulhosa demais?

O cabelo dela havia crescido, tropeçou nas pontas.

— Argh. — Ela ergueu os punhos para o alto e gritou palavras indecifráveis. — Eu odeio esse mundo.

Ela não podia ser mais adorável.

Adorável? Ele fez uma careta ao se aproximar dela dizendo:

— Permita-me.

Ela congelou enquanto ele juntava seu cabelo com gentileza e virava o

volume na mão. O vermelho voltou à suas bochechas e espalhou-se em um rubor rosáceo quando ele tirou uma lâmina da bainha com a mão livre. Seus olhos incríveis se arregalaram, e sua respiração acelerou, mas ela não relutou.

Ele cortou as mechas rosa, com cuidado para não fazer pressão ou puxar.

— Ah, obrigada — ela gemeu quando os fios curtos voltaram para o lugar. Ela rodou a cabeça sobre os ombros. Mechas mais cumpridas emolduravam seu rosto, chegando até seus ombros, ao passo que outras se empilharam na nuca.

O estilo irregular aumentava sua delicadeza, o que aumentava sua pontada. Ele pigarreou, ansioso para desviar o olhar dela ou olhar para sempre, ele não tinha certeza. De qualquer maneira, a beldade se recusava a desviar o olhar, observando partes dele que nunca queria que outrem visse.

Um rubor queimou as bochechas *dele*. Quando descobriu a força para desviar a atenção dela, seguiu em frente, retomando a caminhada.

— Vamos — chamou ele.

Ela o alcançou, bufando para se manter próxima dele.

— E eu pensei que era ruim com pessoas. Você tem que ser o pior de todos.

O que quer que isso significasse. Ele ainda estava segurando um monte de cabelo dela, percebeu. Isso poderia ser… perturbador? Ele deveria soltar.

Mas ele não queria soltar.

Enojado consigo mesmo, Kaysar tirou os dedos dos cachos um por um, deixando o volume sedoso deslizar. No último segundo, ele pegou uma mecha escura e enfiou no bolso.

Em frente eles marcharam. Chantel tagarelava, fazendo mais perguntas sobre a folhagem. Ainda nenhuma indagação sobre ele.

— Devo lhe contar toda a história entre mortais e fae? — falou, seco.

— Me deixa adivinhar. — Como ela soava entediada. — Sua espécie vivia em harmonia com a minha até que perseguimos vocês. Alguns fae de antigamente se juntaram, usando magia para criar um novo mundo. Sem um inimigo em comum, os reinos fae agora estão divididos entre si, sempre em guerra.

— Nunca vivemos entre vocês — resmungou. Não por muito tempo. Os ancestrais dele *haviam* visitado o mundo mortal para oferecer ajuda, e morreram devido aos seus esforços.

— Então, qual o maior perigo por aqui? Para mim, em especial, caso não tenha sido clara.

Eu.

— Alguns diriam que é o *stickypit.*

— *Stickypit*?

— Árvores como aquela à frente. Elas sangram quando feridas. Observe. — Ao passar, ele arranhou as garras pelo tronco. Um líquido denso e vermelho escorreu. — Uma vez que um fio começa, não pode ser parado. Logo, uma poça irá se formar na base do tronco, e qualquer um que entrar em contato com ela vai permanecer grudado ali pelo resto da vida.

— O quê? — Ela se jogou contra ele para escapar da seiva. Ele havia esperado a ação – a desejara, ao menos – e enrolou um braço à sua volta, puxando-a para o lado dele. Ao continuar a andar, ele manteve uma mão apertada em seu quadril.

Kaysar gostava de como ela se encaixava ao lado dele.

— Teria acreditado em você sem um exemplo — constatou. — Por que você precisou matar uma árvore inocente?

— Porque seu marido está nos seguindo, e vou me deleitar em seus gritos se ficar preso. — Ah, sim. O príncipe havia encontrado o rastro deles a alguns quilômetros.

— O quê? — gritou ela outra vez.

— Se você tem uma mensagem para ele, trinta e oito pixies estão escondidas por perto, felizes de transmitir a ele.

— Pixies são uma merda. Ah, é. Falando nisso, entreouvi você contar para Jareth que matou a rosa.

Ela ousaria reclamar de sua selvageria?

— Obrigada — falou, dando a ele um olhar carregado de… alguma coisa. O

que *era* aquilo? Admiração? Como se ele fosse algum tipo de herói? — Eu devia um monte de coisa ruim pra ela.

Esqueça as pontadas, o peito de Kaysar *queimou*.

— Disponha? — Ele não sabia o que mais dizer. Ninguém jamais o agradecera por terminar uma vida.

Quando os pelos na sua nuca se levantaram, ele percebeu que um entreposto se aproximava, um lugar onde fae compravam comida e suprimentos. Chantel nunca saberia. Entrepostos eram reinos pequenos escondidos por uma cortina invisível ou véu.

Ele vibraria com sua ignorância, é claro. A pontada que piorava não significava nada.

Quilômetros além deste entreposto em particular estava a cachoeira. A entrada para as Terras Crepusculares. Sua casa longe do lar. Um reino desolado com outros poucos habitantes.

Apesar de não visitar há, o quê? Vinte anos? Ele amava o reino que poucos ousavam entrar. Ou melhor, ele gostava disso. Kaysar não estava certo se era capaz de amar alguma coisa. Mas ele gostava da solidão que encontrava nas Terras Crepusculares. Os poucos cidadãos remanescentes sempre se escondiam dele, e os monstros que normalmente os atormentavam sempre forneciam um escape para seus piores acessos de fúria.

Ele aumentou o passo, forçando a princesa a correr para acompanhá-lo.

— Falando no Jareth — disse Chantel, trazendo os pensamentos de Kaysar de volta para o presente. — Aquele homem me enoja.

Choque. Ternura. Os dois atingiram Kaysar, e ele desacelerou, aproveitando seu calor. Depois, uma preocupação brotou, fria como gelo, arruinando tudo. Chantel sentiria o mesmo nojo por *ele*, quando descobrisse a verdade a respeito do que realmente acontecera com Lulundria?

Ele poderia ganhá-la de volta quando ainda precisava conquistá-la pela primeira vez? Talvez. Mas ela iria querer deixá-lo primeiro, e ele precisaria passar mais dias e noites sem ela. Ele não queria passar mais dias e noites sem

ela.

Mais rápido. Seus passos se alongaram.

— Então, como você identifica um criador de portais? — perguntou Chantel. Por que. Nenhuma. Curiosidade. Sobre. Ele? Eram colegas de time. Ela mesma dissera. Ela deveria se importar com os interesses dele.

— Você não identifica um criador de portais. Você escuta rumores, e o visita para um teste.

— E você ouviu rumores?

— Ah, sim. — Centenas de anos atrás, ele ouvira *várias* especulações a respeito de um homem vivendo nas Terras Crepusculares, alguém que abria portais para o mundo mortal usando uma *glamara* à base de fogo. Kaysar o matara pouco tempo depois? Sim. Ainda assim, ouvira os rumores.

— Você não tem mais perguntas para mim?

— Bom, estou interessada em aprender mais sobre *flitter* — falou, arfando conforme ele aumentava ainda mais o passo. — Suponho que você não possa *flitterar* uma não-*flitteradora* como eu, segurando minha mão? O que quero dizer é, Jareth mencionou segurar minha mão para me levar embora. Isso é algo que *você* pode fazer, mas por algum motivo está escolhendo não fazer?

— Estou ofendido que você precise perguntar, docinho. — Já suspeitando dele? Sua barriga se contraiu. Ele ergueu os pés dela do chão e acelerou em uma corrida leve. — Claro que posso *flitterar* você. Posso *flitterar* qualquer um. Meus poderes são vastos.

Ela se atrapalhou para envolvê-lo com os braços, tentando não se soltar do seu abraço.

— Por que você não me *flitterou* logo? Estou tão pronta para *não andar*, Kaysar.

Ele gostava do nome nos lábios dela.

Ele podia gostar mais de Homem de Garras.

— Você deseja pagar por serviços adicionais meus, princesa? Se tanto, me encontro ansioso para barganhar. — Ele desacelerou. Qual seria sua exigência

desta vez?

O olhar dela foi para a boca dele antes de se contorcer para o chão. Ele mantinha um braço à sua volta, garantindo que permanecesse ao lado dele.

— Certo. Andar-correr, é o que temos. — Ela soltou uma risada nervosa, marcada por fadiga. — Apesar que, tudo bem. Me chame de curiosa. Qual *é* o seu preço por *flitterar*? Já que sexo está fora de cogitação.

— Sexo como *pagamento* está fora de cogitação. Então, o que você está oferecendo?

Sua gargalhada o agradou, e ele diminuiu o ritmo.

— Nem uma maldita coisa — falou, e se ele não estava enganado, uma luz de provocação brilhava em seus olhos. — Você acredita mesmo que vai me convencer a dormir com você?

— Você viu meu rosto, né? — A diversão dela alimentava a dele, e ele lhe deu outro sorriso sórdido. — Espere até ver meu corpo.

— Vou arrancar minhas roupas para tê-lo, é?

— Peça por peça. — Sua voz baixou. — Vou tê-la, docinho. — Várias vezes, de várias maneiras.

— Você tem uma chance comigo? Com certeza. Estou me dizendo para resistir, mas… quero dizer, aguentei um ano inteiro em um relacionamento baseado em menos que isso, e você sem dúvida é gostoso. — Um olhar rápido. Pálpebras baixas. — Sem dúvida *muito* gostoso.

Ele sorveu sua admiração por sua aparência, até suas outras palavras registrarem e uma fúria terrível e espumante o cobrir. Ela passara um ano inteiro com a mesma pessoa? Uma *eternidade*.

— Você o matou? O relacionamento terminou com a morte dele?

Ela balançou a cabeça.

— Ele terminou o relacionamento e me culpou por isso ao passo que eu o culpei. Mas agora acho que ele podia estar certo. Acho que eu tinha medo de estar com ele. Urgh. Isso é muito vergonhoso de se admitir. Mas durante a maior parte da minha vida, acreditei que morreria. Algumas noites eu não tinha certeza

se acordaria na manhã seguinte. Algumas vezes eu não *queria*. Meu corpo se tornara uma prisão. Não acho que Nick entenderia. Estava certa que me deixaria se soubesse toda a minha condição.

Com a voz gentil, Kaysar disse a ela:

— Entendo sobre prisões e desejar morrer para que a dor pare, mas precisar viver mesmo assim. Sempre se perguntando o que vai acontecer em seguida. Odiando sua vida e se ressentindo com os outros pela deles.

— Eu… sim — respondeu, os olhos arregalando. Líquidos. *Quentes*. — Você entende.

Aquele olhar… Ele queria encarar e senti-lo para sempre. Ele precisava desviar os olhos. Então, o fez. Kaysar puxou o colarinho e seguiu em frente, como sempre fazia. Vingança importava. E nada mais.

CAPÍTULO TREZE

Cookie marchou atrás de Kaysar. Ela começara a ficar para trás conforme ele e suas passadas impossivelmente largas superavam emaranhado atrás de emaranhado de galhos. Implorar a ele para desacelerar não era uma opção. Ele só aumentava e diminuía a velocidade de acordo com o humor. Quanto mais rápido andava, mais agitada sua mente.

De acordo com a tabela de exercício que Pearl Jean havia colado na parede do banheiro em casa, Cookie e Kaysar mantinham no momento um nível seis de "caminhada no shopping". Ele estava enlouquecido com alguma coisa, mas incerto a esse respeito.

O único lado bom da sua *cardio* interminável? Cada passo a carregava mais para perto da casa da fazenda. E, bom, ela meio que gostava de ver a bunda do rei. O negócio era durinho. Não se movia, mesmo quando ele a balançava.

Ela precisava aproveitar a obra de arte máscula enquanto tinha a chance. Nunca ver outra vez? Um pecado total. E sim, tudo bem, a bunda dele não era o único atrativo. Ela começava a pensar que talvez, apenas talvez, deixar Kaysar para trás fosse ser bem ruim. Eles mal se conheciam, mas ele a entendia de maneiras que ninguém jamais fizera, e ela pensava que também o entendia. Quando conversaram, eles tiveram um momento de conexão, aceitando que a bagagem deles tinha formas e modelos parecidos.

Quais tribulações horríveis ele suportara durante a vida? Ah, o que ela não daria para descobrir.

Era assim que Nick se sentia quando namoraram? Desesperado por respostas, mas reprimido a todo momento? Ai. Talvez ela mandasse uma cesta de desculpas para ele quando voltasse para a Terra.

Se ela algum dia aprendesse a abrir portais com um comando, ela poderia

talvez, possivelmente, voltar para Astaria para visitar Kaysar. Em alguma ocasião. Quando não tivesse algo melhor para fazer. Ou quisesse tirar um cochilo.

Ele sequer desejaria vê-la outra vez? Tiveram aquele momento de conexão, sim, e ela sentia como se o conhecesse. Mas ela não o conhecia, não de verdade, seus objetivos eram um mistério. Num momento, ela suspeitava que sim, ele a desejava, quem quer que ela fosse, e não se cansaria dela. No outro, ela acreditava com firmeza que ele odiava sua própria existência. Isso, também, dependia do seu humor.

O humor atual era uma merda. Tudo o irritava.

Fazer mais perguntas sobre o reino poderia funcionar como uma distração do que quer que fosse que o incomodava. Ou esquentar seu temperamento mais uns cinquenta graus. Dependia plenamente do lado da personalidade que respondesse. O perseguidor obcecado ou o rei rabugento.

O que era triste de verdade? Ela estava atraída por ambos.

Qualquer que fosse seu humor, ele permanecia forte e capaz. Uma árvore caída no caminho? Sem problema. Ele jogava para o lado. Nada o impedia de nada que decidisse fazer, e nada o assustava. Não, ele impedia e assustava todo mundo. O cara cortara o cabelo dela e havia guardado uma mecha de lembrança. Ela percebera as mechas escuras escapando do bolso. Qualquer fae, ogro ou troll que cruzava o caminho deles empalidecia antes de fugir a toda velocidade.

Cada vez que aconteceu, ela ficara toda melosa, sentindo-se como uma colegial boba com uma paixonite.

— Ai! — Um galho arranhou seu braço, cortando sua camiseta e arrancando sangue. Quando ela pulou para o lado, pisou em uma pedra, e seus pobres pés pareceram inchar nas suas botas. Depois outro galho a cortou. E outro. Urgh! Ela odiava aquele mundo. Odiava se sentir indefesa e perdida, sem saber o que era certo ou errado. Acima de tudo, ela odiava caminhar na floresta e tudo e todo mundo em todo lugar. E ela não estava sendo dramática no momento. Todos eles mereciam.

— Pior resort de fantasia de todos — resmungou. — Uma estrela. — A classificação do guia podia não ser muito melhor. Nenhuma vez ele fez o que ela secretamente queria e a carregou.

Ele andou mais rápido, fazendo-a andar mais rápido.

Conforme subiam outra colina, os pulmões dela cozinharam até bem passados. As coxas cozinharam. *Ela inteira cozinhou.*

— Nunca vou na academia. Depois disso, não vou me exercitar mais nenhum dia na vida.

Pulando sobre uma raiz grossa de árvore, choramingou. Quando desviou de um aglomerado de flores carnívoras, a bolsa colidiu com seu lado, e ela fez uma careta. Bolsa estúpida! O que ela estava carregando? Todas as vezes que ela tentava abrir, Kaysar…

— Você gosta de não ir a lugar algum? — ralhou, aumentando o passo.

Isso. Ele a impedia de terminar a tarefa e seguia em frente. Tão frustrante, mas provavelmente era melhor assim. Se ela deixasse um item cair, ela o perderia para sempre, com certeza. O rei parar para permitir que sua parceira humilde o coletasse? Por favor. Mas, ah, ela não estava certa que possuía a estamina para continuar por muito tempo. Falta de comida e água estavam cobrando seu preço. Pura fadiga governava.

Paixonite? Acabando rápido.

— O quê? — falou Kaysar, virando para balançar um dedo na cara dela. — O que é esse olhar? Estamos fazendo o que você exigiu. Onde estão os sorrisos? A gratidão?

Ele se perguntava mesmo por que ela não estava *sorrindo*? Os nervos dela se desgastaram além de reparo.

— Você está se referindo à minha Cara de Descanso de Assassina em Série? Porque estou quase estourando e não tenho certeza se haverá sobreviventes. Desacelere um pouco.

— Você que está tão desesperada para encontrar um criador de portais, Chantel — repreendeu, como se ela precisasse de outro lembrete.

Para sua surpresa, ele diminuiu a velocidade para um passo lento antes de reconhecer suas súplicas silenciosas e a erguer nos braços. Ele redistribuiu o peso da sacola, tomando o fardo para si.

— Você é tão forte. — Cookie se aconchegou mais perto, moldando seu corpo ao dele.

— O mais forte de todos — respondeu, como se seu elogio tranquilizasse o que fosse que o tivesse enraivecido.

A animosidade dela se esvaiu. Hum. Ele cheirava tão bem. Apesar de ter lamentado o calor há alguns momentos, agora ela se deleitava. O calor dele a deleitava.

Ela abriu a boca para fazer uma pergunta pessoal. Ela sabia tão pouco sobre ele, e curiosidade era um espinho em sua pele. Antes que uma única palavra escapasse, ela fechou os dentes com um estalo. Nã-am. Nada de antagonizar seu guia quando ele apenas começara a carregá-la.

Tinha apenas duas direções que esse tipo de conversa poderia ir.

Cenário 1

Cookie: *Faz a pergunta.*

Kaysar: *Ralha com ela por ousar perguntar e a coloca no chão.*

Cenário 2

Cookie: *Faz a pergunta.*

Kaysar: *Se recusa a responder e a coloca no chão.*

Além do mais, no momento em que indagasse, ele descobriria que possuía o conhecimento que ela queria. Conhecimento *pessoal*. Poderia usar contra ela. Não, obrigada. Ela já dependia mais dele do que queria admitir.

Apenas chegue em casa.

— Não tem nada mais para me perguntar? — exigiu saber ele, ficando agitado outra vez.

— Bom, sim — respondeu, testando as águas. Se ele estivesse receptivo, ela faria uma pergunta não-pessoal.

A respiração dele entrecortou. Com avidez?

— Pergunte, Chantel.

— Se os fae são imortais, como Lulundria teve ferimentos mortais? Quero dizer, meus poderes vêm dela, e curei um osso quebrado em minutos.

Ele explicou entredentes:

— Imortalidade não significa que vivemos para sempre. Só significa que nossos corpos em geral se regeneram mais rápido do que morrem. No entanto, alguns ferimentos são severos demais e se curam muito devagar.

Ele se abaixou sob um longo galho sem hesitar, mantendo-a segura nos braços. Ao se endireitar, a temperatura caiu. Os barulhos também mudaram. Água corrente abafou os chilreares, coaxares e zumbidos, apesar de ela não ver sinal de um rio. Até mesmo a atmosfera mudou, o ar elétrico, como se outra tempestade estivesse surgindo.

— O que é esse lugar? — indagou ela. Nenhuma flor crescia, ainda assim os arbustos pareciam plantados de maneira intencional, criando um caminho estratégico para levar até uma árvore carregada de frutas azuis.

— Não tem nada que precisamos aqui — retrucou ele, a voz tensa e a postura mais rígida do que antes.

Não era uma resposta de verdade, mas tudo bem. Ela analisou a árvore. Tronco rosa, folhas roxas. Aquelas frutas safira do tamanho de um punho. A boca dela encheu de água, o coração acelerou. No meio do tronco estava um símbolo rodopiante – um que ela reconhecia.

Chantel mal conteve um gritinho. Rhoswyn *era* inspirada em Astaria. Qualquer dúvida remanescente dissolveu, uma corrente de excitação arrancando as próximas palavras dela.

— Isso é um entreposto.

O companheiro dela praguejou e se apressou.

— E? Não precisamos de nada.

Cookie se contorceu para longe dos braços dele, os pés morrendo um milhão de mortes ao voltar para examinar a área. Ah, sim. Com certeza um entreposto. A fruta safira agia como uma chave comestível, mas você não podia colher uma

até fornecer um pagamento.

Um músculo pulou sob o olho de Kaysar ao se juntar a ela.

— Você se lembrou de outra memória de Lulundria?

Ela contaria a ele sobre seu emprego mais tarde. Um fae que nunca encontrara um computador poderia não ser capaz de compreendê-la. Por enquanto, ela deu de ombros para a pergunta.

— Vou entrar nesse entreposto, de um jeito ou de outro. — Em Rhoswyn, entrepostos permitiam aos jogadores recarregarem, comerem – comida! – comprarem armas legais e trocar de caminho, se assim desejassem. Bom, Cookie assim desejava, por favor e obrigada. — Um criador de portais pode estar aí dentro.

— E eu não ouvi rumores a seu respeito? — zombou, depois a chamou mais perto. — Venha. Logo chegaremos na cachoeira. A entrada para as Terras Crepusculares, onde rumores sugerem que o criador de portais reside — explicou.

— Qual é a pressa? Estou morrendo de fome. — Ela passou as mãos pelo tronco surpreendentemente macio como veludo da árvore. — Por que você sempre toma as decisões mesmo? Somos um time. Em teoria, estou pagando. Você insistiu em um preço, e estou cumprindo. Olhe para mim, ficando ao seu lado. Isso faz de você meu *empregado*. Advinha? Na minha empresa, temos um lema: “a chefe sempre está certa”.

Ele fez um barulhinho de irritação.

— Deveria ter cobrado mais.

— Bom, agora é tarde demais. Já concordamos. A única pergunta que resta é se você vai entrar comigo ou vai esperar aqui.

— Ah, é? — Suas sobrancelhas subiram, sua presunção tão irritante quanto era sensual. — Como você entra?

— Você oferece pagamento, e recebe uma chave. — No jogo, você pagava com rubi de sangue – também conhecido como cartão de crédito. Talvez Kaysar tivesse colocado algumas moedas na sacola? — Estou certa? Estou, não é?

Ele a fuzilou.

Cookie desviou o olhar para a bolsa. Ele percebeu. É claro que percebeu. Ela avançou mesmo assim. Ele usou o *flitter*, e ela pegou nada além de ar. Maldito seja.

Ele apareceu a alguns metros de distância, ainda segurando a bolsa e com uma carranca.

— Você quer visitar o entreposto? Muito bem. Vamos visitar o entreposto. — Ele colocou a mão dentro da bolsa e tirou um colar de diamantes. — O valor disso em muito supera o custo de uma chave, no entanto não seremos reembolsados. Espero que esteja feliz, Chantel.

Seus olhos quase se esbugalharam da cabeça. Ela carregara *joias*?

Reclamar do peso da sacola? Nunca mais. *Valeu cada dor.*

— Isso é… — Qual palavra faria jus àquela obra de arte de pedras brilhantes? Ah, sim. — Isso é *meu* — falou, movendo as mãos como se para pegá-lo. Ela nunca teve nada tão bonito. *Vou usar todos os dias, não importa qual legging eu escolha.* Caraca, ela poderia até decidir ser cremada com o negócio.

Kaysar a considerou com um olhar curioso antes de erguer o braço, garantindo que as pedras magníficas ficassem fora de seu alcance.

— Já que você indicou que este é um preço que está disposta a pagar… — Ele bateu o colar contra o símbolo entalhado na árvore.

Os diamantes desapareceram, uma fruta caindo no chão.

— Me diga que tenho mais colares na sacola — implorou ela. Urgh. O que tinha de errado com ela? Ela nunca reagira a *nada* daquele jeito. Mas o colar… Ela o queria de volta.

O olhar curioso voltou. Ele a observou com atenção ao anunciar:

— Você tem uma *coleção* de colares na sacola.

— Tenho? Mesmo? — Neste caso… Ela gritou com felicidade e abaixou para pegar a fruta. Assim que encontrassem um local seguro para descansar, ela analisaria todas as joias e descobriria por que tinha um tesão repentino por

pedras preciosas.

— Você sabe que terá que se desfazer de mais joias para pagar sua refeição, certo? — indagou Kaysar, sem remover o olhar dela.

Humm. Talvez ela se contentasse com um lanche leve. Como a fruta que já havia pagado.

A boca dela encheu de água outra vez, suas papilas salivares despertando. Em um torpor, ela limpou a pele suave e mordeu o centro macio. Calor adocicado desceu por sua garganta, lembrando-a de *piña colada*.

Suas sobrancelhas se fecharam. O pior das pontadas de fome aliviou-se, acendendo uma urgência para se esbaldar.

— Não — disse Kaysar, confiscando o fruto. — Uma mordida, e você pode ficar com a cabeça limpa. Mais, e ficará bêbada. Apesar de pensar que gostaria de uma Chantel intoxicada – o que *vou* conhecer – não estou disposto a compartilhar o evento com outros.

— Certo. Cabeça limpa. — Muito importante em uma missão. — E aí? O que acontece depois?

Ele semicerrou os olhos ao afundar os dentes na fruta e… um mundo inteiramente novo apareceu, como se tivessem se teletransportado para a fronteira de um Velho Oeste Vitoriano, Edição Fae.

Que incrível. Eles estavam no começo de um caminho de pedras; alongava-se à frente deles, levando a dúzias de lojas, onde murais vibrantes adornavam as paredes externas e flores cresciam dos telhados, caindo pelos lados.

Diferentes olores a deixaram babando. Ela pensou detectar pão fresco. Especiarias. Carne? O estômago dela *implorou* por um banquete.

Fae se moviam em várias direções em velocidades variadas. Alguns entravam nas lojas, outros saíam. Centenas de vozes soavam, conversas se misturando. Os estilos de roupa se diferiam tanto quanto os traços físicos. Espécies diferentes usavam roupas diferentes, tudo desde guerreiro chique até trapo camponês.

Inveja a fisgou e a enrolou. Gastar mais dinheiro no entreposto? *Observe.* Ela

iria à falência por um banho e roupas limpas. Algo feito de couro, talvez.

Ela poderia adquirir mais joias. Um desejo nascido nas profundezas do seu ser… ou de Lulundria? A outra mulher ganhara território na mente de Cookie, assim como seu exterior?

A própria ideia a repelia.

Em algum ponto, você perderia aqueles que amava. Um dia, ela até perderia Pearl Jean e Sugars. Ela recusava se perder no caminho.

Como se sentisse seu impasse, Kaysar firmou um braço forte na sua cintura e a puxou para mais perto.

— Você vai ficar ao meu lado o tempo todo que estivermos aqui. Entendeu?

— Senhor, sim, senhor. — Sem defesas no momento, ela se aconchegou ao corpo grande e duro tão confortante quanto enlouquecedor. Espere. Por que os clientes e donos das lojas ficaram imóveis e quietos, encarando Cookie e Kaysar com algo que parecia terror?

— Hum — disse ela, ficando desconfortável. — Talvez devêssemos ir embora?

Sussurros subiram da multidão, depois gritos:

— Rei Kaysar?

— O Desequilibrado invade!

— Corram!

O Desequilibrado?

Com aqueles gritos, o pandemônio reinou. Fae irromperam em movimento, pegando as coisas e usando o *flitter* para longe, desaparecendo um por um. Outros correram na direção oposta.

Bom. Pelo menos não atacaram.

— Você tem uma reputação, eu vejo.

— Talvez tenha — falou, persuadindo-a para a frente mais rápido do que desejava ir. Não isso outra vez. — Você fará bem de se lembrar do medo deles da próxima vez que pensar em me testar.

— Isso é uma ameaça? — Por que ela não estava com medo?

— Apenas uma observação.

— Você está tentando me dizer que me mataria a sangue frio? — Opa. Uma pergunta pessoal.

Mas ele não pareceu se importar.

— A sangue frio? Eu lhe garanto, docinho — respondeu, com o primeiro sorriso numa eternidade. Seus passos desaceleraram para um rastejar. — Meu sangue sempre ferve incandescente.

CAPÍTULO CATORZE

Com o entreposto abandonado pelos lojistas e clientes, Kaysar conseguiu o melhor quarto na melhor estalagem, assim como qualquer prato na cozinha que ele e Chantel desejassem, sem ter que ameaçar, machucar ou matar ninguém. Uma nova experiência, de fato.

Seu plano de manter a companheira em total tormento até que desistisse da procura por um criador de portais descarrilhara. Temporariamente. Deixá-la com fome o empolgava cada vez menos. Entrementes, ter que observar exaustão se estabelecer mais nas suas feições de boneca o incomodava cada vez mais.

Ele não sabia o que sentir com Chantel. O que ele não entendia. Ele *sempre* sabia o que sentir – sanguinário – e ele sempre sabia o que fazer. *Machucar a todos.*

Ela era uma Frostline, sim, mas ela também não era uma Frostline. Ela nunca o havia machucado ou o abusara. Não, ah, não. Não sua princesa. Ela apenas o irritava de milhares de maneiras diferentes. E o desafiava. E enfurecia. E divertia e confundia e inflamava como nenhuma outra. Mas até o momento, ela não havia merecido nada de sua ira.

Diferente de Lulundria, ela não tinha interesse em Jareth. O príncipe a “enjoava”. Uma parte de Kaysar acreditava que ela entenderia e encorajaria seus planos de destruir os membros da realeza da Corte Invernal. A outra parte dele permanecia pequena… preocupada com a sua reação quanto a ser enganada, se algum dia descobrisse a verdade.

No momento, ele bebericava whisky com gelo na frente de uma lareira flamejante. Caíra a noite, ventos ferozes uivavam do lado de fora. Não por causa da natureza, mas por magia. O entreposto estava situado nos limites da sua terra, mas operava em nome da família real da Corte Primaveril. Uma concessão que

fazia devido à sua rejeição contínua de paz com a Corte Invernal. Os donos criaram temperaturas gélidas para garantir que hóspedes de pernoite pagassem mais por cobertores mais grossos e um fogo.

Ele escolhera uma suíte com acabamentos em mogno, mármore dourado e espelhos por todos os lados. Não importa onde Chantel parasse dentro dos confins do quarto de dois andares, ele poderia vê-la. Seu novo passatempo favorito. O jeito sensual que ela se movia. As muitas expressões que revelava, nenhuma das suas emoções oculta. O corpo dela… Ele não se cansava dele – ou dela.

A sacola estava aos seus pés. Ele não estava pronto para remover, ou revelar, as pedras que colocara dentro dela. Assim que ela as visse, poderia compreender o propósito dele. Parte de si queria que ela o fizesse, mas não sabia por quê. Avisar um oponente das ações que fazia contra eles? Ele era mesmo tão tolo?

O tormento dela recomeçaria no dia seguinte, independentemente dos sentimentos dele a esse respeito.

— Vou tomar um banho — resmungou ela e se fechou no banheiro, a única área fechada ao seu deleite visual.

Ele não disse nada, deixando-a, e apertou os dedos no copo.

Mais cedo, ela comera o próprio peso em tortas de carne e tortinhas de limão. Antes disso, ela o convencera a usar o “próprio dinheiro” para comprar uma túnica novinha. Não havia necessidade de calças, já que colocara dois pares na sacola. Na verdade, ele também trouxera uma túnica, mas ela queria uma com rosas e videiras bordadas no colarinho, não a lisa que ele oferecera.

Ela havia apontado, piscara para ele e tinha dito:

— Quero isso. Compra para mim?

Como ele poderia recusar? Com a vestimenta segura atrás de um bloqueio invisível, ele só precisara pegar uma moeda do seu cofre e usou o *flitter* de volta para colocar a moeda no lugar adequado. Além do mais, ele pensou que começara a compreender a charada de Olho e queria um teste.

Ela é a pele em que habita…

Os olhos de Chantel desenvolveram a explosão dourada depois que colocara as botas cravejadas de joias – botas que ele agora se lembrava de roubar da segunda esposa do rei Hador. Uma mulher obcecada por joias, que uma vez visitara Kaysar na sua prisão na torre, curiosa para analisar a “puta” que o rei usava em ocasiões especiais.

Kaysar havia implorado por ajuda, e ela escarnecera. Escarnecera. Ela também o deixara para apodrecer. Um erro pelo qual mais tarde pagou. A grande custo. Apenas alguns anos após sua fuga, ele a seguira pelo mercado. Ele sabia que Hador precisava da mulher gananciosa, porque ela vinha com uma boa mesada das Terras Outonais, com todos os pagamentos parando com sua morte.

Kaysar mandara metade dela para Hador, e a outra metade para a família. Uma memória que prezava. Ele guardara as botas por razões sentimentais.

A personalidade de Chantel mudaria com sua vestimenta? Ele descobriria. Amanhã. Naquela noite, ele estava ocupado demais sofrendo.

Há uma hora, ele tomara banho e havia se acariciado. Algo que nunca tivera que fazer antes. Ainda assim, seu desejo permanecia. Quando se vestira em uma túnica limpa e calças de couro, mal conseguira fechar o zíper sobre sua grande ereção. A mecha de cabelo de Chantel permanecia em seu bolso, zombando dele. Por que ele a quis? Por que ele a guardou?

Ele pensou que poderia matar qualquer um que tentasse tirar um único fio dele.

Quando a água desligou, ele virou o copo e engoliu o resto do conteúdo. Decisões precisavam ser tomadas, e rápido. O que ele faria com Chantel aquela noite? Beijá-la? Acariciá-la? Como ela reagiria? Ela seria receptiva? Ou recusaria? *Preciso saber.*

Não. Kaysar ruim. Ele deveria não fazer nada com ela. Ela precisava de descanso. Então ele não avançaria sua sedução. Ainda não. Mesmo que desejasse o oposto. Mesmo que ela implorasse.

Ele lambeu os lábios e grunhiu com o pensamento.

Uma única decisão permanecia. Ele deveria se deitar ao lado dela na cama,

ou forçá-la a dormir na cadeira?

Novamente, uma pergunta levava a outras. Como seria segurar alguém nos braços sem os esganar ou esfaquear? Bom? Melhor do que bom? Horrível? Ele nunca passara uma noite inteira com uma mulher. Ou qualquer um. Depois do sexo, ele apenas ficara tempo o bastante para conseguir o que planejara. Segredos. Informação. Munição.

Ele desprezava ter a pele de alguém pressionada contra a sua. Normalmente. As sensações o lembravam muito de seu tempo com o príncipe Lark e Hador. Depois Chantel apareceu. Kaysar moveu a mandíbula. Eles trocaram toque depois de toque, ainda assim, ele mal voltara ao passado. A maravilha das reações dela e o choque da sua própria mantiveram os pensamentos afastados. O que significava…

Ela tinha influência sobre ele…

Ele rangeu os dentes, um hábito que desenvolvera desde que conhecera a princesa. O que ele faria com ela? Com Jareth?

O príncipe não os seguira para dentro do entreposto – ainda. Kaysar deveria ser quem permanecia na cadeira, preparado. Por outro lado, ele não deveria *tentar* proteger sua Drendall de carne e osso de perto, o corpo agindo como um escudo para o dela?

Ele disfarçou um gemido rouco quando Chantel saiu do banheiro, acompanhada de uma nuvem de vapor. Apesar de não ter se movido, ela se sobressaltou quando olhou na direção dele, realizando uma parada abrupta. Aqueles olhos magníficos se arregalaram, enlouquecendo-o.

— Hum. Oi — disse ela com um aceno.

Kaysar mal segurou outro gemido ao sorvê-la. Sangue se acumulou em seu membro. Ela usava a túnica, e apenas a túnica. Seios voluptuosos com mamilos intumescidos esticavam o material. Pernas esbeltas e pálidas se esticavam sob uma barra que parava no meio da coxa.

Respirar se tornou impossível. Ele fechou e abriu a mão que estava livre, imaginando “fazer pãozinho” em todos os seus lugares macios. Suas bochechas

úmidas possuíam um rubor de um rosa mais intenso do que de costume. Ela estava excitada? Cabelo úmido caía até o meio das suas costas, as mechas maiores a cada hora. Perfeitas para empunhar.

Os lábios dela se partiram com o peso da apreciação dele.

Não. Vou. Beijá-la.

Ela parecia completamente recuperada da jornada deles, ainda assim, ele pressentia o nível de sua exaustão, e seu peito doeu. Ela passara por muita coisa nos últimos dias. Transportada para um reino diferente. O desenvolvimento de poderes sobrenaturais. A atenção de um rei vingativo.

Com movimentos lentos, para não a alarmar, Kaysar colocou o copo ao lado da sacola aos seus pés e se levantou.

— Suba na cama. — O comando saiu rouco. Mas o que mais deveria dizer? Nenhuma outra palavra preenchia sua cabeça.

Não, não é verdade. Outras quatro subiram à tona. *Vou dormir com ela.*

* * *

Cookie se enfurnou sob as cobertas de veludo, ficando confortável no colchão macio. Fadiga a possuía, cem por cento. Ou talvez noventa. Apreensão também tinha uma parte dela. Mas não tinha mais forças para refutar, exausta demais para pensar, mais ainda para resistir aos comandos de Kaysar. Não podia nem preparar suas melhores ou piores defesas contra sua atração.

Cookie queria cortar um pedacinho de Kaysar para si.

Depois de Nick, ela se considerara invencível perante o romance, seu coração preso em uma fortaleza, protegido por dragões. De alguma forma, o enigmático e feroz Kaysar estava escalando as torres, fazendo-a imaginar e querer e desejar. Como seria um relacionamento com ele? Ou pelo menos uma noite entre os lençóis?

A fome deu uma trégua pela primeira vez em dias, ela não deveria ter problemas para dormir. Mas cada vez que sua mente começava a se desligar, um pensamento sobre Kaysar surgia, trazendo outros. Alternava entre estar com

muito frio e com muito calor.

Seu rei sombrio permanecia perto da lareira, respirando com força, como se estivesse lutando com uma escolha.

— Você está planejando me observar enquanto durmo? — perguntou ela, curiosa.

— Talvez.

Ele estivera, pela maior parte, quieto desde que entraram no entreposto. Agora, luz do fogo o banhava, delineando seu corpo poderoso e iluminando as linhas marcadas em sua testa. Ele estava abrindo e fechando as mãos ao seu lado. Uma ação que havia feito antes.

Quais pensamentos cambaleavam por sua mente?

— Kaysar?

— Vou dormir com você. Apenas dormir. — Ele pisou firme pelo quarto, parando aqui e ali para apagar as lamparinas. Conforme a escuridão aumentava, ela derreteu, grata pelo descanso. — Esta noite — entoou —, você descansa, nada mais. Então descanse muito. Você pode não ter outra chance.

Um aviso? Ou uma promessa? Ela não sabia dizer.

Ele parou ao lado da cama, e ela prendeu a respiração. Ele se despiria?

Roupas farfalharam. Ele soltou o cinto. Porcaria. Ele *estava* se despindo, mas ela não podia ver. Por que ele não deixara ao menos uma lamparina acesa?

O colchão afundou conforme ele se esticava ao lado dela, seu cheiro atordoante enchendo seu nariz.

Ele tentaria alguma coisa, apesar da sua declaração? Ela esperava que tentasse?

De qualquer maneira…

— Não espere aconchegos — avisou ela. — Eu *odeio* me aconchegar, abraçar, fazer conchinha e tudo o mais.

— Preferiria morrer — respondeu com um estremecer.

— Bom. — Certo?

— Bom — ecoou ele.

Minutos passaram, nenhum deles se moveu. Do lado de fora, um vendaval uivava e uma veneziana batia.

Lembrando de como ela se sentira incrível nos braços dele, arrastou-se em sua direção. Não para se aconchegar, apenas para… tocar. Conectar-se com outrem. No último segundo, ela pensou melhor e se deitou de costas. Mas o desejo apenas se ampliou, até ela ficar inquieta, miserável.

Quando não podia mais aguentar, sussurrou:

— Kaysar? — Ele ainda estava acordado?

— Sim, Chantel? — O retumbar rouco acariciou seus ouvidos.

— Tente sobreviver a isso, tudo bem? — Ela cobriu o corpo dele com o seu. Ele sibilou quando ela descansou a bochecha sobre o coração. O coração *acelerado* dele. Não estava imune à sua proximidade. Ela se aninhou mais.

— Chantel? — perguntou, a tensão em sua voz criando pavor.

Urgh. Ele estava prestes a ordená-la que se movesse?

— Faça o melhor para aguentar isso, tudo bem? — Ele a envolveu com os braços, hesitante, segurando-a firme.

Ah. Aahh. O calor dele por fim a persuadiu até um relaxamento completo, seus músculos de repente com a consistência de gelatina. As tribulações do dia desapareceram. Isso. Isso era muito melhor do que ficar se revirando na cama. De agora em diante, ela nunca queria dormir de outra maneira.

Tanta coisa acontecera com ela nos últimos dias, ela *precisava* de um porto-seguro na tempestade.

— Humm. Você é incrível — disse ela, envergonhada por arrastar as palavras. Não apenas exausta. Embriagada por ele.

— Você é… — Ele hesitou, brincando com as pontas do seu cabelo.

As pálpebras dela ficaram pesadas, tentando se fechar enquanto esperava o veredito. Ela lutou contra a enchente de letargia com tudo o que tinha. *Vou arrancar cada gota de prazer disso.*

— Necessária — sussurrou, preenchendo o silêncio.

Dormir? De repente impossível. Ela algum dia fora *necessária* para outra

pessoa?

Anseio tão potente quanto uma garrafa de champanhe recém-aberta borbulhou dentro dela, indo direto para a cabeça. Espere. Necessária? Para um homem que conhecia há um punhado de dias? Nem pensar. Ele não precisava dela, e ela não precisava dele. Ela não precisava de ninguém, e era assim que ficaria.

Por que se deixaria precisar de um homem? *Nada* durava para sempre.

Precisando de uma distração ela fez a primeira pergunta que lhe veio à cabeça.

— Você é um rei terrível? O jeito que aquelas pessoas fugiram…

Tensão invadiu o pequeno refúgio deles.

— Finalmente, você mostra interesse por mim, e é isso que você procura saber?

Finalmente? Ele *queria* que ela fizesse perguntas pessoais? Um pequeno fio de prazer se desenrolou. Um interrogatório loucamente pessoal, é para já.

— Você passou o dia comigo — falou, resmungando um pouco. — Que tipo de rei *você* pensa que sou?

Resposta fácil.

— Ardiloso. Expectante. Difícil. Complicado. Generoso com as ordens. Rápido para reclamar. Destemido com as consequências.

Mais de uma vez, mas menos de uma dúzia, ele rasgara o próprio antebraço em farrapos, deixando um rastro de sangue de um quilômetro. Algumas vezes murmurara “estude o mapa” repetidas vezes como se fosse um mantra.

— Sou todas essas coisas e mais, então claro que não tem rei melhor no reino. — Ele soava orgulhoso, e ela incrivelmente sensual.

Se exaustão não a governasse, ela poderia ter feito algo a respeito dessa sensualidade. Mas apenas poderia. Apesar dos outros motivos para permanecer platônica, sexo por uma noite não era com ela. Ou sexo casual. Ela e Kaysar não ficariam juntos mais do que algumas semanas. Um mês ou dois, no máximo. Talvez? Provavelmente?

Ela crescera passando tempo online com jogadores muito mais velhos. Com muita frequência, eles se gabavam de suas conquistas, todo *homem é deus, mulher é puta*. Isso se chegassem a reconhecer a mulher. A maioria eles *descartavam* como sem importância. Esquecíveis. Não, obrigada. Cookie quisera – ainda queria – mais. Ser essencial para alguém. Mesmo que por pouco tempo. Mesmo que ela não deixasse a outra pessoa se tornar essencial para ela.

— Quantos anos você tem? — perguntou.

— Milhares de anos.

— Ah, aquela idade maravilhosa que você começa a contar em adjetivos. Acredito que você alcançou o que podemos chamar de decrépito.

— Não sou decrépito. — Seu tom sugeria que estava franzindo os lábios no momento.

— Negação é o primeiro sinal que você está, de fato, decrépito.

A bufada mais bonitinha saiu dele.

— Quantos anos você tem?

— Vinte e seis muito maduros.

— Também conhecida como infantil — falou, e ela riu. — Me conte como você passa seus dias no reino mortal.

— Jogo videogame. — Ela procurou uma explicação compreensível pela cabeça, mas seus pensamentos embotaram… desbotaram. Ela começou a pegar no sono, apesar de continuar a lutar. — Não quero dormir. Quero aprender mais sobre você…

A exaustão dela ganhou a guerra. Um pensamento final passou por sua mente conforme a escuridão a engolia. *Ele pode ser um* pouquinho *necessário.*

* * *

Cookie dormiu como os mortos. Em um segundo ela não sabia de nada. No próximo estava piscando os olhos para abri-los, sendo saudada por um banho de sol. Grogue, ela se esticou sob as cobertas. Ela algum dia estivera tão maravilhosamente quente e relaxada?

Aahh. *O que é isso?* Um dolorido aqui, um dolorido ali. Excitação fervilhava dentro dela, um calor delicioso surgindo entre suas pernas. Bom. A mente dela pode ter se desligado noite passada, mas o corpo com certeza não o fizera.

Talvez ela e Kaysar devessem…

— Kaysar! — Ela se sentou, sobressaltada, lutando contra uma onda repentina de pânico. Onde estava seu guia maravilhoso? Porque ele não estava ao seu lado. Ou sob ela.

O queixo dela caiu quando percebeu o estado do quarto. Móveis estavam revirados e lascados. Buracos do tamanho de punhos cobriam as paredes. Apenas a cama estava a salvo. Houve uma batalha e ela não ouviu? Ou ele fizera isso em um acesso de raiva?

Pearl Jean e Kaysar acreditavam que Cookie carregava uma escuridão dentro de si. Olhando para a devastação dentro do quarto, ela poderia dizer o mesmo do rei Kaysar.

Então por que, mesmo agora, ela não o temia?

Sem exaustão manchando seus pensamentos e ações, a verdade brilhava intensamente. O homem sofria, e algo dentro dela comandava. *Alivie.*

Ela? Quando não podia nem aliviar a si mesma? Deveria sequer tentar? Em breve, encontrariam um criador de portais e se despediriam. Talvez. Com sorte. Se não, ela se levaria para casa uma vez que recarregasse. Se o fizesse. *Quando* o fizesse.

Ela se arrastou de baixo das cobertas e foi até o banheiro, onde lavou o rosto e escovou os dentes. Apesar do banquete da noite anterior, não precisava usar o banheiro. Um maravilhoso e, com sorte, permanente desenvolvimento. Agora que ela pensava nisso, percebia que não havia sentido vontade de ir desde sua chegada.

Ao esticar a mão para a calça de couro que Kaysar havia deixado separada para ela, seu reflexo chamou a atenção. O cabelo continha mais marrom do que rosa hoje. Os olhos dela eram cinza com pontos verdes. Não exatamente os atributos que seus pais lhe deram, mas bem perto.

Algum dia seria a velha Cookie de sempre outra vez? Queria ser?

Sempre deveria ser uma combinação de Cookie-Lulundria?

Colocou a calça de couro e deu uma última olhada no seu reflexo – uau. Os olhos haviam mudado de cor, de novo? Aproximando-se, ela inclinou a cabeça de um lado para o outro. De cinza com pontos verdes para verdes com pontos cinza outra vez. Mas por quê? O que havia mudado? Tudo o que fizera foi se vestir.

O couro, então? Ela tirou a calça e estudou os olhos. Cinza. Com a calça. Verde.

Tudo bem. Então. Estava claro que a vestimenta era responsável. Mas por que a calça e não a túnica? Quando ela colocara a blusa direto da embalagem, não passara por mudanças. A calça estava limpa, mas era usada. Era essa a diferença?

Qual era o significado disso? Quais outras vestimentas afetavam sua aparência?

Espera. E se fosse mais do que sua aparência que era afetada? Quando ela usara as botas, ela desenvolvera aquele tesão por joias.

O que aconteceria se misturasse as roupas?

Cookie colocou as botas e gritou:

— Kaysar?

Eles deveriam conversar. Ela correu para fora do banheiro e deslizou até parar.

Ele estava sentado no pé da cama, completamente vestido em uma túnica branca e calças de couro pretas. O uniforme deles? Ele ficava melhor, sem dúvida disso, lindo além da imaginação. Nas suas mãos, estavam pendurados um par de chinelos feios, mas que pareciam confortáveis.

Um grão de desejo sexual irrompeu pela ansiedade dela quando ele soltou os sapatos na cama e se levantou de um pulo, seus grandes músculos flexionando. Ele se curvou, preparando-se para a batalha, o brilho em seus olhos tão turbulento quanto a destruição à sua volta.

Ele parecia capaz de qualquer ato vil, e ela… gostou.

— Alguém ousa lhe ameaçar? — Ele preparou as garras. — Alguém morre.

Ela removeu a distância entre eles para segurar sua camisa conforme explicava o que testemunhara. Ele não demonstrou nenhuma confusão, apenas deslumbre.

— Estava certo — falou com um sorriso lento. — Você é a pele em que habita.

Tuuudo bem. Cookie não podia desviar o olhar enquanto ele passava o olhar por seu corpo. Ela também não conseguia recuperar o fôlego.

— Eu não entendo. — *Você é a pele em que habita.* Tipo o quê? Um avatar? — Explique para o resto da turma, por favor.

Ele segurou uma mecha do cabelo escuro dela entre os dedos, esfregando os fios.

— Diga-me. Você se sente diferente?

Sentia?

— Não sei. Por quê? Deveria? Isso é bom ou ruim? Isso é um negócio fae?

— Não é um negócio fae — disse ele com um lento balançar da cabeça. — Um negócio da Chantel Cookie Bardot. Acredito que você vai passar por mudanças físicas e emocionais sempre que usar roupas ou sapatos que um dia pertenceram a outrem.

Ele estava certo? Ela passaria por mais mudanças toda vez que ela se trocasse?

— Não quero ser outra pessoa — reclamou. Ela já precisava se contentar com Lulundria. Jogar outras pessoas no meio parecia uma receita perfeita para o desastre.

Como ainda não estava pronta para considerar todas as ramificações daquele desenvolvimento, ela desviou a atenção para um assunto de igual importância.

— O que aconteceu ontem à noite? Por que você deu uma de *Se beber não case* no nosso quarto? — Ela acenou para a destruição para ajudá-lo a traduzir sua intenção.

As feições dele esfriaram e esquentaram, a inconsistência estonteante. Talvez até desoladora. Ele parecia quase carente e perdido.

— Ah. Isso. Tive uma pequena discussão comigo mesmo. Eu venci. — Seus ombros se ergueram em descaso. — Tem certeza que não prefere se luxuriar no meu palácio enquanto sua habilidade de criar portais recarrega?

— Absoluta.

Ele franziu os lábios e se abaixou para pegar os sapatos que derrubara.

— São para você.

Se ele algum dia decidisse compartilhar seu motivo por arremessar móveis, ela ouviria. No momento, ela examinou o presente. Solado grosso de borracha. Ponta arredondada. Simples. O equivalente fae de tênis? Perfeitos para caminhar.

— Eles não têm joias — comentou. — Prefiro usar as botas.

Ele pareceu confuso.

— Mas as botas machucam seus pés.

— E tem joias. — Conforto desvanecia frente à luz da sua beleza.

— Criatura fascinante. — Divertido, ele soltou os sapatos no chão e ofereceu o braço para ela. — Devemos quebrar nosso jejum e continuar nossa jornada?

— Devemos.

CAPÍTULO QUINZE

Kaysar guiou Chantel pela Floresta de Muitos Nomes outra vez. Conforme passavam pelo labirinto de arbustos, aproximando-se do destino, eles permaneceram quietos. Ela carregava a sacola, cansada sob o peso após meras duas horas de caminhada. Arfava. O descanso muito necessário dela e um café da manhã farto fizeram pouco para melhorar sua estamina.

Ele não se sentia culpado pelo desconforto crescente dela. Ou as novas pedras que colocara dentro da bolsa.

Na noite anterior, enquanto segurava seu corpo suave em um abraço firme, segurando-se a ela como se fosse algum tipo de salva-vidas, ele precisara se lembrar da missão. Fúria o consumira e ele explodira.

Vingança primeiro. O conforto dela não era e nunca seria seu objetivo, não importavam seus sentimentos quanto a isso – uma decisão que ele tomara e aceitara, mesmo enquanto demolia o quarto deles.

— Tem certeza que não preferiria passar as próximas semanas no meu palácio? — perguntou ele pela centésima vez.

— Cara. Se toca. Nada de criador de portais, nada de luxo. — Um lampejo de raiva. Muito bem. Ela sofreria as consequências pela recusa.

Como sempre, ele seguiu em frente. Luz solar destacava alguns trechos do caminho, o som de água corrente aumentando a cada passo. Nem sinal de Jareth. O pobre principezinho encontrara problemas?

Galhos suaves e folhas roçavam nele, e Kaysar imaginou roçar a pele sedosa de Chantel da mesma maneira. Ele sibilou com desejo. Ele *precisava* acariciá-la.

Então isso é desejo. Um querer contínuo e desesperador. Uma necessidade inescapável. Uma fome que consumia tudo, insaciável, capaz de afetar seus melhores planos. A batalha mais doce, e mais dura, que jamais havia lutado.

Estava vagando pela vida antes disso? Apenas meio acordado?

Ele esfregou uma mão no rosto. Poderia ter matado a princesa de mil formas diferentes naquela manhã, e duas mil maneiras diferentes à noite. Mas ela dormira tão tranquila, confiando nele para protegê-la. Ele não desejara perturbá-la. Em apenas um punhado de dias, a vida dela havia sido virada de cabeça para baixo. E ainda assim ela continuava a encontrar conforto com ele.

Ele nunca quis que ela *não* encontrasse.

Ele… gostava dela. Se ela tinha um problema, ela reclamava disso, informando-o. Ele não precisava se preocupar ou perguntar. Ela tinha alguma ideia de como isso era rejuvenescedor? E a habilidade dela de se transformar em outrem pelas roupas que usava – aquilo, ele pensou que pudesse amar.

Como ele a invejava. Tornar-se qualquer um, mesmo que apenas um pouquinho. Sentir o que eles sentiram. Experienciar seus maiores desejos e depois os explorar.

Maravilhoso. Ele estava ereto de novo. Que obsceno.

Pensamentos em Chantel o endureceram repetidas vezes durante o dia. Ele fora inundado com desejos desconhecidos, precisando de todo seu controle para resistir a ela. Ele não sabia bem como conseguiu.

Vendo um emaranhado de trepadeiras espinhentas à frente, ele agiu sem pensar, erguendo Chantel e a puxando contra seu peito, depois a persuadiu a aconchegar o rosto na curva formada pelo encontro do seu pescoço com o ombro.

Outra oportunidade perdida de deixá-la desconfortável. Com os braços ao seu redor, oferecendo proteção, os espinhos não a arranhariam. Agora era tarde demais para mudar de posição. Ele teria que garantir seu sofrimento mais tarde.

— Você sempre deveria me carregar — murmurou ela na pele dele.

Sempre. Segurando-a mais firme, ele continuou pelo emaranhado, protegendo-a o máximo que podia. Quando saíram do outro lado, por fim chegando à cachoeira, ele exalou com alívio.

— Contemple! — Ele acenou para a cachoeira com uma inclinação do

queixo. — O portal que procuramos. O limite entre as Terras Noturnas e as Terras Crepusculares. — Sua casa longe de casa.

— Uau — disse ela, suspirando ao ser colocada no chão. — Isso é adorável.

À frente, um penhasco de três metros com pedras brilhantes que jorravam água tingida de rosa em um lago com dois lados separados por um caminho de pedras. Um lado ficava azul conforme a água caía, enquanto o outro escurecia para um roxo profundo. Pixies voavam em volta, fazendo chover sua poeira brilhante no ar perfumado com jasmim e lavanda.

O caminho de pedras cortava pelo meio da água, provendo um caminho pelo qual podia-se caminhar até a cachoeira.

Kaysar analisou a área, permanecendo alerta, como sempre. Teria ouvido passos?

— Fique aqui — comandou, firme, odiando deixá-la.

Assim que o fizesse, ela encontraria as pedras na bolsa. Ou ela deduziria a verdade ou se convenceria de uma mentira. De qualquer maneira, reagiria e ele teria de lidar com o resultado. Resultado *evitável*. Ele só precisava limpar a bolsa antes de partir.

A vingança dele exigia que removesse qualquer obstáculo. A verdade era um obstáculo. Mas…

Seu instinto. *Proteger*…

Rangendo os dentes, ele enfiou a mão no bolso para dedilhar a mecha de cabelo dela. Inspirar. Expirar. Ele disse a ela:

— Vou te dar uma hora para fazer o que quiser enquanto me certifico que o perímetro está seguro.

Depois eles entrariam nas Terras Crepusculares, quer ela quisesse ou não, e seu verdadeiro tormento começaria.

Sem desculpas. Sem hesitar.

* * *

Cookie não disse nada enquanto Kaysar usava o *flitter*… para algum outro

lugar. Ele sabia que havia mexido na mecha de cabelo dela ao falar que partiria?

Criando uma ligação a ela? Ah, a excitação disso. Até ela lembrar de seu mais novo dilema. O ajuste de sua personalidade, causado pelas vestimentas. Até o momento, a habilidade juntava apenas dois pontos na coluna de prós. Potencial de levar cosplay para um outro patamar, e superar as emoções negativas com positivas apenas através de uma simples troca de roupa. Mas os dois prós também acrescentavam um contra. Gastar dinheiro demais que ela não tinha nessas roupas de cosplay e encorajar decisões pouco saudáveis emocionalmente que poderia se arrepender mais tarde.

Kaysar gostou dessa novidade, ela pôde ver. Ele *não* gostava de sua personalidade sem os ajustes?

Ninguém poderia aceitá-la por *ela*?

Suspirando, ela procurou um lugar confortável para descansar. Ali. Uma pedra plana e seca perto do lago. Um marco que ela acreditava reconhecer. No jogo, também tinha um portal lago/cachoeira, e levava a uma terra traiçoeira cheia de armadilhas e tesouros. As duas localizações eram iguais?

Ela arrastou a sacola até a pedra e se sentou. Sem a interferência de Kaysar, ela poderia, finalmente, examinar seus espólios.

Tremendo com antecipação, Cookie abriu a bolsa e tirou o item do topo da pilha. Um vestido esmeralda maravilhoso, transparente demais para caminhar. O material cruzava na região do busto para aumentar o decote, garantindo que sua barriga ficasse desnuda. O que Kaysar estava pensando ao pegar isso… ah, esquece. Homens. Apesar que, sim, era perfeito para fazer um cosplay de concubina – ou se tornar uma, se algum dia tivesse vontade – e custara zero dólares.

Tudo bem. Certo. Talvez a habilidade das roupas não fosse tão ruim assim. Cookie a Sedutora podia conseguir fazer o que Cookie a Colecionadora de Joias não conseguira: ganhar um beijo do rei fae. Ela desejava tanto a boca dele na sua.

O que Pearl Jean pensaria do homem? Sugars sibilaria e o arranharia, assim

como fizera com Nick?

Urgh. Por que isso importava? Cookie e Kaysar eram de dois mundos diferentes. Eles não tinham futuro. Não que alguém tivesse.

Ela voltou a atenção para o segundo item na sacola. Um vestido rosa com menos material. A saia parecia uma teia, como se lenços finos como papel tivessem sido costurados juntos, com fendas aqui, ali, em todos os lugares. *Amei!*

Em seguida encontrou uma túnica e outro par de calças de couro. Urgh. Chega de roupas. Onde estavam as coisas boas? Ela virou a sacola e derrubou o resto dos itens. Mapas. Itens de higiene. Um cantil com – ela abriu a tampa e cheirou. Ah, uau. Seus olhos arderam e encheram de lágrima. *Tão tonta. Um cantil com o álcool mais potente de todos.*

Quando sua visão equilibrou, ela tampou o container e enfiou no bolso da calça para manter em segurança, depois retomou sua investigação. Outro colar de diamante. Um colar de rubi de duas voltas. Uma pletora de anéis com pedras do tamanho de nozes. Um bracelete de esmeraldas. *Meu, meu, meu.*

Ah! Ela encontrou duas adagas com punhais cravejados. Um tijolo escuro de… casca de árvore? Pedras que coletara durante a caminhada? Treze, para ser exata, cada uma pesando meio quilo ou mais. Mas por que ele acrescentara as pedras? Um costume fae, talvez? Magia?

O sexto sentido dela – Lulundria – disse-lhe *não*. As pedras não serviam a nenhum propósito… exceto fazer peso e a cansar.

As palavras ecoaram, o coração saltando no ritmo de “você está no caminho certo”. Suspeitas zuniram. *Pesar. Cansar.* Ela lembrava a relutância de Kaysar de visitar o entreposto, de comprar os confortos que ela precisava desesperadamente. Sua completa negação da existência do entreposto. *Nada que precisamos aqui.* Seu alto preço para usar o *flitter* no lugar de caminhar. A sugestão para ela nunca lembrar das memórias de Lulundria. Seu ódio por Jareth… quem ele considerava o marido de Cookie. A guerra com o homem.

Confusão abriu caminho para raiva. Kaysar a mantivera atormentada de propósito? Ele a *fizera* miserável? Quantas vezes ele acidentalmente a levara por

um arbusto de rosas selvagens? As poucas vezes que pararam para descansar, algum tipo de inseto tentara picá-la. Ela. Não ele. Toda. Vez. Como se ela tivesse sido propositalmente levada até o animal.

Mas por que ele faria isso com ela? Só para atingir o príncipe Viking? Ou ele não desejava encontrar um criador de portais e estava apenas gastando o tempo de Cookie até ela ceder às suas demandas e concordar com umas férias temporárias no palácio? Porque as duas explicações serviam aos dois lados dele.

As unhas dela se afiaram em pequenas garras, seus espinhos pessoais. Um choque tanto quando um deleite. Mas por que Kaysar a permitira descobrir as pedras? Ele as esquecera? Não era provável. Ele pensava que ela era tola demais para descobrir suas más intenções, depois que ela descansasse.

Cookie focou o olhar na lingerie – desculpe, nos vestidos que ele provera. Eles não ofereciam nenhuma proteção contra galhos afiados ou insetos. Ou o clima. Outro método de controlá-la?

Ele com certeza a queria miserável.

Ela não podia acreditar que algum dia considerara a possibilidade de dormir com o babaca.

Ela quase deslocou um ombro ao tirar as botas.

— Fingir que me deseja? Me fazer carregar pedras? Tudo bem. — Ela se levantou e tirou a roupa com mais força do que necessário. — Vou *fazer* você me desejar. Você vai ficar *duro* como uma pedra sem nenhuma forma de extravasar — murmurou ela entredentes. O tolo havia dado a ela um arsenal para usar contra ele. Roupas sensuais e loções fragrantes.

Cookie o levaria ao limite e o deixaria lá.

Movimentos tensos, ela recolheu os produtos de higiene pessoal. Uma garota deveria estar no seu melhor quando servia sua vingança.

Na água, ela usou o sabonete chique, esfoliante e óleo, os perfumes doces complementando seu olor único. Quando terminou, ela se secou e considerou os dois vestidos. Rosa ou verde? Se as roupas afetavam sua personalidade, isso importava. Ela estava bem brava naquele momento, e ela se recusava –

recusava! – a se acalmar.

Justiça seria servida quente.

Seus objetivos se alinharam. *Provoque-o, rejeite-o, e dê o fora daqui*. Depois que fizesse o corpo dele tão desconfortável quanto o dela, pegaria suas coisas e iria embora.

Você não podia formar um time com alguém que não confiava. Com mais e mais semelhanças aparecendo entre Astaria e Rhoswyn, Cookie poderia desbravar o terreno das Terras Crepusculares por si, muito obrigada.

Talvez você não devesse brincar com as afeições do assassino?

Por favor. Ela *ainda* não estava com medo dele. Na verdade, não existia ninguém cujas afeições ela mais gostaria de brincar. A ideia de beijar Kaysar, de acelerar seu motor e o deixar querendo mais, a excitava de maneiras que *ela* desejava. Ou Lulundria desejava? Como ela poderia saber? Isso sequer importava?

Ela passou o olhar entre os dois vestidos. O verde. Algo nele a atraía…

Pela primeira vez, ela não se sobressaltou quando o material sedoso se apertou em suas curvas. Apesar de esperar, ansiosa, não percebeu nenhuma mudança de humor ou mentalidade. Isso significava alguma coisa? Ou nada? Respirando fundo, colocou as joias que combinavam.

— Chantel? — Kaysar se engasgou de algum lugar próximo.

Ele retornara.

Cookie pensou que o coração fosse parar quando ergueu o olhar e o descobriu a poucos passos de distância. Ela olhou para ele de cima a baixo e segurou um gemido. Sangue havia espirrado nele da cabeça aos pés, e era bom olhar para ele.

Sensualmente bom.

Mas até aí, ela também estava sensualmente boa.

Uma nascente borbulhante de confiança se espalhou por ela, e Cookie deu grandes goles de suas águas. Coisa do vestido? Ah, quem ligava? Confiança havia se fundido com seus ossos, presenteando-a com uma medula de aço.

Ela sorriu, devagar. De modo frio.

— Dia difícil no escritório, querido?

Ele a analisou, os olhos queimando e a mandíbula apertada.

Uma gota de água pingou das mechas escuras do cabelo dela para o mamilo – um mamilo que ficava mais tenso conforme ele a observava, encantado, limpando a boca com o dorso da mão.

Ele engoliu.

— Não encontrei sinal de Jareth, apenas um grupo de centauros que seguiu nosso rastro. Eu os massacrei, é claro.

— É claro. E tenho certeza que vou adorar ouvir tudo isso… depois de conversarmos sobre como você tem me tratado e você me pedir desculpas suficientes. — Não que ela fosse mudar de ideia sobre dar o fora.

A pilha de coisas espalhadas nos pés dela capturou a atenção dele, as pedras em específico, e ele ficou tenso.

— Bom.

Resignado – aliviado? – ele voltou o foco para ela. Espere. Ele *queria* que ela soubesse e *procurasse* esse embate de propósito? A noção a fez pensar.

— Você tem perguntas, com certeza.

Pelo menos ele não estava se fingindo de bobo.

— Tenho.

Ele olhou para ela de cima a baixo outra vez, exalando um misto de satisfação e lembrança saudosa.

— Você selecionou o vestido da princesa Tatiana para me enfrentar no lugar de um vestido que um dia foi de uma concubina real. Que intrigante. Eu me lembro bem de Tatiana, agora que vejo a roupa dela cobrindo sua pele luxuriosa.

Luxuriosa? Algumas vezes ele dizia as coisas mais doces e safadas. Em outras ele ia direto ao ponto.

— Fale mais.

— Tatiana foi a terceira noiva de Jareth, celebrada por muitos por sua teimosia imperturbável. Ninguém esperava que eu fosse roubar suas afeições do

príncipe. Mas eu o fiz.

E ele esperava ganhar Cookie do príncipe também? Exaurindo-a?

— Me diga por que você fez isso comigo.

Deixe-o defender suas racionalizações.

— Eu busco a punição do príncipe Jareth — falou, confirmando as suspeitas dela. Ele ergueu o queixo, o orgulho inconfundível. — Nossa guerra dura eras. — A ferocidade no seu tom proclamava. *Não é tempo suficiente*.

— Então você abusou de *mim* para punir a ele? — exigiu saber ela.

— Abusei. — Ele formulou as palavras sem um toque de remorso. — Eu *vivo* para puni-lo.

Punir. Jareth o matador de esposas havia ferido alguém que Kaysar amava?

E ele pensava que isso justificava suas ações?

Esqueça deixá-lo duro e desejoso. Sob a raiva dela, mágoa fervilhava. Se ela o punisse por punir outra pessoa, então Kaysar tinha direito de puni-la. Um ciclo sem fim. Ela ficou de joelhos e enfiou os pertences na sacola – ela merecera aqueles itens.

— Te devo um aviso, então aqui está. Vou te deixar.

Whoosh. Cookie piscou, seu mundo inteiro de cabeça para baixo, de repente. Não, lado certo para cima. Kaysar havia usado o *flitter* até ela e a jogado no chão, prendendo-a sob si. Ele pairava sobre ela, uma mão prendendo seus braços acima da cabeça, a outra segurando sua garganta, as pontas do metal pressionando sua pele.

A selvageria no rosto dele intensificava a vulnerabilidade da sua posição. Aqueles olhos de whisky brilhavam enquanto ele encaixava uma ereção enorme entre suas coxas.

— Você *não* vai me deixar.

O coração dela acelerou, ao mesmo tempo que seu sangue esquentou. *Nem um pouquinho de medo.* No lugar, a confiança dela cresceu. Esse rei letal podia desejar atingir Jareth, deleitando-se com suas retaliações mesquinhas contra a "esposa" do príncipe, mas ele desejava mesmo a Cookie. Nisso, ele não havia

mentido.

A mágoa recuou.

Imperturbável? *Olha isso.*

— Qual o problema, Kaysar? — ronronou ela, aconchegando o corpo dele com o próprio. — Sua ereção enorme por mim o deixou irritado?

Ele hesitou, mas se recuperou rápido.

— Você não vai me deixar — repetiu. — Até eu ter terminado com você, ficamos juntos.

Terminado? Com ela? Vai sonhando.

— Me impeça de deixá-lo comendo poeira. Se você puder. — O sorriso dela se libertou, de repente estampado em seu rosto – porque ela deixou. — Se eu falhar em descobrir outro criador de portais, se eu nunca recuperar a habilidade de criar portais, ainda *vou* encontrar o caminho de casa.

Emoções diferentes marcaram suas feições, cada uma com base no desespero.

— Deixe-me e vou lhe caçar. Vou encontrar você, Chantel. Nada vai me impedir.

Cookie sorriu docemente para ele, puxou uma mão para soltar, e enfiou a palma da mão no seu nariz. Cartilagem partiu e sangue escorreu.

— Vá em frente e me ameace outra vez — disse ela—, e vou machucá-lo.

Além de um coice da cabeça ao absorver o impacto, ele não demonstrou reação ao golpe – o que se provou insanamente atraente.

— Lulundria é a chave para minha vingança contra o príncipe — continuou ele sem hesitar. — Sendo assim, você é minha chave. Você vai me ajudar, Chantel. Por vontade própria. Isso não é negociável.

— Não sou nada sua — retrucou, e estava falando sério. — Poderia ter sido sua amiga e colega de time, mas você arruinou tudo.

Ele havia acabado de fazer uma careta?

— Você vai ficar comigo, e vou ser melhor. Vou escolher outro caminho para você. Já me desviei do original.

De ameaças a promessas falsas.

— Muito pouco, tarde demais. Já disse que estamos terminados, e falei sério.

— Eu… cometi um erro — falou rápido. — Eu não te conhecia quando formei meu primeiro plano. Foi há uma eternidade.

— Uma eternidade — ecoou ela, revirando os olhos. — E você acha que me conhece agora? — Dias depois?

— Conheço melhor. — Ele moveu a cabeça para dar ênfase. — Sei que você ficaria *muito* chateada se lhe machucasse ou enganasse outra vez.

Percebendo que não poderia ficar com ela sem cooperação? Ou seu desespero crescente era causado por outra fonte? Enquanto falava, ele se movia de leve contra ela, como se tivesse perdido a batalha para permanecer imóvel.

Para consternação dela, o suave roçar e esfregar estimulou uma quantidade vergonhosa de umidade dela. Ela abafou um suspiro de desejo.

— Você teve uma chance comigo, Kaysar. E desperdiçou.

— Você tem esperança de abandonar seu Homem de Garras? — Roçando. Roçando. Ele aplicava cada vez mais pressão, até que suprimir um suspiro se tornou a menor de suas preocupações. — Ou gozar nele?

— Nenhum? Os dois?

Tão bom! Cookie não podia ficar parada. Ela rebolou, encontrando o próximo roçar e gemendo. O olhar foi para os lábios suaves dele. Ela queria tanto sua boca na dela.

Talvez… talvez ela pudesse ficar um *pouquinho* mais? Não, ele fez mal a ela! Ela não deveria fazer bem a ele.

— Você não vai me seduzir para mudar de ideia.

— E se eu só desejar seduzir você agora? — perguntou em cima dela, feroz e carnal. Fatal para a resistência de uma mulher. Ele cheirava a luz do sol, sabonete e sândalo, e toda inspiração a deixava tonta. — Você faz meu corpo desejar coisas que nunca desejei antes.

— Isso quer dizer que o *meu* plano é um sucesso. Seu corpo pode sofrer assim como o meu sofreu. — Ela quis fazer uma declaração ousada. No lugar,

ela proferiu uma provocação rouca.

— Você busca o sofrimento do meu corpo? Missão cumprida, bonequinha. — Ele se abaixou, como se para colidir a boca com a dela. Um segundo antes do contato, parou, como se não ousasse tomar o que não era oferecido. Expirações quentes cobriram o rosto dela, acariciando sua pele sensível. — Você está satisfeita em saber que *nunca* sofri assim? Que eu desejo de maneiras que não sabia que poderia? Com seu desejo e sua confiança e seu tudo, você desgastou meu controle como nenhuma outra. — Ele revelou um sorriso muito mais presunçoso do que o dela. — Mas você também deseja, não é mesmo, docinho? Sinto o cheiro da sua excitação. É o perfume mais doce.

Admissão inebriante. Ferocidade suntuosa. Pergunta perigosa.

— Talvez deseje. — Hora de Kaysar aprender uma verdade dura sobre ela. — Sou mesquinha o bastante para me negar prazer, contanto que a você também seja negado.

As pupilas dele dilataram como se ela tivesse proferido o convite mais provocativo. Ele parecia enfeitiçado. Encantado.

— Prazer. Sim. Eu quero. Dê-me. — Sua respiração ficou entrecortada. — Eu lhe dei minha verdade, afinal. Agora você deveria me oferecer uma recompensa.

Ele quase encantara a *ela*. Ele… seu tom. Desejo agonizante saturava todas as notas. Ele *tinha* instigado aquele embate. Era a versão dele de uma confissão. Talvez até uma desculpa. Porque ele esperava – procurava – uma segunda chance com ela?

Não é bom o bastante. Os olhos dela semicerraram. Se ele procurava absolvição, ele escolhera a garota errada.

— Recompensar você por finalmente me dar o que me deve? Não. — Mas ah, o desejo se recusava a desaparecer. Calor emanava dele, cobrindo-a com mais firmeza do que suas trepadeiras jamais fizeram.

— Deixe-me ir — disse ela, rouca.

— Prazer — repetiu ele, como se a palavra tivesse ficado presa no seu

cérebro. — Eu nunca o experimentei, e eu quero. Com você. — Ele roçou a ponta do nariz no dela. — Se você me disser para lhe deixar partir outra vez, no entanto, vou deixar.

Ele *nunca* sentira prazer? Impossível. Mas continuou intrigada. Ele *parecia* fascinado pelo pensamento de um simples beijo, olhando para os lábios dela como se portassem a solução para os grandes mistérios da vida. Nenhum outro homem jamais olhara para ela assim.

Confiança se fundiu com vulnerabilidade, criando… outra coisa, e a respiração dela ficou mais leve. Ela imaginou ser a primeira mulher a instigar paixão em Kaysar, e ah, o desafio era sedutor. O poder também. Algum outro trunfo seria melhor? Depois, ela poderia se afastar, como planejado. Porque ele estava certo. Ela o desejava, e isso não desapareceria.

Por que ela deveria desperdiçar uma oportunidade de satisfazer sua curiosidade?

— Você quer experimentar prazer? — Ela lambeu os lábios e arfou: — É só tomar, Vossa Majestade.

Desejo ressoava dele. Aos poucos, ele aproximou os lábios deles.

Ela esperou, suspensa em uma nuvem de avidez e incerteza…

Contato.

Ela perdeu o fôlego. Ele aplicou a menor das pressões ali, mas apenas um momento e tão gentil que ela perdeu todas as defesas. Ele… ele…

O que estava acontecendo com ela? Com um roçar de sua boca, ele acabou com sua raiva.

Ele não se afastou, mas pairou o rosto sobre o seu ao se mover contra ela. As carícias leves a apressaram em direção ao precipício. Ela se arqueou e – fricção!

Cookie ergueu os quadris, esfregando-se na ereção dele. Eles gemeram juntos. Mas ele não aumentou o ritmo ou a pressão. Ele a manteve desejando… viciada.

Eles respiraram o mesmo ar e arfaram. Ela ficou mais molhada, tremendo e sofrendo, sua excitação incomensurável. Por mais quanto tempo ela poderia

suportar aquele suplício intenso? Todas as partes dela permaneciam cientes de todas as partes dele.

— Doze meses de tortura, e ainda assim você está se tornando meu maior tormento. — Ele parecia confuso – ou maluco. Ele sequer sabia o que estava dizendo? — Quero que você nunca pare.

Doze meses de tortura? O motivo da guerra com Jareth? Não era surpresa que Kaysar exigia retribuição. Não importava quem precisasse machucar.

A necessidade de reconfortá-lo arrancou dela um gemido entrecortado. Com a voz irregular, ela comandou:

— Me beije, Kaysar. Me beije e não pare.

Ele mergulhou. Bendito contato. Como um homem possuído, ele empurrou a língua na dela. Ele se devotou ao beijo, reivindicando-a com força. Reivindicando-a bem.

A decadência do seu sabor a deixou titubeante. Eles se alimentavam um do outro, como se famintos. Como lábios tão suaves entregavam uma felicidade tão potente? Sob o tecido frágil do vestido, os mamilos dela latejavam por ele. Entre as pernas, um sofrimento sublime se intensificava.

Ele roçou contra ela, a fricção melhor do que antes. Divina. E aí ele fez de novo. E de novo. Esfregando.

Ela soltou os pulsos para arranhar suas garras de espinhos pelo cabelo dele.

Ele fechou os olhos por um momento, desfrutando do contato. Devagar, ele deslizou a mão da garganta para o seio dela.

— Sim — gritou ela quando ele a apalpou. Com o polegar e indicador, ele apertou seu mamilo. Gemendo, ela arqueou na mão dele. Tão intensamente excitada, tão rápido? — Mais, Kaysar.

O toque dele ficou mais vigoroso. O beijo se tornou maravilhosamente agressivo. Quando abaixou a cabeça para a artéria que ameaçara segundos atrás, ela suspirou.

— Você quer mais? Vou lhe dar *tudo* — garantiu, feroz.

Hum, aquela voz. A pura e concentrada autoridade. Ela moveu os quadris,

controlada por instinto puro. Sentindo-se mais vulnerável e exposta com cada nova sensação que ele induzia, ela segurou sua túnica, só para franzir o cenho quando percebeu o que fizera. Quando criança, ela pegava as roupas dos pais para chamar atenção deles. Um hábito que superara há anos. Por que ele ressurgiu agora, com ele, uma distração temporária?

Uma preocupação para mais tarde. *Preciso me livrar da túnica. Sim.* A fonte dos seus problemas. Puxando o material, ela comandou:

— Fora.

Depois de Kaysar ir com tudo para trás, ela esperava que ele pegasse a barra da camisa. Em vez disso, ele permaneceu imóvel, arfando e tenso. Ele procurou o olhar dela, o próprio transbordando com horror e vergonha, como se memórias terríveis dançassem por trás de seus olhos.

Estilhaços de vidro dourado pareciam brilhar ao redor de pupilas do tamanho de moedas de dez centavos. Linhas de tensão saíam dos cantos de sua boca, onde a pele estava tensa. Um contraste odioso com seus lábios inchados e vermelhos do beijo.

Vê-lo assim machucava algo dentro dela.

— Eu te machuquei, docinho?

Machucou? Por que ele pensaria isso? Ela negou com a cabeça.

— Não, nem um pouco.

Logo antes de interromper o beijo, ela usara a palavra *fora* na esperança de o despir. Era possível que ele confundira sua intenção? Que ele acreditava que ela ordenara que parasse?

A vergonha manchada por horror levantava suposições terríveis.

Ela deve ter feito uma careta que ele entendeu como pena. Suas bochechas inflamaram e ele se afastou mais. Mas não saiu batendo o pé. Ele parou na frente dela, um músculo pulsando sob seu olho. Ao observá-la, sua expressão congelou. Um canto de sua boa se inclinou com desdém.

— Seu marido vai ficar descontente quando eu descrever essa indiscrição. Acho que ele vai ficar bastante interessado no jeito que você implorou por isso.

Ah, isso doía. Ela entendia por que ele dissera isso? Sim. Ele estava reagindo à pena identificada erroneamente. Era uma porcaria – ele também meio que era uma –, mas ela entendia. Era provável que ela tivesse feito o mesmo com outras pessoas. Se provável significasse com certeza. Mas o que era pior de tudo – ele queria dizer aquelas palavras. Ele queria contar para Jareth; uma subcorrente de alegria o entregara. O que a fazia especular sobre outras coisas… Ele tentara salvar Lulundria de Jareth só para machucar o outro homem?

— Que original — disse ela com um revirar de olhos. — O garoto-homem grande e mau se gaba da sua proeza com a conquista fácil. — Cookie ficou de pé e organizou as dobras da saia como se não tivesse nenhuma preocupação. — Espero que tenha gostado da sua primeira experiência de prazer comigo. Porque também foi a última.

— Não vamos nos separar — retrucou entredentes.

Neste momento? Não, não iriam. Se ela fugisse, ele a perseguiria e pegaria. Mas ela podia esperar…

— Confie em mim, Casanova. Não vamos ficar juntos por mais muito tempo.

Ele esfregou uma mão no rosto. Os ombros caíram.

— Sinto muito pela maneira como lhe tratei. Sinto mais ainda pela minha explosão. Você não merecia isso. Eu só… Eu não gosto como você me faz sentir *carente*, e reagi mal. Isso tudo é novo para mim. Estou patinando. Nunca quis uma mulher da maneira que lhe quero.

A honestidade dele sobre suas emoções a surpreendeu. Nenhum outro namorado nunca pediu desculpas ou admitiu se sentir carente. Não que Kaysar fosse namorado dela. Mas talvez devesse dar outra chance a ele como seu guia?

Argh! Como ele fazia isso com ela? Em um segundo ela queria ir embora na hora, no outro ela queria grudar no lado dele.

— O tempo de enganações e ameaças acabou — disse ele. — Gostaria… acho que deveríamos ser colegas de time. De verdade.

— Oi? — Ela balbuciou por um momento. — O assassino sabe fazer piada.

Ele franziu os lábios.

— Jareth é um homem vil. Ele e sua família fizeram coisas vis comigo quando criança. Você pode me ajudar a atingi-los. — Raivoso, esperançoso e hesitante, ele abaixou a cabeça e ergueu o olhar para ela. — Você vai me ajudar, docinho?

Ah, ele é bom. Tinha cem por cento de chance de ele estar brincando com as emoções dela agora. Porque não tinha jeito, nenhum jeito, que um homem tão poderoso quanto Kaysar pudesse ser tão vulnerável quanto parecia no momento.

Mas e se ele tivesse falado a verdade? E se Jareth e sua família *tivessem* feito coisas vis com o jovem Kaysar?

Ela poderia mesmo deixar o assassino de um inocente se safar? Ela não devia algo para Lulundria? Que presente melhor Cookie poderia dar para a mulher do que entregar retribuição total para seu assassino?

Kaysar poderia ajudar *ela.*

Mais uma vez, ela mudou o rumo.

— Tudo bem — disse ela com um aceno. Decisão tomada. — Vou lhe dar uma segunda chance, e vou formar um time com você de forma voluntária. Da bondade do meu coração, vou até ajudar a machucar Jareth. Mas é melhor você me tratar direito, Homem de Garras, ou vou deixá-lo na primeira oportunidade.

— Sim. — Ele a segurou pela cintura e a puxou para perto em um abraço. — Vou lhe tratar direito. Vou aprender como.

A expressão honesta dele fez coisas estranhas com sua barriga.

— Não vai ter sexo, claro. — Ele arruinara a atração quando desdenhara. — Removi essa opção para sempre.

Uma negação brusca irrompeu dele.

— Sexo é prazer e nós dois precisamos de prazer. Mas sexo também é vingança. Exijo isso.

Nem pensar.

— Odeio ter que te contar isso, amigo, mas seu planejamento de guerra acabou de ser alterado. Jareth vai morrer dolorosamente. — Por Lulundria.

Uma raiva mortal e ímpia tomou conta de Kaysar.

— Ninguém mata Jareth. Nem mesmo você. Entendeu?

A malícia que projetava… ai.

— Você quer torturar ele enquanto procuramos o criador de portais, tudo bem, vamos torturá-lo em vez de matá-lo. Posso ajudar. E não me diga que não tenho mais nada a oferecer a não ser meu corpo. No meu mundo, sou uma jogadora, e jogo um videogame baseado em seu mundo. Se o reino além da cachoeira for o que penso que é, conheço as armadilhas, truques e venenos do terreno. Vou garantir que Jareth *implore* pela morte. — Existiam maneiras…

Com as palavras dela veio uma nova onda de confiança. Com a confiança vinha clareza e aceitação. Ela também tinha uma arma maravilhosa à disposição – a habilidade de mudar de personalidade quando quisesse. Não era um fardo, afinal, mas uma arma para ser utilizada.

E ela utilizaria.

Cookie sorriu para Kaysar, que a observava com desconfiança agora. Finalmente, ela sabia o que estava fazendo. Aquele era um esporte de times. Especialidade dela. Jareth não tinha nenhuma chance.

Vamos jogar.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Com a cabeça parecendo um campo de guerra, Kaysar ficou nu e pulou no lago. A água gelada fez pouco para acalmar suas emoções delirantes. Apenas poucos momentos atrás ele estivera consumido por desejo ao beijar Chantel, esbaldando-se nos lábios dela, todos os pensamentos focados nela, e apenas nela. Seu passado? Sua vingança? Esquecidos. Ele ignorou tudo exceto a mulher estonteante em seus braços. Como o sabor dela era doce. Mais doce do que seu olor prometera. A suavidade da sua pele sedosa foi uma revelação. Os seios dela enchiam suas mãos, mamilos duros roçando nas palmas. O controle dele se dissolvera.

O beijo dela acendera uma nova vida dentro dele, seu corpo não era mais seu, mas dela. Deles. O que ela desejasse, ele ansiava por dar. Ele se sentia *compelido* a dar, como se ele mesmo tivesse proferido a ordem.

Na hora, pensara que estava amando as sensações inebriantes. Agora tinha dúvidas. Negligenciar sua vingança, mesmo por um momento? Como ele poderia ousar pensar nisso?

Ele não podia se perder na princesa outra vez. Mas manter distância dela? Quando seu corpinho curvilíneo praticamente salivava pelo dele? Impossível. Seu membro latejava insuportavelmente por ela. Penetrá-la estava no topo dos seus compromissos do dia. Ele só precisava convencê-la a voltar a considerar sexo uma alternativa.

Ele poderia?

Ele precisava.

Ele iria.

Kaysar voltou o olhar para ela pela centésima vez, incapaz de impedir a ação. Ela estava sentada na margem, mal coberta pelo vestido cor-de-rosa que insistira

que ela usasse depois de perceber o sangue que ele depositara no vestido verde. A beleza dela tirava seu fôlego.

Depois de colocar a vestimenta, ela havia suavizado imensamente, tornando-se tímida e brincalhona – atacando as defesas dele com maior força.

Os vestidos que eram para punir Chantel apenas puniam Kaysar.

Ela atraía seu olhar – o compelia a voltar para ela. A visão dela o atingia como um golpe.

No momento, ela mordiscava os pães, queijos e frutas que ele confiscara dos centauros, um contingente de mercenários que Jareth pagara para atacá-lo.

Kaysar pegara a comida para ela antes do banho, aliviado que a parte do tormento do relacionamento deles havia acabado. Ele não sentira vontade disso, de qualquer maneira. Ele gostava da ideia de trabalharem juntos para cumprirem o objetivo dele.

Mas e quanto ao criador de portais? Ele devia a ela uma forma de voltar para casa, então deveria cumprir. Algo que um companheiro honesto faria. Mas ele não queria que Chantel deixasse Astaria. Nunca. O que significava que precisava convencê-la a ficar com ele *antes* de apresentá-la a um criador de portais. Mas como? O que mais ela precisava dele?

Quando nenhuma resposta se apresentou, Kaysar saiu do lago. Ele balançou o cabelo, jogando água em todas as direções, depois se vestiu com uma túnica limpa e calças de couro que Chantel o “presenteara”.

Ao voltar com a comida, ela dissera a ele:

— Você disse que tudo nessa bolsa é meu, e não carreguei nada seu. Em vez de deixar você andar por aí pelado ou em roupas sujas, vou presenteá-lo com uma camisa e calças. — Ela abrira um sorriso largo e doce. O mesmo sorriso que abrira antes de dar um soco no rosto dele. — Por um preço.

Quando ele recusou, ao mesmo tempo afrontado e ferozmente excitado, ela apenas alargara o sorriso, uma mulher sedutora que homem nenhum tinha vontade de resistir.

— Você acha que vou exigir sexo — ela perguntara, rouca —, ou você espera

que vá?

Como ele esperara! No fim, ela apenas pedira informação sobre o “tronco”. A *elderseed*. Quando plantado, crescia em árvores encantadas. Quando ingerido, curava qualquer machucado e fortalecia exponencialmente qualquer fae por um curto período. Os olhos dela se arregalaram com animação conforme ele explicara, e ela murmurara:

— Assim como a *elderseed* do jogo.

— Se eu comer a *elderseed*, vou recarregar na hora, certo? — perguntara ela. — Vou recarregar o bastante para abrir um portal?

Claro que a mente dela fora direto para isso.

— Não vai — respondera ele, e era verdade. — Criar trepadeiras e abrir um portal vem de duas fontes diferentes de poder. A *glamara* apenas utiliza a criação de videiras como uma ponte através da qual se manifestar. A *elderseed* vai carregar qualquer habilidade *menos* sua *glamara.*

— Está com fome? — perguntou ela, trazendo-o de volta para o presente. Ela acenou para o piquenique que organizara, rubis brilhando em sua garganta, bíceps e dedos. — Guardei metade para você… depois de comer a metade inicial.

— Não, obrigado. — *Não, obrigado?* Ele franziu a testa, confuso. Quando ele tivera lições de comportamento cavalheiresco? — Deveríamos ir. — Eles entrariam nas Terras Crepusculares, como planejado originalmente. Ele ficaria atento e buscaria um criador de portais *vivo* que era muito provável que não encontraria. Chantel ficaria satisfeita com seus esforços. Pelo menos por um tempo. Ele poderia usar esse tempo para aprender mais sobre ela. Conquistar suas afeições.

— Muito bem. — De onde estava sentada no chão, recolheu seus pertences. Assim que terminou, ele ofereceu a mão a ela. Com um sorriso digno de um suspiro, ela pousou os dedos sobre os dele. — Quanta gentileza sua. Ahhh. Olhe para nós. Tão educados um com o outro. É como se nós *dois* nos tornássemos pessoas melhores.

A suavidade dela. O calor. Lutando para controlar seus desejos mais aguçados, ele a puxou até que ela se levantasse. Culpa o queimou quando ancorou a sacola no peito e o peso forçou o ombro dele.

Ignore. Eles seguiriam em frente de hoje em diante, não para trás.

Kaysar enlaçou os dedos com os dela, maravilhado com as diferenças entre eles. O tamanho diminuto de sua estrutura óssea comparado com o grande tamanho dele. A palidez de sua pele sedosa perto de sua escuridão. A delicadeza das suas unhas rosa, com as garras de espinhos pretos retraídas, contra as pontas afiadas de metal das dele.

A culpa ganhou mais território, e ele fez uma carranca. Ao guiá-la pelo caminho que dividia o lago, pisando em uma pedra musgosa para outra, ela fazia os barulhinhos mais doces. Sangue continuava a correr para sua virilha, seu membro quase irrompendo para fora do couro.

— Estou surpresa que Jareth ainda não nos encontrou — disse ela.

— Esperava que seu marido…

— Uh, ele não é meu marido, muito obrigada. Essa solteira permanente não vai se comprometer.

— Você é uma Frostline. Ele é um Frostline. — Ela mudaria de ideia se lembrasse do amor de Lulundria por Jareth? A ideia quase fez Kaysar parar na hora. Ele não gostava do pensamento de Chantel beijando e tocando o príncipe. Nunca.

— Espere. — Ela puxou a mão para longe dele. — *Você* está em um relacionamento com alguém? Quero dizer, sei que você não é casado, mas e uma namorada? Amante? Um harém?

O pensamento a deixava espumando de ciúmes?

Ele sorriu com a mera possibilidade e usou o flitter para trás dela. Kaysar moldou seu corpo ao dela, do jeito que gostava, cobrindo-a. O instinto exigia e ele obedecia.

Quando ele deslizou as mãos sobre seus quadris e segurou, ela ficou sem fôlego. Quando aplicou pressão, pressionando-a contra ele, ela não tentou

escapar – não, ela relaxou mais perto.

Ela amava o prazer.

Ele aninhou a bochecha na dela, um gesto de afeição e gratidão. Imparável.

— Não tenho namorada. Nem mantenho um estábulo de amantes como Jareth faz — proferiu, rouco, as palavras, deleitando-se quando arrepios surgiram nos braços dela. Ele nunca escolheria unir a vida de forma permanente a outrem. Tornar-se responsável pelo bem-estar de outro? Dar aos Frostlines outra coisa para roubar dele?

No entanto, ele também não deveria permitir que ninguém, em especial os Frostlines, o impedisse de tomar algo que queria. A incongruidade o incomodaria amanhã, depois que garantisse a proteção de Chantel.

— Nos olhos dos fae — disse ele— você *está* casada com Jareth, o que é o motivo pelo qual ele espera tirá-la de mim.

Ninguém a tira de mim! Sua raiva inflamou, sempre a postos.

Uma bufada sem fôlego sugeriu que ele a apertasse um pouco demais – ou que ela gostava de ser apertada um pouco mais forte.

Simples assim, intriga dominou sua raiva. Ele mordiscou o lobo de sua orelha, recompensado com o mais suave gemido. O que ela faria se inclinasse sua cabeça para trás e sugasse o seu pulso acelerado? Se ele deslizasse as mãos mais para baixo?

Se ele lambesse sua pele. Apalpasse seus seios. Rasgasse suas roupas e…

— Bom — disse ela, pigarreando. — Você pode me soltar agora.

Não grite uma negativa. Ela não era como ninguém mais, ele não podia tratá-la como os outros.

Espere. Sons a distância. Ele inclinou a cabeça, escutando, focando. Jareth encontrara o rastro deles. Estava a uns cinco minutos de alcançá-los.

Kaysar praguejou. Os Frostlines arruinavam *tudo*.

— Estamos prestes a ter companhia, docinho. — Com um bufar furioso, ele apareceu com um *flitter* na frente de Chantel, pegou sua mão outra vez e a puxou para a frente. — Vamos.

— Jareth?

— Sem dúvida.

Conforme ele continuava em frente, ela seguia. Do outro lado do lago, ele desbravou as pedras escorregadias com facilidade. Névoa gelada umedecia o ar, lembrando-o da primeira vez que ele se aventurara aqui. Ele era apenas um garoto na época. Apenas quinze anos. Ele passara um ano infrutífero procurando por sua irmã perdida, depois outro ano aprendendo as várias Cortes Reais e preparando-se para conquistar as selvagens Terras Noturnas que a maioria dos outros fae evitavam, esperando encontrar Viori lá. Ele estivera doente depois de outro encontro com videira venenosa quando desmoronou perto da água.

Ao vislumbrar seu reflexo – vendo os olhos de Viori escondidos nos seus – ele cantou para se curar, exatamente como cantara para se curar na torre. Do jeito que cantara todas as noites para Viori. A melodia se tornara rápido em um grito de dor e tormento, e ele irrompera em soluços. Foi ali, naquela mesma margem, um bom tempo depois, que ele decidira suspender sua busca pela irmã. Para parar de dividir o foco. Para fixar na única coisa que ele *poderia* dar para sua preciosa Viori – vingança adequada.

— Uma vez que passarmos pela água — falou para Chantel — não vou poder usar *flitter*. Ninguém pode usar *flitter* nas Terras Crepusculares. A habilidade é neutralizada por um minério no chão. Não importa a distância que viajemos, lembre-se que precisaremos cobrir o mesmo caminho para voltar.

— Entendido. Estou feliz em reportar que o mesmo é verdade em *A Floresta do Bem e do Mal*. — Ela assentiu, sua animação parecendo pegar fogo, queimando pela timidez charmosa que o vestido havia ressaltado. As roupas podiam influenciá-la, mas não a controlavam. — Não se preocupe. Não vou mais ser um peso o arrastando. Vou ser um trunfo. Você vai ver.

A habilidade dela de atormentar o príncipe fora da cama de Kaysar permanecia não confirmada. Sua habilidade de ajudar Kaysar de outras maneiras, não. Um trunfo para ele? Surpreendentemente, sim.

Perigo se aproxima. Quase lhe alcançou.

Mesmo com o quebrar da água, Kaysar escutou os passos do príncipe. Jareth aumentara a velocidade.

Ele considerou seu próximo passo, dando uma olhada por cima do ombro. Seu único objetivo no momento? Manter Chantel, sua chave, segura.

Correndo, o príncipe irrompeu por uma parede de folhagens antes de desaparecer, reaparecendo no meio do caminho para a cachoeira. Ainda correndo, parecendo voar sobre o caminho de pedras, já movendo a espada.

Kaysar apareceu usando o *flitter* na frente de Chantel, uma adaga em cada mão de garras. Ele ergueu e cruzou as armas, criando um V de metal. Seu olhar colidiu com o do Jareth conforme a ponta da espada do homem arranhava um corte reto e raso da ponta do nariz até a parte de baixo do queixo até encontrar as adagas. Um tilintar e um ardor registraram.

Sangue escorreu dentro de sua boca, cobrindo seus dentes e língua.

Chantel arfou e apertou sua túnica nas costas, alimentando a raiva dirigida a Jareth. *O príncipe ousa amedrontar minha princesa?*

Um único soco deslocou a mandíbula de Jareth. Um chute o mandou direto para o lago, espirrando água. Jareth usou o *flitter* e chegou ao chão firme, materializando do outro lado do lago, onde pingou água e forçou violentamente a mandíbula no lugar.

Atrás dele, pixies voavam entre as árvores, pousando em galhos para testemunhar as festividades.

Kaysar e Jareth fuzilaram um ao outro dos respectivos lados. Essa intrusão irritava. Kaysar ainda não havia assegurado as afeições de Chantel, e ressentia a interferência do príncipe. Ele não queria o homem olhando para ela. Menos ainda falando com ela, lembrando-a de um passado que ela não vivera e não desejava lembrar. Cobiçando-a meros minutos depois de Kaysar tê-la beijado – talvez uma hora antes que a beijasse novamente.

Ele estalou a língua atrás dos dentes. Jareth não conseguira tirar as mãos de Lulundria. Quanto menos ele se controlaria perto de Chantel? A mulher cujo toque elicitara prazer indescritível em Kaysar. O homem que nunca antes

conhecera paixão. Se ela afetava a *ele*, quanto mais ela deveria afetar aqueles como o príncipe?

Quanto mais o príncipe afetaria a *ela*?

Um presságio o engasgou. As chances estavam contra ele. De um jeito ou de outro, Chantel descobriria a verdade sobre o assassinato de Lulundria. Como ela reagiria então? Ela não o perdoara por suas outras enganações, mas ela concordara em ajudá-lo mesmo assim. Ele sentia que ela não oferecia tal clemência com frequência ou facilidade. Agora ele… temia. Ela poderia, algum dia, perdoá-lo por seu papel na morte?

A verdade propeliria o príncipe e a princesa a ficarem juntos outra vez?

Um risco que Kaysar precisaria correr. Não saber era um fardo que ele não poderia aguentar. Como as pedras, ele precisava que Chantel soubesse o que fizera – para compreender e ficar com ele mesmo assim. Ele precisava disso tanto quanto de ar.

— Veio se despedir da esposa, Jareth? — Ele arremessou as palavras pela água, relutante a ceder.

— Não sou esposa dele — retrucou Chantel atrás de Kaysar. — No entanto, se algum dia ansiar por outra apunhalada com adaga de gelo, vou me certificar de chamar o príncipe.

Primeiro, ela negara ser Lulundria. Agora ela reivindicava os ferimentos da mulher como os seus? As mulheres estavam se fundindo? Suor frio gotejou a testa de Kaysar.

— Você não compreende o que lembra, princesa. — Jareth fuzilou Kaysar, seus olhos azuis, gélidos. Ele proferiu as próximas palavras para Chantel. — Eu nunca lhe machucaria de propósito.

— Vá contar suas mentiras em outro lugar — ela ralhou, e Kaysar procurou a mecha de cabelo que transferira para o bolso das suas calças novas.

— Eu *nunca* lhe machucaria de propósito — repetiu Jareth. — Mas o rei iria. Ele organizou o sofrimento de Lulundria, empurrando-a no meu gelo.

Kaysar poderia ter impedido o príncipe. Ele poderia até refutar a

proclamação do homem com verdades formadas com mais cuidado. E Chantel provavelmente acreditaria nele. Por um tempo. No lugar disso, permaneceu em silêncio. *Vamos acabar com isso.*

Se Chantel fugisse dele, ele iria… ele… não sabia. Pela primeira vez em muitos anos para contar, *ele não tinha um próximo passo.*

Apontando a ponta da espada na direção de Kaysar, Jareth urrou para Chantel:

— O rei é um lunático. Você percebe isso, sim? Ele olha para mapas que não existem. E sua música. — Jareth estremeceu. — Você vai acreditar que sua cabeça está prestes a explodir. Vai rezar para que exploda. Ele mata sem piedade e ataca as Terras Invernais quando bem entende. Sua maldade não tem limites. — Ele voltou o olhar para Kaysar. — Negue, Vossa Majestade. Minta para ela.

Kaysar era muitas coisas, mas não era mentiroso ou covarde.

— Não nego nada. Sim, empurrei Lulundria no caminho do seu gelo. Não, eu não me importava que ela se ferisse. Na verdade, essa não é a verdade completa. Eu *precisava* da dor dela. Eu planejei curá-la imediatamente, tornando-me seu herói. Ela teria caído direto na minha cama. Mas ela fugiu de mim.

— Você fez *o quê*? — Chantel afundou as garras nas costas dele.

Em uma parte secreta de si, percebeu o menor dos flamejares de vergonha. E ele se ressentia disso. Ele não fizera *nada* que não fora feito a ele.

— Se você considerar as variáveis, isso na verdade é uma extensão do crime pelo qual você já quase me perdoou. Logo…

Apesar de sua lógica, a raiva dela persistiu.

— É óbvio que nossa parceria acabou. Para sempre, e de verdade dessa vez.

Ele silenciou uma negativa. *Inale. Exale.* Ele errara com ela. Ele admitira. Agora ele devia mais do que uma desculpa. Ele deveria oferecer algum tipo de conciliação. Sim, sim. Que mal poderia fazer?

Mas o que ele ofereceria? A última mulher que ele tentara apaziguar fora Viori.

— Eu… eu vou ser melhor daqui para a frente. Vou tentar, ao menos.

Ninguém vai tentar mais. Vou lhe dar mais joias. Um mar delas.

— Bom para você, mas não, obrigada. Apague meu nome dos seus contatos. Você vai atrás de espectadores inocentes. Isso significa que você não é melhor do que quem me feriu.

Ela estava certa? Estava errada? Ele não sabia!

— E se eu limitar meus alvos de agora em diante?

— Sinto muito, mas é tarde demais.

Impulsos diferentes guerrearam. Encare-a. Prenda-a contra a parede de pedras. Toque o cabelo dela. Toque-a *inteira.* Beije-a até que *ela* esqueça o que ele fizera. Implore por outra chance. Só mais uma.

Quem sou eu? Kaysar de Aoibheall não implorava por nada. Nunca. Mas ele *havia* prometido ser melhor para ela, e ele sempre mantinha sua palavra.

— Venha até mim, Chantel — chamou o príncipe, estendendo a mão na direção dela. — Deixe-me tirar-lhe desse lugar horrível.

Kaysar olhou feio para o príncipe, dizendo para Chantel:

— Você se pergunta por que ele é meu alvo, docinho? Permita-me compartilhar. — Para o crédito de Jareth, ele segurou o olhar de Kaysar, mesmo quando hesitou, porque ele sabia o que estava por vir. — O queridinho de Lulundria, Jareth, uma vez assistiu com um sorriso no rosto ao pai cortar minha língua. Eu tinha apenas doze anos na época. Jovem demais para me curar de um ferimento tão grave.

Chantel suspirou, horrorizada.

— Eu cresci uma nova apenas por causa da minha *glamara*.

Ele não conseguia ver o rosto dela, e ela não retraiu as garras, mas sua expressão deve ter suavizado, porque Jareth gritou:

— Você está *vacilando*?

— Talvez? Não sei, tudo bem? — retrucou, e os joelhos de Kaysar quase se dobraram de alívio. — Não aconteceu comigo, mas *eu* quero punir você pela sua reação.

Kaysar titubeou, alguma emoção desconhecia o *devastando*. Essa mulher…

Jareth tentou outra vez.

— Ele fez você pensar que seu próprio marido era um monstro que queria lhe matar.

— Tsc. Você sabe que tem mais na história, Jareth. — Tom de censura. Raiva se aprofundando. Determinação estoica. Chantel merecia saber de *tudo*. — Você testemunhou seu pai e tio me prenderem na torre depois de removerem minha língua. Você sabia que eles me tomaram da minha irmã de cinco anos, deixando-a sem um protetor? — Sua voz endureceu, e seu estômago revirou. — Por um ano, eu permaneci acorrentado a uma parede enquanto você aproveitava sua liberdade. Seu tio me visitava todos os dias. Seu pai preferia esperar ocasiões especiais.

Jareth fechou os olhos. Abriu. Por um momento, ele parecia pronto para vomitar.

— Eles. Fizeram. *O quê?* — Chantel soltou as garras e acariciou as perfurações. — Sinto muito que isso tenha acontecido com você, Kaysar. Mesmo. Mas… — As garras o perfuraram outra vez. — Também estou muito furiosa com você. Quero gritar e bater em você. E quero abraçá-lo.

Algum dia existira uma criatura mais fascinante?

— Preciso de um momento para deliberar qual reação adotar. — Garras para fora. — Quero dizer, o que você fez para a família real é justificado. Mas o que você fez para Lulundria e para mim é terrível. Eu deveria bater em você. — Para dentro. — Mas eu entendo. A família real despedaçou seu coração. Agora você está sangrando neles. — Para fora. — Quero abraçá-lo *mais forte*. Quer saber? Não vou mais resistir à vontade. Espero que esteja pronto para mim. — Tremendo, ela jogou os braços em volta dele, apertando-o por trás. O cheiro dela confundia seus pensamentos. — Sinto muito que isso tenha acontecido com você — repetiu baixinho.

O abraço gentil quase o despedaçou. A compreensão terminou de fazê-lo.

— Você vai ficar comigo? Você me perdoa pelos meus crimes?

— Eu perdoo parte deles. A maioria. Talvez. Quero dizer. Meio perdoo.

Cinquenta por cento, quase quarenta e nove, ou cinquenta e um. O número oscila dependendo de alguns motivos. — Ela suspirou. — Mas ficar com você? Não sei. Não confio em você. Como poderia?

— Não vou lhe usar outra vez — garantiu num fôlego só. Ah, como ele precisara do perdão dela; ele só não sabia até aquele momento. Ela se oferecera para perdoar metade dos seus crimes contra ela… Um peso sumiu de seus ombros. O presságio e ansiedade que ele carregara desde conhecê-la começou a evaporar. Confiança poderia ser merecida.

— Você me considera uma Frostline. — Ela o lembrou. — Como você pode *não* me usar outra vez?

Jareth escutava a conversa, mas Kaysar não ligava. Para ele, o resultado era vital.

— Você é *tudo* menos uma Frostline, Chantel. Apenas você está segura comigo. E inocentes. Machucar você ou outros como você nunca mais será meu objetivo. Isso eu lhe juro. Dê uma chance a mim. Só preciso de mais uma. Vou me provar merecedor desta vez. Vamos trabalhar juntos, assim como esperamos. O pai de Jareth, rei Hador Frostline, precisa ser punido.

Ele se perguntou… Seria possível…

Seria Chantel sua mulher? De quem Olho falou?

Ele lembrava dizer para o oráculo, *não tenho parceira, não quero parceira, e busco apenas vingança.*

Agora, ao imaginar Chantel em sua cama, nua e aberta para ele, e apenas ele, ele quase rugiu, precisando dela assim que possível.

— Lu… Chantel. — Jareth parecia agonizado. — Eu amo minha esposa. O amor dela por mim queima forte em seu coração. Você vai se lembrar do nosso relacionamento, e vai me amar também. Por favor. Lembre-se de mim — implorou a ela. — Assim que você estiver longe do rei, você vai voltar ao normal.

Normal?

— Feche sua boca suja. — Kaysar puxou e atirou a adaga, rápida demais

para alguém acompanhar. A lâmina afundou no ombro do oponente, silenciando mais pedidos. Chantel *não* se lembraria do seu tempo com o homem. Ele proibia. — Ela é perfeita do jeito que é.

— Obrigada, Kaysar — disse ela, bufando para Jareth do jeito que ele adorava. — Acontece que também gosto de mim do jeito que sou.

Com um rugido, o príncipe arrancou a adaga ensanguentada.

Ela me agradece por defender sua honra?

O peito dele se apertou.

— Você vai pagar por isso — rosnou Jareth.

— Vou? — *Glamara* aquecendo sua garganta, ele chamou: — Ogros. Venham.

Insetos ficaram quietos, e a brisa suave sumiu. O que começou como tremores esporádicos, logo se tornou constante, cada ogro na região correndo para a clareira. Uma árvore caiu enquanto vários brutamontes enormes chegavam.

— Vocês não vão matar o príncipe Jareth — disse Kaysar, o comando quente o bastante para queimar. — Mas podem fazer qualquer outra coisa com ele se tentar entrar na cachoeira. — Ele sorriu para seu inimigo carrancudo antes de oferecer o cotovelo para uma Chantel de olhos arregalados. — Permita-me mostrar-lhe as Terras Crepusculares, docinho. Tem um oásis maravilhoso que estou ansioso para explorar com você. As rosas douradas estão adoráveis este século.

Ela aceitou sem hesitar.

— Rosas douradas, você diz?

Ele a guiou através da água, sua confiança aumentando com cada passo. Tudo ficaria bem. Ele garantiria isso.

CAPÍTULO DEZESSETE

Cookie permaneceu ao lado de Kaysar ao emergir da cascata de água. O dilúvio fez pouco para abrandar seus pensamentos incandescentes.

Num período de cinco minutos, ela tivera um curso rápido em Kaysar para iniciantes. O abuso que ele sofrera era mil vezes pior do que ela imaginara, e o coração dela se partiu por ele. A pura agonia que ela havia ouvido na voz dele a devastara. Agora ele procurava retribuição por tudo o que tinha perdido. Era o direito dele. Mas machucara inocentes para conseguir isso – poderia, iria mesmo parar? Existiam maneiras de punir as pessoas que mereciam sem machucar aqueles que não mereciam. A mente dela já rodopiava com uma ideia…

Estava pronta para dar sua total confiança para Kaysar? Não. Ela falara sério. Mas ela o entendia melhor, e deixá-lo não era mais um objetivo de longo, ou curto, prazo. Não, antes que voltasse para casa, ela planejava ajudar com sua vingança, exatamente como prometera. Hador Frostline tinha um acerto de contas espinhoso e verde pela frente. Mas o próprio Jareth? Ela não tinha certeza. Ele era um monstro como Kaysar acreditava ou um cara meio decente?

Você vai voltar ao normal. Como se Cookie não fosse boa o bastante na condição que estava.

Talvez meio monstro, meio cara decente?

Que seja. Kaysar parecia gostar dela mais do que nunca. Talvez algo acontecesse entre eles em algum ponto, talvez não. Ela não voltaria a considerar sexo como uma opção ou algo assim, mas ela também não iria guardar a caçarola em outro quarto. Contanto que ela controlasse as expectativas, aproveitasse sem maiores comprometimentos, eles poderiam talvez, provavelmente, possivelmente fazer… outras coisas.

Ela queria muito mesmo fazer outras coisas.

O beijo dele fora um choque. A intensidade. A intensidade *dele*. Ela estremeceu ao mesmo tempo em que esquentou. O corpo dela desejava o dele, tesão fervilhava em suas veias, pronto para extravasar toda vez que ele aumentava o fogo.

Kaysar parou alguns metros na frente da cachoeira, e ela limpou qualquer gota de água remanescente nos cílios. Ah, uau. Apesar de ter passado milhares de horas em todos os níveis de *A Floresta do Bem e do Mal*, e o novo terreno cumprir com as suas expectativas, a mudança extrema de cenário se provou chocante.

Ela fora de um paraíso exuberante e iluminado, com cores vibrantes, para uma terra desolada cheia de fumaça fantasmagórica que se erguia serpenteante de um chão devastado pelo fogo. Uma nuvem preta permanecia no céu. Não tinham árvores ou flores ali. Nem mesmo ervas daninhas. Montanhas consumiam o horizonte, uma fortaleza entalhada na maior encosta.

Ela e Kaysar pararam na beirada de uma pedra flutuante. Um abismo enorme cheio de nada provia o único caminho para as terras planas.

Uma vestimenta manchada de sangue rodopiava entre dois arbustos.

— No meu jogo, avatares cruzam o abismo em uma ponte de nuvens, mas não vejo *nenhuma* ponte — disse ela, chocada com sua própria calma. — Ah, sim, e nada demais, mas você percebeu o que parecem milhões de soldados armados sentados em cima de centauros, esperando nas terras planas, apontando flechas para nós? — Cada palavra continha um toque a mais de histeria do que a anterior. A confiança dela nas próprias habilidades permanecia alta, embora ela tivesse colocado o vestido rosa, ela não podia fingir ser indestrutível.

— Percebi — respondeu Kaysar, revelando um sorriso “você vai morrer gritando” para os soldados à espreita. Seu tom tranquilo possuía um fundo afiado, com propósito de arrancar sangue internamente. Se algum dia uma voz pudesse matar…

— Não tenho planos de lhe machucar, rei Kaysar, contanto que coopere. — A afirmação ecoou dos batalhões do exército. Um timbre duro e rouco, com um

leve sotaque. O líder? — E não pense que pode cantar sua música para nos enlouquecer como fez com muitos outros. Não tem nenhum ouvinte aqui. Eu garanti isso.

A música de Kaysar? O que era tão ruim na sua música? Jareth também pirara com isso.

— Como pode ver — anunciou o líder—, estava esperando sua chegada.

Espera. Volta. O cara havia insinuado que ele e seus homens se ensurdeceram de propósito? Para evitar uma música?

O exército formava uma meia lua na beirada do cânion, bloqueando as rotas de fuga à esquerda, direita e ao centro, se Cookie e Kaysar sequer conseguissem atravessar.

— Você vai partir ou vai morrer — acrescentou, confiante. Presunçoso.

Acabei de chegar aqui, e já acabou o jogo?

Kaysar não podia usar o flitter. Uma ponte não aparecera magicamente. Ou eles recuavam ou pulavam no abismo sem um paraquedas.

Muitos dos soldados seguravam tochas, luz âmbar suave iluminava os guerreiros com flechas preparadas e lanças erguidas.

— Não se preocupe, docinho. — Kaysar segurou a mão dela e a ergueu para beijar os nós de seus dedos, fazendo arrepios descerem por sua coluna. — Essas terras são minhas. Ninguém me mantém longe do que é meu.

O que mais Kaysar considerava dele? Não, pergunta boba. Como ele pensava em derrotar tantos soldados assim?

Calor infundiu nas mãos de Cookie, subindo pelos seus braços para se acumular nos seus ombros. Trepadeiras se prepararam para brotar. A velocidade de sua reação a surpreendeu, mas o impulso de proteger seu mais novo companheiro de equipe era inegável.

— Que gentil você receber minha volta com um presente. E um dos meus favoritos, ainda por cima. Inimigos para massacrar. — Os olhos de Kaysar brilhavam com deleite, aumentando a confiança dela. Talvez o rei vingativo soubesse alguns truques?

Um homem no meio da horda, talvez o maior homem do grupo, apontou sua montaria para a frente. Apesar de todos os outros usarem armadura brilhante, criando um exército de Terracota de carne e osso, ele usava uma túnica preta simples e calças de couro. Roupa comum. Nenhum capacete cobria suas feições. E que feições incríveis eram. Olhos escuros, no momento pintados com tinta preta, e pele pálida. Nariz reto e lábios carnudos. Cabelo preto espetado.

Os fae com certeza criavam os homens certos.

Sem olhar para trás, seus homens reconheceram o tempo certo de saírem de seu caminho. Eles voltaram para seus lugares originais assim que ele passou.

O guerreiro gigante manteve a atenção fixa na mulher que estava parada na frente do exército inteiro, com dois soldados segurando tochas dos lados dela. Ela usava sinais de mão para comunicar as palavras de Kaysar?

Um repentino vento frio passou na sua nuca, e Cookie se virou. Emboscada? Ah, sim. Um Jareth ensanguentado voou da cachoeira, sua adaga apontando para Kaysar.

Atingir o parceiro dela pelas costas?

Não enquanto Cookie estivesse de olho. Num reflexo, ela pulou na direção do príncipe com os braços esticados. Ela queria colidir com ele e o desviar antes de entrar em contato com Kaysar. As videiras dela irromperam primeiro, enrolando-se no pulso de Jareth. Ele reagiu como se ela o tivesse atingido com uma bola de demolição, convulsionando.

Conforme ele caía, uma lança passou por ela, meros centímetros dos seus dedos, depois afundou no ombro de Jareth, lançando-o para trás e o prendendo na parede de pedra. Ele nunca atingiu o solo.

Tudo aconteceu tão rápido. Rápido demais para Cookie se soltar do príncipe. Conectada por uma trepadeira, ela mesma foi arrastada para a parede de pedra – até uma mão segurar sua nuca com força, e um puxão mais forte a arrastar contra Kaysar. Ele passou um braço poderoso em volta da cintura dela, prendendo seu corpo no dele.

— Solte. — Ele apertou sua mão, forçando-a a soltar as trepadeiras.

Folhas murcharam, encerrando sua conexão com Jareth.

Com o coração acelerado a mil por hora. Ela se virou e segurou a camisa dele. *Meu herói!*

— Obrigada, Kaysar.

— Você quis me salvar — disse ele, sua voz nada além de aspereza e fumaça. Ele manteve o aperto por mais um momento, a mão na sua nuca ficando gentil. Ele passou as pontas dos dedos na bochecha dela. — Você não hesitou em arriscar sua vida pela minha.

Por um momento, ela se esqueceu que tinham uma plateia, sua atenção arrebatada pelo rosto bonito dele.

— Eu disse que seria um trunfo para o time, e falei sério.

Ele passou o polegar sobre a maçã do rosto dela, procurando seu olhar.

— Você é *magnífica*.

Admiração de um cara como Kaysar curvava seus dedos. Jareth urrava maldições, lutando para se libertar.

Impaciente, o líder da horda clamou:

— Sou rei Micah, o Relutante, comandante das Terras Crepusculares e soberano da Corte Esquecida, e você *vai* cumprir meus comandos.

— O que você disse? — Voz suave, tom homicida. Kaysar abaixou o queixo, a boca se retorcendo com desdém feroz ao focar no líder.

— Você se referiu a si como *rei*? Das minhas terras e uma corte não existente?

Tudo bem. Agora Cookie entendia como ela e Kaysar poderiam sobreviver uma batalha. Ele mataria todos em sua fúria.

Pessoas vão morrer.

O rei Micah observou a intérprete.

— Você não pisou nessas terras por mais de duzentos anos, rei Kaysar. Elas não pertencem mais a você. Tudo o que vê é meu.

Cada frase parecia jogar uma tora no inferno interno de Kaysar. Subcorrentes de hostilidade pulsavam dele.

— Vinte anos, ou duzentos anos, ou vinte séculos pouco importam. O que é meu, permanece meu. Sempre. Eu ganhei essas terras. Eu sou *dono* dessas terras.

— E eu as tomei — respondeu o pretendente a rei, seus arqueiros tensionando mais as cordas dos arcos.

O desafio de quem era melhor havia se escalado em uma situação DEFCON 2, estado crítico. A não ser…

Cookie espalmou a mão sobre o coração acelerado de Kaysar.

— Me coloque no jogo, técnico. Me dê a *elderseed*, e vamos ver o que posso fazer. Criar trepadeiras o bastante para nos levar para o outro lado do cânion? Talvez. Bloquear qualquer ataque? Com certeza. — Um impulso de poder não poderia machucar. — Ir para um lugar seguro e reagrupar vai ser moleza quando não temos centenas de armas apontadas para nós.

— Estou cansado de esperar — gritou Micah.

Kaysar o ignorou. Com um sorriso indulgente, ele colocou um dedo sob o queixo dela e inclinou sua cabeça para trás.

— Você quer lutar como minha companheira?

O estômago dela revirou. Sua primeira batalha da vida real. Com um pró, ainda por cima.

— Quero.

— Muito bem. Vamos fazer do seu jeito. No momento, vejo que não posso lhe negar nada.

Entre os protestos de Jareth, o rei sombrio pressionou os lábios nos dela…

CAPÍTULO DEZOITO

Contato boca a boca com Kaysar, na frente dos inimigos deles? Uma dúvida surgiu: E se ele tivesse feito isso por causa de Jareth?

Cookie deveria se importar, certo? Mas um gemido entrecortado irrompeu dela. A sensação daquele homem.

O rei sensual se aproveitou da sua surpresa e acariciou a língua na dela. Num segundo, os pensamentos dela aceleraram, lembrando-a de carros em uma estrada. Apenas vuum, vuum, vuum. No outro, sua mente se aquietou, focada nas sensações mais incríveis. O gosto dele era um vinho de sobremesa rico, intoxicante e viciante, e ela não tinha defesas contra isso.

Para a decepção dela, o beijo terminou rápido demais. Ele roçou a ponta do nariz no dela, como se quisesse se desculpar pela brevidade, e rouco, falou:

— Você é a mulher mais gloriosa em toda a existência e eu preciso tê-la.

Cara, quando ele decidia que queria alguma coisa, fazia de tudo para conseguir. A ferocidade dele atenuava suas dúvidas, e ela olhou para ele, um pouco atordoada demais para seu gosto e um muito vulnerável demais.

Percebendo algo estranho na língua, ela franziu o cenho. O que… o sabor exótico explodiu na primeira mordida. Humm. *Delicioso*.

— Espero que goste da viagem, docinho. — Ele beijou a ponta do nariz dela. — Sei que eu vou.

Viagem? Espera. O pedacinho na boca dela. Ele usara o beijo para passar uma lasca de *elderseed* para ela? Hum, quando ele colocou a mão na sacola?

Ah, quem ligava? Ela engoliu e rezou para que a porção diminuta de *elderseed* funcionasse rápido. No jogo, os resultados eram instantâneos. Mas…

Ela esperou.

E esperou.

— Acha que vou hesitar em assassinar você? — exigiu saber Micah. — Eu garanto, vou fazer o que for preciso.

— Dê ela para mim. — No segundo que Jareth se soltou da parede, ele avançou em Cookie, tentando pegar e correr. Como se ela não fosse "videira venenosa" nele outra vez. — Você *vai* vir comigo, esposa. Tentamos isso do seu jeito. Agora vamos fazer do meu.

O marido amoroso que queria proteger a esposa desapareceu. Aquele homem esperava aquiescência completa.

Com reflexos graciosos e gatunos que quase nunca demonstrava, ela valsou para longe do alcance. Ora, ora. Talvez a *elderseed* tivesse feito efeito, no final das contas.

— Você ousa tocá-la? — Com velocidade surpreendente, Kaysar atacou o braço estendido de Jareth com as garras. — Você ousa tocar o que é meu?

Ele *achava* mesmo que Cookie era dele. Como ela se sentia a esse respeito, depois de tudo que acontecera?

A mão do príncipe voou para dentro do abismo, separada do seu pulso. Uma visão horripilante que ela achava extremamente satisfatória.

Como se ele tivesse passado por tal dor antes, Jareth segurou o coto sangrento contra o peito e arfou.

— Vou me deleitar no dia em que matar você, Kaysar.

Instintos protetivos surgiram e cresceram. Machucar o colega de time dela? Não. Ah, não. Ela acabaria com Jareth primeiro, apesar dos protestos do seu companheiro.

— A mulher pode ficar. O rei e o príncipe têm trinta segundos para levar sua contenda para outro lugar — gritou o que se chamava Micah, sua voz um chicote de raiva.

Outra ameaça para o colega de time dela. Ela viu vermelho. Uma informação sobre Cookie. Ela valorizava os parceiros, quem quer que fossem. Na hora do jogo, qualquer divergência entre eles ficava em segundo plano.

Em um flash, a ardência retornou aos seus braços. Mais e mais quente e ah!

O sangue dela borbulhou e fervilhou em suas mãos, as pontas dos dedos pegando fogo. Chocantemente, ela não viu chamas.

A *elderseed* havia funcionado *mesmo*.

Quando folhas floresceram dos seus poros, suas pontas vibraram, esperando ansiosas pelo seu comando. Ela *sentia* o desejo de obedecer. De conquistar.

Poder enchia a cabeça dela e corria em suas veias. Como prometido, ela recarregara como uma bateria – uma bateria gigantesca com reservas e reservas de força.

Os pensamentos dela realinharam e se acalmaram, o caos que vivera em sua mente durante tanto tempo de repente tranquilizado. Pela primeira vez, ela sabia quem era. O que era. Ela sabia o que queria e como conseguir.

Nada podia pará-la.

— Seu tempo acabou. Atacamos no três. — Micah ergueu um braço. Agressão e malícia pulsavam do seu exército, os soldados se movendo. — Um.

— Ah, Kaysar. Isso não é *incrível*? — Ela nunca se sentira tão alegre. Tão viva. — Minha primeira batalha de verdade. Eles nos ameaçaram e agora eu posso matá-los sozinha.

— Lulundria — coaxou Jareth. — Não faça isso.

— Estou olhando para seu verdadeiro eu, não estou, docinho? — Kaysar parecia encantado.

A determinação de Micah não se abalou.

— Dois.

— Conta minhas mortes? — pediu ela para o parceiro, batendo palmas. Ela mal podia esperar para começar. Aqueles homens não eram inocentes, eles eram inimigos. Inimigos pagavam um preço alto. Diferente de Kaysar, aquele exército e seu rei não teriam segundas ou terceiras chances. — Quero garantir que vou compartilhar o número certo com Pearl Jean e Sugars quando recontar minha história de vitória.

A menor sugestão de um sorriso provocou os cantos da boca dele.

— Tem trezentos e sete homens na nossa frente. Algo me diz que seu número

será todos eles.

Ainda mais maravilhoso.

— O que você fez com ela? — gritou Jareth para Kaysar.

— Três — terminou Micah.

Uma saraivada de flechas cortou o céu, sibilando ao se aproximar. Sabendo o que fazer como se tivesse treinado a vida inteira, Cookie ergueu os braços. Trepadeiras saíram de seus dedos, em segundos se dividindo em centenas de outras, formando uma grande parede.

As flechas fincaram nos talos, e ela sentiu cada uma delas. Mas ela gostava.

— Não há criatura mais perfeita. — Kaysar roçou a concha da orelha dela com uma garra de metal.

Ela se pavoneou para ele, porque não podia evitar. Quando soltou as trepadeiras, os talos murcharam até cinzas, mas um cheiro doce permaneceu.

As flechas caíram no abismo, inúteis, e os soldados deram um passo coletivo para trás, uma palavra subindo pelo batalhão.

— Videira venenosa.

— Minha vez de atacar. — Ela deu seu sorriso mais doce para Micah – e produziu mais centenas de trepadeiras.

* * *

Alguns momentos alteram sua existência para sempre. Aquele era um deles para Kaysar. Ele sabia, sentia. E ele não se sentia arrependido.

Por toda sua vida, ele se considerara incapaz de paixão. Ele *louvara* a inabilidade. Mas não demorara muito para convencer seus desejos mais profundos a saírem de seus esconderijos. Agora, Kaysar estava parado, transfixado, desesperado para venerar, cair aos pés da assombrosamente bela princesa que havia virado seu mundo de cabeça para baixo.

Com seu vestido rosa sensual e joias, comandando o poder e veneno, Chantel era a personificação de todo sonho que ele nunca soubera possuir. Esperta. Perspicaz. Feroz. Sua boneca para vestir e brincar. Sua arma mais doce. O

prêmio de guerra que ele merecia por sobreviver um ano de agonia e uma centena de vidas de sofrimento. A parceira dele.

Ela *era*. Ele também sabia disso, todas as dúvidas sanadas. O conhecimento o iluminou, orgulho infundindo seu corpo. Destino escolhera aquela mulher guerreira para ele, e apenas ele. Olho havia predito. Qualquer que fosse o último nome de Chantel, ela pertencia a Kaysar. Ele decidira.

Ele desafiava *qualquer um* a contradizê-lo.

Mais e mais trepadeiras floriam das mãos delicadas e adornadas com joias da princesa. Aqueles talos espinhosos amadureciam rápido e criavam outros, dividindo-se aqui, ali, em todos os lugares. Cada ponta afiava ao se desenrolar e deslizar.

Governar minhas terras, Micah? Pense outra vez. Então Kaysar estivera ausente das Terras Crepusculares por mais tempo do que pensara. E daí?

Os soldados do falso rei entraram em pânico conforme as trepadeiras avançavam, uma linha de arqueiros soltando outra saraivada. Mais uma vez, Chantel impediu o ataque no meio do ar. Trepadeiras cresceram sobre o abismo… Caos reinou, centauros relinchando, derrubando os cavaleiros. Homens recuaram, mas eram lentos, arrastados por suas armaduras.

Em segundos, Chantel construiu uma ponte larga e firme, conectando o penhasco até as terras planas. Ainda assim suas trepadeiras cresciam, enrolando-se na primeira fileira de soldados – e apertando. Armaduras amassaram, cederam, e sangue jorrou de cada articulação de metal.

Ela riu, o som mais adorável do que os gritos por misericórdia do príncipe Lark.

— Vê, Kaysar? Fiz fae enlatado. Galinhada de cerco.

O cabelo balançando na brisa. Íris como mercúrio e brilhando. Pele iluminada. Ela era mais radiante do que o sol, todos os seus movimentos um estudo de graça e elegância. Cor rósea pintava suas bochechas enquanto flores vermelhas e rosa desabrochavam das videiras.

Uma mensageira de vingança e desgraça.

Ele não tinha defesas contra ela. Desejo o queimava. Devastava – marcava. Ele a queria mais do que jamais quis qualquer coisa.

Vou dar joias a ela. Todas as joias. Ele daria *tudo* a ela. Assim como prometera. Mas ele também esperaria tudo dela. A lealdade. A devoção. A presença. Ela ficaria com ele, *sempre*.

Dar um dos filhos dela para Jareth? *Um dos meus?* Não. Kaysar traçou um novo plano. Ele e Chantel não teriam filhos. Já que os cidadãos de Astaria a considerariam uma Frostline pelo resto da eternidade, o nome morreria quando ele se cansasse de atormentar Hador e Jareth.

Um resultado aceitável.

Chantel apoiaria seus planos, claro. *Olhe para ela.* Sua Rosa Selvagem, a personificação de destruição e a maior visão de tirar o fôlego de todas as terras.

— Você sabe se Micah já foi morto, docinho? — perguntou, curioso. Logo, a batalha terminaria, a vasta maioria do exército aniquilada tão fácil quanto era respirar.

— Não tenho certeza. — O beicinho dela só atiçava seus desejos. — Perdi ele de vista umas cinquenta mortes atrás.

Os homens que caíram gritavam ao correr. Outros guerreiros ficaram para lutar, apunhalando ou cortando os talos venenosos. Veneno escapava das perfurações, rendendo vários lutadores imóveis.

Flechas voavam ao acaso, afundando em partes diferentes das trepadeiras. Kaysar abriu uma carranca quando Chantel fez uma careta de dor. Ela sentia cada golpe?

Dor cobriu seus olhos com a próxima saraivada, uma gota de suor saindo da têmpora. Os ombros dela se curvaram um pouco.

Sentia. Isso era *inaceitável.*

Você sabe o que deve fazer.

Ah, ele sabia. Mas ele hesitou, incerto. Durante séculos, ele usara sua música como uma arma para causar loucura e morte. Ele não tentara curar ninguém além de si mesmo desde a perda de Viori.

Ele afundou as garras nas mãos. Emoções importavam, afetando o tom. Se ele causasse um momento de agonia a Chantel, ou aumentasse seus ferimentos…

Ele olhou com honestidade para o coração. Quais emoções estavam fervilhando ali? Fúria, sim. Sempre. Ódio? Malícia? Amargura? Todas estavam presentes e reconhecidas. Mas sob elas, ele pensou sentir… afeição? Uma nascente dela. Mais do que ele estava confortável em carregar por alguém – qualquer um.

Ele poderia utilizá-la? Deveria?

Mais flechas açoitaram suas videiras, e ela gemeu. Um pouco de sua força diminuiu. Kaysar parou de ponderar, sua resposta repentinamente clara. Sim, ele deveria.

Ele se moveu para trás dela e segurou sua cintura. *Nunca vou me cansar dessas curvas.* Concentrar-se na afeição não era tão difícil quanto esperado. Conforme sua garganta se aquecia, ele colocou a boca na orelha dela.

O calor se acumulou… e ele soltou a primeira nota da sua canção.

Os olhos de Chantel ficaram baixos conforme ele cantava para ela. Mesmo ao dominar as trepadeiras, ela se inclinou contra ele, balançando de um lado para o outro. Ela começou a cantar junto.

— Morte veio por você. E você. E você. Humm, humm. Pode fugir, mas não pode se esconder. Minhas videiras perseguem.

Ela dá palavras para minha melodia? Satisfação atenuou um pouco do desejo antes desconhecido. Não tinha nada que esse tesouro de mulher não pudesse fazer?

Quanto mais alto ele cantava, mais rápido suas trepadeiras cresciam. Mais e mais espinhos surgiam, projetando-se dos talos, cortando armaduras com tanta facilidade quanto uma faca corta manteiga.

Ter uma parceira poderia ser… legal.

— Pare. — Feições enrugadas com agonia, Jareth desmoronou em uma bola em posição fetal. Ele pressionou uma orelha no chão e cobriu a outra com a mão remanescente. Sangue escorria entre seus dedos. — Você tem que parar.

O príncipe reagia desse jeito, apesar do tom afetuoso de Kaysar?

Melhor ainda. Kaysar não parou até os soldados entenderem a mensagem – ataque Chantel e suas videiras de qualquer maneira e você morreria de uma maneira pior que seus camaradas.

— Vamos cruzar a ponte, docinho — falou para Chantel, um plano se formando com a redução dos inimigos. Ir para o outro lado. Ir até a fortaleza na montanha. Recuperar a coroa. Descobrir todo o resto. — Jareth, você vai nos acompanhar, é claro. — O príncipe era teimoso, com certeza seguiria, não importasse o quê. Kaysar não estava pronto para dividir seu foco entre dois inimigos enquanto sua mulher permanecia exposta. Ele também não confiava em Micah perto de Jareth. Se o aprendiz de rei matasse o príncipe, o que seria da vingança de Kaysar?

Jareth se esticou e se levantou cambaleante. Um touro contemplando um ataque, ele fuzilou Kaysar.

— Ela vai se lembrar de ser minha Lulundria. Não vai permanecer essa abominação.

As mãos de Cookie se fecharam em punhos, a necessidade de atacar aumentando. Abominação? Quando não existia mulher mais perfeita?

Mas e se Chantel sentisse o mesmo que Jareth no dia seguinte, quando a *elderseed* perdesse o efeito? E se ela acordasse e se arrependesse do massacre do exército? Ela culparia Kaysar por suas ações? Ele havia dado a *elderseed* para ela e encorajara os assassinatos.

E se ela se lembrasse do passado de Lulundria mais cedo do que tarde, como Jareth provocara? E se ela se apaixonasse pelo príncipe outra vez? O que Kaysar faria, então?

Ele se perguntara antes. Ele se preocupava agora.

Desembainhando uma adaga, ele ralhou.

— Mantenha o passo, príncipe, ou vou remover seus pés e lhe carregar no ombro. — Ele colocou a mão vazia na lombar de Chantel, incitando-a na direção da ponte.

Um filhotinho bonzinho, Jareth os seguiu com ódio nos olhos.

Micah deve ter escapado do campo de destruição. Não tinha sinal do corpo sem armadura ao passarem a primeira, segunda e terceira fileira de corpos. Nenhum sinal do centauro do homem, ou da intérprete.

Um soldado saltou sobre uma trepadeira grossa e rastejante e atacou a princesa. Kaysar girou na frente dela, protegendo-a. Com uma alegria sádica, ele triturou o peitoral da armadura do atacante. Metal faiscou contra metal, o homem se desequilibrando. Kaysar enfiou a adaga por um espaço na armadura. Morto.

Outros dois soldados se aproximaram do lado oposto, as espadas já golpeando na direção de Chantel. Apesar dos ferimentos de Jareth, o príncipe reagiu com reflexos meio decentes, impedindo o par.

Mais soldados vieram. O número de mortes aumentou conforme o pequeno trio avançava outra vez.

Batalhar do mesmo lado que um Frostline. Que novidade. As lesões de Jareth não afetavam suas habilidades – habilidades que ele nunca demonstrara com Kaysar. Os reflexos do príncipe estavam mais rápidos e mais fluidos do que de costume.

Ele *hesitara* durante seus embates anteriores?

A mera possibilidade ferveu o sangue de Kaysar. Ele *merecia* dar seu melhor contra seu inimigo. Para alguém controlar a força… Que insulto imperdoável.

Kaysar cortou outro soldado. Ele bloqueava, virava e abaixava sempre que necessário, sempre avançando enquanto guardava Chantel.

Derrubando inimigo seguido de inimigo, encontrou um ritmo. Calma veio quando percebeu uma verdade maravilhosa. Chantel estava testemunhando sua habilidade de protegê-la. Sua ferocidade. Quando a *elderseed* perdesse o efeito, o desejo dela por ele poderia ser maior do que nunca. Por que temer as afeições de Lulundria pelo príncipe? Atacar. Cortar. Abaixar. O olhar de Kaysar continuava a voltar na direção de Chantel, sua atração poderosa demais para negar. Uma bela certa de seu poder. *Minha bela*. Os quadris dela balançavam, sedutores, os passos certeiros, a postura firme.

Ela manteve os braços estendidos, mesmo quando suas trepadeiras alcançaram maturidade total, presas às suas mãos com uma conexão mística no lugar de física. Fumaça dourada rodopiava ao redor de seus dedos.

— Os sobreviventes estão fugindo. — Ela fez manha. — Sinto os movimentos deles pelas videiras.

— Isso é algo maravilhoso, docinho. Agora temos alvos para mais tarde.

— Bom. Duvido que exista um lado melhor que esse — falou, animando-se. — Sempre vai ter outro cara mau para destruir.

— E arranhar.

O príncipe cuspiu uma boca cheia de sangue em Kaysar.

— Você se deleita com a morte de inocentes?

Inocentes?

— Eles atacaram sua ex-esposa na esperança de matá-la, Jareth. — Ele matou um soldado se escondendo nas sombras. — Isso é mais do que merecido.

Um barulho de engasgo chamou sua atenção de volta para o Frostline. Kaysar parou e piscou. Chantel estava parada na frente do homem, as videiras enroladas nos pulsos e tornozelos dele, esticando seus membros além do que era confortável enquanto ele pairava no ar. Uma veia protraía da testa dele. Apesar de relutar, não conseguia se soltar.

— Salvamos sua vida e você ousa reclamar? — perguntou ela baixo. Seus olhos estavam líquidos, a luz ao redor dos dedos mais brilhante.

Kaysar usou o *flitter* – não, ele pisou firme, só então lembrando que a habilidade de teletransporte era negada nas Terras Crepusculares.

— Ele não é seu para matar, Chantel. — Ela era a parceira dele, sim, mas suas prioridades não haviam mudado. Vingança primeiro. Chantel em segundo. Melhor ela aprender e aceitar. — Você vai soltá-lo.

— Não vou. — A atenção dela permanecia focada em Jareth. — Porque não quero.

— Solte-o — repetiu ele, o comando firme. — Não vou dizer outra vez. — Mas o que ele poderia fazer com ela, se ela falhasse em aquiescer? Os instintos

dele gritavam mais e mais alto. *Proteger.* — Por favor? Por mim?

— Tudo bem. — Bufando, ela deu um passo para trás e soltou o príncipe. Kaysar suspirou em alívio. — Mas só por você, e só porque você é muito sensual quando está bravo.

Ela achava a raiva dele sensual?

Sem a força das trepadeiras para segurá-lo, Jareth caiu com um baque no chão. Ele tentou se segurar, uma ação instintiva, mas ele só lesionou mais seu braço mutilado. Seu urro de agonia encheu as orelhas de Kaysar com uma melodia doce como sempre.

— Você acha… que eu não era… uma vítima… tanto quanto… você? — Ele cuspiu as palavras na direção de Kaysar entre arfadas de respiração. — Eu garanto. Eu era.

Uma vítima? Dificilmente.

— Talvez você não devesse ter rido quando seu tio decapitou uma serva e bateu a cabeça dela como uma bola de crianças, Jareth. — Mas mesmo ao falar, desânimo esfriou a nuca de Kaysar. E se o príncipe tivesse falado a… Não. Não! Frostlines mentiam. É o que faziam. Eram enganadores por natureza, dispostos a fazer qualquer coisa para esconder seus crimes. — Nenhuma palavra mais de você, ou vou acrescentar sua língua à minha coleção.

Sofrimento removeu a civilidade do príncipe.

— Sinto muito pelo abuso que você aguentou nas mãos da minha família. Odeio que isso tenha acontecido com você. Mas o que você acha que acontecia comigo quando eu não me juntava a eles?

Cólera congelou seu peito.

— Então você trocou o seu tormento pelo meu? Hoje você ousa buscar minha misericórdia? — Algo que ele não possuía.

— Kaysar? — perguntou Chantel, sua voz fraca.

Alguma coisa estava errada. Ele correu para o lado dela.

— Qual o problema? Diga-me. — Se ele soubesse, poderia consertar. Ele *precisava* consertar.

— Me sinto engraçada. — As bochechas dela estavam pálidas. Ela piscou rápido, como se para impedir uma tontura. — Enfraquecendo rápido… tão cansada.

Ah. A *elderseed* estava perdendo o efeito.

— Shh, shh, não tem problema, docinho. — Ele passou um braço pela cintura dela, segurando-a. — Solte as trepadeiras e se segure em mim. Vou cuidar de você. Não vou deixar *nada* lhe machucar.

O olhar dela procurou o dele antes de suas pálpebras cobrirem seus olhos. Descansando a cabeça no ombro dele, suspirou.

— Promete?

— Você é minha, e cuido do que é meu. Lembra?

— Ah, sim. É bom ser desejada. — Por fim, ela obedeceu envolvendo os braços à sua volta. Folhagem murchou e secou conforme seu corpo ficava mole contra o dele.

Sono a dominara.

Ele a ergueu nos braços, apertando seu peso leve contra o peito. Isso parecia… certo.

Jareth ainda não tentara levantar-se. Ele arfou.

— Ela não é sua.

— Ela não era. — Kaysar sorriu com enorme satisfação. — Mas agora é. — Ele iria garantir sua concordância com grande rapidez. Quando estava com problemas, ela o procurara.

— Você é um monstro, e vai arruiná-la. Sabe disso, não sabe? Você sequer se importa? Ela já é veneno… por causa de você.

Arruiná-la? Quando ele planejava dar o mundo a ela? Kaysar riu, mas não tinha humor nisso.

— Sou meramente o que sua família fez de mim, Jareth. Você sabe *disso*, não sabe? — Ele retomou sua jornada para as montanhas, farto com a conversa. Pela primeira vez, ele tinha algo mais importante para fazer do que atormentar um Frostline.

CAPÍTULO DEZENOVE

— Hora de acordar, docinho. Você dormiu o bastante, e temos muito para discutir.

A voz sensual tirou Cookie de um sono profundo e sublime.

— Só mais dez minutos — murmurou. — Quinze, se você for bonzinho.

Um suspiro pesado foi a resposta para suas palavras.

— Mais uma vez, parece que não posso lhe negar nada. Durma, então. E durma bem. — A Voz Sensual murmurou a música mais bonita, e ela voltou à escuridão…

Algum tempo depois, o mais fraco dos raios de luz perfurou a névoa que cobria a mente dela. Ela tentou piscar os olhos para abrir, mas suas pálpebras permaneceram coladas. Ah, bom. Ela virou para o lado, ficando mais confortável. Huh. O colchão de espuma da NASA dela não estava muito confortável.

— Você está dormindo há três dias, Chantel. Uma eternidade sem fim. — Voz Sensual voltou. A cama afundou, como se ele tivesse se esticado ao lado dela. — Tenho tanto para lhe contar. Tanta coisa mudou. — O tom dele mudou sem esforço de firme para irritado.

Ela tinha tirado um cochilo de três dias?

— Eu insisto que você acorde, Chantel. Micah destruiu meu parquinho. Os goblins sumiram e sua ausência encorajou as pessoas a se mudarem para cá. Por livre e espontânea vontade. Ele fez as Terras Crepusculares *habitáveis*. A audácia disso tudo! — A cama balançou como se ele tivesse estremecido. — Suponho que existam *algumas* mudanças bem-vindas. Posso ir com um *flitter* para dentro e fora do palácio. Que saqueei. Jareth é meu prisioneiro, é claro. — Uma pausa tensa a deixou em suspense. O que ele contaria em seguida? — Você me odeia

agora? Você *se* odeia?

Eu o conheço. Quem… Luzes se acenderam em sua mente. Memórias cristalizaram, e ela as deixou.

— Kaysar — ofegou.

Ela se lembrou da traição dele. De aprender sobre o seu passado trágico e os Frostlines que o mantiveram preso. Ela se lembrou da doçura dos seus lábios. Da *elderseed*. De soltar as trepadeiras e… Uau. O corpo dela pulou, como se tivesse levado um choque em um fio elétrico. Ela matara. Ela matara *muito*. Agora, Kaysar temia que ela o culpasse, o *odiasse*, por encorajá-la a fazer isso? Será que ela culparia? Ela pensou… Não. Como poderia? Senhorita Curiosa com Assassinato havia gostado de cada minuto e grito. Cada morte. E se odiar? Não outra vez. Qualquer um que ameaçasse a ela ou os que ela amava – hum, ou melhor, seus companheiros, quem quer que fossem – receberia um final ruim. Porque não tinha como voltar atrás. Isso ela sabia.

Metal frio deslizou na maçã do rosto dela, fazendo tremores calorosos se espalharem por ela.

— Você não *quer* me distrair com tentação, quer, docinho? Você apenas o faz.

Voz sensual, palavras sensuais – homem muito sensual. Luxúria cresceu, como se só estivesse esperando de lado. Ela ansiava por tocar seu rei sombrio, ser tocada por ele, mas ela não conseguia abrir os olhos. Suas pálpebras pesadas demais.

Apesar de lutar, ela perdeu. A névoa em sua mente apenas ficou mais densa, apagando as luzes. Logo em seguida, ela voltou a dormir…

Algum tempo depois, as pálpebras de Cookie se abriram. Ela piscou para focar o olhar, luzes se acendendo em sua mente mais uma vez. Quando tempo passara desde…

— Kaysar! — Ela se sentou, sobressaltada, várias velas se acenderam.

Coração como uma bigorna, ela analisou os arredores. Um quarto espaçoso direto de um conto de fadas, com paredes de mármore, cortinas brancas

esvoaçantes que cobriam uma janela enorme com vitrais coloridos, e detalhes elaborados em ouro. Do outro lado, uma lareira que estalava com chamas azuis, parecendo queimar tijolos de safira. A opulência a chocou.

Lembrando as coisas que Kaysar mencionara, ela pensou que pudesse estar no palácio de Micah. A fortaleza cravada na encosta da montanha, talvez?

Um dia dele, agora minha. Não, não dela. De Kaysar. Ela era dona da casa da fazenda cheia dos garimpos de brechó dela e da Pearl Jean, e os brinquedos de Sugars, e ela os queria de volta.

Apenas semana passada, ela lamentara sua indisposição de deixar a casa acabada. O epicentro dos seus sonhos de infância. Hoje, a saudade de casa revirava seu estômago. Na maior parte, ela só sentia falta de Pearl Jean e Sugars.

O que eles pensariam da nova Cookie?

Ela se esquivou da resposta, chamando:

— Kaysar?

Quando nenhuma resposta foi imediata, ela saiu do calor das cobertas. Ar beijou um monte de pele nua, chocando-a. Bom. Alguém tirara sua roupa e a banhara, depois a deixara no invólucro original. Alguém também havia provido uma nota sobre onde ele poderia estar e o que ela deveria fazer em seguida? Não.

Cookie suspirou e bisbilhotou o quarto, à caça de uma roupa. Qualquer roupa. Não, não *qualquer*. Ela precisava ter cuidado agora. O que ela usava afetava seu humor.

Urgh. A habilidade que a princípio ela lamentou como uma maldição, depois louvou como uma arma, no momento era uma inconveniência.

Talvez um dia ela devesse tomar uma decisão e se ater a ela – do jeito que ela desejava que as pessoas ficassem com ela. Sobre a cômoda, ela descobriu um jarro vazio. Divertida, ela fingiu derrubar o conteúdo invisível. Algo que o avatar dela era forçado a fazer de vez em quando. Uma ação boba programada no jogo, quer uma recompensa enchesse seu jarro ou não.

Foco. E se Kaysar voltasse e a encontrasse nua? Ela parou no meio do caminho para o closet. *Siiim. E se isso acontecesse?* Ele a queria. Ele deixara seu

desejo bem claro. E ela o queria. O bastante para voltar a considerar sexo uma possibilidade?

Ela conferiu seu registro mental para reexaminar os crimes dele. O homem havia elogiado honestidade – insistido nisso – enquanto propositalmente a enganava. Pior, ele a punira por algo que ela não fizera, colocando pedras na sacola dela para a exaurir. Ele também a beijara como se ela fosse o oxigênio que ele precisava para sobreviver e tivesse parado cedo demais. Não era uma ofensa terrível, mas ainda assim. Ofensa!

Ela o perdoara por tudo? Talvez? Uma ocasião única, que nunca seria repetida?

E se ele a usasse como substituta de Jareth outra vez?

Jareth, que poderia não ser o vilão que ela considerara originalmente. O sofrimento que ele sentira quando confessara suas próprias dificuldades parecera verdadeiro. Ele também havia sido abusado?

Memórias do seu tratamento errado nas mãos dela fez surgir culpa e arrependimento. Talvez ela devesse se desculpar.

E como Kaysar reagiria a *isso*?

Como sempre, os pensamentos dela se voltaram para o companheiro impiedoso. O ímã para o metal dela. De certa forma, Kaysar a lembrava das suas botas cravejadas. Lindo para se olhar, mas extremamente desconfortável e mais adequado para ocasiões especiais. E o que era mais especial do que uma viagem para uma terra mágica?

Antes, ela se perguntara se deveria curti-lo enquanto tivesse a chance. A pergunta surgiu outra vez. Ela não deveria aproveitar a oportunidade para explorar o fogo raro entre eles? Ele tinha uma data de validade pré-determinada, então ela não faria algo tão tolo e se apaixonaria por ele. Ela ficaria preparada para a separação inevitável.

Mas será que ela *algum dia* poderia voltar ao mundo mortal? Ela parara de tomar seus remédios “necessários”, curando-se de forma sobrenatural. Crescia trepadeiras na sua pele. Quanto tempo antes de ela ser capturada e estudada? E

isso também não era sua antiga paranoia ou cérebro de jogo falando, mas lógica fria e seca. Mas a pergunta mais importante: O que aconteceria quando ela matasse um mortal que errasse com seus entes queridos? E aí?

Um grande peso se acomodou nos ombros de Cookie. Por que ela se deixou desanimar com essas coisas? Ela não ansiara por uma vida diferente? Bom, ali estava, para ela aproveitar. Ela poderia fazê-la melhor ou pior, dependendo de suas ações.

E se Pearl Jean e Sugars viessem para cá, afinal?

Lágrimas arderam em seus olhos, e ela os esfregou com os punhos. Saudade de casa era uma doença real, e era péssimo. Ela só estava surpresa que Pearl Jean não a contraíra primeiro.

Se Cookie aprendeu a soltar uma corrente de trepadeiras sem *elderseed*, ela poderia proteger seus entes queridos de qualquer coisa. Espere. Ela ainda era capaz de produzir trepadeiras com um comando, sem o auxílio de *elderseed*?

Ela olhou para as mãos e assim desejou. *Brotos. Venham.*

Pequenas mudas verdes irromperam a superfície de sua pele, e ela sorriu. Mais rápido e mais fácil do que antes. *Legal.*

Se Kaysar a ajudasse a proteger Pearl Jean e Sugars, ainda melhor. Ele certamente tinha como. Sem contar a vontade. Mas quanto tempo sua disposição duraria? Ele desejava Cookie, sim. Por enquanto. O que aconteceria quando um brinquedinho novo chamasse sua atenção e ele desse o fora?

Pessoas sempre davam o fora.

Ótimo. O humor dela amargara sem o auxílio de roupas. Falando nisso, ela precisava se vestir logo.

Erguendo o queixo, Cookie entrou no closet. Três vestidos estavam pendurados nos cabideiros, esperando sua análise. O primeiro era um misto adorável de rainha má e mulher gato. Preto, sensual e superapertado. Basicamente um macacão de manga longa com uma cauda acoplável.

O segundo tinha um ar de menininha, com babados rosa e laços roxos, enquanto o terceiro foi confeccionado com uma professora em mente. Cintura

justa com uma saia um pouco rodada até o tornozelo. A cor cinza sóbria empalideceria a pele de qualquer um, e o colarinho alto provavelmente coçava para caramba.

Era a composição mais magnífica que ela jamais vira, e a atraía em um nível celular.

— Meu! — Ela pegou o vestido do cabide como se alguém estivesse à espreita, pronto para se aproveitar do negócio do século. Dedos cruzados que Kaysar deixara uma calcinha alta para completar o look, o acessório perfeito para uma personalidade daquelas.

Porcaria. Nada de calcinha. Apesar que… Ficar sem sob um vestido tão comedido assim parecia muito provocativo; ela sorriu.

No banheiro privativo, ela encontrou sua bolsa. Animada, pendurou o vestido em um gancho de roupão, ficou de joelho e procurou seus pertences. As joias. O cantil. Os produtos de higiene. Tudo permanecia, menos a *elderseed*. Que recuperaria. Havia carregado pela floresta, então ela *merecera*.

Espere. Ela não lembrava de ver aquele bracelete ametista antes. Ou o broche de pérolas. Ou a tiara com cristais em formato de rosas. Sem dúvida as peças tinham o dobro do valor da casa da fazenda, e ela ficou maravilhada. Parecia que seu amor por joias não desaparecera, mesmo sem as botas. O que significava que era próprio de Cookie.

Talvez as roupas ressaltassem diferentes aspectos da sua própria personalidade. Kaysar não aludira a este fato?

Kaysar, que acabara de *dar* joias a ela? De graça? Ela precisava mesmo falar com ele sobre… bom, tudo.

As tarefas dela coalesceram. *Tomar banho e me vestir. Sem calcinha. Encontrar Kaysar.*

Com propósito renovado, Cookie recolheu os itens de higiene pessoal e entrou no cubículo do chuveiro. Mas, ah, onde estavam as torneiras? Ela procurou aqui e ali, pra cima e pra baixo, mas… nada de torneiras. Não tinha nem uma bica.

— Ajuda para uma garota a tomar banho sozinha, enquanto acordada — reclamou ela.

E simples assim, água jorrou do teto, chovendo sobre ela. O líquido gélido a fez soltar um gritinho.

— Gelado demais. Preciso de calor.

Outra vez, as palavras dela causaram ação imediata, a água esquentando até escaldar como ácido. A temperatura que ela preferia.

Cookie se lavou dos pés à cabeça, depois saiu do cubículo, dizendo:

— Desligar. — Como esperado, a cascata desligou.

Parada em um tapete de banheiro, ela procurou uma toalha. Mas não tinha necessidade. Calor subiu do tapete, secando-a da cabeça aos pés. *Uma garota poderia se acostumar com isso.*

Na pia, ela encontrou um bilhete de Kaysar. Só que não estava escrito em um pedaço de papel ou até mesmo sangue. As palavras apareceram no espelho embaçado. *Me beba. Você vai gostar.* Uma flecha apontava para um líquido transparente com cheiro de menta, em um pequeno decantador de vidro.

Um tipo de enxaguante bucal? Uma droga? *Saúde*. Como Alice no País das Maravilhas, Cookie virou o copo. O líquido mentolado borbulhou na sua boca, parecendo limpar todos os cantos. A sensação borbulhante se espalhou por ela toda, infiltrando-se no estômago, depois no peito, depois nas veias, e ah, isso era bom.

Conforme o vapor desaparecia do espelho, o recado de Kaysar desapareceu, e seu reflexo entrou em foco. O cabelo escurecera para um preto estonteante. E os olhos… o esquerdo era verde, enquanto o direito era prateado.

Mas, ela estava nua. A aparência dela mudava com os humores assim como as roupas? Com as ações? A *elderseed* era responsável? Ou alguma coisa completamente diferente? Pearl Jean e Sugars sequer a reconheceriam? Ela estava com aparência diferente, cheiro diferente. Agia diferente. O próprio DNA havia mudado.

Ignorando o desânimo, Cookie prendeu o cabelo em um coque sóbrio na

nuca, sem nenhum fio fora de lugar. Nenhum outro penteado combinaria com o vestido incrível que ela colocou, mais uma vez espantada quando o tecido se ajustou às suas curvas, criando um caimento perfeito.

O desejo de colocar os ombros para trás e alinhar a coluna se provou inegável. Um desejo que ela ouviu, sentindo-se como se tivesse trocado um avatar propenso a preocupações por um general militar. Ou diretora escolar.

Madame Cookie.

Os pensamentos dela clarearam e aguçaram, o desânimo desaparecendo. Ela quase sorriu, mas bufou com desaprovação no lugar. Quais joias ela deveria colocar? O broche de pérola chamou sua atenção. Ela espetou a belezura na altura do coração.

Tão tranquila quanto qualquer matrona firme, Cookie foi para a porta. Que se abriu antes que a alcançasse.

Kaysar entrou no quarto, a aparência dele a parando. Ele estava vestido todo de preto, o cabelo escuro gloriosamente espetado e bagunçado pelo vento. Ele aparara a barba, uma sombra densa cobrindo sua mandíbula.

Por algum motivo, garras de metal adornavam apenas uma de suas mãos hoje. Coturnos e uma variedade de armas acrescentavam ao seu apelo de salivar.

Mesmo quando o seu corpo reagiu com uma animação atordoante, o vestido a serviu bem, ajudando-a a manter uma expressão estoica. Se ela iria dormir com aquele homem – e poderia – ela precisava de pensamentos equilibrados sobre o assunto.

— Você está acordada, como Olho previu. — Ele se aproximou, deslizando o olhar por ela e parando no meio. Desejo quente e flagrante brilhava nos olhos dele. *Tão suave como whisky, duas vezes mais intoxicante.* — Você escolheu a disciplinadora.

Ela não hesitou, apenas o permitiu olhar o tanto que quisesse, não revelando nada.

— Se você está curiosa para saber se analisei seu corpo nu ao banhá-la, permita-me tranquilizar sua mente — falou. — Eu o fiz. O tempo todo. Não

tenho arrependimentos.

— Como se você fosse forte o bastante para resistir a isso. — Ela fez um gesto demonstrativo para o corpo, certa de que passava uma imagem de graça, elegância e sofisticação. Muito provável que de perfeição também.

Ora. A professora tinha ginga e um ego saudável. Bom saber.

— O que aconteceu depois que desmaiei? — perguntou.

Um lampejo de… *algo* escureceu as feições dele.

— Jareth lutou contra os soldados remanescentes enquanto eu lhe carregava. Nós chegamos na fortaleza mais tarde naquela noite. Depois que percebi que poderia usar o *flitter*, os guardas não tiveram chance. Mantive os servos e busquei Olho. Ela…

— *Ela?* — Aparentemente a "disciplinadora" possuía um traço desagradável de ciúmes. — Quem é Olho? — *E quão logo posso matá-la?*

— Ela é um oráculo que vê o passado, presente e futuro — falou com um aceno de pouca importância. — Não vale muito a pena mencionar. — Com cuidado e incerto, ele se aproximou de Cookie outra vez. — Você se arrepende do que aconteceu com o exército de Micah?

— Nem um pouco — admitiu ela, o ciúme ruindo. — Por quê? Deveria?

— Não deveria. — Ele ergueu uma mão, estalou os dedos e deu um passo para o lado. — Faminta, docinho? Permita-me satisfazer sua fome.

Uma procissão de servos entrou no quarto, nenhum ousando olhar na direção dela. Eles estavam acovardados por Kaysar ou Cookie? Ou eles estavam apenas seguindo ordens? Dois homens carregavam uma pequena mesa redonda. Mais dois entraram com cadeiras, e seis mulheres seguiram com comida e bebida. O cheiro que acompanhava se provou divino, e a boca de Cookie salivou.

Enquanto os servos organizaram uma refeição romântica perto da lareira, Kaysar olhava para ela, fixo. Os mamilos dela intumesceram sob o vestido.

Não revele nada.

O grupo recuou, fechando a porta atrás deles, deixando Cookie e Kaysar sozinhos.

O semblante dele mudou dramaticamente bem na frente dos olhos dela. De reservado para feroz, como se uma máscara tivesse caído. Ele mostrou os dentes em uma imitação de um sorriso.

— Temos muitas coisas para conversar.

CAPÍTULO VINTE

Kaysar ficara angustiado naqueles longos e torturantes dias sem Chantel. Sentira falta dela do jeito que sentiria de um órgão vital. Ele ansiara por sua companhia, reclamações e elogios. Havia tantas coisas que ele quisera fazer com ela. Para ela. Coisas que ele *precisava* fazer.

No momento que ele vira o vestido sério e engomado, ele temera pelo pior. Que Jareth havia se provado certo, e ela estava de luto por suas atitudes passadas. Que ela tinha intenção de punir Kaysar. Ele deveria ter se segurado à certeza de que a conhecia melhor, e ele nunca errava sobra nada, nunca. Exceto quando errava.

Ela escolhera a donzela austera para se ajudar a *resistir* a Kaysar. Mas ela falharia. Não existia ninguém mais determinado, e ele já sentira o cheiro da excitação dela.

Ele acenou para a mesa.

— Vamos nos sentar? — Algo ocorrera a ele enquanto ela dormira até os efeitos da *elderseed* passarem.

Desejos além do físico fervilhavam dentro dele – desejos que só ela poderia aliviar. Mas ela não podia saber o que ele precisava dela a não ser que lhe contasse. O mesmo era verdade para ele. Ele não podia saber o que ela precisava a não ser que explicasse. Ele *ansiava* por saber.

Um leve aceno não lhe revelou nenhuma dica das emoções dela.

— Vamos.

Para ela, ele fingiria ser um cavalheiro – ele queria ser. Ele se apressou para preparar a cadeira dela.

— Por favor, sente aqui. — Quando falava com uma mulher que esperava atrair para sua cama pelo resto da vida, você não fazia exigências. Você oferecia

pedidos. Ou assim ele acreditava ter testemunhado outros homens fazerem.

Algo que ele sabia sem dúvida. Quando você falhava em respeitar alguma coisa, você a perdia. Se aceitava a perda, nunca a merecera, para começar.

Uma Chantel silenciosa se sentou na almofada, graciosa como um cisne. Ele a empurrou para a frente, gentil, mas firme, antes de sentar-se na frente dela.

Ele queria o assunto resolvido o mais rápido possível. Agindo como se não estivesse afetado, ele balançou o guardanapo para o desdobrar, e disse:

— Não fiz do meu desejo por você um segredo.

Ela arqueou uma sobrancelha do mesmo tom de obsidiana que seu cabelo. A cor escura realçava sua pele pálida e bochechas rosadas, sua delicadeza.

— Pulando direto no fundo bem no começo? Uma estratégia ousada. Muito bem. Estou disposta a jogar. — Um aceno imperial dos dedos. — Por favor, continue.

Na verdade, a estratégia dele era bem mais simples. Honestidade, não importavam as consequências. E presentes suntuosos, de valor inestimável. Ele não estava acima de suborno para garantir aquela mulher.

— Estou determinado a tê-la ao meu lado e na minha cama. Para sempre. Estou disposto a dar os passos necessários para conseguir sua rendição completa.

— Minha rendição completa. Para sempre, ainda por cima. — Outra vez, ela não deixou escapar nada. — Você deseja barganhar por sexo, afinal?

— Sim. Mas também pelo seu futuro — falou. Que não existam mal-entendidos entre eles.

Ele esperou uma resposta… Ela escolheu a frutinha mais suculenta da tigela e mordeu no meio. Suco vermelho molhou seus lábios.

Eu não vou me inclinar. Não vou lamber aqueles lábios carnudos até estarem limpos.

A não ser que ela me implore.

Ele segurou os braços da cadeira.

— Vai descobrir que estou *muito* entusiasmado para adquiri-la.

— Me adquirir, hum? Como se fosse uma posse.

— Um tesouro — corrigiu.

— Mas você não cuida das suas posses e tesouros, não é mesmo, Kaysar?

A pergunta simples fez uma centena de alarmes soarem.

Ele se eriçou, latindo:

— Explique-se. — *Você deseja mantê-la, o Desequilibrado, ou perdê-la mais rápido?* — Por favor — acrescentou com um tom suave.

— Você alega que essa terra é sua, e, ainda assim, a abandonou por duzentos anos.

— Eu nunca abandonei. Perdi noção do tempo. O que eu não faria com você — adicionou. — Essa terra é boa, mas não oferece tal… — Ele abaixou o olhar para os seios dela. — Conversa estimulante.

— E minha conexão com Jareth?

Ela ansiava pelo príncipe Frostline? Kaysar pegou o vinho para umedecer a boca seca. O vidro estilhaçou em sua mão, o líquido vermelho-escuro pingando no chão.

— Você se lembrou de mais memórias da Lulundria? — perguntou ele como se nada tivesse acontecido.

— Tenho certeza de que gostará de saber que não lembrei. Apesar de me perguntar se você deseja me manter ignorante porque teme que outra mentira seja revelada. — Ela se inclinou para oferecer o guardanapo para ele.

— Admiti cada um dos meus crimes. — Kaysar aceitou o tecido e secou a mão antes de encher uma segunda taça de vinho. Ele requisitara mais de tudo, por via das dúvidas. — Eu apenas desgosto do pensamento da minha Chantel sentindo afeição pelo príncipe de Lulundria.

Ela piscou duas vezes, nada mais, mas sentiu que a admissão a agradou.

— Você vai entender se minha confiança nos seus objetivos permanecer abalada, certo?

Ele abriu e fechou a boca duas vezes antes de se decidir por uma resposta:

— Sua falta de confiança nos meus motivos é um assunto que posso consertar com o tempo. — Suor irrompeu na testa dele, as próximas palavras

doendo, mesmo antes de surgirem. — Não tem motivo para nós corrermos para a cama. Estou contente em esperar até que tenha me provado.

— Você está *contente* em esperar? Sim, posso ver quanto está ansioso por me adquirir.

— Estou contente em esperar porque você precisa que seja assim. Vou esperar o tempo que você precisar, o final vale qualquer dificuldade. — Mesmo dificuldades latejantes e dolorosas.

Outra vez, ele sentiu que sua resposta a agradou.

Ela colocou outra frutinha na boca, pensativa.

Ele decidiu levar a conversa para o próximo nível. Seus subornos.

— Vai ficar muito feliz em saber que capturei um aprendiz de criador de portais. Ele a espera na sala do trono. Apesar de não conseguir abrir um portal para o reino mortal, ele vai poder treiná-la para fazê-lo. Ele conhece truques. — Uma brecha que ele considerara depois de saquear o palácio.

Ele a analisou, com expectativa, esperança… desapontado quando a expressão dela falhou em suavizar.

— Você me quer para sempre, mas também deseja me ensinar como deixá-lo? Me ajude a entender. — Seu tom equilibrado foi desmentido por uma leve contração de seus dedos.

Uma dica. Mas do quê?

Ela percebera o jeito que as mãos dele tremeram quando colocara os pães mais macios e os pudins mais deliciosos no prato dela?

— Você deve abrir portais para buscar seus entes queridos. Pearl Jean e Sugars, certo? Presumo que você vai desejar trazê-los para Astaria. Estou ansioso para conhecê-los. Vão viver conosco, é claro, e receber a proteção total do meu nome. O felino real prefere derrubar vasos inestimáveis de bancadas ou retalhar móveis antigos e insubstituíveis? Posso conseguir os dois dentro de uma hora. — Ele balançou a cabeça. — Pergunta tola. Já deduzi a resposta. Ele prefere os dois.

Ela piscou duas vezes de novo, e o coração dele tropeçou. Outra dica. O

plano dele ou estava funcionando melhor do que sonhara ou falhando miseravelmente.

O próximo presente dele com certeza agradaria.

— Decidi dar-lhe esta fortaleza, junto com tudo dentro dela. No momento em que a aceitar, você se tornará rainha das Terras Crepusculares. — Ele tomou um gole do vinho tinto rico e amadeirado. — Acredito que aprovara o tesouro, assim como as defesas. Os muros externos e torres do flanco são extraordinárias. Os mata-cães ainda mais.

Os nós dos dedos dela ficaram brancos em volta da taça de vinho.

— Mata-cães, você diz? Usadas para derramar óleo fervente sobre invasores? Eu os uso no meu castelo Rhoswyniano. — Uma chama de excitação lampejou nos seus olhos diferentes, e ele respirou fundo.

Emoção deve *fervilhar* sob aquele exterior de madame severa. Ou não fervilhar. A chama de excitação morreu rápido demais. Um frio ártico marcou linhas severas nas feições de Chantel.

— Serei uma rainha, sim, mas também uma simples princesa aos seus olhos, irrevogavelmente ligada a Jareth Frostline. Talvez isso seja parte do meu atrativo, sim?

Kaysar gritou um xingamento em silêncio. Ele quase tivera seu prêmio ao alcance, mas ele escorregou por entre os seus dedos.

Ele não tinha mais dúvidas quanto ao plano. Ele estava falhando miseravelmente.

Não poderia recuar agora. Ele jurara ser honesto com ela, não importavam as consequências. Se ele hesitasse nisso, ele seria tão ruim quanto um Frostline.

— Quando nos conhecemos, planejei lhe engravidar, permitindo que meu descendente reinasse do trono Frostline.

— E agora? — A voz dela estava levemente rouca. Seria ultraje?

— Decidi que você não vai ter nenhum filho. — Ele usou seu tom mais seco, não deixando espaço para argumentos. Dando um tapinha em um lugar do próprio ombro, ele disse: — Acrescentei uma tatuagem. Contraceptivo místico.

— *Você* decidiu. — Os olhos dela semicerraram. — Você. Decidiu. Por mim?

— Minha vingança exige isso. — Eles chegaram em um limite. Como poderia fazê-la entender o seu lado? — Você é preciosa para mim, Chantel, e não tenho desejo de agir de outra forma. Só desejo lhe dar o mundo.

— O mundo. Mas não filhos.

Ignore o ardor no seu peito.

— Você sequer os deseja?

— Não neste momento. Mas um dia. Talvez. Gostaria da opção, ao menos.

Ele segurou a borda da mesa. *Perdendo-a.*

— Vou mantê-la tão satisfeita que nunca sentirá falta deles. Pelo resto da minha vida, vou me dedicar ao seu prazer.

— E se meu prazer entrar no caminho da sua vingança?

Ele não negaria a verdade.

— Ela é minha mestra, e ela sempre virá primeiro. — A vingança o alimentava. Ele gostava das suas refeições frias e frequentes.

Chantel não revelou nada – a princípio.

— Antes de você entrar no quarto, debati os méritos de dormir com você por algumas semanas antes de ir para casa. Agora você exige obediência pela eternidade. Isso é um grande não, a propósito. Não vou me submeter a você, e certamente não vou depender de você. No momento em que o fizer, bum, você vai decidir que está farto de mim e a boa e velha Cookie vai precisar pegar os pedaços outra vez.

Quanto mais falava, mais dor ela projetava.

Ele sentiu uma pontada no peito como nunca havia sentido. Ele estivera tão focado no próprio passado que não pensara no dela. O que estampara tanta angústia em seus olhos?

— Eu *sempre* vou precisar de você — falou ele, sua certeza inabalável.

— Pensei que tivéssemos estabelecido o fato de que você não é um vidente. Não pode saber o futuro.

— Nisso, eu posso. Eu sei. — Ele pressentia a verdade na parte mais

profunda de si. Olhando para trás, ele percebeu que experimentara um lampejo da importância dela para ele no momento que seus olhares se encontraram pela primeira vez. — Perdi *tudo* que era importante para mim. Meus pais. Minha irmã. Minha inocência. Pela maior parte da minha vida, a vingança foi meu único prazer. Antes de você, sexo não era algo que eu julgava essencial. Mas você me afetou – *me afeta*. As coisas que você me faz sentir, todas as horas de todos os dias, quer você esteja comigo ou longe de mim…

Desejo o deixava em carne viva, mesmo agora. Ele passou o olhar por ela e seu tom ficou mais grave.

— Sua mente e corpo são definitivamente essenciais.

Emoções giraram dentro dos olhos dela, lembrando-o das rodas de uma carroça, girando e girando, retardando sua reação. Como se ela não soubesse como se sentir até que as rodas parassem.

Ele aproveitou a vantagem. Confusão abrira uma porta, ele só precisava se esgueirar por ela.

— Meus afetos são seus, Chantel. Vou garantir todas suas necessidades e massacrar todos os dragões.

Ela semicerrou os olhos e levantou com graça espantosa. Inclinando-se, lânguida, mas atenta, segurou os lados da mesa.

— Não preciso que você massacre os meus dragões, Kaysar. — Aqueles olhos diferentes brilhavam enquanto ela dava um sorriso frio. Trepadeiras desenrolaram da ponta dos seus dedos, deslizando em volta da sua garganta e apertando – erguendo-o da cadeira. — Sou perfeitamente capaz de matar *qualquer um*.

Excitação selvagem o engastou com tanta certeza quanto suas videiras, e ele ficou duro como uma pedra. *Eu a quero. Preciso dela.*

— Caso não seja óbvio — disse ela, severa e impiedosa. — Vou ficar com o aprendiz e o palácio, mas estou recusando sua oferta.

Talvez ele devesse modificar a estratégia? Uma pequena adaptação, nada mais.

— Permita-me ficar e lhe ajudar a defender o palácio contra os ataques vindouros — falou, devagar, com gentileza envolvendo os dedos nas hastes.

Pressão aliviou. Ela retraiu as trepadeiras e voltou para a cadeira. Taça de vinho na mão, ela reclinou.

— Vá em frente. Estou ouvindo.

Ele ajustou a ereção descaradamente, sem tentar esconder a ação, e também voltou para o assento.

— Micah e seu exército querem este palácio de volta. Eles retornarão. Como rainha, você será responsável pela defesa de todas as pessoas, portas, janelas e armadilhas. Para alcançar vitória, vai precisar de um exército próprio cheio de soldados leais – ou um rei capaz de derrubar milhares em segundos. — Porque ele não tinha uma bússola moral, acrescentou: — Pense em Pearl Jean. Sugars. Proteger a vida deles será uma grande prioridade para mim. Eles também serão minha família. Vou protegê-los com minha vida. Nenhum outro rei, colega de time ou amante prometerá o mesmo, e cumprirá.

Um momento passou sem a menor sugestão de uma reação, ao mesmo tempo infinito e agonizante para Kaysar. Depois, ela girou a taça de vinho devagar – ele ansiou pela inatividade de antes. O que revirar o vinho significava? O que ela falaria ou faria em seguida?

Finalmente, ela falou:

— Micah e a maior parte dos seus homens não podem ouvir sua voz. Como você vai derrotá-los?

— Não, docinho. Eles não *podiam*. Os efeitos da droga que usaram já passaram.

— E se usarem a droga outra vez?

— Posso cantar para você. — Ela sentia alguma coisa por ele? Devia. Quando ela o beijou na cachoeira, ela se perdera no ato. O corpo dela havia se segurado nele, desesperado por mais.

Mas e se ela tivesse mudado de ideia?

Ele se moveu na cadeira, agitado por sua quietude, os pensamentos se

fragmentando. Ela deve, deve, deve.

— Pare com isso — ela ralhou, e ele recobrou o foco com um sobressalto. — Não vou ter minha refeição arruinada por derramamento de sangue desnecessário.

Ele percebeu que enfiara as garras no braço e arranhara. Sangue escorria dos ferimentos.

— Perdão por me mutilar na nossa mesa — respondeu. — Pego-me… desconfortável com sua falta de vontade de responder aos meus presentes. Você me deixa em suspense para me punir? Se é assim, aceito. Mas você precisa explicar o que fiz. Não posso adivinhar seus pensamentos se…

— Não vou punir você — ela interrompeu com um tom mais suave. — Preciso de um momento para processar, isso é tudo. Sua última oferta me intriga e confunde. Você vai permanecer no meu palácio e agir como o guarda-costas pessoal da minha família. Isso eu entendo. Mas o que eu recebo em troca de permitir que você faça isso?

Sedutora ardilosa. Tão certa do seu controle. E ah, ele gostava dela. Calma tomou o lugar do pânico, afetando sua postura.

Ela *sentia* algo por ele. Se não fosse assim a bela traiçoeira estaria enfiando uma trepadeira pela cabeça dele nesse momento.

Ele contou com honestidade.

— Você vai ter um amante devotado que vai lhe dar prazer de todos os jeitos safados que desejar, lhe ajudar a matar qualquer inimigo que quiser e colocar o coração aos seus pés, se algum dia você pedir.

Os lábios vermelhos dela se abriram.

— Você acha que vários orgasmos vão me prender ao seu lado. Que vou fazer qualquer coisa que comandar, contanto que me mantenha embriagada de prazer.

— Estou apostando uma vida inteira de felicidade nisso. — Kaysar abaixou o queixo, os cantos dos lábios se curvando em um sorriso predatório. A *glamara* dele esquentou. Não o bastante para compelir, apenas o bastante para chamuscar.

— As coisas que vou fazer com seu corpo…

Sob o tecido do seu vestido austero, os mamilos dela ficaram duros – ele viu acontecer. Quando ela se remexeu na cadeira para aliviar o desejo, ele quase rugiu com triunfo.

Ela puxou o colarinho rígido, perguntando, suave:

— Que tipo de coisas?

Ele segurou seu olhar. Com a garganta de repente áspera, ele a respondeu:

— Não tem *nada* que não vá fazer com você. Se deseja alguma coisa, eu vou cumprir. — Ameaça encharcou o seu tom. — Vou fazer isso. Não existirá outro para você.

As feições dela se fecharam. Com um tom seco, ela retrucou:

— Não existirá outra para você. Por *qualquer* motivo, mesmo vingança.

— Combinado. — Ele não podia soltar a palavra rápido o bastante. Ela estava considerando a oferta dele por causa de ciúmes. Ela quase espumou pela boca com o pensamento dele com outra. Ela devia! A rainha das Terras Crepusculares era deliciosamente possessiva, recusando-se a compartilhar o homem com outra.

Colocando a taça na boca sem inclinar a cabeça, ela bebeu todo o vinho. Fechou os olhos. Inalou e soltou uma respiração profunda.

Ele estremeceu, querendo aproveitar a vantagem. Mas não o fez. De alguma maneira, encontrou a força para dizer a ela:

— Não existe necessidade de me prover com uma resposta hoje. — Eles ficariam juntos pelo tempo que ela deliberasse.

As pálpebras dela se abriram, e ele franziu o cenho. Ela parecia… decepcionada. Ela *esperava* levá-lo para a cama hoje – agora?

Talvez ele devesse aproveitar a vantagem, afinal.

— Responda apenas uma pergunta para mim, docinho, e vamos deixar esse assunto para outro dia.

Um aceno tenso.

— Muito bem. Pergunte.

— Você está molhada?

CAPÍTULO VINTE E UM

Cookie foi despida mesmo estando vestida. Kaysar a destruíra com suas confissões de partir o coração e promessas honestas. Ele a desejava muito. O cara alegava querer a eternidade com ela, e até poderia ter coragem de ficar.

O problema, para Cookie, eram suas prioridades. Ela fora segunda, terceira e quarta escolha durante a vida inteira. Todo aniversário esquecido, promessa não cumprida e jantar perdido acabaram com ela. Para se vincular por vontade própria em um relacionamento previamente classificado – em que você começava como a perdedora – era completa estupidez. O fato de que ela estava abaixo do seu objetivo de vingança a incomodava. Eles não se conheciam há muito tempo, mas a química deles não tinha limites. A conexão menos ainda. Talvez, com o tempo, as prioridades dele mudariam. Mas talvez não. É, talvez não. Não existia ninguém mais teimoso do que Kaysar. E ainda assim, apesar de todos os motivos para dar o fora, ela permaneceu sentada, fervilhando. O problema tinha uma solução óbvia. O conquistar para longe de sua vingança. Uma batalha de desejos. Reivindicar o coração de Kaysar na vitória, e ela ficaria em primeiro lugar. Antes da negociação deles começar, ela o considerara um candidato para um relacionamento temporário. Agora? Algumas das suas barreiras foram reduzidas a uma pilha de escombros, e ela viu a verdade. Ele era um prêmio de guerra cobiçado. Um beijo, e ele se tornaria sua droga e traficante. Ela ansiava mais uma dose da coisa boa – conexão.

Dormir nos braços dele todas as noites. Acordar ao lado dele todas as manhãs. Discutir planos de batalha. Dispensar o tipo de justiça deles pela terra. Redecorar o castelo e criar um verdadeiro lar juntos. O lar deles. Sim!

Mas ela poderia ganhar o Desequilibrado? Ela queria tentar?

O cortejo deles, por falta de palavra melhor, não seria fácil. Dois reais

teimosos, cada um com um ponto para provar? Você está brincando? Brigas seriam uma garantia. Embates que teriam carga máxima de tensão sexual.

E sim, ela se considerava uma fae da realeza agora. Não, não era muito importante.

— Fiz uma pergunta, Chantel. — Kaysar se reclinou em uma pose de relaxamento total. Aquelas íris de whisky contavam uma história diferente. Uma fantasia épica de guerra e sedução. Ele era um senhor de guerra prestes a demolir qualquer obstáculo em seu caminho.

O menor dos gemidos escapou. Ela se remexeu na cadeira. Hesitante… se fortificando. Ao encontrar o olhar dele, ela se equilibrou. Ele estava certo. Não tinha motivo para agonizar sobre sua decisão hoje. Ele não estava pedindo compromisso naquele exato segundo, apenas uma chance para fazer aquelas coisas safadas com o corpo dela.

Por que ela já não havia dito sim?

Cookie se levantou e caminhou para o lado dele, admitindo.

— Você me fez uma pergunta, Kaysar, e desejo mostrar minha resposta.

As pupilas dele consumiram suas íris, sua agressividade alcançando um pico.

— Sim. Vai me mostrar. Vou ver. — Ele varreu a mesa com o braço de forma violenta, mandando pratos para o chão e comida derramando aqui e ali. Líquidos gorgolejaram. — Vou ver sua resposta agora.

A urgência dele era querosene para Cookie, seu desejo flamejando. Seus tremores se acentuaram conforme ela pegava a barra da saia e puxava sobre a borda da mesa; depois ergueu uma perna sobre Kaysar, colocando os pés nos braços da cadeira dele. Renda se esticava sobre suas coxas.

Com precisão lenta, ele passou as garras sobre a boca e deslizou o olhar do peito dela até os dedos. No caminho de volta, ele se demorou no lugar sombreado entre os joelhos.

— Mostre-me. — Uma súplica rouca.

Encorajada, Cookie abriu as coxas aos poucos, forçando a saia a se erguer, mais e mais luz afastando a escuridão. Ar frio beijou seu desejo fervente. Ela

ecoou o gemido de Kaysar.

As trepadeiras mais delicadas brotaram, crescendo sobre as mãos dela ao traçar os limites perfurados das orelhas pontudas dele.

— Estou molhada, Kaysar?

Parecendo surpreso, ele prendeu os tornozelos dela com força e a encarou.

— Você está encharcada. Rosa e bonita. Linda. — Seu tom rouco embargou. — Você é perfeita. E eu estou desfeito.

Ele moveu o olhar para o dela. Nunca ela viu determinação tão feroz. Olhos brilhando, ele a soltou… e enrolou as mangas da camisa até o cotovelo. Músculos contraíam com cada movimento. Ligamentos puxavam.

— Logo, Chantel, também será desfeita.

A promessa carnal açoitou suas defesas remanescentes. Ela arfou pela ereção enorme pressionada contra as calças de couro dele, o cheiro da sua videira venenosa perfumando o ar. Ele traçou a ponta fria de uma garra contra a parte de baixo do joelho dela, arrastando para a frente e para trás, vai e volta. Nenhuma vez ele a cortou. Seu controle de mestre a deixou estúpida.

— Você sabe o que vou fazer com você, docinho? — Ele ronronou as palavras.

— Eu sei, querido. — Ela curvou uma trepadeira esmeralda em volta de um lado dele, fazendo-o levantar-se. Ela usou a mesma trepadeira para deslizar para cima. — Qualquer coisa que você quiser.

Ele arfou a próxima respiração.

Ele estava curvado, pairando sobre ela com o corpo entre suas pernas. A largura dos seus quadris mantinha as pernas abertas para ele. Os seus olhos estavam famintos, quentes, os lábios separados por um fio de ar. Luxúria incendiava todos os pensamentos dela.

— Eu vou — jurou ele, segurando a borda da mesa até os nós dos dedos ficarem brancos. Desejo devastou suas feições. — Vou fazer qualquer coisa que quiser, e você vai gritar de satisfação.

Sim.

— Várias e várias e várias…

Ele colidiu a boca com a dela. Cookie retribuiu o toque da sua língua. A ferocidade dele a deixou frenética, uma série de gemidos escapando dela. Ela o beijou e lambeu e mordiscou com abandono, assim como ele a beijou e lambeu e mordiscou.

Conforme suas trepadeiras murchavam, ela o envolveu com os braços, precisando dele mais perto. Ele espalmou um dos seus seios. Apertou e beliscou o mamilo pelo vestido. Prazer estonteante comprimiu os pulmões dela.

— Ficando mais molhada a cada segundo — ofegou ela na boca dele.

Ele a beijou com mais força, erguendo a mão para segurar sua nuca.

Fervorosa e desesperada, ela balançou os quadris, tentando se esfregar no membro dele. Sim! Aí. A fricção que procurava. Ela ondulou os quadris mais uma vez e… Nãaao! Ele se afastara.

— Kaysar…

Ele a puxou mais para perto, forçando-a a abrir mais as pernas quando a ereção dele pressionou contra seu núcleo. Couro contra pele, e ela arfou por mais, tentada a implorar por isso. Ele não se esfregou nela, e ela precisava muito, muito mesmo que ele fizesse isso.

— Você me deseja, Chantel? — exigiu saber, retomando lentamente o aperto na sua nuca, enrolando a mão com as garras nos dedos por uma mecha grossa. Ele angulou mais a cabeça dela e mais, até ela oscilar, forçada a depender dele por equilíbrio. — Diga. Diga “eu desejo você, Kaysar”.

Ele precisava ouvir as palavras?

— Sim, Kaysar. Estou faminta por você.

A intensidade dele ficou mais afiada, linda na sua brutalidade. Tirando mais controle dele.

— Meu nome nos seus lábios rubi… quero ver seu lindo rosto enquanto estoco meus dedos fundo em você. Gostaria disso, docinho?

— Amaria. — Mais diabólico do que pensava. Não era surpresa que ele usara apenas um jogo de garras. Ele planejara isso. Como era… delicioso. — Faça.

Faça, faça. — Conforme comandava-implorava, rebolou o máximo possível, dada sua posição.

Ele apertou a mão na nuca dela e a beijou, seus lábios firmes enquanto a língua tocava a dela. Quando se afastou, ele subiu com a mão livre pela parte de dentro da coxa dela e sob a saia, observando-a.

O leve roçar do seu dedo contra o núcleo dela desencadeou uma reação em cadeia. Uma cascata de tremores. Dores. Ah, as dores! Os mamilos dela endureceram. O clitóris latejou. Perdida em prazer ela se contorceu contra a mão dele, procurando mais e mais e mais.

Ele provocou os lábios do sexo dela com carícias de um lado para o outro, aproximando-se do coração do seu desejo, mas nunca fazendo contato… Aqueles dedos. Tão quentes quanto um ferro de marcar, deixando um caminho de fogo em seu rastro. Ela gemeu e arfou e gemeu outra vez.

— Sua música comanda meu corpo. — As palavras dele estavam roucas, os olhos vidrados com desejo. O rosto que um dia ela dissera ser esplêndido se provou selvagem na luz do fogo. Tensão esticava a pele dele. — Espero que esteja pronta para mim, docinho.

As palavras pareciam ter mais de um significado.

— Sim, estou pronta…

Ele estocou fundo. Outra vez, e mais uma. Ele a estimulou e esticou. Quanto mais perto ela chegava do clímax, mais esganiçados seus gemidos soavam.

— Tão apertada. — Ele desacelerou, acariciando suas paredes internas com cada passagem. Tirando os dedos quase todo para fora… observando-a com atenção, analisando todas as reações. — Olhe para você procurando meu toque. Adora o que faço você sentir.

— Adoro — falou ela com a voz rouca quando ele estocou os dedos de volta.

Para fora. Para dentro. Deixando-a vazia. Preenchendo-a outra vez. Deeentro, fooora. Murmúrios incoerentes tropeçavam na língua dela. O prazer. A obsessão dele por ela. A intensidade incrível. Era tudo demais. Mas parar? Ela preferia morrer.

— O que você está fazendo comigo, Kaysar?

Dentrofora. Dentrofora. Dentroforadentroforadentrofora.

— Você está desesperada para que eu acaricie seu clitóris encharcado?

Queimando mais… fervilhando.

— Faça isso. Você quer. Você disse que faria qualquer coisa que quisesse…

— E sempre mantenho minhas promessas. — Por fim, ele pressionou o polegar contra o clitóris dela. Suas costas arquearam, e ela gritou. Faíscas. A aproximação do êxtase. Quase despedaçando. Quase, quase.

— Mais — ela comandou. Tão, tão perto.

Ele circulou o dígito contra ela, esfregando um lugar supersensível. Mais perto…

— Uma vez lhe disse que lhe daria tudo. — Ele arfou ao se abaixar e roçar a ponta no nariz contra o dela, sempre esfregando. — Você se lembra?

— Você quer conversar? — *Não posso pensar.*

— Eu quero, e vamos. — Ele removeu os dedos, deixando-a vazia e sofrendo. — Eu lhe fiz uma pergunta, Chantel. Você se lembra?

— Eu lembro, eu lembro. Dedos de volta para dentro!

Ele levou-a para a cama com um *flitter* e todo o seu peso caiu sobre ela. Humm. Isso era o que ela sentira falta antes. Seu peso e seu calor.

Ela rebolou os quadris, esfregando-se nele como queria. Dureza em cima, um colchão suave por baixo. O contraste era de tirar o fôlego.

— Ou damos uma folga aos seus dedos. Isso também é bom.

O gemido duro de Kaysar preencheu o quarto. Ele elevou os braços dela acima da cabeça, encorajando-a a segurar a cabeceira da cama. Assim que ela obedeceu, ele se afastou para estudar a nova pose no novo local.

— Toque-me — disse ela, lambendo os lábios.

Satisfação exalava dele.

— Ah, eu vou lhe tocar. Extensivamente. Seus clímax são uma prioridade para mim.

Só não são a primeira.

O pensamento intruso abrandou uma chama do seu fervor. E então ele esticou o braço sobre o ombro e puxou a camisa sobre a cabeça, revelando o peito devagar – um peito esculpido e com muitas tatuagens de mapa sobre mapa.

Cookie esqueceu de todo o resto, traçando o olhar sobre linhas, marcos, palavras, rostos, flechas, mais linhas que faziam zigue-zague, criando inúmeros caminhos que levavam para todos os lugares e a lugar nenhum ao mesmo tempo.

— Você nunca deveria usar uma camisa. Nunca.

— Um pedido que levarei em consideração.

— A visão dos seus músculos me faz mais molhada. — Ela acariciou as pernas dele com as suas. — A regra real de nada de camisas recebe um selo de aprovação *agora*?

Ele sorriu, quase tímido.

— Sim, recebe.

Ela se imaginou chupando cada marca e gemeu. Por que não usar essa oportunidade para se acalmar?

— O que suas tatuagens significam?

Ele moveu sua mão grande sobre os mapas.

— Nunca perdido. — Depois o bíceps e a cobra comendo o próprio rabo. — Guerra eterna. — Seu olhar deslizou por ela, as pálpebras ficando baixas. — Apesar que estou mais ansioso por prazer eterno neste momento.

Ela acabara de choramingar? Esqueça qualquer tipo de calma!

Ele sorriu para ela, um leve mostrar de dentes. O sedutor irresistível sabia do efeito que tinha nela. Em todas as mulheres.

— Mas acho que você está igualmente ansiosa.

— Ah, estou — falou, rebolando com mais vigor. — Se me der o que você quer, Kaysar, vou dar o que precisa. — O que os *dois* precisavam.

Soltando um som partido, ele se abaixou e a beijou.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Kaysar beijou Chantel com tudo o que tinha. Ele a beijou até que ela não conseguisse respirar sem ele. Até que ele não quisesse respirar sem ela. Sua primeira e última amante.

Ele a desejara, e a ganhara. Por enquanto. Ele poderia ficar com ela?

Ele precisaria encontrar uma maneira.

Quantas rainhas, princesas e plebeias ele seduzira durantes os séculos? Incontáveis. Elas saíram de reinos diferentes e queriam coisas diferentes, ainda assim ele não tivera problema de seduzi-las para longe dos maridos e amantes. Ele não tivera problema em não se deixar afetar.

O relacionamento com Chantel não era algo temporário. Tudo o que ele fazia, tudo o que ele dizia, importava. Porque ela era importante. Ele cometera erros com ela dos quais agora se arrependia. Ele se recusava a adicionar novas marcas na sua contagem de erros.

Conquistá-la para a eternidade era um requisito. A devoção que Lulundria mostrara por Jareth, Kaysar agora exigia para si. Não teria descanso até que alcançasse seu objetivo.

Erguer a cabeça para interromper o beijo machucava de mil jeitos diferentes, mas ele o fez. Manteve o foco no prêmio. Beijar era apenas o começo…

Ela o observou com olhos luminosos, o peito subindo e descendo enquanto ele soltava com gentileza seu cabelo do coque. Longos cachos pretos se derramaram sobre os travesseiros, uma cascata de esplendor e tentação.

Kaysar se sentou nos tornozelos para examinar o baquete de deleites femininos. Uma imagem para sempre marcada na cabeça dele. Os três primeiros botões do corpete dela estavam abertos, o material formando uma fenda, insinuando um decote que ele massacraria milhares para explorar. A saia

amassada na cintura dela, expondo o comprimento pálido das pernas abertas de Cookie pelas suas próprias – revelando um sexo úmido e brilhante protegido por um pequeno monte de cachos pretos.

Um novo reino para conquistar. O mais exótico de todos.

— Você precisa de mim — disse a ela, caso ainda não estivesse certa.

— Talvez eu precise, mas você não pode se cansar de mim, pode? — Segurando a cabeceira, ela rebolou os quadris. — Você ainda carrega minha mecha de cabelo?

Ela sabia disso?

— Guardei para a posteridade.

Um cheiro intoxicante emanava dela, sinalizando um ápice de prazer.

Paixão na sua forma mais pura tomou conta dele. Ela *gostava* da sua obsessão por ela.

Apenas momentos antes, ele estivera com dois dedos inteiros dentro dela, envolvido por suas paredes úmidas. Os dedos dele brilhavam com sua excitação.

Seduzindo o olhar dela com o próprio, ele lambeu um dígito, depois o outro. Seu membro pulsou com o sabor incrível.

— Mais doce que videira venenosa, e muito mais potente.

As coisas que vou fazer com essa mulher…

Os lábios dela se abriram.

— Você quer mais de mim?

— Quero tudo de você. — Ele daria tudo, também. Quase. — Mostre-me mais desse corpo sedutor. — Inclinando-se para a frente, músculos flexionando, ele abriu um, dois, três outros botões do corpete. O material separou mais, revelando lindos mamilos rosa.

Meu tesouro pessoal.

Ele não tinha palavras, pensamento racional foi apagado.

Um rubor rosáceo se espalhou pelos seios dela.

— Sou tudo o que você sonhou?

— Você é mais do que acreditei ser possível. — A admissão o deixou sem

reservas. Permanecendo de joelhos, mantendo-a aberta para sua vista, ele acariciou sua ereção latejante sobre o couro. — Veja o que você faz comigo.

O choramingo rouco dela arrancou um gemido de resposta dele.

Com o vestido empertigado tão desarrumado, os olhos vivos com prazer, ela parecia uma libertina.

— Vou ganhá-lo, meu querido. — Ela soltou a cabeceira para segurar os seios e apertar os mamilos. — Vou fazê-lo meu. Você *quer* que o ganhe, não quer?

Ele reagiu às palavras dela tanto quanto ao clamor do seu corpo. Ela o chamara de *meu querido.*

Ganhá-lo? Já aconteceu. E ainda assim, ele gemeu.

— Sim. Ganhe-me.

Ramos intricados de videira cobriram com desenhos seus braços, peito e em volta de suas pernas. Estes se espalharam até ele, prendendo os pulsos com firmeza. Ela arqueou as sobrancelhas, como se para dizer: *Vá em frente. Tente escapar de mim.*

Como se ele algum dia fosse querer. Um dia, ele tivera um único fascínio – sua guerra com os Frostlines. Com Chantel, ele descobriu muitos outros. Ganhar mais afeto. Ser desafiado por sua mente misteriosa. Ver um rubor esquentar a pele perfeita prestes a queimar a dele. Brincar com aqueles seios voluminosos e mamilos que pareciam frutinhas. Preenchendo um corpo feito para recebê-lo.

A visão dela naquele momento…

Ela sorriu, completamente ciente do seu poder sobre ele.

— Roubei seus pensamentos, Vossa Majestade?

Ele ficou gelado. Lulundria falara as mesmas palavras para Jareth.

Siga em frente. Tarde demais. Medo havia tomado conta.

— Você dominou sua habilidade, mesmo sem a *elderseed.* — Se algum dia ela se lembrasse da vida de Lulundria, como Jareth esperava, ela poderia mudar de ideia sobre ficar com Kaysar.

O que ele faria, então? *Não posso perdê-la nunca.*

— Eu dominei. Com facilidade demais — respondeu, com orgulho lânguido e calor sedutor. Conforme a folhagem recuava, ela ondulou os quadris outra vez. — Podemos discutir isso, ou podemos continuar com sua sedução. O que você prefere?

Eu vou tê-la! Ele era o rei Kaysar, o Desequilibrado. Mais feroz do que qualquer inimigo. Mais poderoso do que qualquer exército. Mais perigoso e astuto do que… todos. Ele ganharia sua parceira, não importava quais memórias retornassem.

Determinação cortou pelo seu medo, tão afiada como uma lâmina.

— Nós *vamos* discutir isso. — De agora em diante, eles não teriam segredos. Nenhum objetivos ocultos ou enganação consciente. — Mais tarde.

Com o coração palpitando, respirações ofegantes, ele reposicionou e se abaixou para afagar carinhosamente o lado da sua coxa, logo abaixo do seu joelho. Ao lamber em direção ao sexo úmido e reluzente, ela o encorajava com súplicas irresistíveis e exigências.

— Por favor, Kaysar. Faça.

Ele o fez, estalando a ponta da sua língua sobre o pequeno clitóris desejoso. O mais leve dos toques. Seu doce mel subiu direto para a cabeça dele, e ele quase caiu sobre ela para se esbaldar. Mas ele se forçou a se afastar, lambendo em volta do coração do desejo dela, sempre parando prestes a chegar ao alvo.

Quão desejosa ele poderia deixá-la?

— Kaysar! Faz… faz muito tempo desde que eu… brinquei. — Tremores a abalaram, sua confiança tomada por sofrimento. — Preciso gozar. Por favor.

— Quanto tempo? — exigiu saber ele, tão duro que pensou que pudesse explodir a qualquer momento. *Desacelere. Calma.*

— Kaysar…

Ele lambeu o clitóris dela e estocou fundo com dois dedos. O encaixe justo arrancou um gemido dos dois.

Apesar de ela se esfregar nele, experimentou um lampejo de apreensão. Ele se lembrou muito prontamente do dia que espiara Jareth e Lulundria no lago. A

princesa provocara o príncipe sobre ser grande demais para se encaixar dentro dela.

Suor gotejou na testa dele. Esse pequeno canal poderia aceitar sua invasão sem um toque de dor? Se ele arruinasse essa experiência para qualquer um deles… Se ela pensasse no passado e se lembrasse daquela dor…

Não!

— Quanto tempo? — insistiu, aproximando-se cada vez mais da preocupação. Estocando os dedos. Devagar. Gentil. Lambendo o clitóris.

Ela gemeu. Arqueou-se para forçá-lo mais fundo. Apertou mais uma vez os mamilos.

Uma onda de satisfação primal o tirou o fôlego. Ele tinha esse efeito nela. Apenas ele.

— Quanto tempo, quanto tempo, quanto tempo?

— Um ano? Não sei, não posso pensar — balbuciou. — Mais forte, baby. Mais rápido. Me faça gozar.

A próxima estocada balançou a cama. Um ano. Uma eternidade. Ele a prepararia, não importava quanto tempo demorasse. Não importava quanta dor *ele* aguentasse.

— Não vou parar até você gozar *forte*. — Pelo menos uma dúzia de vezes.

Com a garganta queimando, ele murmurou contra a umidade dela. Lambida. Um dedo. Lambida. Dois dedos.

— Kaysar. — Ela continuou a entoar seu nome como um mantra, procurando seu toque. — Baby, baby… sim. Bem aí. — O esplendor da sua pele se intensificou, suas íris como mercúrio. Tremores passaram por ela e arrepios os seguiram. — Não… não pare. Você disse que não pararia.

— Nunca vou parar. Quero esse mel sempre.

Quando ela arqueou, pronta para estourar, ele estocou os dedos o mais fundo que conseguia e lambeu seu clitóris ao mesmo tempo. Um grito surgiu dela, o clímax rápido, mas brutal.

Sem piedade. Antes que ela tivesse chance de se recuperar, ele estalou a

língua no seu botão com mais força, ganhando outro gemido dela. Música tão doce quanto seu sabor. Ela ficou mais rica com o orgasmo.

Frenético, ele lambeu com mais força. Sugou. Estocou. Dentro e fora, até ela estar se contorcendo contra ele outra vez.

Ele fez movimento de tesoura com os dedos, preparando-a para aceitar mais dele, todo ele, e – ela fez carinho nele? Ele ergueu o olhar. Ela parecia bêbada com desejo ao deslizar as garras de espinhos pelo cabelo dele.

O resto do mundo desapareceu, instinto o tomou. Apenas paixão importava. A de Chantel. A dele. *Deles.*

Aquela bela deliciosa pertencia a ele.

Ele removeu os dedos e engatinhou para cima, pressionando o membro contra o núcleo dela. Ao fazer contato, ele sibilou. Ele se esfregou.

— O que você está fazendo comigo, baby? — Ela se contorceu sobre os travesseiros. Mechas de cabelo preto embaraçaram.

— Estou tirando o seu controle, lhe fazendo insaciável. Óbvio. — Ele se esfregou com mais força. Outra vez. Estocando. — É apenas justo, já que você faz isso comigo.

Com seu próximo movimento para a frente, ele mordiscou o lábio inferior dela. Ela segurou os lençóis, e gozou com um gemido rouco.

Os sons que ela fazia… Suor gotejou da testa dele, e os músculos ficaram tensos.

— Chantel — arfou, precisando… de alguma coisa dela. Desesperado por isso.

Uma *femme fatale* com olhos flamejantes, ela se apoiou nos cotovelos. Os seios se moveram na fenda do seu vestido, os mamilos implorando para serem chupados.

— Minha vez de te seduzir.

Isso. Ele precisava disso.

Ele traçou a linha da mandíbula dela, a adorando.

— Acho que você me ganhou no momento que olhou para mim com aqueles

grandes olhos e uma mordaça na boca. — Uma mordaça que dava ideias para um homem. Fazia se perguntar o que mais poderia colocar ali.

Os cantos da boca dela se contraíram meio segundo antes de novas trepadeiras o empurrarem de costas no pé da cama. Ela usou a conexão para se puxar para os joelhos, até apoiar as mãos nas têmporas dele. Cabelo de ébano emoldurava um rosto assombrosamente lindo, corado com excitação transbordante.

Algo dentro dele se partiu – algo mais profundo do que antes, como se ele apenas tivesse partido a superfície da última vez.

Mesmo se debatendo, ele espalmou os seios dela e roçou os polegares sobre os mamilos distendidos. Ele *precisava* das mãos nela.

— O que minha rainha está planejando para mim?

— Nada de sexo. Ainda não. Mas ainda quero te cavalgar. — Quando ela passou a língua pelo lábio superior e se afastou, esticando a mão para o cós das calças dele, seus pensamentos desapareceram. Os seios dela balançaram conforme desatava os laços, libertando sua ereção que os forçava. O alívio da pressão foi uma misericórdia e uma punição, indistinguíveis um do outro.

Depois de envolver dedos quentes no seu comprimento e acariciar, levando-o ao limite, Chantel voltou à posição anterior.

— Você quer que eu o cavalgue, Kaysar?

— Mais do que tudo. — Verdade.

— Fico feliz. Vai ser tão bom, baby — ela disse, rouca, antes de se abaixar. Devagar. Excruciante. — Você é tão grande.

Ela pressionou o sexo despido contra seu membro. Homem na mulher. Pele na pele. Um grito rouco saiu dele.

— Vamos fazer o que eu chamo de rala e rola sem pressa — explicou ela.

Outro grito explodiu dele quando ela rebolou, se esfregando, cobrindo seu comprimento com a umidade dela.

Ela deslizou para a frente, para trás, êxtase tão afiado como uma lâmina e duas vezes mais perigoso cortou um pouco mais do controle dele.

— A sensação de você em mim, docinho…

Ela se esfregou nele com força crescente, mas não era o bastante. Ele precisava de mais. Mais! Kaysar segurou a nuca dela com a mão de garras, firmou-a e estocou com os quadris para cima. O contato mais firme se provou excessivo, mas ainda assim não o suficiente. A pressão, a pressão. Tão boa. Tão necessária. Maravilhosa e terrível. Agonia e arrebatamento.

— Chantel… preciosa… — Ele não ligava se a fortaleza ruísse pela encosta. Ele não ligava se os Frostlines ou Micah invadissem. Esse prazer… *aumentando, magnificando, ultrapassando.*.. as sensações…

Ele não podia…

Ele não iria…

Ela se abaixou e lambeu dentro da boca dele, o alimentando com pura paixão, rebolando cada vez mais firme contra ele. Kaysar firmou os pés e estocou para cima, encontrando-a, e eles se esfregaram juntos. A cama tremeu. Ele ergueu os quadris outra vez, ela rebolou os dela. Ergueu. Rebolou. Várias e várias vezes.

O coração dele bateu. Suas respirações ficaram mais rápidas e leves. Ainda demais, ainda não o suficiente. Logo, algo dentro dele poderia se partir para sempre. Poderia chegar em uma parte dele que não estava pronto para encarar. Ainda assim, ele se esfregou na mulher dele, desesperado para continuar.

Rosnando, ele a virou de costas e se ergueu sobre ela. Esfregou. Pressão continuou a crescer.

Ela se contorceu e abriu mais as pernas.

— Kaysar, estou tão perto outra vez.

— Vamos deixá-la mais perto, que tal? — Ele passou um braço acima da cabeça dela para protegê-la. Se esfregou nela. Cada vez mais rápido, até estar estocando. Com sua mão livre, beliscou seus belos mamilos.

— Assim, assim, assim — entoou ela como um mantra. — Sim!

Satisfação cresceu no peito dele conforme um olhar maravilhado cobria suas feições estonteantes, seu corpo gozando uma terceira vez. Ele fizera isso. Ele

reduzira aquela rainha poderosa a uma criatura de sensação, comandada pelas exigências de seu corpo.

— Quero *sentir* você gozar. — Ele mudou o ângulo apenas o bastante para enfiar dois dedos dentro dela.

Conforme suas paredes internas apertavam seus dígitos, ela segurou o pulso dele para garantir que permanecesse ali. Só quando ela relaxou sobre o colchão ele os removeu, e segurou o membro com a mão encharcada.

O êxtase e a dor. Os dois o comandavam. Pela primeira vez em sua existência, ele se sentia vivo. Mas ao se acariciar enquanto prendia seu docinho, seu próprio clímax permanecia fora de alcance. Por quê, por quê? Acariciando, acariciando. Mais rápido. Mais forte. Ainda nada de clímax.

Frustração embotou o prazer, o êxtase ficando cada vez mais longe, e ele urrou.

Chantel estava deitada sob ele – ainda gozando. Ela ergueu a cabeça para lamber os mamilos dele.

— Não vai parar. É tão bom. Você é tão bom. Kaysar? Por favor, goze para mim. Você disse que me daria tudo.

Conforme estimulava seu comprimento, a cabeça de seu pênis roçou o clitóris dela. As costas dela arquearam e ela gritou.

Euforia abençoada se espalhou por ele. O estilhaçamento que ele esperara. O cume de milhares de anos se desenvolvendo.

Kaysar jogou a cabeça para trás e rugiu, gozando sobre o vestido da sua mulher.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Cookie permaneceu sob Kaysar enquanto ele retornava da sua euforia. Uma sensação de vulnerabilidade se provou tão forte quanto uma algema. Normalmente, ela ia embora logo após uma sessão de amassos para desencorajar conversa depois do ato. Mas naquele exato momento, ela ansiava por abraçar e conversar com Kaysar sobre qualquer coisa, tudo e nada ao mesmo tempo. Seu comportamento rígido? Em frangalhos.

Ele sentia o mesmo? Bem no fundo, deveria sentir *algo* por ela. Algo importante. Profundo. O jeito que continuava a reagir a ela, o jeito que *olhava* para ela… Não tinha nada a ver com vingança. Eles compartilhavam uma conexão. O tipo que ela nunca experimentara com outro – o tipo que ela não tinha certeza se poderia viver sem estar presente na vida dela.

Ele queria que ela ficasse com ele. E ela ficaria. Mas ela nunca se contentaria com um troféu de participação de segundo lugar. Ela lutaria por ele, como ela havia dito.

Você não podia ganhar as batalhas das quais desistia.

Os olhos de Kaysar permaneceram fechados enquanto ela tirava uma mecha de cabelo da sua testa. *Rei partido e lindo.* O peito dela se apertou. Não tinha como negar que ela o desejava como jamais havia desejado outro. Ele a excitava – a completava – de jeitos que ela apenas pensou serem possíveis em sonhos.

Ela gostava dele e adorava o jeito que sua mente ardilosa funcionava. Seu senso de humor seco era distorcido o bastante para se encaixar perfeitamente com o dela.

Dois chapeleiros malucos rodopiando juntos na mesma xícara de chá.

Ele aguentara o pior tipo de abuso quando criança. Como adulto, conhecera apenas ódio. Ninguém havia lutado por ele, uma tragédia por si só. Ele merecia

uma campeã. Alguém para matar os dragões *dele* – alguém para salvá-lo do seu maior inimigo.

Ela não ansiara por aventura? Mas quanto mais seria demais? E se dois matadores afundassem? Para ser sincera, era provável eles terem uma chance muito alta de falhar. Astaria poderia sobreviver ao final do relacionamento deles?

O momento de impedir um término de acontecer era agora. Apenas agora. Com um pouco de trabalho e muita amnésia seletiva, eles poderiam retornar para um acordo de negócios em segurança. Provavelmente. Dedos cruzados, de qualquer forma.

Mas ela o queria. *Muito.*

Ela daria tudo o que tinha na batalha, e lutaria do único jeito que conhecia – um dia de cada vez.

E não havia dia melhor para começar. *Cookie Bardot, apresentando-se para o serviço.*

Ela analisou o concorrente. O oponente, Vingança, vivera com Kaysar por milhares de anos e o provera com sua única fonte de alegria.

O que ela poderia prover? O que, exatamente, ela tinha para oferecer? Algo que ele não poderia ter em nenhum outro lugar? Sexo cataclísmico, se o rala e rola deles sugerisse alguma coisa. Atrevimento e problema, com certeza. Conforto? Talvez?

Você precisa usar o que tem. Então. A estratégia dela estava clara. Sua sexualidade teria que calar a boca e levar uma pelo time.

Kaysar abriu os olhos e… sorriu para ela. As íris dele estavam animadas. Algum outro homem exalava satisfação tão sublime?

— Ah, querida. — Ele deslizou para o lado e acenou para a roupa dela. — Parece que arruinei seu vestido.

Cookie sentiu um friozinho na barriga. Sexo o fazia brincalhão. E absolutamente irresistível. Bom saber.

— Devo removê-lo? — falou, entrando na brincadeira.

— Com certeza. Vou mandar lavar. — Ele passou as garras pelo meio do vestido, abrindo-o do colarinho ao tornozelo. Botões voaram em todas as direções, e o material se soltou das curvas de Chantel. Material que ele removeu de baixo dela com apenas um movimento do pulso. — E consertar.

Ele cortara com precisão. Suas garras nunca arranharam a pele dela.

— Obrigada. — Cookie movimentou os ombros, luxuriando-se com a falta de constrição. O tempo para desdém frio acabara. — Mas você vai mandar lavar, consertar *e* substituir. Espero algo ainda mais matronal. Estou ansiosa para descobrir quais das minhas personalidades você consegue seduzir. — Apenas todas elas?

Ele ficou imóvel, a mão parada no ar na direção do seio dela.

— Você está permitindo que eu fique no seu castelo? Estou *mais* perdoado, então?

— Na maior parte. — Ela suspirou. — Por enquanto, você pode ficar. Podemos negociar um dia de cada vez, como necessário.

— Isso me alegra. — O sorriso dele retornou – desencadeando um dela.

Vingança não teria chance.

— Dentro de uma hora, seu armário estará transbordando com as vestimentas mais finas de todos os mundos. — Ele levou a mão dela até o lábio e lambeu entre os nós dos seus dedos. — Se isso não ocorrer, comerciantes, servos e guardas morrerão dolorosamente. Você vai precisar de algo para todas as ocasiões, tenho certeza.

Ele parecia amar que as roupas dela realçavam diferentes aspectos de sua personalidade, enquanto outros homens teriam fugido de medo. O que a fazia apreciar sua nova habilidade – e Kaysar – muito mais. Eles poderiam se *divertir* juntos. Algo que ambos não tinham muito.

— Você está longe demais para meu gosto. Aproxime-se de mim. — Ele a ergueu e colocou seu torso sobre o dele. A mesma posição que ela havia apreciado no entreposto, com a bochecha pousada sobre o peitoral tatuado, bem em cima do seu coração. Ele não removera as calças. A braguilha estava aberta,

seu membro livre e já semiereto. O complemento perfeito para sua própria vestimenta – lingerie natural.

O calor. O conforto e a segurança. A conexão.

Hm, os cheiros… Cada respiração levava a fragrância potente de Kaysar.

Ele passou os dedos pelo cabelo dela.

— Por que você nunca se aconchegou com ninguém antes de mim?

Começar com as perguntas difíceis, compartilhando medos e inseguranças. Tudo bem, por que não? Eles nunca fizeram nada não-estranho, então por que começar agora?

— Por que se acostumar com algo que não poderá ficar? As pessoas conhecem meu eu verdadeiro e vão embora. É o que fazem. Pearl Jean e Sugars são os únicos que ficaram.

— Não vou deixá-la — ele se vangloriou, e soava como se estivesse falando sério. — O destino lhe fez uma gentileza com os outros, docinho. Qualquer um disposto a deixá-la é um tolo, e você é preciosa demais para precisar aturar tolos. E mais, se outro homem a tivesse aconchegado em qualquer momento, eu o estaria matando neste momento, por ousar tomar o que é meu.

Ela estava só um pouco envergonhada por causa dos seus olhos marejados.

— É gentil você dizer isso.

— Sim, sou conhecido por todos pela minha gentileza. — Ele sorriu quando ela deu uma olhada para ele do seu lugar sobre seu peito e depois ficou sério. — Você *me* apresentou para a verdadeira Chantel Cookie Bardot, então?

— Acho que sim? Quero dizer, nunca me senti mais ou menos eu ao mesmo tempo.

Com o polegar, ele traçou a concha da sua orelha.

— Você está aprendendo e aceitando suas próprias verdades, talvez.

Bom, ele não estava errado.

— PSI… hum, para sua informação, eu gosto do Kaysar verdadeiro. — Cookie tinha a sensação que era a única pessoa que fora apresentada a ele. Um ursinho de pelúcia homicida com um coração enorme e uma ereção maior ainda.

— Fico feliz. Não sei como ser de outra maneira.

Ele quis que as palavras fossem um aviso?

— Então *eu* estou feliz.

Ele percebeu que flexionou os dedos na cabeça dela?

— Quem é Drendall? — perguntou ela assim que pensou.

A carícia parou por um momento.

— Minha irmã carregava uma boneca. Muito bonita, essa boneca. O brinquedo favorito de Viori. Ela a levava em todos os locais em que se aventurava. — Ele parou enquanto seu olhar vagava por um lugar distante. — Viori era uma garota tão alegre. Sorrisos para todos. Menos aqueles que insultavam sua magnífica Drendall. Não lembro onde ou como ela conseguiu a boneca, só que ela segurava a queridinha por todas as horas do dia e da noite. Você se parece com Drendall.

Ela parecia?

— Foi por isso que você respondeu a mim no começo? Por que você gosta de mim? Por que pareço uma boneca? — Ela supunha que existiam razões mais estranhas. Logo de cara, ela percebera os olhos sonhadores de assassino em série de Kaysar.

— Eu *percebi* você porque você parece uma boneca — respondeu —, e permaneço interessado porque você é… você.

Ora. Tudo bem, então. Ela ignorou o nó na garganta.

— Qual sua lembrança favorita da sua irmã?

— As vezes que cantava uma cantiga de ninar para ela. Ela sempre pegava no sono com um sorriso, seus problemas desaparecidos.

Cookie beijou o coração dele, oferecendo conforto e afeto, e roçou os nós dos dedos na sua garganta.

— Sua voz é a coisa mais incrível que jamais ouvi.

— Minha *glamara* se baseia nela. Sou capaz de compelir outros a fazerem o que quero ou cantar para que enlouqueçam ou se curem.

Uma habilidade superlegal de se dominar, e uma aterrorizante de se encarar.

— Não vou gostar se me compelir a fazer alguma coisa.

— Não se preocupe, docinho. Nunca vou forçar você a fazer nada, tem minha palavra. Seu afeto é minha ambição, dado livremente. — Ele segurou a nuca dela e beijou a testa, um gesto dolorosamente doce. — Você responde à minha música diferente de todos os outros.

Ela podia perceber que ele se deleitava no fato, e sim, tudo bem, talvez ela também o fizesse.

— Vou compartilhar um segredo com você. Sua música me dá tesão. — Caso ele não entendesse gíria humana, ela acrescentou: — Tesão é quando alguém fica excitado. — Espera. — Excitado é quando alguém quer transar. — Seguindo em frente. — Se eu não estivesse ocupada matando aqueles soldados, eu teria me jogado em você no meio do campo de batalha.

Os dedos dele flexionaram nela.

— Verdade?

— Verdade.

Ele gemeu e ficou duro na hora.

— Permita-me revelar para sua alteza real o que tenho planejado para ela esta manhã, antes que me distraia — falou, brincando com o cabelo dela outra vez.

Ah! Seu primeiro dia oficial como rainha do próprio castelo. Pulando nele, ela deu um gritinho.

— Sim, sim. Está permitido. Me conte.

A risada dele fez cócegas em seus ouvidos, desencadeando uma onda de arrepios.

— Organizei para seus súditos adentrarem o palácio. Eles vão oferecer presentes para a adorável rainha e implorar por uma oportunidade para servir todos os seus caprichos. Depois que se cansar da adoração constante, vai começar o treinamento com o aprendiz de criador de portais.

Mil vezes sim.

— O que mais, o que mais? — A expressão de deleite dele dizia que tinha mais.

— Nosso oráculo, Olho, foi comandado a não fazer nada a não ser esperar que você o chame. Quando estiver pronta, ela vai espionar o mundo mortal e lhe mostrar Pearl Jean e Sugars.

O quê?

— Você é de verdade?

— Sou muito real — respondeu, sério.

— Ah, Kaysar. — Cookie choramingou enquanto o abraçava apertado. — Obrigada por organizar o dia mais especial da minha vida para mim.

Ele passou os braços em volta dela, rápido como um raio, segurando firme.

— Você faria algo em troca, por mim? — perguntou hesitante.

— Sim. Qualquer coisa.

— Nenhuma exceção?

— Dentro dos conformes — acrescentou, e ele deu um sorriso.

Parecendo atormentado um momento depois, disse:

— Se você lembrar uma porção da vida da princesa, qualquer porção em qualquer capacidade, ou se sentir um mero lampejo das emoções dela, você vai me dizer. Não espere para me dizer, nem por um momento. Pare o que estiver fazendo e me encontre. Interrompa-me, o que *eu* estiver fazendo. Dê-me uma oportunidade para explicar todos os motivos pelos quais Lulundria estava errada em sentir o que sentira.

Ele *não podia* precisar da sua vingança do jeito que precisava de Cookie. Apenas não podia.

O peito dela contraiu.

— De acordo. Mas, Kaysar? Honestamente não acho que vou lembrar de mais nada. Se ela está aqui dentro — Cookie deu tapinhas com o dedo na têmpora, depois no coração —, ela não é forte o bastante para me mostrar mais coisas. Provavelmente sou poderosa demais ou que seja. — Para ser honesta, ela meio que acreditava que as duas visões que tivera foram o último esforço de Lulundria para avisá-la a manter distância de Kaysar.

A princesa que morreu o odiando havia dado um presente a Cookie. Para

Cookie se juntar com seu assassino – ai. Um movimento totalmente péssimo da parte de Cookie. Sem dúvida tinha um lugar alto na lista de Como Não Apreciar a Pessoa que Salvou Sua Vida. Mas ela não voltaria atrás, reverter a decisão, ou dar a Lulundria e Jareth uma chance de fazê-la mudar de ideia.

— Você tem certeza? — perguntou ele. — Você aprendeu a usar os poderes dela com tanta naturalidade quanto respirar… como se ela mesma tivesse lhe ensinado.

— Talvez seja memória de movimento? Ou graças a *elderseed*? — Cookie não queria discutir isso antes porque não fazia ideia, de verdade.

Uma batida soou na porta e ela se sobressaltou. Kaysar ficou de pé, seu único jogo de garras curvado – preparado.

A agressão dele instigou a dela. Agachou na cama, cobrindo-se de trepadeiras e preparando um ataque.

— Quem quer que esteja na porta — gritou ele, colocando as calças de couro —, vai estar vestido nas suas entranhas se eu ficar insatisfeito com o motivo desta interrupção.

— A sala de baile está pronta, Vossa Majestade. — Veio a resposta. Uma mulher, estranhamente animada considerando que sua vida estava em risco.

A irritação de Kaysar desapareceu num piscar de olhos. Ele se animou.

— Seus súditos lhe esperam, docinho.

— Espere — gritou Cookie, assolada por um inesperado e violento tsunami de apreensão. O que ela deveria vestir? Como deveria pentear o cabelo? Ela planejava ser uma rainha benevolente ou malevolente? Uma garota deveria saber essas coisas antes de assumir um papel de liderança. Primeiras impressões importavam muito.

E se Micah a atacasse no meio dos seus deveres de rainha no primeiro dia? Ela ainda não havia aperfeiçoado suas habilidades – habilidades que ele conhecia. O elemento surpresa desapareceu. Tão natural quanto um residente daquele reino – e daquele mundo – Micah poderia saber o que a enfraquecia e a parava. Se ele a vencesse na frente dos próprios súditos dela…

Não, não. Cookie precisava de treinamento, e muito, antes de assumir o controle do reino.

— Sinto muito, mas não estou pronta, Kaysar. Não vou para a sala de baile, e você não pode me forçar. Vou ficar bem aqui, e sim, vou fincar o pé. Não tente me fazer mudar de ideia. — A covardia era humilhante. Ele era tão forte, e ela estava sendo tão fraca. Se ele decidisse deixá-la por causa disso…

Boa viagem.

— Você nunca vai morrer. Não é permitido. — Ele foi com um *flitter* para o lado dela, sentou-se no colchão e segurou sua bochecha. Ele abrandou seu tom, dizendo: — Docinho, esta reunião foi meramente uma sugestão. Se algum dia planejar algo que é desagradável para você, só precisa me contar, e vou cancelar com prazer e trocar por outro. Posso lhe dar qualquer coisa que quiser, mas só se eu souber o que é.

Tudo bem. Tudo certo. Kaysar estava sendo meio que incrível agora. O coração e respiração dela desaceleraram.

— Obrigada. Acho que prefiro treinar com o aprendiz nesta manhã.

— Claro. — Ele beijou a testa dela. Levantando-se, chamou: — Olho! Mande as pessoas embora imediatamente. Garanta que compreendam que ofenderam sua rainha com sua impaciência, e eles serão punidos se isso ocorrer outra vez.

Cookie apertou a ponte do nariz. *Malevolente então.*

— Deixei um presente para você no closet. — Kaysar alisou o cabelo. Uma tarefa muito normal para um homem tão extraordinário. Ele pegou a camisa do chão, depois jogou o material na lareira. — Não esqueci a regra do reino para camisas. Espero que você também se lembre. — Ele piscou para ela. — Vista-se e me encontre na sala do trono. Seu treinamento vai começar assim que estiver pronta.

Perfeito.

— Onde fica…

Ele desapareceu com um sorriso.

— …a sala do trono? — Ela terminou a pergunta para uma audiência de zero.

Que seja. Presente! Cookie correu para o closet e abriu com tudo a porta, correndo para dentro.

Tudo parecia o mesmo, nada acrescentado. Exceto… Cabeça inclinada, ela foi até a cômoda embutida. Algo de metal brilhava na superfície. Uma arma?

Franzindo o cenho, ela ergueu uma corrente fina de elos – garras de metal nas pontas.

Kaysar havia dado a ela o jogo direito e mantido o esquerdo para si. Uma das garras perfurava um bilhete. Ela soltou o papel e leu a escrita fluída.

Nosso uniforme de time.

Pressionando as garras contra o peito, ela sorriu e olhou para as escolhas de vestido do momento. Quem ela queria ser hoje? A rainha cruel ou a pastora inocente?

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Kaysar ocupava a sala do trono de Chantel e se empoleirava no trono dela, uma monstruosidade feita de ouro puro, com flores entalhadas por toda a superfície. Ele recrutara um ferreiro para acrescentá-las enquanto ela dormia para passar o efeito da *elderseed*. Sua Rosa Selvagem aprovaria?

Ele antecipava ansioso a reação dela. Se ela admirasse o trono mesmo metade do tanto que admirava suas joias, ela poderia deslumbrá-lo com outra risada.

Talvez ela desejasse retornar para a cama deles. O corpo dele *precisava* de mais dela. E apenas ela. Nenhuma outra criatura viva o afetava de maneira tão forte. A cadência da sua voz fazia coisas com ele. Coisas quentes. Ela o provocava e o atormentava, deixando-o desesperado por mais dela – por mais da vida. Quem mais preenchia os dias dele com esta antecipação deslumbrante?

Os sorrisos dela iluminavam um ambiente. Com Chantel, tempo tinha significado outra vez. Um minuto longe dela era uma eternidade, mas mil anos ao lado dela não era tempo o bastante. Ela possuía um senso forte de lealdade e valorizava os parceiros e colegas de time. E ela era corajosa, encarando o perigo de frente. Ao mesmo tempo confiante e incerta. Vulnerável apenas com ele. Ela dizia a verdade, mesmo quando ameaçada.

Se algum dia Kaysar a machucasse, ela tinha o poder de fazer dele um espeto com uma trepadeira. Ela sequer sabia como isso era sexy?

Onde ela estava? Ele a deixara no quarto uma hora atrás. Uma verdadeira eternidade. Agora ele esperava a chegada dela, todas as suas células zumbindo com uma mistura desconhecida de impaciência e excitação. Ele suspeitava que… sentia falta dela.

Uma lembrança veio à tona. *Vingança primeiro, Chantel em segundo.* Era

desse jeito que precisava ser. Ele poderia dar e receber prazer, mas ele não poderia permitir que ela se tornasse sua razão de respirar. Para trocar uma pela outra…

Não. Ele não iria. Viori era vingança, e vingança era Viori, e ele não poderia deixá-la escapar. Mas. Kaysar também estava relutante em voltar atrás com Chantel. Mesmo se fosse o caminho mais sábio.

Medo do desconhecido o assombrava… Terminar a associação deles por causa disso, nunca explorando mais das profundezas dela? Não. Ele já entalhara um lugar para ela em sua vida – onde ela ficaria, apesar das suas reações sem igual a ela.

Ele precisava ter cuidado, isso era tudo. Dar a ela uma certa quantidade de seu tempo, energia e pensamentos todos os dias, mas nada mais, e nunca antes de contemplar outra maneira de machucar os Frostlines. Viu? Absolutamente sustentável.

Kaysar encarou as portas da sala do trono, desejando que se abrissem. Qual vestido Chantel selecionara para o dia? O da rainha sombria ou pastora gentil? Ela usaria as garras dele?

Ele nunca dera presentes para uma amante antes. Ou uma amiga. Ele nunca dera nada para ninguém, exceto sua família. E ele nunca tivera um amigo. Mas aqueles que um dia havia amado e respeitara, ele tinha presenteado com música.

O peito dele se apertou quando as memórias surgiram. Ele lembrou de como a mãe dele costumava fechar os olhos e murmurar junto, assim como Cookie fizera. O pai, um fazendeiro rude, com frequência tentava limpar em segredo uma lágrima no meio do refrão. Todas as vezes que Kaysar cantara uma cantiga para Viori, ela dissera que o amava.

Se ele e Chantel algum dia decidissem ter um filho…

Ele ficou tenso, segurando os braços do trono com excesso de força. Nada de crianças para estender o legado Frostline. Nunca. Nenhum pensamento mais era necessário no assunto.

Kaysar bateu o pé, cada vez mais rápido. Para se distrair, ele olhou o resto do

ambiente. Enquanto ela se recuperava, ele ordenara que esse espaço fosse preenchido com coisas que esperava que ela gostasse. O que Chantel pensaria do resultado? Cadeiras de veludo proviam pontos de cor. Mesas laterais expunham vasos de cristal transbordando com flores frescas. Ele reorganizara as tapeçarias e pinturas do cofre real; agora cobriam as paredes.

No campo de batalha, ele aprendera quanto do ambiente importava. Opulência convidava a maravilha e admiração.

Por que ela ainda não chegara? Ele balançou o gelo no seu terceiro copo de suco de limão adoçado. Um deleite que ele descobrira recentemente. Ah, ele consumira antes, mas fora insosso como qualquer outra coisa. Nos últimos dias, as papilas gustativas dele haviam ganhado vida.

Chantel seria receptiva a deixá-lo despejar o suco pelo seu corpo e lamber as gotas?

Ele reajustou sua ereção.

— Você se deitou com minha esposa? — disse Jareth entredentes a alguns metros de distância.

No segundo que ele garantira a segurança de Chantel, Kaysar havia acorrentado o príncipe na beirada do palanque real, usando uma corrente inquebrável e reforçada misticamente, prevenindo o uso de *flitter.* Ele planejou torturar o príncipe na primeira oportunidade; mas ainda não chegara a isso, sua mente caótica demais.

— O que eu faço com *minha* amante não é da sua conta. — O tom descontraído enganoso dizia o que ele não o fez: *Você está navegando perigosamente perto da borda, Frostline*. Vangloriar-se das coisas privadas que fazia com Chantel? As coisas de mudar o mundo que ela fazia com ele? Ele preferiria cortar a própria língua. A paixão dela pertencia a ele e apenas ele, e Kaysar não compartilharia, nem em conversa.

Um cabo de guerra furioso tomou conta dele. Ele não gostava que Chantel estivesse presa a Jareth, mesmo por associação. O único jeito de quebrar o elo, contudo, era matando Jareth. Mas Kaysar não estava pronto para cessar o

tormento do príncipe. Por outro lado, ele queria Chantel livre *agora*.

O príncipe estava empertigado, parecendo despreocupado com a coleira de diamante que o prendia na corrente grossa. Ele mostrou os dentes e fez punhos com a mão.

— Do seu próprio jeito, você se importa com ela. Vejo isso agora. Então por que você não está mais alarmado com os horrores aos quais está submetendo a garota? O futuro sombrio que você organizou? Com você, ela se torna ainda pior. Você sabe disso, sim? Você a está *arruinando*.

Kaysar bebericou o suco como se fosse um vinho fino.

— Você deseja dar a ela o que você quer. Vou dar o que *ela* quer. Aprenda a diferença, e talvez você consiga manter uma segunda esposa.

Depois de muito debate interno, ele decidira permitir que Jareth treinasse Chantel na arte de criar portais, ensinando-a tudo que aprendera ao lado de Lulundria.

Kaysar se preocupava se o príncipe queria enganar Chantel para que ela se lembrasse dele. Ele quase esperava que o Frostline tentasse. Parte dele *precisava* que ela lembrasse assim que possível. Assim ele saberia quais obstáculos teria de superar. O presságio desapareceria e a dúvida cessaria. Ele poderia agir, consertando as coisas.

Se ela se apaixonasse novamente pelo marido de Lulundria…

Ele hesitou com o pensamento. Não. Ela não iria. Ela era forte. Muito forte. As emoções dela permaneceriam dela mesma. Para sempre.

Jareth correu para Kaysar, mas a corrente se esticou, parando-o antes que sequer chegasse ao trono. Sua mão cresceu outra vez, ele apontou um dedo acusatório para Kaysar.

— Você se senta aí sem respeitar outra vida além da sua, procurando punir qualquer um que sinta que tenha errado com você. Mas e os seus próprios crimes? *Você* não merece punição?

— Claro que mereço — falou ele, a honestidade surpreendendo o príncipe. Ele sabia que fizera coisas terríveis; um dia, alguém *iria* fazê-lo pagar. Chantel

já havia começado… Ele deu uma olhada para a porta. — Mas recebi a maioria das minhas punições adiantadas, não é mesmo?

O príncipe vacilou, depois recuou para sentar-se desanimado nos degraus do palanque.

— Pela sua lógica, também recebi minha punição antecipada. Sofri o mesmo abuso.

— Ou você está mentindo, como todos os Frostlines fazem. — Conforme sua réplica seca ecoava pelo ambiente, ele percebeu que se levantara. Respirou fundo. Soltou. Voltou a sentar-se. — Você se esquece de si, príncipe. Você está aqui para ensinar minha mulher como dominar a criação de portais. Algo que você pode fazer com exemplo. Sua língua é desnecessária. Na verdade, já selecionei um frasco para ela.

Por fim, as portas duplas se abriram. Ele focou seu olhar ali, o coração batendo rápido demais. No momento que Chantel apareceu em vista, sua mente ficou totalmente em branco. Ele soltou a bebida, não ligando quando o copo estilhaçou.

Olhe para ela. Orgulho alinhou seus ombros. Ela ocupava o espaço entre as portas duplas, as mãos nos quadris. Um body se agarrava nas suas curvas, um V profundo mostrando uma grande quantidade de decote de dar água na boca. Flores de seda alinhavam cada lado do V. Uma cauda de babados estava presa na sua cintura, a barra embolada aos seus pés. Botas de couro subiam por suas pernas.

Ela fizera um penteado com uma série de cachos elaborados e nós. Rubis adornavam suas orelhas, garganta, pulsos e dedos, as pedras vermelho-sangue um complemento magnífico para sua extraordinária pele pálida. Garras brilhavam da sua mão direita, e ele exalou.

Valeu cada segundo de espera agonizante.

Aquela mulher arrancara o clímax mais poderoso dele, e ela fizera isso com uma súplica sussurrada. Agora, ela escolhera ser sua rainha perfeita, e Kaysar *nunca* se recuperaria.

Ela o viu e sorriu lentamente, tão maravilhosa que ele sabia que nenhuma outra imagem chegaria aos pés.

— Olá, garotos. Se importam se me juntar à festa?

— Você pode fazer o que desejar, docinho. — Ele se levantou, a vontade de sorrir já faiscando. Ela fez isso. Ela o fez se sentir mais leve.

Mas o que ele fez por ela? A provocação de Jareth ressurgiu. *Você a está arruinando.*

Kaysar esfregou a queimação repentina no centro do seu peito. Seus esforços fizeram apenas o calor piorar. Ele não respirou com facilidade até Chantel passar o olhar por ele, dos pés à cabeça, seguindo as linhas sobrepostas e vertiginosas das suas tatuagens de mapas. Quando ela passou a língua por um incisivo, como se imaginasse saborear todos os lugares que estudava, sangue encheu mais uma vez sua virilha.

— Teria chegado aqui mais cedo, mas alguém esqueceu de me deixar um mapa. — Chantel mandou um beijo para ele, deixando claro que já estava perdoado.

A vontade de pisar firme até ela e reivindicar um beijo de verdade o bombardeou.

— Olá… Cookie. Disseram-me que este era seu nome de preferência. Estou ansioso para começar seu treinamento.

Os olhos dela se arregalaram.

— *Você* é meu instrutor?

— Ele é. — Kaysar usou o *flitter*, indo parar ao lado dela. — E ele vai se comportar muito bem, mantendo suas opiniões insultantes para si. — Conforme o cheiro incrível dela o engolfou, ele ergueu sua mão e beijou os nós de seus dedos. — Você se lembra de nossa barganha, sim? — Se ela recobrasse uma única memória, ela deveria contar para ele.

— Lembro. — Sem desviar o olhar de Kaysar, ela disse para o príncipe: — Você vai querer desviar o olhar e cobrir as orelhas para esta parte, Jareth. — Dando um passo mais perto de Kaysar, o corpo rente ao dele, ela pousou as

garras de metal sobre seu coração ainda galopante. Sussurrando, perguntou: — Você se lembra do jeito que o fiz gozar por todo o meu vestido?

— Lembro — disse ele, entrecortado, passando os braços em volta dela. O interlúdio marcado em seu cérebro. — Vou receber uma reprise com *este* vestido?

— Só se eu ficar loucamente excitada depois da minha aula. — O sorriso dela voltou com uma inclinação sórdida. Algo que ele desejava ver todos os dias pelo resto da eternidade.

— Você vai *sofrer* por mim. — Ele garantiria isso.

— Advinha? — Ficando na ponta dos pés, ela colocou os lábios em sua orelha. — *Já* estou loucamente excitada. Não posso parar de reprisar o que fizemos um com o outro…

Talvez a primeira sessão de criação de portais pudesse esperar?

— Você gostou quando a lambi, não é mesmo? — A rouquidão de sua voz o surpreendeu. — Você quer que a lamba outra vez? — Ele forçaria todos para fora da sala e se banquetearia.

— Eu quero, muito mesmo. Mas preferiria lamber *você* — admitiu ela. — Pensei que me sentiria um pouco homicida com este vestido, perfeito para minhas aulas. Imagine minha surpresa quando descobri que não sou uma rainha má, afinal. — Um rubor tingiu suas bochechas conforme ela mordiscava o lábio inferior dele. — Você está olhando para uma sedutora má, baby, e ela está *desesperada* para chupar você. — Outra mordidinha. —Quer que eu faça isso?

— Sim! — Ele não teve intenção de gritar, mas *morreria* se ela não envolvesse sua ereção com aqueles lábios rubi.

— Então eu vou… mais tarde. Provavelmente.

Ele engoliu um gemido.

— Não brinque com seu homem, Chantel.

— Baby, tudo o que vou fazer é brincar. — Uma sedutora como nenhuma outra, ela se afastou devagar dos braços dele. Seus olhos brilhavam. — Eu disse. *Má*.

Ele esticou os braços para arrastá-la de volta para seu abraço. Pressionados mais uma vez, ele avisou.

— Sofrerá consequências por me provocar.

— Estou contando com isso. — O sorriso dela nunca vacilou. — Se você for um bom garotinho, vou deixá-lo gozar na minha língua e engolir.

As coisas que essa mulher o fazia desejar.

— A aula de hoje está oficialmente cancelada — gritou Kaysar para todos ao apertar os braços em volta do seu prêmio.

— Jareth — chamou Chantel, valsando para longe de Kaysar. — Você pode olhar agora. A aula começa oficialmente.

— Estou aqui, estou aqui. — Olho correu para dentro da sala, carregando uma variedade de tortinhas. — Trago as guloseimas que logo exigirá, Vossa Majestade.

Kaysar lutou por calma enquanto o mundo inteiro conspirava contra ele.

— Chantel, esta é Olho de alguma coisa. Nosso oráculo. Olho, esta é Chantel, A Rosa Selvagem. Minha… minha.

— É ela que vai me mostrar Pearl Jean e Sugars? — perguntou Chantel. — E você me chamou de Rosa Selvagem?

— Meus colegas de time ganham apelidos — respondeu, dando de ombros.

— Não posso fazer isso, sinto muito — tagarelou Olho. — Kaysar não esperou para ouvir minha resposta para sua exigência. Sou incapaz de ver o mundo mortal.

Kaysar esfregou o centro do peito mais uma vez. Primeiro, Chantel optou por não receber os súditos, agora o oráculo contradizia sua afirmação.

Chantel voltou para descansar a cabeça contra o ombro dele e o acariciar onde ele esfregava, as ações simples o acalmando. Ela manteve o olhar no oráculo.

— Olho é uma abreviação para… alguma outra coisa, talvez?

— Meu nome de batismo é Ambrosine — respondeu a garota. — Ambrosine Adriene.

— Hum. Você tem um apelido? — perguntou Chantel.

— Amber. — Olho deu de ombros. — É assim que você prefere me chamar, de qualquer forma.

— Como você… ah. — Chantel deu uma risadinha rouca, e ele beijou sua testa, valorizando o som. — Esquece. A vidente, vê. Não deveria estar chocada.

Quanto do futuro dela o oráculo testemunhara? Kaysar se abstivera de perguntar ou procurar imagens, porque ele estava muito… ele não tinha certeza. Não com medo. Ele não lidava com medo. Descontando as vezes que ele havia, de fato, temido. Mas ele poderia ser um pouco… incerto, quando se tratava de saber como estar em um relacionamento. Ele queria mesmo que o futuro interferisse no presente?

— Sou Cookie. — Ela deu um olhar pensativo para Kaysar. — Enquanto percorria este labirinto de castelo, brinquei com as possibilidades de títulos para mim. Chantel, a Rosa Selvagem, é ótimo, mas não quero todo mundo em Astaria me chamando de Chantel. Só você. Então o que acha de Cookie, a *Insfarelável?*

— Uma designação é dada, não escolhida — disse Jareth, decidindo se inserir na conversa. A mera insinuação de amargor se infiltrara nas feições dele. — Lulundria era conhecida como a Bondosa. Um título para ambicionar…

Kaysar usou um *flitter* e segurou o príncipe pela garganta.

— Talvez você gostasse de usar o momento para repensar no seu comentário para minha honrada companheira, Jareth. — Antes, ele percebera o quanto o comentário “normal” a incomodara. O que era normal? — Não deveria precisar lembrar-lhe que Cookie a Insfarelável é perfeita, assim como é.

Fúria manchava a pele do homem conforme ele lutava para respirar.

— Não tem necessidade de ferir o meu tutor. — Chantel deslizou até eles e dobrou os dedos no pulso de Kaysar para puxar sua mão. — Eu entendo. Ele sente falta da esposa, e busca sua substituta. Não podemos culpá-lo por isso.

Ele abriu a mão na hora, libertando o príncipe, que respirou fundo. Chantel – a Chantel dele – havia falado com candor sobre um Frostline que a insultara.

Olho e a bandeja de tortinhas recuaram.

Chantel estava sentindo as emoções da princesa sem perceber? Um avanço que ele não antecipara.

Ele segurou a mão da sua ama… adorada amante, enlaçando seus dedos com garras. Segurando firme, para que não escapasse. Depois, ele mandou-a com um *flitter* para o trono, não querendo que ninguém ouvisse suas próximas palavras.

— Você vai começar suas aulas — disse ele a ela —, mas não vai tratar o príncipe com bondade outra vez. — Ele forçou as palavras por entre dentes cerrados antes que mudasse de ideia a respeito das sessões de treinamento e outro presente se desintegrasse diante de seus olhos. Quanto mais cedo ela começasse, mais cedo terminaria. Mais cedo ele poderia lembrá-la das coisas que *ele* a fazia sentir. — Certo?

— Não está certo. Vou tratá-lo como achar que é certo — disse ela, mandando outro beijo para ele e se afastando. Sobre o ombro, ela falou: — Essa sedutora má não é domada. Ela doma.

Ele queria beijá-la.

Ele encontrou o olhar de Jareth. O príncipe sorriu.

— Vamos acabar logo com isso — resmungou Kaysar.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Sob o olhar constante de Kaysar, Cookie treinou com Jareth durante horas. O rei irritado observava de um trono de ouro ornado – o trono dela, para ser clara – tão quieto quanto… as coisas que eram quietas. Nunca tirou o olhar dela. Sequer desperdiçou um momento piscando. Mais e mais tensão emanava dele.

O medo que ele tinha das memórias de Lulundria marcavam o primeiro obstáculo na campanha de Cookie para conquistá-lo para longe de sua vingança. Operação Primeiro Lugar havia tido um começo difícil.

Medo de perder algo só te levava para longe disso. Ela sabia disso em primeira mão. Ela vivera isso. A preocupação dele, se deixada sem tratar, se tornaria um obstáculo entre eles. Ela perderia a batalha sem que a guerra tivesse ao menos começado. Ela precisava agir assim que possível. O que significava que ela precisava se lembrar de verdade da vida de Lulundria e provar que as preocupações de Kaysar eram irrelevantes. Mas como?

Ela não mentira para ele. Depois daqueles dois flashes dos últimos minutos de Lulundria em Astaria, quando Jareth arremessara adagas de gelo, e Kaysar colocara a princesa na linha de fogo, Cookie não recebera nada, zero, da outra mulher. Bom, além das palpitações no coração. E conhecimento que ela não aprendera.

— Foco — ralhou Jareth. Esticou a mão para ela, apenas para parar antes de fazer contato. Com medo que Kaysar removesse sua mão outra vez? Esperto. — Eu lhe falei como criar e soltar as vinhas sem permitir que os talos murchem. Você continua a decepcionar.

Ela fuzilou o instrutor sem piedade.

— O problema não é a aluna. — Babaca. Até o momento, o único pedacinho de informação que ela desvendara era dançar os dedos para fazer as vinhas

crescerem mais rápido. — Você espera que eu faça tudo o que Lulundria fazia, quando eu não cresci sabendo o que ela sabia.

— Maçãs! — Olho… ahn, Amber se sentava no palanque real, perto do trono. Sempre que Kaysar chegava no limite por qualquer razão, ela gritava sua versão de um aviso. — Você preferiria uma tortinha de maçã, majestade?

Jareth enfiou uma grande mão pelo cabelo denso e pálido.

— As videiras vão preservar sua vitalidade, mesmo a uma grande distância de você, contanto que mantenha um controle místico sobre elas. Pense em todas as trepadeiras que você cria como membros da sua família. Você não precisa estar junto para se sentir perto.

Hum, ela nunca se sentira próxima da família. Mas Pearl Jean e Sugars? Sim. Kaysar?

Ela engoliu em seco. Ela já pensava nele como família?

— Vamos tentar outra coisa. Com prática, você pode arremessar espinhos assim como arremesso gelo. Observe-me. — Virou seu grande corpo Viking na direção de uma parede distante e fez um aceno com a mão, adagas de gelo surgiram nas pontas dos seus dedos. — Poder flui daqui — Ele bateu no peito —, para as pontas dos meus dedos. O conduíte.

— Sim, mas como você força o poder de A até B?

— Força? — Abaixou a cabeça e murmurou: — Você *alguma vez* escuta?

— Canela! — gritou Amber. — Selecionei um bolo de canela delicioso para você, majestade.

— Nunca force — continuou Jareth fuzilando Cookie. — Flua. *Flua*. F.L.U.A. Flú-ah.

Babaca condescendente. O temperamento dela ameaçou chegar no vermelho.

— Como você *flú-ah* o poder de A até B? — Mesmo cheia de *elderseed*, ela não atirara espinhos.

— Você para de resistir. Como lhe disse *muitas* vezes.

— Morangos cobertos com chocolate! — O oráculo aumentava o volume com cada sobremesa. — A fruta está particularmente doce esta temporada. Devo

preparar uma receita?

Cookie começou a entender a dura verdade. Lulundria não a presenteara com um coração, ela a sobrecarregara com um ex-beligerante. O cara não tinha paciência. Sua irritabilidade não tinha limites. Tudo bem, ela rejeitara sua posse sobre ela com afinco. Então, tinha motivos para não gostar dela. Mas que tal uma trégua? Ou um pouco de crédito? Nenhuma vez ela o espetou com uma trepadeira de propósito.

— Vamos abordar isso de um ângulo diferente. — Jareth ponderou antes de balançar a cabeça em concordância. — Um coração espiritual é uma bateria para suas habilidades do jeito que um coração natural é uma bateria para seu corpo. É seu cerne. Seu estado mais primal. Descubra o que a impulsiona, e vai acessar seu poder.

Ela andou de um lado para o outro enquanto pensava no dia que criou vinhas pela primeira vez. Uma manhã ensolarada no quintal de casa, sentindo-se como se alguém a estivesse espionando. Ela entrou em pânico e correu. Não, isso não era a verdade completa. Antes disso, ela encorajara Pearl Jean e Sugars a entrarem. Para segurança deles.

A resposta era simples assim? O estado primal dela girava em torno da proteção dos seus entes queridos?

Exceto que, durante suas primeiras horas em Astaria, ela criara vinhas por si, não seus entes queridos.

Então, sua força primitiva impulsionadora era autoproteção?

Cookie piscou para retomar o foco, pronta para descobrir. Mas ao continuar a andar de um lado para o outro, ela percebeu que ambos, o rei e o príncipe, seguiam todos os seus movimentos. Olá, distração. Apenas o olhar quente de um homem marcava sua pele, lembrando seu corpo do prazer e conexão que esperavam por ela…

— Kaysar — falou, com um toque de anseio. Ele prometera que poderiam fazer o que ela quisesse hoje. Naquele momento, desejava estar perto dele, então, fim da aula. Ela e Jareth poderiam se reunir novamente no dia seguinte e

começar de onde pararam. Levar Kaysar para cama havia acabado de se tornar prioridade número um.

Por fim, ele falou. Inclinando-se para a frente na cátedra, focado nela, perguntou:

— Sim, docinho? — Desejo aguçou seu tom. — Tem algo que precisa de mim?

Ela abriu a boca para convidá-lo para Hora do Orgasmo quando Amber interrompeu.

— Majestade — tagarelou o oráculo. — É o rei Hador.

Ele usou o *flitter* até a garota, materializando-se agachado na frente dela, com as mãos já nos seus ombros, balançando-a.

— Conte-me.

Cookie se aproximou correndo, preocupada. E irritada. Ele deveria balançar os ombros *dela*.

— O que é? O que está acontecendo?

Amber olhou para além do rei, além da sala, uma ruga de concentração entre os olhos. Depois de um momento, ela empalideceu e piscou para recobrar o foco.

— Hador invadiu as Terras Crepusculares.

— Como *ousa* — sibilou Kaysar e se endireitou. O movimento abrupto e irregular fez seu corpo trombar no de Cookie e ela cambaleou um passo, de boca aberta.

— Ele deve pagar, e eu devo ir. — Não deu outro olhar para ela antes de desaparecer.

As bochechas dela se esquentaram quando Amber fez uma careta para ela, como se para dizer *ele vai lembrar de você uma hora, provavelmente.*

— Sinto muito — disse o oráculo —, mas ele não vai voltar por alguns dias.

— Confie no meu pai para piorar tudo — resmungou Jareth.

Então Kaysar saíra para batalha, servindo sua vingança – a que considerava sua verdadeira esposa. Abandonando sua amante sem se importar em dar a ela uma despedida apropriada. Esperando que ela compreendesse. Ela, a que ele

estudara com luxúria tão potente apenas segundos antes. Esquecida. Uma promessa quebrada.

Feridas antigas se abriram, as casquinhas escorrendo mágoa. *Ele simplesmente me* deixou *aqui*. Era isso que seria a vida com ele dali para a frente?

A sedutora má falhou no primeiro dia de trabalho, assim como a estudante Cookie.

* * *

Conforme os dias passaram, um se confundindo com o outro, Cookie desenvolveu uma rotina. Acordar, colocar o vestido da sua escolha, treinar com Jareth, e andar pelo castelo, aprendendo sua planta e defesas. Ela comia e dormia sozinha. Kaysar ainda não havia voltado. Nem mesmo um *flitter* rápido em casa para ver se ela estava bem e garantir que Micah não tivesse atacado. Ele não atacara, mas vamos!

Todas as manhãs ela acordava e se perguntava, *hoje é o dia que verei Kaysar?* Esperança sempre inflava como um balão, apesar do inevitável estouro quando chegava a noite sem novidade. Os nervos dela não poderiam aguentar muito mais. O pesadelo da sua infância havia tomado conta da sua vida adulta, e era péssimo.

Obstáculos de hoje, forças de amanhã. Certo?

Ela riu sem humor. Que tal isso: *Sempre tenha um plano de fuga.*

Com a ajuda de Jareth e alguns sonhos convenientes, ela aprendera a criar tipos de trepadeiras diferentes, venenosas e medicinais. Ela até podia produzir certas árvores frutíferas e de nozes. Se algum dia precisasse fugir, poderia se alimentar e se proteger. Não precisaria da ajuda artificial de ninguém.

Ela fechou os punhos. Devido a sua ausência, Kaysar não sabia que sua habilidade de criar portais começara a se recarregar. Ela *sentia* isso, bem no fundo. Em questão de semanas, ela suspeitava que teria carga suficiente para buscar Pearl Jean e Sugars.

Saudade de casa quase a derrubou enquanto ela imaginava esfregar o rosto no pelo da panterinha caseira e quebrar as costelas de Pearl Jean quando a abraçasse com força demais.

Cookie limpou os olhos e voltou os pensamentos para a variedade de vestimentas no seu closet. Um assunto muito mais seguro, e uma promessa que Kaysar havia mesmo mantido. Os cabideiros transbordavam com personalidades diferentes. Ela pensava que compreendia o propósito de cada vestimenta – seduzir, comandar, rejeitar, punir, provocar, submeter –, exceto uma. Um vestido marfim justo com limites ao mesmo tempo suaves e afiados. Severo, mas assombrosamente adorável… vestido de casamento? Talvez, possivelmente?

Exceto que ele já tinha uma esposa, não tinha?

Argh! O que a vingança lhe dava que Cookie não podia? Ela só… sentia tanta falta dele. E não deveria. Não se ele a fazia se sentir tão mal assim. *Indesejada. Solitária.*

Lágrimas se acumularam mais uma vez, e ela fungou. Quantas vezes ela ficara olhando para a porta em casa, esperando um pai ir buscá-la? Ou encarou um telefone, desejando que tocasse para que alguém desejasse feliz aniversário a ela? Ah, e como ela poderia esquecer a noite que entreouvira os pais discutindo sobre quem teria de ficar com ela no final de semana. Teria. Como se ela não fosse nada além de um fardo para se carregar.

Kaysar pensava nela? Ela era um pensamento secundário? O que ele estava fazendo? Eles eram parceiros. Deveriam atormentar Hador Frostline *juntos*.

Jareth Frostline, como se provou, não era um cara tão ruim. Mesmo quando sua impaciência tirava o melhor dele, o que era quase sempre, ele nunca a insultou ou machucou. Não com farpas verdadeiras. Parara de julgá-la por ser diferente de Lulundria.

Cada dia, as circunstâncias dele a incomodavam um pouco mais. Acorrentado por um crime que não cometera, e ignorado pelo homem responsável pelo seu cativeiro.

Quando uma oportunidade se apresentasse, ela planejava abordar o assunto

da libertação de Jareth. Com cuidado. Como um *bônus* adicional, a reação de Kaysar ao tópico poderia revelar a posição atual dela na sua hierarquia de necessidades.

Sussurros irromperam atrás dela, e seus passos falharam. Servos. Fofocando outra vez. Eles desenvolveram um desgosto imediato por ela. Talvez por que ela massacrara os seguranças? Possivelmente?

Esgotada demais para lidar com a malícia hoje, ela se virou e ralhou.

— Vão em frente e continuem conversando nas minhas costas. Vocês nunca saberão quando vou decidir apunhalar vocês nas suas.

Eles empalideceram e saíram rápido, deixando-a sozinha, culpada e com vergonha além de tudo. Eles não fizeram nada para merecer tal ira da mulher estranha exigindo que a servissem. Ela precisava ser melhor.

Cookie suspirou. Ela cresceria uma planta de desculpas para todos. As Terras Crepusculares eram áridas há tanto tempo. Um pouco de cor poderia dar vida ao terreno.

Com os pés pesados, ela continuou sua jornada. Mais um passeio, conferindo o último grupo de aposentos e… ahn, onde ela estava? Com a mente girando, ela rodopiou em um círculo tentando alcançar seus pensamentos. Segundos atrás, ela estivera parada em um corredor iluminado pelo sol com retratos com molduras douradas, mesas laterais elaboradas e poltronas de veludo. Aí ela dobrou uma esquina e bam. Uma catacumba escura e úmida com um punhado de tochas presas nas paredes de pedra a cercava.

Um cheiro surpreendentemente doce saturava o ar. Com o coração acelerado, Cookie preparou as trepadeiras e continuou em frente. Com cada passo, um cajado batia contra o chão. O acessório perfeito para o vestido de pastora inocente que ela escolhera hoje. Por que, por que, por que a vestimenta a tinha atraído? Como ela poderia encontrar suas ovelhas perdidas enquanto *ela* permanecia perdida?

Cookie dobrou uma esquina e… Uau! Um belo arco feito de estilhaços de metal se erguia do chão, o centro denso, azul e ondulante. Um portal? Amber

estava parada na frente dele, usando um vestido branco solto e espiando dentro, quieta e contemplativa.

Sentindo a invasão. Amber se virou e pressionou uma mão sobre a barriga. Ela relaxou quando viu Cookie.

— Como você me encontrou?

— Não sei. — O vestido? Talvez seja por *isso* que ela escolhera ser a pastora. Ela percebera que Amber costumava desaparecer em alguns períodos durante cada dia. — O que é este lugar?

— Um tipo de cofre, acho. O portal — O oráculo acenou para o metal —, nunca se fecha. Eu descobri no dia seguinte à chegada de Hador nas Terras Crepusculares.

Cookie não podia pedir uma atualização sobre seu namorado. Ela não se rebaixaria a isso. Não. Ela manteria aquelas perguntas humilhantes para si.

— O que tem do outro lado? — Ela tinha o direito de saber para onde o portal permanente do seu reino levava. *Parte do castelo, todo meu.*

— Meu palpite é o mundo mortal.

Saudade de casa deu outra pontada dela, silenciando sua resposta.

Ela e Amber ficaram paradas em silêncio, as duas espiando dentro do brilho azul. Por um longo momento, Cookie contemplou fazer algo maluco e espontâneo e… passar pelo portal. Não tinha momento melhor para uma missão de exploração. Mas e se o portal fosse uma armadilha designada para usurpadores ingênuos? Passe, e você acabaria em uma masmorra ou algo assim.

— Me conte sobre suas visões — pediu Cookie, e lambeu os lábios. — Elas já estiveram erradas?

— Não. — Amber cutucou uma pedrinha com o pé. — Vejo eventos como se fossem minhas próprias memórias. Algumas vezes de coisas que já aconteceram. Outras vezes observo o que está acontecendo no momento e até situações que estão para acontecer. Forçar-me para ver um tempo, local ou indivíduo específicos é desgastante, mas possível.

— Você viu meu futuro?

Os ombros de Amber relaxaram um pouquinho.

— Vi. E não preciso ser um oráculo para saber que você anseia por respostas a seu respeito.

As emoções dela passaram pelo espectro todo hoje. Apreensão decidiu que nunca existira um momento melhor para aparecer. *Estou condenada?*

Talvez, talvez não, mas Cookie com certeza não queria saber isso.

E ainda assim?

— Sim — coaxou ela. — Vou me destruir com Kaysar?

Obstáculos de hoje, forças de amanhã.

— Deixe-me mostrar-lhe o que está fazendo neste momento. Depois você me conta a resposta para sua pergunta — disse Amber.

Uma imagem apareceu na mente de Cookie, ali e então desaparecida, mas ela não teve problema em memorizar cada detalhe. Kaysar caçando sobre a terra arrasada, fumaça ondulando a toda sua volta. Sombras cobriam sua forma poderosa ao se aproximar de um soldado em patrulha.

Com um golpe de suas garras, o soldado morreu.

— Estou confusa — falou Cookie. — Isso era para ser um empecilho para mim? — Ela só o queria mais. Aquele soldado protegera o abusador de Kaysar. Ou seja, não era inocente.

O chão tremeu com força o bastante para impelir Amber na direção dela. Elas colidiram, e Cookie pulou para trás, o cajado de pastora caindo no chão. O oráculo tombou.

— O que está acontecendo? — gritou ela quando os tremores se intensificaram.

Uma pedra grande caiu do teto, direto na direção da vidente. Cookie soltou uma parede de trepadeiras, protegendo a outra mulher por tempo o bastante para que rolasse para fora do caminho.

Conforme suas folhas murchavam, poeira emplumou o ar, coçando seu nariz e garganta. Ela tossiu e tossiu.

Amber também tossiu, e permaneceu no chão.

— Minha visão interna está anuviada, mas… acho que um exército de goblins entrou no palácio. Eles querem nosso sangue.

Goblins fantasmas, como os do jogo? Presságio desceu pela sua espinha ao puxar o oráculo para ficar em pé.

— Vamos. Vamos detonar. — Com sorte.

— O quê? Não! Nós ficamos aqui, onde temos uma escotilha de escape se formos encontradas.

Cookie teve problemas em compreender sua recusa. Escapar?

— Acho que você não está entendendo. Se ficarmos aqui, não podemos lutar contra as criaturas e defender meu castelo. — Ela se virou, pronta para correr. — Vamos.

Amber segurou seu pulso, impedindo-a.

— *Você* não entende. Você nunca lutou contra goblins, e ainda não vejo um caminho para vitória.

O estômago dela embrulhou.

— Você vê uma derrota?

— Talvez? — O oráculo foi vaga.

Talvez não era uma garantia. Bom o suficiente.

— Algumas vezes, você não pode ver o fim até chegar no meio. — Um truque que ela aprendera saqueando fortalezas digitais. — Vou chegar naquele meio. — Ninguém tomava suas coisas, menos ainda goblins.

— Espere — chamou Amber quando Cookie se soltou e saiu correndo. — Agora posso ver — continuou o oráculo, e ela desacelerou. — Outros lideram os goblins…

Outra imagem lampejou na sua mente, ali e desaparecida. Uma imagem de Micah, a pele lambuzada com tinta vermelha. Não, coberta de sangue. Ao lado dele estava um homem menor, que de maneira alguma era, bom, menor. Mas era mais velho, com cabelo loiro platinado e um peito largo. Parecia uma versão mais velha de Jareth.

Um Frostline, então. *O* Frostline, muito provável. O que Kaysar caçava.

O rei da Corte Invernal que Cookie ansiava por matar.
Os dois homens haviam escapado da ira de Kaysar? Ou algo pior?
Fogo queimava sob sua pele, e ela correu para a saída.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Kaysar andou amuado pelo acampamento de Hador e Micah, envolvido por sombras, invisível conforme os guardas faziam suas rondas e seguiam com sua noite. Irritação tomava conta dele. Quando sua vingança se tornara tão chata?

Várias e várias vezes, sua mente retornou para Chantel – para seu anseio desesperado. Continuava a reprisar os últimos momentos juntos e hesitar.

Há muito tempo, seu pai beijara sua mãe em despedida todas as vezes que ia para o mercado da Corte Estival para comprar suprimentos. Apesar das viagens normalmente durarem apenas duas semanas, eles se abraçavam durante muito tempo, segurando-se um ao outro como se fossem ficar para sempre separados. Depois, sua mãe sempre tocava os lábios repetidas vezes, procurando o conforto da lembrança de um beijo.

Kaysar perdera uma oportunidade incrível. Poderia ter deixado sua mulher com um beijo.

Sentiria falta dele, mesmo um pouco?

Enfiou a mão no bolso e passou a mecha de cabelo dela entre os dedos. Passara dias longe dela, seu instinto de retornar lentamente erodindo sua calma. *Ela escapole. Não posso deixá-la escapulir.*

Pressentiu problemas, e aumentou o passo. *Foco.* Cinco minutos atrás, observara Hador e Micah entrarem em uma tenda no meio do acampamento. Cercada por incontáveis guardas – das Terras Crepusculares com armadura, e mercenários das Terras Invernais com peles – o recinto tinha poucas vulnerabilidades.

Nenhum *flitter* havia ocorrido, a habilidade limitada na área em volta do palácio devido a algum tipo de pedra especial que Micah usara. E ainda assim, Kaysar não acreditava mais que o par ocupava a tenda. Nenhuma das doze

silhuetas combinava com as medidas exatas dos seus alvos.

No entanto, como os dois reis poderiam ter deixado o abrigo? A não ser que Hador tivesse empregado a mesma estratégia que Kaysar uma vez usara contra ele – um túnel subterrâneo.

Não havia tempo de cavar – exceto os duzentos anos da ausência de Kaysar.

Kaysar praguejou e se lançou em uma corrida. Micah havia construído túneis pela terra?

Qualquer um que entrasse no meio do seu caminho, ele batia, golpeava ou apunhalava, qualquer coisa que fosse necessária. Jogou o corpo pela entrada da tenda, a abertura rasgando. Uma olhada rápida. Doze guardas, nenhum real. Despachou seus inimigos rapidamente e procurou – ah, sim, um túnel.

Enganado. Porque estivera distraído com os pensamentos em Chantel.

Os homens a abordaram? O desejo de olhar para ela se amplificou conforme um pensamento aterrorizante ocorria. Kaysar a deixara *indefesa.*

Medo o segurou pela garganta e apertou. Se os reis a alcançassem antes que ele… se a machucassem… *Ela não. Qualquer um menos ela.*

Olho sabia como lhe mandar uma imagem mental se surgissem problemas. Mas e se ela não pudesse?

Passos pesados registraram, mais guardas correndo na direção dele. Kaysar tinha uma escolha. Pegar o túnel para onde quer que levasse, na esperança de alcançar os reais, ou retornar para o castelo, para onde os dois provavelmente iam.

Castelo, decidiu, já correndo pelo acampamento, passando por cima de qualquer um no seu caminho. Quando deixou as tendas para trás, um vento gélido resistiu ao seu impulso. Cortou pelo vendaval com determinação feroz que poucos tinham.

Kaysar se odiava por deixar Chantel. Sua guerra poderia ter esperado mais algumas semanas ou meses. Em vez disso, optara por provar para os dois que tinha a força para ficar longe de sua parceira sempre que seus inimigos se aproximassem.

Tolo. Voou pelas planícies. Pulou sobre fogos gerados naturalmente que faiscavam do chão, arremessando brasas. Fumaça ardia seus olhos e entupia seus pulmões. Era bom que tudo estivesse bem em casa. *Nenhum arranhão nela.*

Nunca desejara uma mulher para si. Agora, não podia imaginar sua vida sem ela.

Um urro entrecortado escapou dele. *Apenas chegue até ela. Tudo ficará bem.*

No segundo que Kaysar se aproximou da montanha, a habilidade de *flitter* recarregou. Entre um passo e o próximo, entrou no castelo. Uma carga única, mas familiar eletrificava o ar, e uma emoção que não experimentara desde a infância o tomou. Terror puro e inalterado.

Goblins. Centenas deles. Onde?

Onde estava Chantel?

Os pensamentos dele se aguçaram. Garras a postos. Adaga na mão. Kaysar usou o *flitter* pelos ambientes. Nenhum sinal de Chantel. Nenhum sinal de goblins. Não que os pudesse ver, a não ser que ficassem corpóreos. E eles ficariam corpóreos. A única forma de se alimentarem.

Goblins não podiam possuir reais com o poder de Kaysar, sua superioridade mística agindo como um escudo físico. Ainda assim, apesar da dominância, sua *glamara* tinha pouco efeito nos seres. Compelir um, que dirá um exército deles, requeria tempo e esforço.

Um roçar de frio pútrido contra sua bochecha – ali. Kaysar se virou e golpeou, as garras passando pela garganta de um goblin conforme se materializava. A adaga terminou o serviço; o corpo caiu com um baque. Sangue denso e preto gorgolejou em um tapete elegante.

Goblins permaneciam interconectados com uma mente em colmeia. Se um visse, todos viam. *Venham me encontrar.*

Enquanto esperava, analisou sua morte, o lábio se curvando com nojo. Um saco de podridão e ossos. Tinha pele cinza esburacada escorrendo pus, dentes afiados como lâminas e tão grandes quanto sabres, e garras maiores que as dele. Diferente dos outros, este tinha um pedaço de fungo com forma estranha

crescendo do lado do crânio. Quatro linhas interconectadas, criando um W. Ou um M.

Uma lufada de mal cheio – Kaysar se virou, golpeando outra vez. Baque. Mais frio. Vira, golpeia. Outra vez. Depois mais uma.

E assim começa. Um fedor frio o envolveu conforme os espíritos o cercavam. Normalmente sentia alegria quando guerreava. Um alívio temporário das lutas internas e obsessões. Hoje buscava o fim da batalha.

Usou o *flitter* desaparecendo e voltando, virando e golpeando ao reaparecer. Sangue preto frígido espirrava nele conforme corpos caíam. Sempre, seguia em frente, determinado a encontrar Chantel.

Ao dobrar uma esquina, o número de goblins aumentando substancialmente, o corredor um ártico. Cada respiração enevoava na frente do seu rosto. Com um rosnado, Kaysar atacou. Golpeando… sem… parar.

Uma trepadeira de um verde vibrante passou por ele, pegando um goblin. Kaysar parou no meio da batalha, banhado de alívio. Chantel vivia! E ela o ajudara, apesar do seu abandono abrupto.

Porque ela é minha parceira. Minha… amiga.

Múltiplas trepadeiras pegaram múltiplos goblins, arrancando suas cabeças quando ficavam corpóreos. Conforme sangue preto e denso esguichava, Kaysar entrou em ação, massacrando seu caminho pelo corredor. Os talos esmeralda se propagavam e atacavam os goblins, mas nunca se viraram para ele.

Por fim, Chantel apareceu, e ele cambaleou sob o peso do seu alívio. Manteve o olhar nela apenas um momento, lutando, lutando, lutando, ainda assim, a visão foi queimada na sua memória. O cabelo não era mais preto, mas rosa e dividido em duas marias-chiquinhas cacheadas. Um vestido rosa e branco coberto de laços, rendas e sangue se moldava ao seu torso, mas se abria largo na cintura. A saia chegava logo abaixo do seu bumbum. Leggings brancas rasgadas levavam para coturnos manchados.

Soco no estômago. Ela optou por não usar as garras de metal.

Não somos mais um time?

Ela o fuzilou enquanto dominava as trepadeiras, a personificação da irritação feminina. Silencioso, fez seu caminho até o lado dela, matando qualquer inimigo que se aproximasse.

Quando se moveu para proteger Chantel de um ataque iminente, ela avançou para protegê-lo, colocando-se em perigo. Um goblin passou as garras pelo seu colo, e ela gritou.

Combustível para fúria *dele*. Kaysar abriu um buraco na garganta do culpado com um murro e arrancou sua espinha.

— Amber me disse que ela… não viu caminho para vitória… — Chantel admitiu entre respirações ofegantes. Suas trepadeiras desaceleraram conforme veneno de goblin a enfraquecia. Ela superaria e se curaria. A qualquer momento. — Acho que ela pode estar… certa.

Por fim, seu ferimento se fechou, mas seus passos ficaram mais lentos. Sem a *elderseed*, fadiga já a tomava.

Kaysar redobrou os esforços já dobrados.

— Não vamos perder. — *Vou superar qualquer limite.*.. A *glamara* aqueceu sua garganta. — Você *vai* sobreviver.

Um fedor mais forte veio da sua esquerda – apenas uma distração. Um goblin colidiu com Chantel, derrubando-a para o chão com toda intenção de comê-la ali. Kaysar com um *flitter* segurou o goblin pela nuca…

Seus dedos se soltaram, escorregadios com o pus. Uma trepadeira cresceu sobre o rosto de Chantel, o demônio a mordendo ali. Alívio. Outro goblin se curvou sobre Kaysar, afundando os dentes no ombro dele e o arremessando para o outro lado do corredor. Dor lancinante.

Balançou para se livrar do goblin e do ardor, lutando para chegar na sua rainha enquanto outros oponentes se empilhavam sobre ela. Dois a dois, ele os arrancava e jogava para o lado, com um membro a menos. Ela lutava com os outros, mas as criaturas eram muito mais altas e pesavam cinquenta quilos a mais, prendendo-a no chão e mastigando por suas vinhas.

Goblins seguraram os braços dela e quebraram seus pulsos para evitar que ela

os afastasse. Suas mãos pendiam, inúteis, conforme ela se curvava, um grito de agonia sendo arrancado dela. Um grito que logo se deteriorou para um choramingo.

Raiva. Pura. Concentrada.

Kaysar lutou como nunca antes. Dores agudas surgiram conforme mais demônios o cercavam, arranhando e mordendo. Tantos. Mais do que jamais enfrentara de uma vez. Não ligava. Lutou sem cessar.

Apesar da sua habilidade e ferocidade, não avançou. *Fui… derrotado?*

Um caminho se abriu quando todos os goblins recuaram, grudando-se contra uma parede, dando a Kaysar uma vista livre de Chantel. Presa no chão, segurando as mãos quebradas contra o peito e lutando por liberdade enquanto um goblin sorridente pairava sobre ela, encarando Kaysar.

Negação, horror e terror convergiram.

Com um sotaque rouco, o goblin proclamou:

— O rei Micah e o rei Hador pagaram um custo alto para garantir suas mortes. Mas teria feito isso de graça.

Os outros riram e bufaram em encorajamento, incitando para que ele – o líder? – derrotasse logo a Rosa Selvagem.

— Saiba disso — rosnou Kaysar. — O sofrimento dela garante o de vocês.

— Não, Kaysar. O sofrimento dela garante o *seu.* — O goblin reverteu o olhar para Chantel, uma língua longa se desdobrando da sua boca, lambendo a bochecha dela. — Lute se você quiser. Vou gostar.

Conforme ela desviava a cabeça, Kaysar viu vermelho, a aniquilação total das Terras Crepusculares era certa. Ele se preparou para usar o *flitter*. Exceto, onde estavam as lágrimas dela? Por que ela sorria, exalando raiva no lugar de medo?

— Grite se quiser — ela ronronou, meio segundo antes de uma trepadeira afiada explodir do topo do crânio do goblin. — Vou gostar.

Minha rainha.

Os demônios restantes avançaram para ela. Kaysar foi com um *flitter* até ela,

parando muitos, mas não todos.

— Chantel!

Uma espada surgiu do nada, cortando pelo lado deles, acabando com a ameaça imediata a sua rainha. Olho estava parada do outro lado da lâmina.

Ela merecia uma recompensa.

O resto dos goblins piscava, visíveis e invisíveis, como se incertos sobre o que fazer com a morte do líder. Kaysar explodiu em movimento. *Flitter.* Ergueu Chantel com gentileza. Os ossos dela haviam começado a se curar. *Flitter*. Matar. Assassinar. Massacrar. Cada morte faiscava uma chama de gratificação. Protegeu sua mulher, como o instinto demandava.

Trepadeiras encheram o corredor mais uma vez, um sinal bem-vindo ao cortarem por um aglomerado de demônios.

— Minhas desculpas pela demora — disse Olho com mais um golpe da arma. Dois corpos caíram, ambos faltando a cabeça. — Tive que desmoronar um labirinto de túneis e armadilhas onde Hador e Micah haviam posicionado um exército de trolls. Eles estavam a segundos de passar pelo alçapão.

— Não ligo para isso. Como mantenho Chantel segura? — Sua preocupação principal. Apesar do nível de perigo ter caído substancialmente desde a morte do líder. — Por que você não pressentiu o ataque?

— Você, uma coisinha de nada que pesa cinquenta quilos, *desmoronou* um túnel? — berrou Chantel, apertando um goblin com as trepadeiras até estourar. — Como eu sou a única confusa com essa afirmação?

— Sob minhas ordens, ela mantém um suprimento de armas proibidas, artefatos e livros a postos. — Decapitou um oponente com um único golpe. — Para ser usado quando necessário.

Permanecendo muda, Chantel controlava suas trepadeiras, impedindo dois goblins de o alcançarem. Ela parecia que tinha milhares de coisas para dizer, e nenhuma a favor dele.

A mudez dela continuava, o aperto no peito insuportável. Despachou o próximo goblin a entrar em seu caminho.

— Se não vai falar comigo, docinho, como você pode me dizer como estive errado?

Ela empinou o nariz no ar, flutuando com suas trepadeiras. Ele voltou a atenção para Olho.

— Bom? Vou ouvir uma explicação para nossa ausência de aviso.

— Desde sua partida, minha cabeça tem estado cheia de milhares de imagens fúteis, e não consegui selecionar tudo — respondeu o oráculo. — Mas a batalha está quase vencida, majestade, o número de goblins finalmente está diminuindo.

— E Jareth? Escapou? — Antes de Chantel, Kaysar teria corrido para o lado do príncipe primeiro. Mas ele não podia se arrepender de defender sua rainha.

— Está vivo e incólume. — Grunhindo, Olho se defendeu de um grupo de quatro. — O pai dele fez um acordo com Micah, que fez um acordo com os goblins, que concordaram em deixar o príncipe e todos os servos ilesos durante o ataque.

— Amber, como *meu* oráculo, insisto que cobre uma tarifa pesada antes de responder à pergunta de qualquer um sobre qualquer coisa — falou Chantel, dominando as trepadeiras com precisão letal. — Apenas eu, sua rainha soberana, sua favorita Boneca Chantel, tem gratuidades. A partir de hoje. Deste momento. A propósito, vou falar com Amber e apenas com Amber. Qualquer outro neste corredor vai receber o tratamento de silêncio por crimes numerosos demais para serem listados.

Ficou tenso ao matar o próximo inimigo. Sair sem uma despedida apropriada pode ter sido a coisa mais tola que jamais fizera. Mulheres *precisam* de despedidas.

Kaysar precisava consertar isso. Qualquer que fosse a punição que Chantel escolhesse para ele, aceitaria de bom grado.

— Nós *vamos* conversar — disse a ela. Poderia aguentar qualquer coisa, menos o silêncio dela. — Depois.

A espera seria excruciante.

Olho golpeou e respondeu:

— Se puder dar um conselho, majestade…

— Você não pode — ele a informou, afiado, acrescentando outra morte para sua conta.

Goblins caíam, um após o outro, mas não rápidos o bastante para o gosto de Kaysar.

Não mais preso no frenesi da batalha, podia controlar melhor suas emoções e tons. Por que não cantar? Deixando sua garganta aquecer, soltou a primeira nota da música. As pálpebras de Chantel abaixaram, ficando pesadas.

Olho enrugou as feições, enfiou as mãos nas orelhas e desmoronou.

Milhares de trepadeiras encheram o corredor de uma vez, empalando os goblins remanescentes. Demônios que se contorciam, desacelerando gradualmente. Parando. Kaysar ficou quieto conforme as vinhas se retraíam e corpos caíam.

Chantel esfregou as mãos, depois ajudou Olho a se levantar.

— E você não podia ver meu caminho para a vitória. Ainda bem que nunca duvidei de mim mesma.

O membro dele cresceu com luxúria quente e fervilhante. Boneca Chantel estava acabada, assim como ele, mas seus olhos prateados brilhavam. Ela amara a batalha, mas não mais gostava de Kaysar.

— Chantel. Rosa Selvagem. Eu… Você… — Limpou uma gota de sangue dos olhos, mas espalhou outra com sua mão molhada. O que poderia dizer para consertar isso?

— Bom — falou ela, virando, depois olhando sobre o ombro para encontrar os olhos dele. — Permita-me te dar a cortesia que você não me deu. Adeus, Kaysar. Tenho certeza que você pode encontrar a saída do meu castelo. — Continuando a andar, ela gritou: — É bom alguém limpar essa bagunça.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Animada com a vitória, mas sem paciência, Cookie se trancou na suíte principal. O quarto dela. Dela. Era melhor que Kaysar não tivesse nenhuma ideia sobre dividir.

Abalada pela batalha e emocionalmente esgotada, ela cambaleou dentro do banheiro para se despir e tomar banho.

A primeira batalha da vida real dela no primeiro castelo da vida real, e ela vencera. Não com facilidade, como evidenciado pelo sangue que estava espirrado nela, mas as melhores vitórias vinham das maiores batalhas.

Ela estava extasiada. Radiante.

Exausta.

Ver Kaysar pela primeira vez em dias fora um maravilhoso e terrível choque. Ele irradiara emoção para todos os lados, arruinando a concentração dela. Quando gritara para o líder goblin, parecera tão… partido. Durante a batalha, não existira ninguém mais feroz. Ou protetor. Várias e várias vezes, aceitara um ferimento voluntariamente para protegê-la. No final, olhara para ela com um anseio tão incrível que suas defesas racharam. E aí, depois, ver seu rosto sensual coberto com o sangue das vítimas deles… A Insfarelável… havia se esfarelado.

Naquele momento, ela soubera de duas coisas. Ela ainda estava no páreo para o topo, e acabaria o perdoando por abandoná-la.

Se ela desistisse depois de todo começo em falso, ela nunca cruzaria a linha de chegada. Com Cookie e Kaysar, a batalha pelo ouro havia apenas começado. Então, apesar do desacordo atual, ela seguiria em frente com ele. Depois que gritasse com ele. Depois que se acalmasse.

Ele tentaria explicar todos os motivos pelos quais ela estava errada?

Ela terminou de se lavar e secar, depois se lambuzou com a loção mais

maravilhosa. Depois de colocar um roupão macio com rosas bordadas à mão, Cookie foi para o quarto, pronta para encontrar o namorado e conversar.

Ela parou de supetão, o coração acelerado. *Procure e encontrará.*

Kaysar estava parado no meio do quarto, sem camisa, uma carranca feroz projetando todo tipo de fúria. Tomara banho, limpando o sangue. Seu queixo estava erguido, os ombros para trás, e os braços presos para trás. Uma pose de batalha. Uma calça de couro estava baixa na sua cintura, um cinto parcialmente aberto. Pés descalços.

Discussão começando em três… dois…

— Sinto muito — vociferou, como se tivesse segurado as palavras durante muito tempo. Como se sua lucidez estivesse por um fio. — Não deveria ter partido sem um beijo de despedida. Sem ao menos falar a palavra.

Bom, ele definitivamente tomara uma abordagem diferente da dos antigos namorados dela.

A explosão a chocou. Mas o sofrimento dele a chocou mais.

— Não, não deveria — falou ela, desanimada. Lá se foi gritar com ele. Ela suspirou. A vida inteira dele girava em torno de guerra. Ela queria o mesmo para o relacionamento deles? Ele merecia pelo menos um lugar seguro. Além do mais, Roma não foi conquistada em um dia. — Você me machucou — admitiu baixinho. Ela também merecia um lugar seguro.

Ele hesitou, angústia verdadeira contorcendo sua expressão.

— Eu nunca a quis machucar. Só lhe trazer sorrisos e risadas. — O olhar dele a implorou. — Diga que me perdoa.

Ela não disse.

— Você me colocou em perigo, Kaysar.

A careta dele aumentou.

— Esse é meu maior pecado, e nunca vou *me* perdoar. — Esticando os dois braços para a frente, ele a presenteou com uma tiara magnífica feita de cristais afiados. — Isso é para você. Sua primeira coroa como rainha das Terras Crepusculares. Um mero símbolo dos meus grandes sentimentos.

Um suborno?

— Isso não muda nada — reclamou ela, mesmo ao tropeçar para pegar o prêmio. Cookie acariciou e admirou o acessório deslumbrante antes de colocá-lo na mesa de cabeceira. — Tudo bem. Também não piora sua posição. Considere-se setenta por cento, quase setenta e cinco, perdoado. E para sua informação, espero que você se perdoe quando eu o fizer, certo? Isso não é negociável. Sem ressalvas.

Ele relaxou um pouco.

— Como chego em cem por cento?

Deixando toda sua mágoa brilhar nos olhos, ela sorriu, triste.

— Você melhora da próxima vez. Num minuto, você diz que me quer, no outro me deixa de lado. Você me *abandonou*, assim como abandonou estas terras. Você era meu sonho, até se tornar meu pesadelo.

Ele abriu e fechou os punhos, determinação endurecendo seus músculos.

— Farei melhor, prometo. Você é meu tesouro mais precioso, e nunca vou abandoná-la novamente.

O ardor da sua promessa a deixou sem fôlego.

— Tudo bem. Você está em noventa e cinco por cento. — Tesouro mais precioso? Como ela poderia negar alguma coisa a esse homem? — Você algum dia se cansa da guerra constante? Ou anseia ser livre da sua conexão com o rei?

— Nunca. — A veemência dele… doía.

Com o relacionamento deles por um fio, ela podia mesmo ser brutalmente honesta com ele.

— Não vou ficar satisfeita com segundo lugar. Não sou feita desse jeito. Quando eu jogo, é pelo primeiro lugar, sempre. É isso o que quero com você. Dar o meu melhor. Mas também espero o seu melhor. Não vou aceitar uma repetição da minha infância. Esperando e esperando pela minha vez de ser importante.

— Você é importante — falou ele, rápido, dando um passo na direção dela. — Mais do que qualquer um no mundo, você é importante para mim.

Cookie afastou a mágoa.

— Vou dar uma chance de provar seus sentimentos por mim… enquanto tento provar meus sentimentos por você. — Ela brincou com a fenda do robe, o olhar quente dele seguindo cada movimento, aumentando seu desejo por ele. Quando os mamilos dela ficaram duros, ele respirou fundo. Até mesmo isso a excitava. — Você gostaria disso?

— *Amaria* isso.

A intensidade dele a atraía para perto…

— Você pensou em mim enquanto caçava seus inimigos? — Já formigando com desejo, ela moldou o corpo ao dele.

— Pensei em você *constantemente*. — Segurou sua cintura, prendendo-a no lugar, depois separou suas pernas com um joelho insistente, garantindo que seu núcleo dolorido e vazio se equilibrasse na coxa. Ardia por ela. — A lua nascia e se punha, e eu pensava em seus olhos. Toda flor rosa me lembrava do seu cabelo. O cheiro de videira venenosa me enlouquecia.

A pulsação dela acelerou, a confissão entorpecente. Ela traçou as unhas sobre a mandíbula com barba por fazer, quando chegou em um lugar perto da sua orelha, ela cresceu espinhos e perfurou de leve a pele dele. Os olhos dela semicerraram em fendas.

— Você não vai me deixar de forma tão abrupta outra vez.

As pupilas dele explodiram sobre as íris, luxúria fervilhando nas profundezas.

— Não vou.

A jura fervorosa a agradava, a próxima carícia se tornando a mais gentil de todas.

— Acho que você acabou de chegar em noventa e oito por cento.

As narinas dele dilataram. Segurando a nuca dela com uma mão trêmula, ele abaixou a cabeça e pressionou a testa na dela.

— Eu me dei prazer pensando em você. Você se deu prazer?

— Sim — respondeu ela com um sorriso. — Pensei em você *quase* todas as

vezes.

— Atrevidinha — falou, e mordiscou o lábio inferior dela. — Quero entrar em você. Diga-me que está pronta.

Os problemas dela não foram totalmente resolvidos, mas ela não podia negar a verdade para ele.

— Estou pronta, Kaysar. — Ela decidira ganhá-lo. Então Cookie o teria. Todo ele. — Quero te sentir fundo.

— Sim — sibilou ele. — Vou me *derramar* em você, e você vai amar. — Os dedos dele se fecharam no cabelo dela ao empurrá-la conta a parede mais próxima, onde se esfregou nela. — Minha docinho quer gozar em cima de mim? — perguntou, esfregando-se com mais força. Mais rápido.

— Kaysar — sussurrou Cookie, atingida por um raio de luxúria. Ela segurou os ombros dele para permanecer de pé. — Sim, quero gozar. — Todas as noites sem ele, ela se revirara na cama, com raiva e excitada e beirando desespero. — Quero muito gozar.

Um som primal saiu dele ao colidir os lábios com os dela.

Ela encontrou sua língua com um toque forte, a ferocidade dele incitando a dela. Em meros segundos, ele a deixara fervorosa.

Cookie o beijou e arranhou, arrancando suas calças.

Preciso dele pelado.

Antes que ela conseguisse, Kaysar a jogou no colchão. Enquanto ela pulava, ele se despiu, observando-a. Uma torre poderosa de força e desejo. Agressivo, todos os seus movimentos uma maravilha de sedução suave e violenta.

Ele foi com um *flitter* para cima dela, seu corpo nu a prendendo sem piedade. Seu olhar fez exigências.

— Você é minha. Minha, única e exclusiva.

Calor se espalhou baixo em seu ventre, e ela gemeu.

— Sim.

— Sou seu. — O rosto de Kaysar pairou sobre o dela, luz das velas dançando com as sombras em uma expressão marcada com ameaça pura. Perigo emanava

dele, ainda assim, ela nunca se sentira mais segura.

— Você é, você é. Me beije.

No lugar disso, ele roçou a ponta do nariz contra a ponta do dela.

— Você quer saber como mataria o líder goblin, se ele ainda estivesse vivo?

Tremores a balançaram contra ele.

— Quero — disse a ele com outro gemido, a excitação das palavras dele a deixando sem fôlego. — Ele ousou machucar sua mulher. Como você esperava responder a este insulto?

— Eu tinha um fim particularmente sangrento em mente — respondeu com um sorriso maléfico, deslizando para o lado para abrir o resto da fenda do roupão dela. Ele passou os dentes no lábio inferior dela. — Depois que o abrisse do nariz até a virilha e o estripasse, teria usado o corpo dele como um casaco. Um manto de vitória.

— Isso é tão… excitante. — Ela arfou enquanto ele passava uma garra pelo lado esquerdo do roupão, partindo o material, expondo o seio dela. O mamilo estava muito intumescido, a dor quase insuportável. — Você gostou de me ver perfurar ele com uma trepadeira?

— Quase gozei com a cena. — Ele apalpou o seio volumoso e lambeu os lábios. — Você está faminta por mim, Chantel? — Outro grunhido.

A verdade escapou dela.

— Estou *faminta* por você, Kaysar. E vou ter cada pedacinho seu.

* * *

Kaysar piscou e se descobriu deitado de costas, Chantel uma rainha sorridente e confiante sobre ele. Ela os tinha movido com um *flitter* para uma posição diferente?

Ele sabia que a habilidade o devia incomodar. No momento, não podia racionalizar por quê.

— Seu poder aumenta.

— Sim. Todos os dias. — De joelhos, ela se posicionou entre as pernas dele,

ela empurrou o roupão dos ombros. O material caiu com um farfalhar, expondo completamente aqueles seios fartos com mamilos rosa-coral. Era como se tivesse uma tatuagem que dizia Beije Aqui.

— Aprendi durante a aula de ontem. Preciso me concentrar e querer muito mudar minha localização, mas eu consigo.

E ele perdera a animação da nova realização. Kaysar quase uivou.

— Devo te contar mais sobre o que aprendi — ronronou ela—, ou devo continuar?

Incapaz de falar, ele deu um aceno imperial com a mão. O que ela faria?

Quando ela se remexeu para posicionar a mão a meros centímetros do seu membro latejante, ele quase uivou por um motivo diferente.

Antecipação tomou conta dele. Ela o chuparia? Ele conheceria este prazer?

— Ah, querido — disse ela, afastando aqueles lindos lábios do membro dele. — Isso é o que tinha planejado para você *antes* da sua viagem.

Um xingamento surgiu, e ele encontrou a voz. Com um tom grave, ele disse:

— Não me provoque, docinho. — Ele esticou o braço para trás e segurou a cabeceira de ferro retorcido. — Diga-me que vai ser boazinha e beber todas as gotas que posso lhe dar.

— Quero te dizer…, mas não sei se devo. — Ela se abaixou outra vez. Quase…

Ele prendeu a respiração. Ela iria…?

Ela deslizou a língua pela cabeça do pau dele, capturando uma gota de fluído pré-ejaculatório. Um som rouco saiu dele, o prazer incomensurável.

As pálpebras dela ficaram pesadas.

— Chupar você… recompensá-lo… depois que me abandonou durante dias e dias? — Ela assoprou onde lambeu. — Tsc-tsc. Essa amante não funciona desse jeito.

Ele tremeu, a severidade da sua necessidade o deixando desesperado.

— Outra prova, então. — A visão da mulher e seus grandes olhos prateados brilhando com excitação o mantinha no fio da navalha. — Só uma. Porque

aprendi minha lição tão rápido.

— Só uma? *Suponho* que não vejo mal nisso. Você *aprendeu* sua lição, então *mereceu* uma recompensa. Ah, tudo bem. Você me convenceu. — Observando-o, ela arrastou a língua da base até a ponta.

O controle dele se desfez, desejo primitivo o atacando. Um pedaço da cabeceira dobrou.

— Mais uma — falou rápido. — Três lambidas no total mal é uma recompensa. Alguns poderiam chamar de punição. Sim, você deveria me punir mais. — Ele estava arfando, com o coração acelerado. — Nada menos que vinte lambidas. Vinte seriam excruciantes.

— Talvez você esteja certo. — A sedutora cruel ofereceu um aceno preguiçoso com a cabeça. — Vinte lambidas *parecem* uma punição adequada para seu grande crime.

Ele experimentaria isso *completamente*?

Ela sorriu para ele – depois devorou seu pênis.

Ele uivou de verdade desta vez. Não tinha nada melhor que isso. Suor pontuava seu rosto, sua nuca, e uma gota escorreu entre as omoplatas. O calor lancinante. O desejo entorpecedor e prazer molhado e, e, e…

— Sim, docinho. Sim. Assim mesmo. — Ele estocou dentro da boca ardente dela, com cuidado, muito cuidado.

Outra estocada, um pouco menos cuidadosa.

Ela não aceitava o membro dele – ela o exigia. Ele não conseguia pensar… nunca tivera isso. Nunca quisera isso de outrem. Mas isso… ele *amava*. Chantel o chupava e lambia, e ele estava enlouquecendo. *Nenhum sofrimento mais doce.*

— É bom, docinho. — Ele apoiou os calcanhares no colchão e ergueu os quadris de leve. — Tão bom. Sua boca é… meu paraíso.

Ela fazia coisas com a língua e os dentes, forçando-o mais perto da perdição.

— Não pare. Por favor, não pare. — Ele implorou? Ele não ligava. Euforia chamava. Um braço se moveu por vontade própria, os dedos se enrolando no cabelo dela e empunhando. Suspirar virou um arfar, respiração entrando e saindo

de forma brusca da boca. Calor cresceu na base da sua espinha, a pressão aumentando.

Ele tentou segurar o clímax, para saborear isso. As sensações aumentaram, até uma se confundir com a outra. Seu corpo todo virou um fio de alta tensão, eletrificado com o mais leve toque. Ele repetiu o nome dela como um mantra. Gemeu e grunhiu.

Foco consumido por Chantel, Kaysar perdeu a noção de todo o resto. Pela primeira vez, ele não tinha problemas. Guerra não tinha sentido, e vingança não tinha lugar. Satisfação o preenchera, prestes a transbordar.

— Sim! — Com um rugido, ele derramou seu prazer na garganta dela. Amando. Instantaneamente viciado. Roubado de pensamentos e respiração, pronto para jogar o mundo aos pés daquela mulher.

Ela engoliu todas as gotas, murmurando com poder a conquista. Depois de dar uma chupada final no membro, ela o soltou e o olhou com uma exigência sedutora.

— Acho que alguém gostou da punição.

Já duro mais uma vez, Kaysar segurou a nuca dela, e a coxa, e a virou de costas.

— Minha primeira prova de tal prazer me deixou obcecado pela eternidade. Vou querer sua boca em mim todos os dias.

— O que você quer dizer com primeira? Nenhuma outra mulher… — Quando ele negou com a cabeça, ela lhe deu um sorriso sedutor e apertou os mamilos. — Estou feliz de ter sido sua primeira.

Carnal e libertina. *Minha*.

— Só minha.

As pálpebras dela se abaixaram da maneira que ele adorava.

— Você me tem onde me quer, Kaysar?

— Eu lhe tenho onde você pertence, docinho. Comigo. — Ele firmou o peso nos joelhos e deslizou um dedo dentro do núcleo dela. Um gemido partiu os lábios dele. Encharcada. Calor escaldante. *Apertada*. — Você me arruinou para

todas as outas.

— Isso mesmo. Você é meu, e *só* meu? — Ela abriu mais as pernas, arqueando enquanto ele estocava o dedo dentro dela. Depois dois. A estimulando lentamente e a esticando. Preparando seu corpo para sua invasão.

— Todo seu. — Ele abaixou a cabeça para roçar sua língua firme contra o clitóris, e ela gemeu.

— Não todo. Não ainda. Logo.

Nunca vou me cansar da doçura dela. Quando ele enfiou a língua *dentro* dela, imitando o ato sexual, ela gemeu mais alto.

— Kaysar — gritou ela. — Tão bom, tão bom, mas preciso de algo maior. Me dê. Me dê. Por favor.

Não posso resisti-la. Ele colocou a cabeça do pau na abertura dela e empurrou com cuidado, adentrando suas paredes molhadas e apertadas.

— Não quero lhe machucar.

Gemendo, ela derreteu em volta dele.

— Dói sem você.

Ele foi mais fundo, os olhos quase revirando na cabeça.

— Nunca senti… nada assim.

— Mais. — O jeito que ela movia o corpo… Ela o *possuía*.

Ao entrar mais um centímetro, suor brilhou na testa dele. Suas respirações ficaram mais leve. Quando chegou no meio, ele parou, impedindo-se de continuar. Com o polegar, ele acariciou o clitóris dela.

— Diga-me que precisa de mim.

— Preciso, preciso.

— Diga-me que não pode ter o bastante de mim.

— Não posso. Só quero mais.

Ele levou o polegar para a boca e chupou, depois segurou a cabeceira outra vez para se firmar.

— Você quer tudo de mim?

— Sim. Você *prometeu* tudo. — Ela segurou as costas dele e rebolou,

enlouquecendo-o. — Esperei tanto tempo, Kaysar. Não me faça esperar mais.

— Não. Chega de espera — rangeu ele. Ninguém nunca quisera o Kaysar real e defeituoso. Até que essa mulher com seus olhos grandes e coração vulnerável mudou a vida dele para sempre.

Com um grito rouco, ele estocou *fuuuundo*, empalando-a em seu pênis.

Os gemidos deles se misturaram conforme as paredes internas dela o acomodaram, mais apertado do que qualquer punho, mais quente do que mel de verão e mais suave do que pétalas de rosa.

Por pura força de vontade, ele permaneceu imóvel.

— Dói?

— Perfeito. — Envolvendo as pernas e os braços nele, ela pulou contra ele, comandando: — Faça outra vez. Você não consegue me machucar. Não consegue ser violento demais. Vou gostar.

Kaysar obedeceu, afastando-se e voltando com um impulso. Um frenesi tomou conta dele nesse momento. Ele estocou nela várias e várias vezes, com força, balançando a cama.

Ela gemeu e se contorceu, perdida na paixão. Cada estocada, visão e som o levavam mais alto. Prazer em cima de mais prazer se acumulava em mais prazer.

Ele teria mais do que a boca dela todas as manhãs. Ele teria isso – ele teria a *ela* – todos os dias, de todas as formas, pelo resto da eternidade.

— Bem aí, bem aí, bem aí. — Chantel mordiscou o lobo dele. — É tão bom, baby.

— Quem lhe faz sentir assim?

— Só você.

— Isso mesmo. Só eu. — Ele fez isso. Ele. Kaysar de Aoibheall. Em carne viva, ele jurou: — Mas vou fazer você se sentir *melhor*.

Ele ficou de joelhos, abriu mais as pernas dela – e mais – e estocou com toda a força. Euforia o chamava com mais força do que antes…

Coluna curvando, ela jogou a cabeça para trás e gritou. A boceta dela o apertou, estimulando todos os centímetros duros, *forçando* o orgasmo dele.

Um momento suspenso em que ele lutou contra isso… antes do seu corpo partir, cedendo ao prazer. Kaysar rugiu, sua voz ficando rouca, êxtase correndo por ele, sobrecarregando seus sentidos.

Depois do último açoite do seu clímax, ele caiu sobre ela. Arfava como se tivesse enfrentado um exército de centenas. Defesas que ele construíra durante séculos desmoronaram. Triunfo expandiu, uma força imparável. Inimaginável. Quase insuportável. Esperando no meio disso tudo… contentamento. Porque ele satisfez sua parceira. Ele satisfez a *ela*. Ele a satisfizera bem. Porque, com sua Chantel, ele não tinha ódio para ligar seu passado ao seu futuro. Ele só tinha o aqui e agora e amanhã, prazer dele para ser tomado.

E ele o tomaria.

— Isso foi incrível — falou ela, a voz um pouco arrastada. — Acho que vou tirar um cochilo agora.

Ele rolou para o lado e encaixou o corpo mole dela sobre o dele. A posição favorita deles para dormir. Como se ela fosse o escudo dele, sua dor não era páreo para ela. Como se ele fosse uma âncora para ela, evitando que ela escapulisse.

Confiança cresceu. Ele poderia fazer esse relacionamento dar certo *e* aproveitar sua vingança. De agora em diante, ele apenas precisava cuidar melhor dos dois.

Tudo ficaria bem.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Apesar de Cookie e Kaysar terem ido para cama apenas horas antes, o clima mudara drasticamente, uma tempestade surgindo no horizonte.

Ela ficou parada na varanda da suíte principal, observando seu reino. Abaixo dela, do outro lado do castelo, havia um mercado movimentado, fae e uma mistura de criaturas mitológicas comprando, vendendo e trocando qualquer coisa desde pão fresco até espadas e unicórnios.

Ela estava ali há, o quê? Uma semana? Dez anos? Desde a mudança de gestão, aquela era a primeira vez que os cidadãos das Terras Crepusculares saíam dos seus esconderijos para continuarem a viver. O progresso era lento, mas doce.

A noite caíra, o sol poente fazendo as nuvens de tempestade queimarem ao se juntarem. Um relâmpago piscou, anunciando um estrondo de trovão. No mercado, as pessoas correram para se proteger e evitar o primeiro chuvisco. Uma ventania começou, úmida e perfumada com fumaça e sândalo.

Conforme as pessoas se juntavam sob as tendas, paradas imóveis ao se aglomerarem, um grupo grande a viu alto no castelo. No silêncio entre o retumbar de trovões, ela ouviu:

— Lulundria.

— Princesa da Corte Estival.

— Esposa do príncipe Jareth.

Ela mandou um beijo, sorriu e acenou, esperando agradar. Eles não sorriram, mas acenaram. Pelo menos ela estava bem-vestida. Ela usava um vestido de videira venenosa, flores cor-de-rosa entrelaçadas pelas folhas. Mechas de cabelo rosa dançando na brisa.

Ela bateu as garras de espinho contra a balaustrada de metal conforme a audiência perdia o interesse nela. No quarto, Kaysar dormia como os mortos na

cama. Ela duvidava que ele descansara mais do que trinta segundos durante sua caçada. Ou nos anos anteriores a sua chegada.

Excitação em fogo baixo aqueceu seu corpo ao se lembrar de todas as ações responsáveis pelo coma de euforia dele. Aquele homem sabia como se mover. Como deixá-la desesperada, mas também deleitara. Ele a fazia se sentir como a predadora – e a presa.

Sexo com ele era de-outro-mundo bom. De enlouquecer. O melhor que ela já tivera. O toque dele era reverente, mas exigente. Perfeito. Ele concentrara toda sua intensidade no prazer dela.

Controle? Ela não tivera nenhum. Defesas? Desaparecidas. Ele a despira de todas as formas imagináveis, e ela se deleitara nisso, ansiando por mais. Ela estava radiante com ele. Ela estava… preocupada.

Apaixonando-se rápido. Sem rede de segurança.

A garota com medo de ser deixada lutava para conquistar o homem que amava outra. Vingança.

Só a palavra a fazia querer destruir alguma coisa. Como você ganha de um conceito?

Kaysar se materializou atrás dela, pressionando o peito nu contra suas costas. Ele apoiou as mãos ao lado das suas, prendendo-a, e afagou sua bochecha.

— Não gostei de acordar sem você nos meus braços.

Incapaz de um pensamento racional, ela o afagou de volta, apoiando-se na força dele. O céu escolheu aquele momento para se abrir, chuva açoitando a terra. Em segundos, a terra vermelha parecia preta, tornando-se um mar de obsidiana brilhante.

Os músculos do braço dele flexionaram, como se estivesse se preparando para um golpe.

— Quais pensamentos lhe incomodam, docinho? Diga-me o que está errado e vou consertar.

Deseje mais a mim do que sua vingança.

— Algumas vezes não procuro consertos, Homem de Garras. Só quero

conversar ou desabafar ou compartilhar — respondeu ela com um pequeno sorriso. — E você, neste segundo? Gostaria de conversar, desabafar ou compartilhar? Você poderia me contar sobre sua caçada.

Ele franziu o cenho.

— Uma aventura decepcionante. Eu diminuí o exército deles a uma mera centena de soltados, mais ou menos. — Com um roçar gentil dos dedos, ele afastou o volume do cabelo dela para um ombro e descansou o queixo no outro. — Sua vez. Conte-me o que lhe incomoda.

Ela decidiu arriscar. Discutir o grande vilão. Mas ela começaria fácil.

— Mais cedo, você me chamou de sua única e exclusiva. Como você tem certeza que sou isso?

Uma respiração aliviada escapou dele.

— Sei por que eu sei.

— Mas como? — insistiu. A maior parte dos homens ficava de boca fechada a respeito dos sentimentos deles. Kaysar revelava tudo, e estava mexendo com a cabeça dela. — Você provavelmente nunca percebeu isso, já que está tão enamorado comigo e tal, mas posso ser birrenta às vezes. Espere ficar irritado comigo repetidas vezes. E se algum dia for muito para lidar? Você vai falar comigo, certo?

Ele deu uma risada leve.

— Você acha que meu desejo algum dia desaparecerá, docinho? Tem uma garra me unhando bem aqui, todas as vezes que penso em você. Que a vejo. Respiro seu cheiro. — Ele passou o braço mais completamente por ela, e deu tapinhas leves no esterno. — Também sem um senso incrível de paz aqui.

A próxima inalada dela queimou seus pulmões.

— Que tipo de futuro você vê nós dois tendo juntos? Quero dizer, só nos conhecemos há pouco tempo. E se eu não me encaixar na sua vida a longo prazo?

— Nós vamos nos encaixar na vida *um do outro* porque vamos fazer isso acontecer. — Antecipação borbulhou na voz dele, lembrando-a de champanhe e

celebração. — Vejo um futuro brilhante para nós. Vou lhe dizer o que preciso, e você vai fazer o mesmo. Algumas vezes, vou atacar os Frostlines sozinho. Outras, você virá comigo. Vamos passar incontáveis horas na cama, claro. — Ele esfregou a ereção na bunda dela. — Eu nunca soube que tais prazeres existiam, e agora que sei, tem muito mais que quero fazer com você.

— De fato, um futuro brilhante — disse Cookie, o corpo dela cantando para ele. Sim, eles podiam fazer isso. Eles estavam aprendendo um ao outro, mas também estavam abrindo espaço na vida deles. Contanto que ele permanecesse motivado a ter sucesso, ela tinha algo com o que trabalhar.

Tudo bem. Hora de levantar o coração do grande vilão.

— Me ajude a entender melhor sua vingança — falou.

Ele a segurou pela cintura, ergueu e a virou, depois a sentou na balaustrada. Ele encaixou os quadris entre suas pernas abertas, colocando o rosto dela acima do seu, e enlaçou os dedos sob sua bunda. Os braços fortes dele a mantinham segura e firme, mas ela se agarrou nele mesmo assim.

Ele estava nu. Gloriosamente. Uma orgulhosa, poderosa – irresistível – visão. Cabelo bagunçado o fazia parecer juvenil. Para ser sincera, dormir o ajudara a perder duzentos e cinquenta anos. Pelo menos.

No seu ombro esquerdo estava a tatuagem contraceptiva que ele se dera. Três pontos pretos do tamanho de moedas de um centavo, e um forte lembrete da crueldade da sua natureza. Ele esperava que ela permanecesse sem filhos, mesmo que um dia os quisesse, apenas para satisfazer um débito que poderia pagar com uma espada a qualquer momento.

— O que você gostaria de saber? — perguntou ele, desconfiado.

A tempestade carregou o ar. Um flash de relâmpago iluminou o homem com olhos perdidos cor de whisky. O coração dela batia contra as costelas. Se aqueles olhos eram a janela para a alma dele, Kaysar, o Desequilibrado, precisava desesperadamente ser salvo. Ele era um rei que no momento se afogava em lágrimas que se recusava a derramar.

Cookie quase desviou o olhar. Enquanto ela segurava seu olhar, oferecendo

um bote salva-vidas em silêncio, se apenas ele o segurasse, a expressão dele suavizou com ternura.

Aqui vai.

— Você deixa os Frostlines viverem para que possa torturá-los. E se o rei Hador machucar outros inocentes neste tempo?

Um músculo pulsou na mandíbula dele.

— Eu o castro regularmente e uso uma lâmina que faz os ferimentos serem mais difíceis de serem curados. Algumas vezes arranco seus olhos e mãos também. Estou ansioso para lhe mostrar minha coleção.

— E estou ansiosa para ver. — Ela mordiscou o lábio inferior ao brincar com o cabelo dele. — Se eu pedisse para libertar o Jareth, você me diria…?

Ele se afastou, mas ela segurou firme. Por fim, ele se acomodou outra vez contra ela, e ela se derreteu nele.

— É só uma pergunta, Kaysar. Não estou pedindo para você fazer isso.

— Eu lhe diria que não, absolutamente não — respondeu, com um pouco de pânico.

Sim. Ela imaginara.

— Jareth era tão criança quanto você no dia que você perdeu sua irmã. — *Prossiga com cuidado.* — E se o rei e o irmão abusaram dele da mesma forma que abusaram de você?

— Não. Os Frostlines mentem. Eles são gentis em público e monstros em segredo. Eu observava da minha janela, minha ira se aguçando cada vez que um servo ou convidado olhava para eles com adoração e admiração.

— Mas você nunca viu Jareth em particular. Você não sabe se ele se desmoronava toda vez que se trancava no quarto.

— Não. — Uma negativa violenta com a cabeça enquanto tentava se afastar mais uma vez. — Você não entende. — O volume subia com cada palavra.

— Está tudo bem, está tudo bem. Não precisamos discutir Jareth, jovem ou velho. — Ela deu tapinhas no peito dele até ele relaxar, depois conduziu a conversa para o presente. — O que você vai fazer a respeito de Micah e Hador?

Você vai deixar o castelo outra vez? — Amanhã?

— Não sem você. Quanto ao que vou fazer… Não tenho certeza. Preciso pensar. Meus planos precisam de… ajustes. — Ele apalpou a bunda dela, o toque quase machucando. — Mais cedo, você me disse que precisava ser a prioridade. E se não puder lhe dar isso? Não posso lhe perder, Chantel. Mas também não posso perdê-la.

— Ela?

— Vingança é Viori, e Viori é vingança.

Ele falou as palavras como hábito. Um mantra interno, sem dúvida. Ele acreditava ter falhado com a irmã e procurava oferecer reparação a ela. A única coisa que ele tinha a oferecer? A dor daqueles que os separaram.

Conquistar ele da sua vingança, sim, Cookie provavelmente podia fazer isso. Mas conquistá-lo da sua irmã? Ele poderia odiá-la por isso. Perdão não era algo que ele sabia como oferecer.

— Não vou pedir para que abra mão da sua irmã — garantiu ela. — Não agora, nem nunca. — Talvez um dia, ele iria de livre vontade – alegremente – *deixá-la ir*. Porque Cookie não havia desistido de lutar. — Temos tempo para descobrir isso, baby.

Ele soltou uma respiração entrecortada, relaxando mais.

Ela pressionou um beijo suave nos lábios dele.

— Canta uma música para mim?

Minutos se passaram em silêncio, a tempestade gotejando atrás de si. Ela presumiu que ele tinha recusado seu pedido. Mas, enquanto ele passava os dedos pelo cabelo dela, ele soltou a primeira nota. Uma melodia assombrosa que ela sentiu em todas as células. Mais uma vez, ela se derreteu sobre ele.

Ele cantou enquanto a erguia contra o peito e a carregava para a cama.

* * *

— O que você acha disso, Kaysar? — Chantel ficou parada na frente de uma estátua erótica de um casal nu perdidos em êxtase. — Ao lado da porta, ou no

palanque?

Kaysar permaneceu por perto. No dia anterior, ela encontrara um baú cheio de roupas mortais e engenhocas que ela se apropriou com um:

— Vi primeiro!

Naquela manhã, ela lavara as roupas, depois colocou uma regata, calça leggings e um roupão de “banho” verde horroroso. Bobs cobriam a cabeça dela, mantendo o cabelo em cachos.

— Vou tirar o dia de folga dos meus deveres reais e fazer um pouco de limpeza de primavera — dissera a ele, os olhos cinza-verdes brilhando em desafio. — As pessoas vão amar o resultado.

— Uma estátua erótica parece espetacular *em qualquer lugar*, docinho — falou para ela no presente.

— Ah, meu Deus. Você está certo. — Ela deu um sorriso grande para ele e voltou a redecorar.

Ele garantiu que os servos a obedecessem sem hesitação enquanto ela ordenava que colocassem isso aqui, e aquilo ali. Itens que descobrira no cofre. Mapas emoldurados. Estátuas de mármore. Pinturas. Móveis e vasos.

Ela requisitara um carpinteiro, e Kaysar a suprira com o melhor. Alguém capaz de fazer “cidades de gatinhos” e postes de escalada para o felino real, quando chegasse. O carpinteiro também construiu rampas para a “scooter” de Pearl Jean. O que quer que isso fosse.

Três dias passaram desde o ataque. Kaysar e sua rainha transavam a todo o momento, sussurravam no escuro e dormiam enrolados todas as noites. Depois de provar a conexão deles, ele se contentaria com nada menos do que uma eternidade com ela. Ele valorizava cada minuto em sua presença. Mais do que valorizara qualquer coisa.

O príncipe ocupava seu lugar de sempre na borda do palanque real. Jareth encarava Chantel, seu olhar intenso.

Aquilo não estava legal.

Mais cedo, Kaysar fez o impensável e demonstrou uma bondade para o

homem. Mas até aí, essa bondade em particular também fora para si. O príncipe fedia, e Kaysar permitiu que servos o banhassem.

Quando Kaysar virou nos calcanhares para se aproximar do príncipe, Chantel virou o braço e deu um tapa na sua bunda. Ele parou por um momento, um sorriso lampejando e desaparecendo. As coisas que ela fazia. Ele balançou a cabeça e cruzou na direção do príncipe, desviando de pilhas de coisas esperando pela decisão dela para recolocação perfeita.

— Olhe para minha amante, criando um ninho — falou para Jareth ao parar do lado do homem. — Criando um lar para nós.

— Você é um babaca — ralhou o príncipe.

— O grande príncipe Frostline pensa tão mal de mim. Como vou me recuperar?

Para sua grande irritação, Jareth ficou presunçoso.

— Aproveite-a enquanto pode. Ela não precisa lembrar de Lulundria para fugir de você. Você vai afastá-la sozinho. Eu vi o rosto dela quando você usou o *flitter* até meu pai. Você não viu… porque não estava aqui. Esse é o limite de guerra dela. Seus dias com ela estão numerados.

Fúria. Profana. Que consumia tudo. Como o príncipe *ousava* usar seus próprios medos contra ele.

— Você não vai sequer *falar* dela. — Kaysar se agachou, segurando e puxando os tornozelos de Jareth, fazendo-o bater no chão. O baque fez a sala de trono inteira tremer.

Jareth ficou estatelado, sorrindo para o teto.

— Valeu a pena.

— Kaysar — chamou Chantel, o olhar em uma segunda estátua. — Seja bonzinho e brinque com seus brinquedos lá fora hoje.

Remover a coleira de Jareth? Dar ao príncipe uma oportunidade de escapar? Como ela poderia ao menos sugerir tal coisa? Mas então, ela não fizera segredo do seu desejo de libertar o Frostline. Ela amolecera pelo príncipe.

Kaysar fechou as mãos em punhos. Sua mulher, e seu inimigo, trabalhando

juntos para o deixarem louco. Ele… O que foi aquilo? Olhos familiares olhavam para ele de um baú.

Servos haviam deixado um baú de couro gasto perto dos pés de Chantel, a tampa abrindo com o impacto.

O coração dele parou. Ele pisou firme naquela direção e pegou uma boneca. Não podia ser *a* boneca. Não. Podia. Mas ele conhecia cada raspado e rachadura naquele rosto de porcelana. Ele os vira nas suas memórias uma miríade de vezes.

A boneca de Viori. Drendall. Kaysar apertou a queridinha em um abraço. Sua irmã estivera ali.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Os próximos seis dias duraram seis mil anos ou seis segundos. Um ou outro, e nada no meio, passando rápido demais e lento demais ao mesmo tempo. Tudo porque Kaysar havia encontrado a boneca da irmã, Drendall.

Esqueça ser primeiro ou segundo lugar na vida de Kaysar. Cookie foi rebaixada para terceiro.

Pelo menos ele não havia deixado o castelo. No lugar, ele cercava Amber constantemente por visões. Onde estava Micah *neste momento*? Por que Olho não podia/não havia/ não conseguia ver Viori? Onde Viori estivera durante as eras? Por sua incompetência, Olho preferia morrer rápido ou devagar?

As visões de Amber estavam dando pane também. Desde a descoberta da boneca, o poder de criar portais havia parado de recarregar e começado a drenar. O sonho de buscar Pearl Jean e Sugars flutuava para longe do seu alcance.

A vida dela estava de cabeça para baixo outra vez. Por causa de uma boneca. Ela odiava isso. Kaysar a fazia sentir coisas que nunca sentira antes. Coisas maravilhosas, terríveis, incríveis e horríveis. Ela se apaixonara mais. Muito mais. E ela estava tentando, tentando tanto, *parar.* Ela estava fazendo tudo em seu poder para manter uma parte de si afastada. E ele estava ajudando-a com isso! Mas não importava. Se eles se separassem, ela iria… iria… se estilhaçar.

Todos os cavalos do rei, e todos os homens do rei, não poderiam fazer Cookie inteira outra vez.

Algumas vezes ela se imaginava casando-se com aquele homem – sem vomitar! Ela pensou que poderia querer alterar seu plano de vingança e começar uma família com ele um dia. Eles seriam delirantemente felizes juntos. Kaysar ao lado dela enquanto ela governava as Terras Crepusculares. Ela até poderia ajudá-lo a governar as Terras Noturnas. Mas, bem no fundo, ele sofreria o tempo

inteiro. O ódio o estava devorando enquanto vivia.

Ele pedira uma chance para consertar os problemas dela. Por que ele não podia dar uma chance para ela consertar os dele?

Ela sabia que era especial pra Kaysar. Logo, ela pensava que ele poderia fazer o impossível e… não perdoar, mas dar uma graça a Jareth pelo seu papel no passado miserável deles. Os dois tinham chegado em um acordo instável. Ah, eles trocavam farpas, mas não queriam arrancar sangue. Eles nunca seriam amigos, mas quase superaram ser inimigos. Não, o problema era Hador.

O rei Hador era o que Kaysar conectara com Viori e sua retribuição em seu nome. Enquanto o real respirasse, ele seria uma ameaça à felicidade de Kaysar. À de Cookie também. E de Pearl Jean e Suggy. Sem mencionar o débito que Cookie tinha com Lulundria – viver sua melhor vida.

Quando Hador morresse, o ódio de Kaysar morreria com ele. Finalmente, o seu rei sombrio poderia se curar.

Como posso ajudá-lo a querer *se curar?* Ele não percebia – ou não aceitava – que matar Hador significava lidar com a perda de Viori.

Cookie correu na direção da sala do portal secreto que visitava desde o dia que o descobrira. Não havia demorado muito para que descobrisse uma segunda sala secreta, que levou à descoberta de outra, e outra, e mais uma. Cada sala continha um item místico – tudo que ela esperava encontrar quando eles entraram nas Terras Crepusculares pela primeira vez.

Uma fonte quente cheia de moedas. Um espelho independente de corpo inteiro. Um caixão de vidro. Um telescópio barra luneta. A maioria deles a mistificou. O que eles poderiam fazer?

Ela também encontrara uma árvore encantada crescendo dentro de um vaso. Ela sabia porque os galhos estavam carregados com *elderseed*. Kaysar havia feito isso com a casca dela? Para ela?

Um sorriso surgiu e sumiu, e ela suspirou. O que ela iria fazer com aquele homem?

Servos sorriram, acenaram e se curvaram para ela. Alguém murmurou com

afeto:

— Nossa rainha enlouquecida.

Cookie apertou os lábios. No dia anterior ela havia feito beicinho para Kaysar.

— Os servos não gostam de mim. — Ele deve ter… falado com eles, encorajado uma atitude melhor.

Achava que ela precisaria entregar outra rodada de plantas de desculpas.

Todas as vezes que errava com seus súditos, ela oferecia um arbusto, flor ou árvore de algum tipo. As árvores frutíferas ganhavam as melhores reações – reverência e maravilha. Pelas árvores, e apenas as árvores, mas progresso era progresso.

Cookie passou pelo véu invisível que separava o labirinto de tesouros do resto do castelo. Ela esperava que Kaysar ficasse extasiado quando lhe desse um passeio guiado de primeira classe, mas ele estivera distraído demais para ligar, dando tapinhas na cabeça dela, beijando seus lábios e seguindo em frente.

Ao passar reto pelo portal e navegar o corredor serpenteante de opções místicas, a saia do seu vestido de baile roçava nas paredes. Dos dois lados. Hoje ela havia selecionado o vestido da Glenda, a bruxa meio boa. O tecido de um rosa-claro exibia rosas bordadas pelo corpete, com um acompanhamento de folhas afiadas como navalhas. Qualquer um tolo o bastante para pegá-la teria uma surpresa e tanto.

Ela *quase* escolhera ser a Fada Açucarada. Uma criação magnífica e uma tentativa de atrair Kaysar para o lado dela, pronta para realizar todos os desejos dele. Para ganhar sua atenção e seu toque. Reafirmar a conexão inegável deles. Uma vez que se convencera a não fazer isso, ela procurara pelo vestido branco. Seu significado misterioso parou sua mão. No lugar, ela optou pela eterna otimista. Esperando…

Não há lugar como nosso lar.

Por fim, ela entrou na sala com o telescópio. O favorito dela! O equipamento enorme encarava uma parede em ruínas, ainda assim, ela podia usá-lo para ver

em qualquer lugar das Terras Crepusculares, da Floresta de Muitos Nomes, e até as fronteiras das cinco cortes. Uma vez, ela pensou ter vislumbrado o palácio de Kaysar na Corte da Meia Noite. As Terras Noturnas. Apesar de ter procurado e buscado, ela falhara em encontrar Micah e Hador nas Terras Crepusculares.

Talvez ela tivesse sorte hoje.

Que a busca continue. Em posição na luneta, ela procurou as áreas de floresta na montanha, onde as raízes de árvores rastejavam como cobras, à procura de Micah ou o rei Frostline. Flores haviam começado a desabrochar aqui e ali. Rosa. Azul. Amarela. Vermelha. Roxa. As pétalas brilhavam na luz do sol. Além da floresta estava um pântano que delimitava um jardim de borboletas, que delimitava uma clareira desértica.

— Cookie! Advinha? Consegui. Descobri como tenho visto centenas de imagens aleatórias sem importância, me prevenindo de ver qualquer outra coisa.

Invasora! Com um grito, Cookie se virou e atirou um punhado de espinhos. A identidade da intrusa não registrou até ser tarde demais. Por sorte, Amber se abaixou e continuou em frente sem pausar os passos. Ou morrer.

— Bom, não deixe o resto da classe em suspense — falou Cookie, com o coração ainda não preparado para se acalmar. — Me conte. Como está acontecendo? E como você se livrou da sua sombra? — Kaysar deveria estar em cima dela, exigindo informações sobre isso.

— Ah, Kaysar foi fácil. Acessei uma visão que garantiria que ele ficasse ocupado por horas. — A vidente estava esplêndida em um vestido grego, tão graciosa quanto uma bailarina. — Micah e Hador também estão trabalhando com uma vidente. Uma das mais poderosas que já encontrei. Ela está me mandando colagens mentais, prevenindo-me de focar onde os reais estão se escondendo.

— Agora que você sabe, pode bloqueá-la?

— Na maior parte.

Isso era ótimo. Realmente era. Mas o retorno das habilidades dela colocava as preocupações de Kaysar em modo estimulante. Os ombros de Cookie abaixaram ao voltar a atenção para a luneta.

— Vou encontrar sua oposição, não se preocupe. Ninguém pode se esconder de mim por muito tempo. — Com sorte.

Ela mirou a ponta em direções diferentes. Um arbusto fofinho que parecia algodão doce se jogou em um roedor, sangue espirrando das folhas. Em um lago, um peixe cortou a superfície da água e foi pego por um pássaro no meio de um voo. Outro peixe rastejou para fora da água com um milhão de pés para espreitar a margem.

Com uma bufada de irritação, Cookie reajustou o ângulo da luneta e analisou a fronteira da Corte Invernal, casa do rei Hador e do príncipe Jareth. Neve e gelo sem fim, criando um mar de branco interrompido apenas por uma parede de pedra enorme, onde um exército acampava.

O exército de Kaysar. Ou parte dele. Há quanto tempo os homens estavam posicionados? Tendas e fogueiras eram abundantes, fumaça rodopiando pelo ar frígido. Alguns soldados treinavam. Outros faziam armas ou tarefas. A maioria trabalhava para invadir a parede.

Ele gostava de ser um espinho constante na pata de Hador. E honestamente, ela não podia culpá-lo. Mas desde que descobriu a boneca, a obsessão dele se multiplicara dez vezes. Estava machucando a ele, e matando-a.

Ele andava amuado e resmungava baixo a todo o tempo. Quando sua sanidade falhava, ele cortava os braços para fazer os mapas. Ele fizera muitos mapas. Algumas vezes ele encarava as linhas carmesim, como se estivesse tramando um caminho até Viori, onde quer que ela estivesse. *Se* ela estivesse. Ela sobrevivera?

— Você com certeza pode encontrar indivíduos específicos com a luneta — disse Amber. — Se tiver o sangue deles.

Sério?

— Quanto?

— Apenas uma gota aqui. — Ela tocou o cilindro misterioso sob a ocular. — Não há lugar nenhum onde a pessoa possa se esconder. Nenhum poder forte o bastante para protegê-la.

Não era surpresa que Cookie tinha gostado para caramba da luneta. Era demais.

— Já que não posso roubar sangue até encontrar as pessoas, é sua vez. Você já viu Micah e Hador? Um dos dois? Centenas de soldados raivosos, talvez?

— Vi um evento futuro. O que é um dos motivos pelo qual a procurei. — Amber hesitou um momento. — Tem uma coisa que acho que você deve ver.

Ah, merda.

— Não, obrigada. — Não precisava pensar. Ela entendia estar preparada. Mas quando uma visão psíquica se tornou uma profecia que se realizava? — Se eu souber o que está por vir, posso mudar minhas atitudes, posso tomar decisões erradas, baseada em suposição.

— Kaysar discordaria. — Amber colocou uma mão no corpo cilíndrico da luneta, afastando-a do alcance de Cookie. — Mas não quero mostrar o que está por vir. Quero revelar algo do passado dele.

— Isso seria um *grande* não, obrigada, também. Não vou bisbilhotar nos problemas dele. Não sem permissão. — Mas ela queria. Tentação a conhecia. O que ela não daria por uma fatia da vida de Kaysar?

Não. Ela não deveria. O relacionamento deles já estava tenso o bastante. Por que jogar uma potencial bomba no meio?

— Você deseja que Pearl Jean e Sugars vivam aqui? — perguntou Amber.

O oráculo planejava convencê-la, é?

— Você sabe que sim — resmungou Cookie.

— Você quer um futuro com Kaysar? Você quer conquistá-lo?

Ela fez uma careta.

— Quero. Mas ele não deseja ser conquistado. — Quando ele lutaria por *ela*? Tudo era tão unilateral. Ou ele mostrava a ela o Príncipe Encantado mais sedutor e atento do mundo, ou o assassino mais frio do mundo, mas nada entre eles. — Sou uma pessoa bem incrível — falou, odiando sua lamentação. — Protejo aqueles sob meus cuidados, sou de outro mundo na cama, e tenho certeza que também tenho outros atributos vencedores.

— Você quer conquistá-lo? — repetiu Amber.

Humor esquentando, pronta para uma mudança de cena e tópicos, Cookie segurou a mão do oráculo e usou o *flitter* para o jardim que havia cultivado do lado de fora do quarto.

Ar quente e empoeirado virou seco e esfumaçado em um instante. Servos trabalhavam ali fora, sorrindo e rindo ao arrancarem ervas daninhas do jardim. Cookie se encheu de orgulho. Ela criara tantos tipos diferentes de plantas e ervas para seu protótipo de jardim. Ela até começara a experimentar e misturar. Os arbustos e folhagens cresciam da terra, prosperando no solo.

A revitalização da terra trazia um senso de propósito como nada antes.

Sorrisos aumentaram quando os servos a viram.

— Eles não estão sendo legais com você porque Kaysar exigiu. Apesar de ter exigido — contou Amber, incentivando-a em frente. Elas andavam por um caminho de terra, arbustos de todos os tipos florescendo em volta. Conectados a Cookie, mas ainda assim não, assim como Jareth havia predito. — Eles sabem que você é a responsável pelas plantas prosperarem. Estão gratos.

— Ah. Bom. — Ela pigarreou. Por causa da fumaça, *não* vergonha. Ou necessidade. — O que vou fazer com Kaysar, Amber? Nada está dando certo. — Lá se foi a mudança de tópicos. — Antes de responder, desligue sua premonição e viva no momento, tudo bem? Então sim, estou pedindo para você fingir que é tão burra quanto o resto de nós.

— Muito bem. Aqui está algo que até um tolo deveria saber. Para conseguir o que você quer, vai ter que lutar e cair e levantar e lutar… e aceitar ajuda quando for oferecida.

Caí direto nessa. Viu? Não precisou de muito para o oráculo a convencer.

— Tudo bem. Vou espionar o passado de Kaysar. Mas se ele reclamar, você vai levar toda a culpa. — Ela colocou uma mão no pescoço, fingindo estar escandalizada. — Kaysar, querido, Amber me *forçou* a ver.

O oráculo revirou os olhos.

— Como se você pudesse fazer alguma coisa errada aos olhos dele.

Verdade. Um ponto definitivo na coluna dos prós.

— Por que você precisa me mostrar isso, de qualquer forma? — Amber podia ser uma convencedora nata, mas Cookie era uma excelente enroladora.

— Esqueci de te contar? O rei Hador e o rei Micah estão a caminho do palácio. Vão chegar mais tarde, esta noite, com centenas de trolls. Essa é a parte da novidade que está ocupando Kaysar no momento.

— O quê? — Ela se virou para a outra mulher com a saia, depois segurou seus ombros e balançou. Um hábito que aprendera com Kaysar. — Por que você não começou com a manchete, sua extraordinária maluca? Me conte tudo.

— Vou contar os pontos principais do futuro, para que possamos voltar ao assunto do passado. Os dois reis vão chegar e pedir uma audiência. Vão oferecer uma trégua que Kaysar vai recusar.

— Chocante.

— Isso vai marcar um momento crucial no seu relacionamento com ele, e quero que esteja preparada.

Momento crucial? Uma engolida em seco.

— Você está se preparando para me contar que eu… perco?

A vidente deu um olhar de pena para ela.

— Isso depende de você. E sem pressão, mas suas ações com Hador e Micah no dia de hoje terão consequências que irão durar pela eternidade.

Sem pressão. Certo.

— Juro que você tem cinco segundos para explicar o que… — Cookie ficou em silêncio, a coluna curvando, jogando a cabeça para trás. Um grito foi arrancado dela.

— Ah, sim — disse Amber com um sorriso doce. — Provavelmente deveria ter avisado. Aceitar uma imagem ou duas é fácil. Receber uma memória inteira não é.

— Você é a mais malvada de todos nós, não é mesmo? — perguntou ela entre respirações ofegantes.

O sorriso do oráculo aumentou, os olhos brilhando.

— É provável.

A resposta viveu e morreu no mesmo batimento, a mente de Cookie consumida por uma realidade virtual que ela não podia desligar. Ela observou um jovem garoto levar uma garota ainda mais jovem pela floresta. Eles eram as crianças mais bonitas que ela jamais vira, com cabelo preto ondulado e olhos de um marrom-claro emoldurados por cílios superlongos.

Ela não precisou pensar em quem eram. O conhecimento veio com a memória. Aqueles eram Kaysar e sua irmã, Viori. A compreensão foi como um soco em Cookie, e ela colocou as mãos na barriga para evitar uma dor que se aproximava. Os irmãos eram tão magros, tão sujos, usando trapos e botas que mal se seguravam por um fio.

Kaysar carregava uma sacola grande nas costas, curvado sob o peso.

— Este — disse Amber —, é o dia em que ele a perdeu. Assista. Assista sua captura. E sua fuga.

O coração dela se apertou dolorosamente. Isso a rasgaria por dentro, não rasgaria?

CAPÍTULO TRINTA

Micah e Hador. Aqui. Em breve. Não breve o bastante.

Kaysar estava sentado na beirada do trono de Chantel, vibrando com prontidão, Drendall em seu colo. Um grupo de fazendeiros veio pedir sua ajuda em relação a algum tipo de monstro do pântano e ofereceram subornos. Ele ouviu parcialmente, a mente ativa demais.

Micah conhecia Viori? O usurpador algum dia interagira com ela? Alguns de seus súditos? Alguém apenas encontrara a boneca? Mas por que guardar em um cofre? A ausência de respostas o deixou exausto.

Falhar com Viori.

Perder Chantel.

Mais e mais, a mulher dele olhava pelas janelas, pensativa. Qualquer vez que ele perguntava sobre seus pensamentos, ela dava o sorriso mais triste, de partir o coração, e mudava de assunto.

Eles moravam no mesmo castelo, com suas gloriosas plantas brotando ao redor de cada portal e janela, ainda assim ele sentia falta dela como se estivessem separados por oceanos. Ela mantinha uma parte de si separada dele agora. Ele *sentia* a distância.

Eles não haviam feito amor outra vez.

Chantel dissera que não pediria para ele escolhê-la no lugar da irmã, e mantivera a palavra. Por que isso o decepcionava?

Ela ainda não colocara as garras, o uniforme de time deles. Sua boca com frequência sorria para ele, mas o afeto não brilhava mais com a mesma intensidade naqueles olhos grandes e bonitos. Apesar de ter segurado suas curvas voluptuosas na cama todas as noites, eles pararam de sussurrar segredos um para o outro. Ela o beijara uma vez, há uma eternidade, mas a culpa dele o impediu de

aproveitar, e ela nunca tentara outra vez.

A tensão estava começando a cansá-lo, sua paciência inexistente com todo mundo menos ela – com esforço. Mas ele nunca fora um indivíduo calmo, e ele temia a explosão inevitável. Ele a afastaria mais rápido?

Mas como ele poderia desfrutar de sua mulher enquanto sua irmã sofreria um destino desconhecido? Viori precisava dele? Ele não sabia. Ela fez uma vida para si? Uma cheia de arrependimentos? Horrores? Ela estava feliz? Morta?

Kaysar puxou tufos de cabelo, a incerteza aumentando a possibilidade daquela cisão emocional. Ele já usara as gotas de satisfação e contentamento que ganhara durante aquelas poucas vezes que fizeram amor. Nada restava delas, e ele ansiava por mais, desesperada e ferozmente.

Por que ela não podia aceitar a vida que ele oferecia, como estava? Ele dera tudo a ela. Novos presentes. Armas. Joias. Armas que pareciam joias. Um mapa emoldurado das Terras Crepusculares, o reino dela. Mas ela queria o que ele não *podia* dar. A não ser que pudesse.

Parte dele gritava para abrir mão da sua vingança. Para enfim acabar com os Frostlines. Para se despedir de Viori. Mas como poderia? Como, como, como?

Sabe que sempre vou te proteger, não sabe?

Quebrar sua promessa para a garotinha que era dona do seu coração… *mentir* para aquela que merecia todas as suas verdades…

Até que ele soubesse o que aconteceu com Viori, ele não poderia, não deveria descansar.

— Caso esteja se perguntando, seu ataque mais recente contra mim é verdadeiramente diabólico — disse Jareth, do seu lugar no palanque. Ele colocou um pequeno croquete na boca. Croquetes *não* estavam no cardápio aprovado por Kaysar para o príncipe aprisionado. Era óbvio que alguém morreria hoje. Ou amanhã, depois que ele lidasse com a visita que se aproximava. — Deixar-me testemunhar sua autodestruição? Estou mesmo *repleto* de sofrimento.

— Quando sua opinião for desejada — falou Kaysar entredentes —, vou

arrancá-la de sua garganta. — Onde estava Chantel? Ainda redecorando os quartos?

Ele passou o olhar pela “nova e melhorada” sala do trono, amando as estátuas eróticas posicionadas pelas paredes, como soldados transando na frente de todos os ocupantes. Os mais calmos florais as acompanhavam, emoldurados com ouro dos lados. O gosto eclético fantasioso dela o encantava.

— … Majestade? — falou um fazendeiro. — Esse presente é satisfatório?

A pergunta temerosa e esperançosa o tirou das suas ponderações. Ele percebeu que estivera acariciando a mecha de cabelo de Chantel sobre o antebraço.

Ele olhou para o grupo que trouxera dois baús de especiarias élficas, curadas nos pântanos.

— Talvez *você* devesse me dizer se esse presente é satisfatório. Vocês que selecionaram, afinal. Então, faça. Diga-me. Vocês escolheram um presente insatisfatório para a rainha que desejam que aja como sua campeã?

— Eu… Você… — O fazendeiro olhou para os companheiros em busca de apoio, mas eles fixaram o olhar no chão. — Vossa Majestade…

— O presente é mais do que satisfatório — anunciou Jareth. — O melhor dos seus campos, imagino.

— Sim, sim. O melhor dos nossos campos — o homem se apressou em concordar.

Kaysar passou a língua por um incisivo. Jareth continuava a fazer isso, continuava a interromper e fazer de si um estorvo.

— Você acredita mesmo nisso? — perguntou ao príncipe. Ele não esperou por uma resposta. — Você vai concordar em receber a punição ou recompensa deles, qualquer que eu decida que mereçam.

— Concordo — disse Jareth com um aceno. — Vou aceitar a punição ou recompensa deles.

Os fazendeiros estremeceram com alívio antes de saírem da sala do trono o mais rápido que seus pés os levassem.

Kaysar se forçou a relaxar. Passando uma mão no queixo, ele disse ao príncipe:

— Como você é magnânimo. Um dia, você nem se pronunciaria para salvar uma serva que desejava. Agora você arrisca a vida por estranhos.

O real fez uma careta.

— Você quer discutir isso aqui? Muito bem. Eu era um prisioneiro tanto quanto você. Acha que era o único que sofria abuso? Você acha que não tentei escapar e falhei? Acha que, mesmo por um momento, eu não estava fazendo exatamente o que era esperado de mim enquanto trabalhava para me fortalecer, esperando fugir? Aquele dia no campo, esperava salvar a garota de um destino pior que a morte. Sabia que minha família a mataria independente do que eu fizesse ou dissesse. Escolhi o caminho mais misericordioso para ela, mas… — Ele apertou os lábios fechados e curvou a cabeça, como se a vergonha fosse um peso muito grande sobre si.

— Bom. Eu não sabia que suas intenções eram tão *puras* — zombou Kaysar. Talvez Jareth falasse a verdade, talvez mentisse. De qualquer maneira, estava feito, e ele merecia sofrer. — Você despreza tanto Hador, ainda assim se associa a ele antes dos seus cidadãos. Vocês riem juntos.

— Eu *nunca* rio com ele. Não mais.

Ele semicerrou os olhos.

— Devo perdoá-lo por ser um fracote covarde?

Outra careta. Depois o príncipe encontrou seu olhar, exalando desafio.

— Talvez você devesse *se* perdoar por isso primeiro?

Kaysar, um fracote covarde? Como o príncipe *ousava*?

— Vou arrancar sua língua antes do final do dia.

Jareth permaneceu imperturbável.

— Se minha estadia forçada me ensinou algo, foi a verdade da sua natureza. O grande e mau Desequilibrado teme perder tudo o que ama mais uma vez. Você usa uma coleira invisível, que o mantém amarrado a uma prisão da sua própria criação, onde tempo não tem significado e nada nunca muda. Então uma linda

princesa aparece, oferecendo-lhe uma chave, e você finge que não vê. Você se trata pior do que jamais me tratou. Acho que você gosta do seu sofrimento – sei que você o merece.

Vou estripá-lo onde ele se senta. Kaysar segurou os braços do trono, mal conseguindo se segurar.

— Eu lhe falei para *nunca* falar dela.

— Você gostaria de uma revelação sobre ela? Porque estou disposto a admitir que ela é sua. Isso está claro. Sua insanidade complementa a dela, e desejo o melhor a vocês. Eu não tenho desejo de tirá-la de você. Preferia… ajudá-lo. Fazer reparações pelo que falhei em fazer quando criança.

Ajudar Kaysar? Fúria agitou em seu âmago, pronta para explodir.

— Não preciso de *nada* de você. Você não pode fazer reparações.

As portas da frente abriram sem aviso. Olho correu para dentro da sala, falando:

— Desculpe interromper, meu rei, mas Hador e Micah chegaram, e eles estão meros segundos atrás de mim.

Finalmente. Todas as respirações afiadas como adagas, Kaysar ergueu o queixo e endireitou os ombros. O príncipe foi esquecido.

Assim que Kaysar recebeu a informação de Olho, ele mandou os guardas recuarem. Nada impediria o encontro.

O oráculo parou ao lado do trono, um brilho fino de transpiração brilhando na pele escura.

— Eu teria chegado aqui mais rápido, mas Cookie quis trocar de roupa. — Ela hesitou. — Minhas mais sinceras desculpas pela última escolha dela, majestade.

Qual aspecto da magnífica personalidade ela escolhera enfatizar para a batalha que se aproximava?

Pela segunda vez, as portas se abriram. Animação passou por ele conforme o rei Hador Frostline e Micah entraram, marchando com as cabeças erguidas. Eles abriram mão de armadura para a reunião, escolhendo túnicas e couro no lugar,

como se não tivessem medo das garras de Kaysar. Oito guardas os seguiam. Quatro fae, quatro trolls. O número baixo o irritou. Ele perdera sua vantagem? As pessoas estavam ficando *confortáveis* perto dele?

Apenas Chantel tinha o direito!

Ódio afiou o foco de Kaysar ao encontrar o olhar feio de Hador. A vontade de matar espumou dentro dele, memórias insultantes surgindo e colidindo.

Mãos vagando e segurando. Respirações ofegantes. Hálito quente em sua pele.

Grunhidos cresceram. *Machuque-o. Faça-o sofrer.* Sim. Kaysar banharia sua pele no sangue do inimigo e dançar ao som dos gritos de sua agonia.

— Que insurpresa maravilhosa. — Colocando um sorriso indulgente no rosto, Kaysar acenou para Olho. — Devo mandar meu oráculo buscar bebidas agora ou depois que vocês gritarem de dor por um tempo?

— Não vamos ficar muito tempo — respondeu Micah. Ou ele lia lábios nessa proximidade, ou ele tomara a droga para se ensurdecer outra vez. Ele abaixou o olhar para a boneca e piscou.

Um sinal de reconhecimento? Confusão? Qual, qual? Kaysar lutou para mascarar sua ansiedade.

Hador apontou para Jareth.

— Não vou embora sem meu filho.

Para seu crédito, o príncipe permaneceu sentado, parecendo furioso com a chegada do pai.

— Estou onde você deveria estar. A não ser que deseje inverter nossas posições, não vou a lugar nenhum.

O rei semicerrou os olhos, mas não disse mais nada.

Apesar da conversa secundária incomodar Kaysar, ele manteve sua expressão indulgente. Onde estava Chantel?

— Deixe as Terras Crepusculares por vontade própria, rei Kaysar. — O comando de Micah ecoou pela sala. — Não desejo destruir meu reino e reconstruir desde a fundação novamente. Mas posso fazê-lo, e farei se você

forçar minha mão. Não vou permitir que você governe sobre pessoas inocentes e trabalhadoras.

Como explicar isso de uma maneira que o homem entenderia?

— Se você agredir a mim, ou aos meus, nem que seja uma vez, o reino *será* destruído. Vou garantir isso.

As bochechas de Micah perderam toda sua cor.

— Agora que os gracejos acabaram. — *Cuidado. Nenhuma dica de urgência.* — Você reconhece a pequena Drendall, Micah? — Ele colocou a boneca no braço do trono, permitindo que os olhos grandes dela encarassem os intrusos.

O olhar do usurpador voltou para a antiga companheira de Viori, as sobrancelhas juntas.

— Deveria?

Perplexidade genuína? Kaysar mal se impediu de arrancar tufos do seu cabelo. Ele soubera que a possibilidade era pequena. Ele esperara desesperadamente o contrário.

— A boneca pertenceu a minha irmã, há muito tempo. De um jeito ou de outro, vou extrair a verdade sobre o tempo que ela passou nas Terras Crepusculares. — Melhor ser claro. — Qualquer um que a feriu logo vai buscar o doce alívio da morte. Aqueles que mentirem sobre uma associação com ela, nunca a encontrarão.

— Machucar uma criança? Uma mulher? — zombou Micah. — Nunca. As regras do meu reino são simples.

Kaysar… acreditou nele. Mas a troca insatisfatória tirou mais uma camada de civilidade dele.

— Sua escolha de companheiro de time me confunde.

— Chega de guerra — gritou Hador. — Estou cansado de lutar com você, Kaysar, mas vou ajudar Micah a garantir sua derrota, se preciso.

— Você está cansado de lutar? — As palavras o deixaram como pouco mais do que um sussurro. — Ora, vamos dar ao estuprador de crianças o que ele quer.

Micah se sobressaltou com horror.

— O *o quê?*

O rei desviou o olhar, as bochechas ruborizando.

— Você é mais destrutivo do que jamais fui.

— Tsc-tsc — respondeu Kaysar, cantarolando, recebendo gemidos de dor. — Você não pode criar o monstro, e depois reclamar quando ele lhe morde.

Hador esfregou uma mão no rosto.

— Sinto muito pelo que ocorreu entre nós, Kaysar. Sinto incrivelmente muito. Você precisa saber disso.

Não diminua a distância. Não arranque o coração dele. Ele merecia apenas sofrimento em cima de sofrimento.

Kaysar controlou a expressão.

— Ah. Chegamos na parte das desculpas das nossas interações. Minha menos favorita, devo admitir, mas por favor. Continue. Isso sempre precede a parte que você sofre nas minhas mãos.

Uma lágrima solitária escorregou pela bochecha do rei, seguida rapidamente por outra.

— Eu lhe garanto, paguei pelos meus crimes um milhão de vezes.

— Ah, conte-me. Encha meus ouvidos com seu sofrimento.

Um músculo contraiu na mandíbula de Hador. Ele não ofereceu resposta, apenas ofegou.

Porque ele era um mentiroso, e não pagara o bastante.

— Eu mudei — insistiu o rei. — Aprendi o valor da vida.

— Você aprendeu o valor de nada.

Mais uma vez, as portas irromperam abertas. Todos se viraram para encarar o mais novo intruso. Kaysar ficou imóvel quando uma Chantel com porte rígido marchou na sala. Ela prendera o volume de cabelo preto em um nó severo na nuca. Nenhuma mecha de rosa. Um manto preto volumoso a cobria.

Ele se levantou de um ímpeto, ciente de um pulso martelando o caminho pelo seu corpo. *Tanto poder. Tanta paixão e beleza.* Ela era uma rainha fae sem igual. Uma lâmina coberta de veludo. Uma mulher sem comparação, e toda fantasia

sexual que jamais tivera trazida à vida.

Por que ele não a saboreara essas últimas noites?

Por que ela não o saboreara?

O olhar afiado nos seus olhos de mercúrio lhe pareciam um pouco enlouquecidos, e ele quase caiu de joelhos para venerar aos seus pés.

Ela subiu no palanque e o atravessou, parando no trono. Ela encontrou seu olhar, dizendo com uma voz firme:

— Por favor, me desculpe.

O pedido combinava com suas ações, mas não o peso acrescentado na sua voz, como se ela pedisse perdões múltiplos de uma vez.

Ele se moveu para o lado, acenando na direção do trono dela e curvando a cabeça.

— Vossa Majestade.

Ela se sentou com autoridade silenciosa, magnífica com suas costas eretas como aço.

— Devemos proceder?

Videiras surgiram do chão, pedaços de mármore voando. As trepadeiras pegaram os dois homens e seus guardas em uma força punitiva. Espinhos de videira venenosa injetaram veneno direto nas veias deles, os impedindo de usar o *flitter*. Ou se moverem. Carmesim molhado pingou nas folhas esmeralda.

— Micah — disse ela, usando o mesmo tom intransigente. — Vou começar com você.

Conforme os espinhos retraíram, o homem congelado soltou.

— O que a dá o direito…

— As Terras Crepusculares são minhas — ela interrompeu, firme. — Vou fazer o que você nunca conseguiu. Revitalizar a terra. Talvez você tenha escutado a risada do lado de fora ao entrar? Ou viu o jardim? É o primeiro de muitos.

A cadência que martelava na cabeça dele que gritava por retribuição… enfraqueceu quando ela falou. Kaysar estava incerto sobre o que estava

acontecendo. Ou como. O que fosse… acalmava sua mente desgastada.

Micah franziu o cenho, sem dizer nada.

Chantel bateu um punho no braço do trono.

— Com isso resolvido, o Tribunal do Primeiro Distrito das Terras Crepusculares está em sessão. A perfeita Juíza Cookie está presidindo. Micah, o Antigo Rei, como você se declara?

* * *

Um caldeirão de fúria fervilhava dentro de Cookie. O que Hador e seu irmão haviam feito com o jovem Kaysar a enojou. Ela cuidaria do rei Invernal. Em breve.

Depois das suas visões do passado de Kaysar, ela o compreendia muito melhor. Ele parou ao lado dela, uma torre forte. E ainda assim, ele nunca precisara mais dela. Hoje, ele acertaria seu caso. Amanhã, ela acertaria o dela.

O vislumbre do passado havia mudado o futuro deles, como ela temera? Ah, sim. *Tudo* mudava hoje.

Cookie fez uma careta conforme o silêncio se alongava, todos olhando uns para os outros em busca de respostas. Ela acenou com uma mão imperiosa.

— Essa é a parte em que você declara sua posição, Micah.

— Declaração por quê? — ele exigiu saber. — Não declaro nada.

— Você é acusado do crime de atacar o futuro e atual rei e rainha das Terras Crepusculares ao chegarem. Aviso justo. Também sou testemunha do crime, então vai ser difícil me convencer.

Micah vociferou.

— Vocês não são o rei e a rainha das…

— Então se declara culpado? — Ela analisou a sala e concordou. — Todo mundo ouviu culpado, certo?

— Atacamos o rei enlouquecido que apareceu do nada nas Terras Crepusculares para devastar nossos campos e destruir nossos animais — cuspiu ele. — A ajuda e o obstáculo dos quais não nos esconderemos mais.

— Oras. Não aprendemos a lição principal, estou vendo. Não brinque com o rei malvado… a namorada dele pode ser pior. — Ela abaixou o queixo, prendendo-o com o olhar. — Você está disposto a guerrear por estas terras, Micah?

— Sim — respondeu, apenas, deixando claro que falava sério. — Apenas comecei a lutar, princesa.

— Meritíssima — ela corrigiu.

Ele franziu o cenho, os olhos semicerrando.

— Tenho recursos que ainda não usei.

— Isso é bom. Porque eu também tenho. Não vou recuar, e nunca vou me render. Sempre vou proteger o que é meu. Não — acrescentou quando ele abriu a boca para responder —, me deixe terminar. Você está perdoado pelo seu crime.

Quando sua testa franziu, ela explicou:

— Você me parece um cara honroso. Admito, não sou uma incrível juíza de caráter, apenas uma juíza incrível. Você lutou por sua terra com sua melhor habilidade, mas perdeu. Duas vezes. Você não pode dar aos meus súditos o que eles querem e merecem, então não vou retorná-los aos seus cuidados. Aceite o passe livre e fique grato que limpei sua barra. Um dia, poderemos ser aliados. Mas ataque a mim e aos meus outra vez, e a verdadeira batalha começará.

Graças a sua conexão com as trepadeiras, ela não teve problemas de usar o *flitter* para mandar Micah para as terras pantanosas. Ele poderia cuidar do monstro do pântano do qual ouvira falar.

Com a primeira súmula resolvida… chegara a hora da segunda e última. A escolha de Kaysar, qualquer que fosse, decidiria o relacionamento deles.

As trepadeiras dela apertaram tanto Hador que o rosto dele ficou manchado.

— Não precisa de julgamento. O veredito já foi decidido. Culpado. — Ela olhou para Kaysar. — Você decide a sentença dele, baby. Nós o matamos aqui, juntos, ou eu o deixo ir, para que você continue sua vingança amanhã.

Ele entendeu o que ela perguntou? A escolha vinha com consequências, qualquer que decidisse. Ficar com Cookie, ou sem ela. Eles esgotaram as

alternativas.

Se ele precisava da conexão com a irmã, então que fosse. Vida dele, escolha dele. Ela limparia os destroços do caminho e o ofereceria um futuro. Mas ela não ficaria mais em segundo ou terceiro lugar.

Cookie também se julgava merecedora de mais.

Ela manteve as feições sem nenhuma emoção de propósito, indisposta a influenciar a resposta dele.

Suor pontilhava o lábio superior dele. Seu olhar oscilava entre Hador e Cookie. Ele direcionava fúria ao seu antigo abusador, e desespero a ela. Ansiedade exalava dele em ondas.

Euforia cresceu em seu coração quando ele deu um passo mais perto dela. Depois, ele arfou uma respiração cansada, e ela temeu o pior. Ele não estava pronto para desistir da sua busca por retaliação, estava? Não por ela. Nem mesmo por si.

Decepção profunda abriu caminho para mágoa devastadora, mas ela não revelou nada disso. Com um sorriso suave, ela disse a ele:

— Está tudo bem. Não tem resposta errada, Homem de Garras. O que você quer, você consegue. Esse é o *meu* presente para você.

— Vingança — falou, rouco, a expressão selvagem. — Amanhã.

Cortada em fatias, com hemorragia interna, ela manteve o sorriso e moveu Hador para as terras pantanosas com um *flitter*, para o lado de um Micah furioso. *Aproveite por minha conta.*

Kaysar fizera sua escolha, agora os dois viveriam com ela.

— O que você fez com ele? — perguntou Kaysar quando sua respiração se acalmou.

— Não se preocupe. Ele está vivo. — Precisou de um pouco de esforço, mas Cookie engarrafou sua mágoa e a colocou em uma prateleira no fundo da cabeça. Audiência esquecida, ela se levantou e grudou no homem que amava sem dúvida ou motivo, a mão espalmada sobre seu coração acelerado.

A respiração dele entrecortou, e passou, hesitante, os braços em volta dela,

como se temesse sua reação.

Uma última noite. Desejo surgindo, ela arfou.

— Me leve para cama, Kaysar.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Kaysar transportou Chantel com um *flitter* para o quarto deles, materializando no pé da cama, mas ele não a beijou. Ainda não. Os instintos dele estavam ativos outra vez, dizendo a ele que problemas estavam surgindo. Mas ela olhou para ele com tanto desejo ardente conforme a luz das velas banhava suas feições delicadas, que ele disse a si mesmo que estava enganado. Apenas prazer esperava em seu futuro, seus sonhos se tornando realidade bem na frente dos seus olhos.

Ele tinha sua parceira e continuaria com sua vingança, os dois não estavam mais em conflito. Kaysar podia machucar Hador Frostline durante o dia e aproveitar Chantel durante a noite. Que homem em Astaria podia levar uma vida melhor?

Sua alegria não tinha limites. Exceto por aquela maldita pontada persistente. E um grãozinho de incômodo… no meio de um recipiente maior também cheio com grãos de decepção e desespero. E ele não sabia por quê.

Agora não era a hora de dissecar todos os pensamentos e emoções. Ele sentira muita falta de Chantel para se perder para o medo.

Colocando uma mecha de cabelo com gentileza atrás da orelha dela, ele disse:

— Você foi magnífica hoje. Uma protetora ferrenha da sua terra, e do seu homem.

— Eu sei. — Com uma manobra sensual que ele reprisaria para sempre nas suas fantasias, ela tirou o manto. O tecido escuro formou uma poça no chão enquanto Chantel ficava parada, orgulhosa, na frente dele, usando renda azul sobre os seios e entre as pernas. Centímetros e mais centímetros de pele clara sedosa, corada com excitação – e marcada com um mapa carmesim.

Ele a olhou de cima a baixo, embasbacado. Vulnerável. Maravilhado. Quando voltou a encontrar o olhar dela, suas íris se inflamaram, queimando com fogo descontrolado.

— Você mesma desenhou isso? — perguntou ele, com a voz prendendo.

— Usei corante que os servos fizeram com minhas rosas. é o motivo de ter me atrasado para as festividades da noite. Bom, um dos motivos. O mapa detalha o palácio. O portal místico. Os cofres de tesouro. Queria ser perfeita para você, não importa o que você decidisse. — Uma pausa. Depois. — Você gostou?

O olhar dele voltou rapidamente para o dela, o fogo nas suas íris mais fortes.

— Eu *nunca* vou me separar de você. Ai de quem tentar tirá-la de mim.

Algo cobriu os olhos dela, e o coração dele falhou. Então, ela ronronou:

— Você me quer nua, Kaysar?

Ele esqueceu todos os pensamentos, menos um.

— Eu *preciso* de você nua, docinho.

Ele observou, hipnotizado, enquanto ela soltava o cabelo do penteado, as mechas escuras caindo no lugar. As coisas enlouquecedoras que ele sentia naquele momento… Ele quase cambaleou com o peso extraordinário delas.

— Me deixe dizer o que *eu* preciso — ofegou ela, os olhos sedutores. — Seu beijo. Seu toque em cada centímetro meu. Ame meu corpo de mil jeitos diferentes e me ajude a esquecer as horas que passamos separados antes e as horas que vamos passar separados depois. Me dê tudo o que você prometeu. Não contenha nada.

Depois? O cheiro adocicado como mel do desejo dela lacerou seu controle, e ele ignorou o presságio.

— Tudo. Nada — coaxou ele. Ela consumira seus pensamentos por completo. — Mostre-me mais.

Ela tremeu um pouco ao soltar a peça superior, mostrando seus lindos seios e os mamilos rubi intumescidos. Um gemido prendeu na garganta dele.

— O resto. Deixe-me ver o resto. — *Senti tanta falta dela. Senti falta disto.* A doce troca. O senso de comunhão. A completa paz da paixão, todas as outras

facetas dele desligadas.

Ela arrastou a calcinha para baixo com um remexer dos quadris. O chute mais fofo jogou o material para longe. E então ela parou na frente dele, nua.

E ele pensara que ela estava orgulhosa mais cedo. Cabeça erguida, ombros para trás e aqueles seios empinados para seu deleite, esperando sua carícia.

— Vou brincar com seu corpo até você gritar para mim. — Ele ostentou. Para selar a promessa com um beijo, ele abaixou a cabeça e chupou um pico tenso, depois o outro.

O gemido de rendição dela ecoou enquanto enfiava os dedos no seu cabelo. Ele beijou um caminho subindo seu esterno. O comprimento de sua garganta. Empertigando-se, ele encontrou o olhar dela. Pupilas dilatadas, íris vidradas. Ele amava como ela o desejava rápida e intensamente.

— Vou marcar seu corpo até você nunca me esquecer — ela retrucou, convencida.

Percepção estalava no espaço entre eles, a atração mais forte do que nunca. Mas mesmo assim, ele se sentia como se ela estivesse escapulindo por entre seus dedos. Não. Ele não deixaria. Com um rosnado, ele segurou a bunda e a nuca dela ao mesmo tempo, forçando-a mais perto.

Cookie abriu a boca, encontrando com fervor a língua de Kaysar com a sua. Ela gemeu para demonstrar o prazer, assoberbada.

Ele diminuiu o ritmo do beijo, como se a reação dela tivesse acalmado algum tipo de besta feroz dentro dele. Rápido e desinibido se tornou lento e proposital, cada toque da sua língua um ataque sensual.

Possessivo. Primal. Impiedosamente… gentil? Para acalmá-la?

Ele não estava mais beijando-a. Estava fazendo amor com sua boca. Seduzindo-a até que não tivesse mais ar nos pulmões. Até que não pudesse sobreviver sem ele e não quisesse tentar.

Com um movimento executado com habilidade, ele chutou os pés dela para

afastá-los e inseriu o joelho entre suas coxas. Couro roçou no seu clitóris dolorido, e ela gritou com a pontada intensa de euforia.

Arfando um pouco, ele ergueu a cabeça e pressionou a testa quente contra a dela.

— Você é preciosa para mim. Diga-me que sabe disso. Diga-me que sabe que morreria livremente por você.

— Eu sei. — Ela sabia mesmo. Mas ela preferiria que ele *vivesse* por ela. — Você é precioso para mim também. Eu amo você. Cem por cento.

Com olhos cor de whisky suaves, mas determinados, falou com uma voz rouca:

— Você me ama?

— Muito. — As pernas dela oscilaram, quase fracas demais para segurar seu corpo ereto. Ela apoiou quase todo seu peso na perna de Kaysar. *Tão bom, mas preciso de mais.* Cookie… se moveu. Sim! Ela ondulou contra ele, cavalgando sua coxa. A fricção aumentou. — É tão bom, baby.

As pálpebras dele semicerraram com o apelido carinhoso.

— Você quer mais de mim?

— Quero você *todo.*

As tatuagens no peito dele chamaram sua atenção. Humm. *Vou lambê-lo ali. Ali. Em todos os lugares.*

— O jeito que você olha para mim. — As mãos calejadas dele a esfregaram na sua perna, arrancando um suspiro dela.

Gemendo, ele pressionou a boca contra a dela. O primeiro avanço da sua língua quase a desfez. Ele deu lambidas ousadas, desmantelando seu controle, e ah, o gosto dele ficava cada vez melhor, cada nota mais doce. Ela estremeceu, e sua excitação aumentou, e ela lutou para recuperar o fôlego. Como ela ardia.

Cookie arrancou as roupas dele. Quando ele ficou parado nu em sua frente, ela envolveu a base de seu pênis com os dedos.

Ele a ergueu e a deitou sobre o colchão. O beijo ficou mais intenso conforme ele apoiava os punhos ao lado de suas têmporas. Depois, ele ergueu a cabeça,

revelando olhos selvagens e lábios inchados.

— Eu também a amo — falou, rouco.

As palavras foram como um choque no coração dela, fazendo o órgão adquirir um ritmo errático. Ele a amava, e ela se encheu de alegria. Ela também lutou contra a vontade de chorar. Ele a amava, ela sabia que era verdade, mas ele não a amava o suficiente.

A mente dela se escondeu dos pensamentos do dia seguinte. Eles tinham aquela noite, e ela aproveitaria cada segundo.

— Kaysar — ofegou enquanto ele acomodava seu peso delicioso sobre ela. Ele apalpou os seios dela e beliscou os mamilos do jeito que ela amava, prazer e pressão se combinando várias e várias vezes.

Durante minutos e horas e dias e semanas e apenas meio segundo, ele venerou o corpo dela, beijando e lambendo e apalpando e marcando cada parte dela. O toque dele era carinhoso e áspero e brutal e gentil, e ela adorava. Ela o desejava, todos os seus lados igualmente. E ainda assim, em questão de horas, ela se despediria dele.

Um som estrangulado saiu dos dois quando ele enfiou um dedo dentro dela. Indefesa contra o bombardeio de sensações, ela se arqueou e o segurou, prendendo-se a ele. Desesperada.

— Kaysar. Amor. Me dê mais.

— As coisas que você me faz sentir — ofegou ele, estimulando-a. A expressão dele era agonizada, seu desejo de gozar quase tanto feroz quando o dela. Tendões tensionaram e se protraíram.

A cabeça do pau dele roçou na perna dela, deixando um rastro de calor úmido, e ela estremeceu. Sem vergonha, ela se contorceu sob ele.

— Mais. — Um comando. Uma súplica.

— Isso é o bastante para minha docinho? — Ele acrescentou outro dedo e ela gemeu.

— Mais. — Ela enlouqueceu quando o polegar dele circulou seu clitóris. — Estou tão perto. — Ali. Bem ali. Ali, ali, ali.

— Minhas mais insinceras desculpas pelo que está prestes a acontecer, majestade. — O rei diabólico afastou o polegar. E os dedos. Argh! Conforme ela batia os punhos nos seus ombros, ele sorriu com deleite selvagem e malicioso. — Você não recebe seu prazer até eu ter meus gritos.

Insensatez frenética a provocava.

— Me faça gozar, Kaysar. Eu preciso disso. Só um? Um pequenininho? Prometo que vou gritar muito alto.

Ele segurou o rosto dela com as mãos em formato de concha, passando o polegar úmido sobre seu lábio inferior.

— Você não poderia ser mais preciosa. — Apesar de usar um tom de persuasão, ele parecia longe de estar relaxado, suor molhando sua testa e escorrendo das suas têmporas.

— Talvez você só vá gritar quando gozar — ponderou Kaysar. Ele lambeu o desejo que colocara na boca dela, e moveu os quadris, esfregando seu pau duro contra o núcleo dela. — Talvez eu continue seu tormento a noite toda.

Ela suspirou-gemeu.

— Quero você dentro de mim, agora. Por favor, amor. Por favor. Preciso de você. Estou sofrendo tanto.

— Tudo bem, docinho. Vamos aliviar seu sofrimento. — Prendendo o olhar dela, ele finalmente, finalmente pressionou o polegar contra seu clitóris outra vez e colocou um – dois – dedos dentro dela. — Mas docinho? Temo que não seja o bastante.

Alívio partiu seus lábios. Preenchida mais uma vez.

Ele estocou os dedos e os puxou. Dentro. Fora. Tesourando. Alargando. Cookie arqueou as costas e gemeu quando um orgasmo poderoso passou por ela, suas paredes internas o apertando. Uma avalanche de calor e prazer a tomou, ganhando velocidade. Mas ele estava certo, não era o bastante. A necessidade dela simplesmente era grande demais.

— Quero mais. — Ela soava drogada para ele? — Eu sei que não gritei, mas me deixe mostrar o quanto eu te amo. Isso não seria bom?

— Eu vou mostrar para *você o quanto a amo.* — Ele a virou de quatro. Erguendo-se atrás dela, ele a persuadiu a colocar o rosto no travesseiro, forçando seu bumbum mais alto. Com uma mão, ele segurou o quadril dela. Com a outra, ele massageou a cabeça do pau contra seu clitóris inchado. — Vou tão fundo que você vai me sentir em todas as partes do seu corpo.

— Sim! — O coração dela batia forte enquanto seu peito apertava. — Vá fundo.

— Você vai me aceitar, não vai? — Tensão transformou as palavras dele em estilhaços de vidro. Massageando… — Minha bela está encharcada.

E quase levitando!

— Kaysar!

Sem permitir mais delongas, ele encaixou a ereção na entrada dela e estocou, preenchendo-a com um movimento forte.

Êxtase… surgiu. Outro orgasmo a consumiu, arrancando outro gemido dela. O prazer! A euforia e o êxtase. Continuando e continuando e seguindo e não parando. Mas ainda assim ela desejava mais.

Inclinando-se para a frente, ele colocou um punho no colchão e apoiou o peso ali, estocando nela.

— Vou estar dentro de você todos os dias. Todas as noites pelo resto das nossas vidas.

As palavras dele a deixaram louca. Com o braço livre, ele esticou ao seu redor para apertar o clitóris entre dois dedos. Ao estocar nela, ele esfregou aquele montinho de nervos, levando o desejo dela às alturas.

Ela esticou um braço para a frente, batendo a mão contra a cabeceira da cama, desesperada para se segurar em alguma coisa antes que a onda a afogasse. Prazer demais, ou não o suficiente? Demais em excesso. E, e, e… tão bom, tão bom, tão bom.

— Mais, Kaysar.

Quando suas paredes internas contraíram em volta do pênis dele, Kaysar enrolou o cabelo dela em uma mão, empunhando. Com a outra mão, ele segurou

sua cintura e a puxou para trás enquanto estocava. A cama inteira chacoalhou. O palácio inteiro poderia estar tremendo.

Kaysar a tinha presa no colchão, o corpo sob seu completo controle. A força de cada estocada vibrava por todo corpo dela, sensibilizando terminações nervosas já sensíveis até que tudo agia como um estimulante. Lençóis frios, toque quente. A doce névoa de satisfação, luxúria e amor. A música dos gemidos deles e respirações ofegantes se misturando.

Ele pressionou uma mão no meio das costas dela, empurrando até que seus mamilos intumescidos roçassem nos lençóis com cada penetração. Arfando e gemendo, ela virou a cabeça e viu o reflexo dele no espelho do outro lado do quarto.

O rei homicida, perturbado e tatuado a possuía sem reservas. Músculos proeminentes flexionavam. Veias inchavam. Suor brilhava conforme ele movia os quadris várias e várias vezes. Algum dia ela viu algo mais sensual?

Ele virou a cabeça, e encontraram os olhares nos reflexos. E assim, o ápice dela atingiu um novo crescendo, e um grito saiu.

Kaysar jogou a cabeça para trás, urrando ao gozar.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Kaysar amou Chantel durante horas. Sua mulher o deixava insaciável.

Entre os acessos de fervor sexual e exploração calma, eles sussurravam no escuro acerca de tudo e de nada. Ele absorveu conhecimento sobre ela, incapaz de aprender rápido o suficiente.

Ele a chamara de “minha preciosa” e ela dera risada com deleite, dizendo:

— Sou sua preciosa? Bom, acho que isso faz de você *Gollum* e de mim um anel poderoso, então sim, sou sua preciosa. Nunca me chame de qualquer outra coisa.

Uma tempestade furiosa caía do lado de fora, irrompendo pelas portas abertas da varanda. Cortinas de voal brancas levantavam-se enquanto orvalho acariciava a pele dele.

Pela primeira vez em toda sua existência, ele sentiu contentamento completo. Uma sensação tão valiosa quanto fora ilusiva. Satisfação pegara os fardos que ele carregara por tanto tempo e os removeu de seus ombros. Ele se sentia mais leve do que jamais esperara ou tinha sonhado ser possível.

Ele e a sua rainha deitavam lado a lado, curvados juntos. Fadiga o incomodava, mas ele se recusava a dormir. Ele não queria que aquele momento terminasse. Por que iria? Ele tinha sua parceira, e eles seriam uma família. As pessoas que ela amava o adorariam – ele garantiria isso, sempre os paparicando e protegendo.

Tudo estava realmente bem. Mas a palavra *família* continuava a ecoar em sua cabeça. Um problema o cutucava. Por um momento, ele imaginou versões pequenas de Chantel correndo por aí, fazendo qualquer coisa que desejassem. Um sorriso inesperado desabrochou, anseio incrível quase o partindo em dois. Ele poderia cantar cantigas de ninar para os queridinhos todas as noites.

Exceto que as crianças dela pertenciam aos Frostlines. A não ser que ele trocasse a vingança de Viori por uma família que ele não merecia. Balançou a cabeça. Ele não podia, não podia, não podia.

— Kaysar? — perguntou Chantel na escuridão iluminada por velas, sem dúvida sentindo sua mudança de humor.

Indisposto a sacrificar a perfeição desse tempo com ela, ele se apressou para se distrair.

— Sua *glamara* recarregou? — Ela era capaz de abrir portais outra vez?

— Ainda não. Eu acho… bom, acho que está ligada as minhas emoções. Quando estou feliz, meus poderes aumentam rápido. Quando estou furiosa, tenho rajadas temporárias de poder. Quando… não estou feliz ou furiosa, regrido.

Culpa o queimou. Os poderes dela enfraqueceram antes do julgamento. Por causa de Kaysar. O quanto ele a fizera infeliz ultimamente? Ele precisava aprender mais sobre Chantel, para que ele a pudesse fazer feliz, não importava o que a situação exigisse.

— Conte-me sobre seus pais. — Ele afastou uma mecha de cabelo da bochecha dela. — Um dia você me contou que não desejava reviver a infância na sua vida adulta. Você me contaria como foi sua infância.

— Meus pais se divorciaram… hum, separaram, e é o que planejo fazer com Jareth PSI. Quero dizer, para sua informação. De qualquer maneira, minha mãe e meu pai se casaram com outras pessoas quando eu era jovem. Eles começaram novas famílias e pareceram se esquecer de mim. Fui passada entre elas por um tempo, mas nunca me encaixei bem com nenhuma.

O sorriso triste dela fez o peito dele doer.

— Não vou lhe deixar outra vez — garantiu. — De agora em diante, vamos dar cada golpe contra os Frostlines juntos. — Como *qualquer um* ousa não focar todos seus momentos acordados e dormindo naquela mulher. — Deveria saber que você havia se criado.

— Eu… sim. Suponho que tenha feito isso. — Ela se aconchegou mais perto.

— Mas por que você deveria saber?

— Porque você faz tudo muito bem.

O sorriso dela voltou, mas ainda tinha um toque de tristeza.

— E os seus pais?

— Eles eram fazendeiros de pétala de pixie nas Terras Estivais. Trabalhadores árduos que sobreviviam em vez de prosperarem, e ainda assim eram felizes.

— Então o rei mais temido do reino teve começos humildes, humm, o fazendo ainda mais impressionante do que eu acreditei antes. — Ela deu uma risadinha rouca com a expressão orgulhosa que ele não conseguia tirar do rosto. — O que são pétalas de pixie?

— Flores especiais que florescem onde pixies fazem ninhos, usadas como remédio para os fae. — Kaysar traçou uma linha borrada de mapa ao longo do braço dela. — Meus pais morreram de uma praga quando eu tinha doze anos. Viori era uma criança tão jovial antes disso. Mas ela se culpou pelas mortes deles. A voz dela… Era como a minha. Poderosa. Convincente. Ela esperava salvar nossos pais da doença, mas usou o tom errado e eles deterioraram rápido.

— Tom importa mesmo desse tanto?

— Tom é tudo. O mensageiro responsável por carregar a compulsão.

— Queria ter conhecido Viori. Mas. Hum. Falando nisso. — Chantel mordiscou o lábio inferior. — Preciso confessar uma coisa.

Ele ficou imóvel, não ousando respirar.

— Você se lembrou mais de Jareth?

— Não, nada desse tipo.

— Diga-me. O que for. — O suspense era mais do que ele podia aguentar.

— Mais cedo, Amber me mostrou uma coisa — disse ela. — Duas coisas, na verdade. O dia que você perdeu Viori, e o dia que você matou o príncipe Lark.

Ah.

— Que bom. — Kaysar não tinha segredos dela. — Matei o príncipe Lark rápido demais. A morte dele foi muito fácil. Não vou cometer o mesmo erro com

Hador. Ele vai sofrer por mais alguns séculos.

Chantel arranhou a sombra de sua barba de leve.

— E se sua irmã estiver vivendo uma vida incrível? E se ela estiver casada com um milhão de filhos? Alguém maravilhoso pode ter encontrado ela na floresta e a protegido, do jeito que você me encontrou e protegeu.

Ah, como ele desejava. Mas…

— Por que ela não me procurou? Por que Olho não pode vê-la?

Ela pensou por um momento, suspirou.

— Tudo bem. Vamos passar pelo pior cenário. Viori pode ter sido descoberta por uma pessoa terrível. Ela pode ter sofrido e morrido naquela floresta.

Ele fechou os olhos bem apertados, uma lágrima quente escapando.

A sua linda Chantel não havia terminado. Ela limpou a gota com um dedo trêmulo, dizendo:

— Você pode nunca saber a verdade do que aconteceu. Pelo resto da eternidade, você vai ter que viver com o sofrimento. É horrível, não é justo, mas é sua realidade, e não tem nada que você possa fazer para mudar isso. Apesar disso, seus dias mais incríveis esperam por você, se deixar.

As pálpebras dele se abriram. Ele estremeceu com a próxima respiração, agonizado… mas reconfortado?

— Se eu por fim, matar Hador, você quer dizer?

— Sim.

Pânico familiar. A umidade na sua boca secando. Ele moveu rápido os olhos enquanto tinha dificuldades para respirar.

— Não posso — coaxou. — Não peça isso para mim. — *Não estou pronto para me despedir.*

Outro sorriso triste, a luz nos olhos dela morrendo.

— Não vou, amor. Eu disse que não pediria por isso, e falei sério. Nunca vou. Não agora, nem nunca.

O arrependimento dele persistiu e o presságio ressurgiu, mas Chantel e seu conforto ganhou foco dele. Pouco a pouco, seus músculos relaxaram.

— Imagine que sua vingança foi satisfeita — falou ela, acariciando o peito dele. Em específico a tatuagem contraceptiva. — O que você vai fazer consigo mesmo?

Anseio voltou, devastando-o.

— Vou ter filhos com você. Se você os quiser. Poderíamos ser uma família então.

A respiração dela entrecortou.

— Ah, Kaysar. — Soluçando, ela se jogou no corpo dele e o empurrou de costas. Ela o cobriu enquanto tremores a balançavam. Lágrimas quentes ensoparam rápido seu peito.

Uma revolta irrompeu dentro dele. Seu coração acelerou, o estômago revirando e revirando outra vez.

— Chantel? O que é isso?

— Eu amo tanto você, e lhe darei a vida mais incrível. — Ela o apertou firme antes de relaxar contra ele. — Apenas me abrace, tudo bem? Não estou pronta para este momento terminar.

Isso, ele entendeu. Kaysar a envolveu na força de seus braços. No silêncio, suas pálpebras ficaram pesadas. Ele lutou para permanecer acordado, mas aquele contentamento maravilhoso estava se espalhando por ele outra vez, indo mais fundo.

Quando ele percebeu que o coração dela batia no mesmo ritmo que o seu, perdeu a batalha.

— Amanhã é o começo de uma vida longa e feliz para você — disse ela, baixinho. A voz dela clamava por ele. — Agora durma.

— Por você, qualquer coisa — respondeu, as palavras arrastadas. Conforme Kaysar por fim caía no abismo, ele sorriu.

* * *

Vou libertá-lo.

Cookie roubou cinco minutos para si. Trezentos segundos para saborear a

força e o calor de Kaysar. Porque ela sabia. Quando amanhecesse, seu amor por ela se transformaria em ódio. Um fato que ela havia aceitado. Melhor seu ódio do que seu sofrimento contínuo.

Kaysar ansiava por uma família própria, mas não poderia tê-la enquanto Hador vivesse, e não iria querer uma com Cookie depois que ela fizesse o que planejava. Ou talvez iria? Ela não sabia, mas suspeitava que… não.

De qualquer jeito, ela mataria Hador hoje. Por Kaysar.

Ele não seria mais acorrentado ao passado e sua busca interminável por vingança. Ele poderia criar sua família com outra mulher. Ele poderia ser feliz. O presente de Cookie para ele. Ela o amava esse tanto.

Novas lágrimas surgiram, mas ela piscou para afastá-las. Ela precisava ser forte. Ele *ansiava* um fim para o seu tormento, e ela poderia dar isso a ele. Facilmente. O único custo – sua própria felicidade. Seu futuro. Ele *iria* odiá-la, pelo menos por um tempo. Mas ainda assim, ele precisava que ela fizesse isso. Bem no fundo, ele devia esperar que ela resolvesse o problema. Então ela iria.

Lutando contra mais uma onda de lágrimas, Cookie por fim se soltou de Kaysar. Nua, ela foi até o closet, acompanhada por flashes de raios e o tamborilar de chuva.

Kaysar continuou a dormir.

Ela olhou para o vestido que evitara desde sua aparição no seu closet. O branco com os ângulos afiados. Uma arma que Kaysar havia lhe dado de presente. Um jeito de ajudar com essa missão, como uma parte dele deve ter sabido. Não um acessório de casamento, afinal, mas uma supervilã. A assassina impiedosa disposta a fazer *qualquer coisa* para vingar os pequenos Kaysar e Viori.

O material se ajustou ao corpo de Cookie, aderindo a cada curva como se tivesse sido pintado ali. As barras afiadas em volta do pescoço, ombros e pulsos combinavam com seu temperamento atual. Mangas com fendas proviam vislumbres de seus braços ao se mover. Várias fendas na saia faziam o mesmo pelas pernas. A barra se acumulava aos seus pés, lembrando-a de uma rajada de

neve.

Uma geada densa cobriu seu âmago, deixando-a fria como gelo – mortal – das melhores maneiras possíveis. Ela prendeu o cabelo em tranças de guerra. Satisfeita com a aparência, ela pegou a elderseed que colhera da planta de vaso e a guardou no bolso. Depois de usar o *flitter* para a sala do trono, ela coletou o sangue do rei Invernal, armazenado dentro de um espinho.

Jareth dormia no palanque, mas acordou antes que ela pudesse escapulir. Ele se sentou e a analisou dos pés à cabeça. Compreensão surgiu e ele assobiou.

— Você é a mulher que ele precisa, mas depois desta noite, pode não ser a que ele quer.

— Me diga algo que não sei. — Cookie ergueu o queixo. — Quando voltar, vou libertá-lo da sua prisão. — Ela não pediria –apenas faria.

— Não sei se desejo ir — admitiu ele.

Pronta para encontrar e destruir Hador, ela usou o *flitter* para o corredor de tesouros. Ao passar pelo espelho elaborado, algo estranho aconteceu com o vidro, e ela desacelerou. Parou. Ondulações borravam seu reflexo, deixando-a eriçada. Ela preparou as garras.

As ondulações pararam, a imagem de Micah enchendo o espelho, encarando-a de volta.

— Olá, Chantel.

Longe de estar relaxada, ela assentiu.

— Micah. — Ele era mais bonito de perto, áspero e com uma profunda intensidade escondida que ela não vira antes. Mas até aí, na presença de Kaysar, todos os homens empalideciam em comparação. — Que gentil de você visitar.

Ele inclinou a cabeça bonita para o lado, estudando-a dos pés à cabeça. Sua expressão revelava um total de zero pensamentos.

— Você vai matar o rei Hador. — Uma afirmação seca no lugar de uma pergunta chocada.

Por que negar?

— Vou. — Ela arqueou uma sobrancelha. — Está planejando me impedir?

— Não estou.

— Por que me interromper então?

— O rei Invernal a espera. Ele espera no nosso antigo acampamento com uma centena de fae armados o cercando, cada um pronto para morrer para protegê-lo e executá-la.

Suspeita foi criada.

— E você está me dizendo por que…?

— Se você for bem-sucedida e Hador morrer, como ele merece, então você se torna a maior inimiga de Kaysar.

Ahhh. Homem esperto. Micah duvidada de sua habilidade de ganhar contra ela *e* Kaysar. O time dos sonhos. Mas uma vez que Kaysar e Cookie ficassem de lados opostos, o foco dividido, as chances de Micah de retomar às Terras Crepusculares decolariam.

— Todos em Astaria sabem que a pessoa que matar o rei da Corte Invernal toma o seu lugar na mente de Kaysar — falou. — Você vai se tornar um alvo para a fúria do Desequilibrado.

— Estou disposta a arriscar. — Por Kaysar? Qualquer coisa. — Você e eu teremos nosso encontro final, Micah. — Ele não pararia, mas ela também não. — Fique ciente. Não vou deixar o palácio fora de um saco de cadáveres.

— Confie em mim, *princesa*. Vou *garantir* que você deixe o palácio em um saco de cadáveres. — Ele fez a ameaça com um movimento de ombros e ela sorriu com deleite frio.

— E ele fala besteira, também. — Ela passou o olhar por ele. — Você está solteiro e talvez interessado em uma velhota com uma quilometragem extra no rosto e um maravilhoso senso de humor? — Pearl Jean poderia esquecer todas as suas doenças se tiver um homem para si. — Não, não. Não responda isso. A não ser que, de fato, goste de velhotas?

Piscada, piscada.

— Você é sempre assim?

— Você quer dizer uma pessoa determinada e motivada que faz o que

precisar para terminar o serviço? Sim. Obrigada por perceber.

Ele franziu o cenho, mas disse:

— Enquanto você batalha com Hador, não vou atacar você, a fortaleza ou Kaysar. Você tem minha palavra. Antes que me diga que a oferta não é necessária, permita-me mostrar-lhe por que é.

A imagem dele desapareceu, trocada por outra. Em um vale, entre montanhas, milhares e milhares de trolls estavam parados em formação, tão imóveis quanto as estátuas que ela havia colocado na sala do trono. Esperando um comando do seu mestre, rei Micah?

A maioria dos trolls passava de dois metros de altura, apesar de muitos serem bem mais altos. Alguns tinham chifres, outros presas. Todos, músculos em cima de músculos.

Cookie decidiu bem ali conseguir um exército para si. Homens e mulheres de qualquer corte, de qualquer espécie, dispostos a jurar lealdade a ela e lutar pelo seu reino e causas.

A imagem de Micah reapareceu, apagando os trolls. Ele deu um sorriso presunçoso a ela.

— Os guardas cercando o rei Hador têm recipientes com seiva pegajosa. Eles têm ordens de cobri-la no momento que for vista.

Urgh. Ela lembrava da seiva pegajosa. O sangue da árvore assassina. A substância que supostamente era uma mistura de areia movediça e supercola.

— Se encharcada nela, suas videiras vão parar de crescer, te prendendo no lugar — explicou. — Preferia não ter seu foco dividido ainda.

Ela pressionou a língua no céu da boca. O rei tinha truques. Bom saber.

A missão dela era um pouco mais complicada agora, mas mudar de ideia? Não. Ela precisaria ser mais cuidadosa, era tudo.

— Mais alguma dica para mim? — perguntou, pronta para andar logo com aquilo.

Para surpresa dela, ele assentiu.

— Evite contato com Hador. Ele é um drenador, e sua *glamara* ficou mais

poderosa ao longo dos séculos. Com um roçar de dedos, ele pode roubar energia que você não está disposta a conceder.

Outra complicação, mas ainda não era um impedimento. Uma característica de Cookie? Ela não temia mais obstáculos. Ela não tinha medo de morrer por sua causa. Não, ela abraçava a oportunidade. Um sacrifício digno para punir quem errara com Kaysar.

— Obrigada pela ajuda, Micah. Não vai salvar sua vida se atacar, mas é muito apreciada. — Em outra vida, poderiam ter sido amigos.

Ele inclinou a cabeça ligeiramente.

— Mate-o bem, princesa Chantel.

— É rainha Chantel. E ele pode ser considerado morto.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Cookie apertou o espinho que recuperara da videira, pingando o sangue do rei Hador no recipiente da luneta. Quando ela olhou pela ocular, viu o monarca perto do antigo acampamento, exatamente como Micah avisara. Uma centena de soldados o cercavam, esperando sua chegada. Homens que paravam no caminho da felicidade de Kaysar.

Tendas estavam espalhadas pela área atrás deles, outros guardas se escondendo nelas, sem dúvida.

Ela alisou o vestido e inalou. Era isso. O dia que ela cortava o elo de Kaysar com o passado. Sem a necessidade de punir Hador, o sonho de paz e família dele tinha uma chance de se realizar.

Kaysar poderia começar a se curar.

Conforme se deitavam juntos, ela sentira seu anseio profundo por abrir mão da vingança. Ela sabia que ele apenas precisava de ajuda.

Com uma mão firme, Cookie colocou a *elderseed* na língua. Mastigou. Engoliu.

Batida do coração…

Batida do coração…

Explosão do coração. Poder explodiu dentro dela, tão quente quanto ela estava fria. Garras de espinho se prepararam, ela usou *flitter* para um lugar perto do acampamento. Ela estava com os minutos contados agora, e não seria capaz de piscar direto para casa. Ela precisava voltar para o castelo antes de desmaiar.

O crepúsculo prevalecia, apenas finas fatias de luz lunar penetravam o véu sombrio. Pelo menos a chuva forte havia se transformado em uma névoa fina. Congelante, mas perfeita para sua personalidade.

Ela não tentou se esconder dos soldados ou se esgueirar pelo batalhão,

matando sob o manto da escuridão. Querendo que Hador testemunhasse cada ato atroz que ela cometia contra ele e aqueles que escolhiam seguir suas ordens, ela pisou na faixa de luz mais brilhante.

A primeira fileira a viu – os homens segurando recipientes de seiva pegajosa. Gritos e comandos ecoaram.

— Ela está aqui.

— Posições!

— Ataquem ao meu sinal. — Guardas obedeceram, movendo-se para prepararem-se.

— Que gentil de vocês se juntarem para seu próprio massacre — gritou para todos. — Economiza tanto tempo.

— Não tem necessidade de batalha esta noite — gritou o rei do meio dos mercenários. — Kaysar lhe disse para me deixar ir.

— E eu deixei. O caso dele está resolvido. O meu, não. — A voz dela ficou mais firme. — Você matou meu relacionamento com o homem que amo. Agora, você morre.

Cookie movimentou as mãos, arremessando uma saraivada de espinhos das pontas dos dedos. A *elderseed* aumentou o poder dos mísseis, produzindo o dobro da quantidade com o dobro da velocidade. Uma fileira de homens grunhiu conforme os espinhos rasgavam seus corpos; eles soltaram armas e recipientes ao apertarem os ferimentos e caírem. Seiva pegajosa derramou, cobrindo o chão para criar poças perigosas.

Outros soldados atacaram com flechas e lanças, mas ela chamou videiras da terra, bloqueando-as. A parede de hastes absorveu o ataque, as pontadas mal registrando.

Passos bateram firme no chão. Muitos deles. Inimigos correram para cercá-la.

Conforme avançava, contornando as hastes, ela convocou outras trepadeiras – no meio do exército assim como das tendas. Gritos encheram o ar, e o chão tremeu, as trepadeiras avançavam e pegavam e esmagavam qualquer um no

caminho. Os soldados que conseguiram evitar captura caíam com os tremores ou atiravam mais flechas e lanças nas trepadeiras. Quando ela escalou para o lado oposto da parede enrolada – sobre as poças de seiva pegajosa – ela atirou mais espinhos. Alguns dos seus alvos caíram. Outros tentavam cortar as hastes, as pontadas leves aumentaram para dores agudas. E outros ainda espirravam seiva pegajosa nas folhas dela, impedindo o crescimento.

Movimento. Ela se virou… Hador pulava sobre corpos caídos para tocar uma trepadeira que não fora atingida pelo adesivo. A trepadeira inteira murchou e secou até virar cinzas antes que ela soltasse… enfraquecendo Cookie.

O aviso de Micah ecoou. *Um drenador.*

Ela soltou as trepadeiras que estavam no chão, também. Nada mais de enfraquecimento pelo toque do rei. Soldados que estavam pendurados caíram.

— Vou lhe drenar até a morte, mulher — urrou Hador. — Você nunca vai conseguir chegar até mim.

Ele fora incapaz de drená-la na sala do trono, porque ela o paralisara com veneno. Ela podia fazer isso outra vez.

Um murmurinho. Ela se virou. Vinte homens avançaram das árvores, brandindo recipientes de seiva pegajosa, arcos e espadas. Pensando rápido, ela mandou uma saraivada de espinhos – nos recipientes. A seiva densa vazou, parando os oponentes onde estavam, um após o outro.

— Argh. — Uma dor forte se espalhou por sua panturrilha, e ela olhou para baixo. Uma flecha protraía da sua perna.

Pontos pretos piscaram na sua visão quando arrancou o projétil. Apesar da dor, ela pulou e desviou de outras flechas que cortavam o ar. A cura veio rápida. Com as pontas dos dedos queimando, ela atirou mais espinhos, parando os soldados com arcos. Mas ela precisou criar novas trepadeiras para evitar uma procissão de lanças, permitindo que Hador a enfraquecesse ainda mais com apenas um toque.

Mesmo com joelhos instáveis, ela se endireitou e soltou uma fúria de espinhos no rei, ajudada pela *elderseed*. Ele se abaixou, evitando a maioria dos

mísseis com graça e velocidade surpreendentes para alguém do seu tamanho. Mas mesmo com sua agilidade e rapidez, ele não evitou o último, sua ponta envenenada rasgando seu torso.

Enquanto lutava contra a paralisia temporária, o pessoal dele correu para cercá-lo e protegê-lo. Pessoas que ela derrubava com espinhos, dois… três… cinco de uma vez. À volta deles, soldados tropeçavam sobre feridos ou mortos, caindo em poças aleatórias de seiva pegajosa.

— Por que você luta por ele? — falou Hador entredentes na escuridão. Ele deve ter percebido que seu time estava perdendo e seu número caindo rápido. — Kaysar não vai lhe agradecer por isso.

Não, ele não iria. Não até que encontrasse a felicidade e a perdoasse. Mas Cookie não se importou em responder ao rei enquanto dava cabo do que restava do seu exército.

Finalmente, Hador era o último homem de pé.

Eles se encararam, apenas seis metros de distância, cercados pelos mortos e moribundos, gotas de chuva caindo em um fluxo suave.

O rei ofegava com força e estava com as mãos fechadas em punhos.

— Acho que lhe matar vai me trazer grande alegria. Kaysar vai conhecer sofrimento, como eu conheci sofrimento.

A maior parte dos ferimentos dela já haviam se curado, mas tempo não era seu amigo. Ela deu um sorriso frio.

— No que diz respeito a últimas palavras, as suas são bem estúpidas.

Rosnando, ele arremessou uma adaga. Ela criou uma trepadeira, bloqueando. Ele esperara a ação e avançou, esticando a mão livre para tocar outra parte da trepadeira antes que ela interrompesse a conexão. Mais fraqueza para ela, mais força para ele.

Aquela força o empoderou. Deixou-o corajoso. *Ele* deu um sorriso frio e se aproximou. Percepção. Se ele colocasse as mãos nela ou nas trepadeiras, ela perderia a batalha, *elderseed* ou não.

Ou talvez não. Uma ideia criou raízes. Perigosa, mas valia o risco.

Por Kaysar.

Molhada pela névoa e com gotas de seiva espirradas nela, Cookie convocou uma trepadeira do solo, pegando o rei pelo tornozelo, e prendendo enquanto soltava mais espinhos.

Ele grunhiu conforme rios carmesins encharcavam sua túnica. De alguma forma, ele lutou contra o veneno e se abaixou, pegando a trepadeira para drenar mais um fio da força dela. O que *ela* esperava.

Deixe-o pensar que ganhou.

Ela correu…trotou… se arrastou mais perto dele. Água e fraqueza embaçando sua visão, mas Cookie continuou em frente. Ele não tentou pará-la. Ele a *queria* mais perto. Finalmente, a meros centímetros de distância, ela caiu de joelhos, como se estivesse esgotada.

Os olhares deles se encontraram e ele se animou. Ele pensou que a vencera. Presumia que a garota ofegante não tinha nada nas suas reservas. Que ele só precisava esticar a mão e matá-la.

Tolo.

— Kaysar acredita que seu sofrimento termina quando você morrer. — A afirmação foi alongada pelas respirações ofegantes. — Eu acredito que só está começando. Seja bonzinho e nos diga quem está certo. — Usando os resquícios da força que possuía, ela deu um golpe com o braço, arrastando as garras espinhentas pelas cordas vocais dele.

Ele soltou a trepadeira para segurar o pescoço aberto. Mas ele tirara tanto poder dela que se curou em segundos.

No momento que ele se recuperou, tentou tocá-la. Ela golpeou outra vez, arrastando os espinhos do seu esterno até o umbigo, deixando todo seu torso aberto desta vez. Depois, ela o unhou de novo. E de novo. E de novo.

Só quando ele parou de se mover ela parou para recuperar o fôlego e reavaliar. Ele estava deitado no chão, sangrando, os olhos arregalados, sangue borbulhando em sua boca.

Cookie se inclinou para pegar uma espada caída. Aquele homem havia

machucado o jovem Kaysar e provavelmente outros.

Os braços dela tremiam enquanto erguia a lâmina devagar. Com olhos vidrados, ele implorou por misericórdia.

— Se eu tivesse planejado poupá-lo, teria usado um vestido diferente. — Um único golpe foi eficiente, a cabeça dele separou do corpo. E assim, a vitória pertencia a Cookie.

Arfando, coração batendo como um tambor de guerra, com todos os músculos em chamas. Para melhor ou pior, o abusador de Kaysar estava morto.

— Chantel?

Um assobio de vento mais robusto mascarou sua inalação de surpresa. Relâmpago piscou enquanto ela erguia o olhar. Kaysar estava parado em cima de uma pilha de corpos, seu cabelo escuro se movendo ao redor de uma expressão de descrédito.

— O que você fez? — coaxou ele. Balançou a cabeça. Como se para limpar o campo de visão. — Diga-me que você não fez essa coisa terrível. *Diga-me que você não fez isso, Chantel.*

Ela permaneceu agachada, tremendo. Porque ela sabia o que estava por vir. O confronto inevitável. Cookie pensou que havia se preparado para isso. Mas como você se preparava para partir o coração do seu amor? Para ter o próprio despedaçado em retorno? Ainda assim, ela não conseguia se arrepender de suas ações. Kaysar merecia o futuro que suas ações possibilitariam, mesmo que ela se condenasse no processo.

— Responda. — Sua exigência soou mais como o último ganido de um animal ferido, tornando-se uma súplica para contestar o que seus olhos mostraram ser verdade.

Cookie lambeu os lábios ressecados e se esforçou para se levantar.

— Matei o rei da Corte Invernal. O último Frostline responsável pelo seu sofrimento.

Ele empalideceu, mas não disse nada.

Ela estendeu as mãos para ele em uma súplica silenciosa por compreensão.

— Eu dei a você uma chance para viver de novo. Um começo real. O primeiro que você teve.

Os olhos dele semicerraram, seus ombros largos vibrando. Ele ignorou o pedido dela por conexão, agindo como se os braços que ela esticava na direção dele fossem invisíveis.

— Você não me deu nada. Você roubou. Você me roubou da minha única conexão com a vida.

A amargura na voz dele fez gotas de suor irromperem na testa dela. Seu estômago embrulhou, e por um momento, ela batalhou com dúvida incansável. Mas, ela fizera a coisa certa, né?

— Fiz isso por você — ela sussurrou, as mãos caindo aos seus lados.

Um homem possuído, ele apontou uma garra na direção dela.

— Você fez isso por *você*. Você me *traiu*, para que eu não tivesse mais motivos para deixá-la.

— Eu nunca o traí. — Ela deu um passo para trás. — Mas você *já* me deixou, Kaysar, mesmo quando estava comigo.

Ela esperara sua raiva, mas não a finalidade calma do seu tom. E isso a assustava mais do que trolls fantasmas, ou centauros, ou qualquer variedade de seres realmente assustadores que encontrara desde que passou pelo portal para aquela terra. Para ele. Aquele rei que ela adorava.

O homem que ela estava perdendo.

Os ombros dela relaxaram, os olhos queimando.

— Eu amei você do melhor jeito que sabia, Kaysar.

Por fim, ele se aproximou, um completo predador. O predador que ela nunca encarara antes – o que tantos outros temiam.

— Você planejou isso — sibilou ele. — Mesmo enquanto me dava prazer, planejou isso.

— Sim. — Ela empinou o queixo, impenitente quando se lembrou por que tinha seguido aquele caminho. Impenitente, mas partida. As gotas frias de chuva se misturaram com as lágrimas quentes. — Sua obsessão estava destruindo você

de dentro para fora. Agora você pode se curar.

— Eu não quero me curar! E não quero você aqui, na minha terra, respirando meu ar. — Ele avançou. Segurou-a pela nuca e arrastou pelo acampamento. Ela lutou para acompanhar.

— Você vai se curar, Kaysar — disse ela—, você vai se curar, e vai se arrepender disso.

— Cale a boca. Nem mais uma palavra.

Quando ela tropeçou e caiu, ele a colocou em pé e continuou.

— Apenas me escute. Você havia conectado o sofrimento do rei a sua irmã. Você não está bravo comigo. — Talvez? — Você está lamentando a conexão que pensa que perdeu. — O próprio motivo pelo qual ele poderia nunca perdoar Cookie, mesmo depois que se curasse. Apesar de parte dele ter ansiado por esse mesmo resultado.

Os passos dele pararam, e ela tropeçou nele, quicando para trás. Ele se virou para olhar para ela com malícia pura.

— Eu lhe garanto, minha raiva por você é bem real.

Cookie tentou outra vez, segurando sua bochecha, mas ele recuou para longe do seu toque. Ela soltou o braço ao seu lado.

— Agora, pelo menos, você não pensa em Hador quando pensa na sua irmã. Você pode lembrar da garotinha que o seguia por todos os lugares enquanto segurava sua boneca bonita. Você pode sorrir. A paz é sua, você só precisa pegá-la.

Quando ele começou a andar no dobro da velocidade, arrastando-a atrás dele, o lábio inferior de Cookie tremeu. Ela perdera. Pela primeira vez desde descobrir seus poderes, ela se sentia completamente impotente.

Assim que a montanha apareceu na distância, Kaysar trouxe-a com um *flitter* para dentro do castelo deles. Para a sala com o portal permanente. Ele a segurou diante dele.

— Você vai deixar este reino, Chantel. Vai deixar, e nunca vai voltar. Deste momento em diante, *você* é meu inimigo.

O jeito que a voz dele oscilou… Ela esperava uma guerra unilateral com ele. Não previra banimento.

— Não faça isso, Kaysar. — Lágrimas se acumularam e escorreram. Ele não sabia que ela comera *elderseed*. Que logo ela desmaiaria, e estava amedrontada demais para dizê-lo. Amedrontada demais que ele faria isso mesmo assim, e isso, *ela* não poderia perdoar. — Astaria se tornou meu lar. Eu pertenço a este lugar.

— Eu. Não. Ligo. — Com isso, ele a empurrou pelo portal.

* * *

Cookie cambaleou pelo portal e caiu em uma área escura de floresta sem pixies ou videira venenosa. Fraqueza passou por ela, como se ela tivesse perdido o poder da *elderseed* assim que entrou no mundo mortal. Alimentada por um pico de adrenalina, ela se esforçou para se levantar.

Ela girou, esperando correr pelo portal…

— NÃO! — O portal sumiu.

Frio de gelar os ossos invadiu seus membros trêmulos. Lutando para permanecer de pé, ela olhou para esquerda, direita. Árvores e arbustos, nada mais.

A visão dela embaçou, obscurecida por mais lágrimas. O que ela faria?

Instintos de autopreservação entraram em ação. Encontrar abrigo enquanto ainda tinha a chance. Logo a *elderseed* roubaria sua consciência. Mas e se Kaysar mudasse de ideia? E se ele a perdoasse e fosse buscá-la? Ela deveria ficar ali. Talvez eles até se resolvessem e viveriam seu “felizes para sempre” *juntos*, afinal.

Ele lembraria que a amava. A qualquer minuto, ele poderia aparecer.

Vento frio uivou, transformando seu vestido ensopado em gelo. Os dentes dela bateram, e ela envolveu a cintura com os braços. Apesar de tentar, ela não conseguia criar folhas para se aquecer.

A qualquer minuto…

Ele era teimoso, então precisaria de um pouco de tempo para resolver as coisas na sua cabeça.

Mas ele não veio. Um nó cresceu na garganta dela, prendendo um soluço. Cookie cambaleou para a frente, reconhecendo a área, frenética. Nada importava mais do que sobrevivência. Ela encontraria abrigo. Ligaria para Pearl Jean. Descansaria. Choraria. Daí pra frente, as coisas ficavam confusas.

Alguma coisa pairava à frente, e o coração dela saltou em reconhecimento. Uma cabana. Apesar da beleza Vitoriana parecer familiar, ela sabia que nunca a visitara. Talvez Lulundria?

Alguém estava em casa? Bom senso gritava “Apenas bruxas que assam crianças em tortinhas vivem em cabanas assim”. O que significava que Cookie tinha uma maior chance de encontrar uma amiga. Finalmente. Algo que poderia sair a seu favor.

Apesar que a dona da cabana poderia dar uma olhada nela e pirar. Vestido branco rasgado. Manchada de sangue. Respingada de seiva. Galhos embaraçados nos seus cachos rosa e marrom.

Ela acelerou e não viu a pedra na sua frente. O ponta afiada cortou seu pé, a dor desacelerando seu ímpeto. Quando ela perdera os sapatos? Apesar da dor, ela não parou para respirar. Quando parasse de se mover, ela pararia de vez.

Ela deixou um rastro de sangue ao subir nos degraus da varanda e cambalear para bater na porta.

— Oi? Alguém? Qualquer um?

Nenhuma resposta.

Ela bateu com mais força, usando o resto da sua energia.

— Por favor.

Ainda sem resposta. Também não tinha nenhum movimento ou luz. Ela testou a maçaneta, surpresa quando virou com facilidade. Era óbvio que as chances de encontrar um assassino em série lá dentro haviam acabado de dobrar. Ela deu meia volta? Não.

Dobradiças rangeram ao empurrar a porta aberta, revelando um espaço

coberto de sombras.

— Olá?

Novamente, nenhum indício de vida.

Cookie tropeçou para dentro, a porta se fechando atrás dela. Ela tateou a parede por um interruptor. O que a cercava? Móveis normais? Uma câmara de tortura?

Ela trombou com alguma coisa, e uma dor forte explodiu em seu dedão. Náusea embrulhou seu estômago. Apesar de lutar para permanecer de pé, ela perdeu em tempo recorde e caiu no chão.

Uma nuvem preta a cercou, obscurecendo os pensamentos em sua cabeça.

Ela perdera Kaysar.

Se ele tivesse usado sua *glamara*, ali no final, ela poderia ser incapaz de retornar a Astaria.

Ela ainda o amava.

Ela poderia odiá-lo.

Ela…

Fim de jogo, Cookie.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Cookie acordou com um gemido, as pálpebras se abrindo. Sol da manhã a banhava, e ela piscou rápido para aliviar os olhos que ardiam e se enchiam de água. Conforme a visão focou, uma parede com forro de madeira entrou em foco, e ela franziu o cenho.

Isso não são as Terras Crepusculares.

Memórias vieram à tona. A morte de Hador. A reação de Kaysar. O portal e seu despejo forçado. O coração dela murchou, lembrando-a das videiras quando perdiam sua conexão com ela.

Ela passara a noite na cabana que descobriu? A cheia de sombras?

Ela tentou se levantar, mas o vestido se tornara duro e pinicava e agora preso no chão. Ótimo. Uma mecha de cabelo também ficou presa.

Apertando os dentes, ela lutou para se soltar. O vestido rasgou em alguns lugares, mas o material permaneceu aderido às tábuas de madeira. Seiva pegajosa estúpida.

Ela ficou deitada imóvel por um momento, a mente rodopiando com os próximos passos. Libertar-se, óbvio. Vasculhar o lugar. Limpar-se e correr para casa, para Pearl Jean e Sugars. O descanso forçado de Cookie – qualquer que tenha sido o tempo que passou – restaurara energia o bastante para produzir folhas. Elas já brotavam sob a superfície de sua pele. Ela poderia finalmente criar um portal?

Lágrimas arderam seus olhos enquanto usava os dentes para cortar o cabelo colado. Quando terminou com isso, ela se contorceu de milhões de maneiras diferentes, enfim escapulindo do vestido.

Depois de cobrir sua nudez com folhas, grata que a habilidade funcionava, ela estudou seus arredores. Móveis lindos, todos antiguidades, com decorações

femininas. Panos rendados e bonecas de porcelana estranhas. Um jogo de chá montado na mesa de centro, cada prato feito de cristal rosa, só com tons diferentes.

Curiosa, mas incerta, ela investigou o resto da cabana. Para seu alívio, ninguém se escondia nas sombras, e ela não encontrou evidência de câmeras. Também não encontrou nada de computadores ou TVs. Se alguém visitara o lugar, não limparam. Poeira cobria todas as superfícies. E mais, os armários estavam vazios.

Seus achados mais surpreendentes eram fotos emolduradas. Uma continha uma imagem da Angel Ashtower, a criadora do *A Névoa A. E.* As outras incluíam Lulundria, e três mulheres desconhecidas, todas com roupas mortais modernas. A princesa deve ter vindo aqui antes *e* depois de ser atingida por aquelas adagas de gelo. Mas quem eram as outras?

Segurando uma das molduras, ela subiu as escadas, esperando encontrar um quarto.

Sua procura rendeu uma boa recompensa. Uma suíte máster esperava além do último degrau, um quarto tão de solteirona quanto o resto da casa.

Um cobertor com babados e flores rosa cobria a cama. Um armário vasto provia uma seleção de vestidos. O mesmo tipo de vestido que Cookie usara em Astaria. Os olhos dela se encheram de água outra vez.

Uma túnica estava pendurada mais perto dela. Uma túnica que ela vira antes. Em uma visão. Quando Lulundria ferida fugira de Kaysar. As manchas de sangue haviam desaparecido, os rasgos consertados com amor com fio rosa e em formato de rosa.

Bom. Ali estava a confirmação. Lulundria *havia* ido ali para morrer. E ela se encontrara com alguém – ou vários alguéns – que consertaram a túnica. As mulheres das fotos?

Cookie tirou a vestimenta do cabide com uma mão trêmula. Esqueça a princesa. Nada importava mais do que retornar para Pearl Jean e Sugars.

O que era para ser um banho rápido se transformou em meia hora ao esfregar

a sujeira da batalha e cortar um pedaço do cabelo. Ela não se deixou pensar em Kaysar. Não no quanto ela o amava ou odiava ou sentia sua falta. Certamente não no jeito que a machucara. Ela também não se perguntou se ele a amava ou odiava ou sentia sua falta, e não ligava se ele já se arrependia do que fizera. Porque as respostas não tinham importância nenhuma. Não mais.

Me jogue fora uma vez, me perca para sempre.

Sob o jato de água que esfriava, dores remanescentes e pontadas desapareceram. Quando ela finalmente emergiu do box, quase se sentia como um modelo novinho em folha saindo da linha de produção. Quase. Ela se secou do jeito antigo e colocou a túnica, a barra chegando nos joelhos. Bom o bastante para uma viagem para casa. Agora ela precisava descobrir onde estava. Não, ela só precisava de um telefone.

Encontrando uma linha fixa na mesa de cabeceira, ela correu até lá e discou. Pura emoção a açoitava enquanto esperava os toques.

— Vamos, vamos.

Finalmente, sua melhor amiga atendeu, a voz nada além de um sussurro cansado.

— Alô?

Um soluço escapou.

— Pearl Jean? Sou eu. Cookie. Eu… estou de volta.

* * *

Sete dias depois do retorno de Cookie ao mundo mortal, ela descansava a cabeça no ombro da amiga, pronta para dar o próximo passo por sua vida. Elas estavam sentadas no quintal, reclinando em um balanço de sua própria criação, feito de trepadeiras e almofadado com folhas e pétalas de flores.

Depois de três dias a evitando, e três dias sibilando na sua cara, Sugars a perdoou por tê-lo deixado. Uns trinta e oito por cento, ao menos. No momento, ele perseguia um inseto por um jardim de rosas que havia surgido da noite pro dia, apesar do clima mais frio.

Acontece que o portal permanente no castelo das Terras Crepusculares levava direto a Oklahoma. A cabana ficava a menos de vinte quilômetros da casa de fazenda dela. Cookie encontrara um mapa – um nó cresceu em sua garganta, mas ela o engoliu. Ela conseguiu dar as direções exatas para Pearl Jean. Apenas quinze minutos depois, ela fora envolvida pelos braços da mulher, soluçando e contando cada desafio, sem deixar nada para trás.

— Sua habilidade de criar portais retornou, né? — perguntou Pearl Jean, o tom cuidadoso.

Não tinha motivo para negar.

— Sim. — Na noite anterior, ao deitar-se na sua cama, na sua casa, Cookie sentira a carga completa de sua glamara. Ela sabia que não teria problemas em abrir outro portal, e não precisava se perguntar por quê. Ela ganhou controle sobre suas emoções, ao perceber que sua felicidade não dependia de Kaysar, mas de si mesma.

Ela podia governar seu reino, ajudar seus súditos, amar suas amigas, e fazer tudo o que sempre sonhou – sem ele. Assim que ela o barrasse do coração, a dor desapareceria.

— Como você sabe? — perguntou ela.

— Sua atitude está muito melhor hoje. E antes que tenha a ideia errada, não estou dizendo que sua atitude é boa. Porque não é. Você ainda está fazendo manha por causa do seu gatinho.

Manha? Manha!

— Ele não é meu gatinho. — Cookie não o queria mais de uma forma romântica. Ela havia dado todas as partes do seu coração a ele, e ele as jogara – ele a jogara – fora.

— O que ele seja, ou não, você vai voltar para Astaria, não vai? Apesar dos centauros canibais, goblins fantasmas e reis vingativos?

— Vou. — Apesar de Cookie ter passado apenas algumas semanas longe do mundo mortal, tudo havia mudado. Para ela, ao menos. Nada parecia certo ali. Roupas mortais não serviam direito. Os cheiros não tinham a doçura a qual se

acostumara. O colchão velho parecia feito de pedras, dormir era impossível. — Quero você e Sugars comigo. Vou proteger vocês dos monstros, prometo. E já escolhi um peguete para você. Você vai morar no castelo, é claro. — Ela recuperaria o dela, quem quer que tivesse que desafiar. — Você vai ter servos, remédio mágico para cada doença que logo vai ter, e…

— Não preciso ser convencida, querida. Homens fae gostosos? Claro que vou com você. Não há dúvida.

Ela zombou.

— Você não vai se arrepender.

— Claro que não. Vou estar com você. — Pearl Jean deu tapinhas na mão dela. — E Kaysar?

— O que tem? Terminamos. Estou no processo de expulsá-lo do meu coração e pendurar uma placa de disponível. Não tem nada que ele possa dizer ou fazer para reverter isso. Então, já foi tarde. Melhor agora do que mais tarde. De qualquer forma, gosto de estar solteira. Ele que perdeu, certo? Tem muito mais lixo no mar. E não estou protestando muito, então pare de pensar que estou.

— O que quer que você diga, querida.

— Estou seguindo em frente — insistiu com um aceno incisivo. Através do seu exemplo, Kaysar testemunharia o que acontecia quando se deixava um passado turbulento para trás e se agarrava em um futuro brilhante. Se ele escolhesse guerrear com ela, tudo bem. Eles lutariam. Ela não o mataria, ela não o odiava. Mas ela se recusava a deixar que ele a machucasse mais. Se ela chegasse e ele sugerisse que eles voltassem, bom, ele poderia ir se ferrar.

Ela esperava seu ódio, mas não sua crueldade. Ele a banira de sua vida – da casa dela. Um crime que vinha com uma sentença eterna.

— Você tem certeza de que está seguindo em frente? Porque você parece que vai matar alguém. E sério, e se o homem apenas sofre de Disfunção de Redirecionamento? Pense nisso. Você destruiu os planos da vida inteira dele, forçando-o a navegar um novo caminho. Ele pode apenas precisar de tempo para se aclimar.

— Eu não ligo. — Ela havia dado *tudo* para Kaysar, como dissera que faria, arriscando a própria felicidade para conseguir a dele. Se ele não podia ver isso, não era um homem que merecia conhecer, muito menos sentir falta. — E chega de falar nele.

— Tudo bem. Não arranque minha cabeça como fez com aqueles soldados. Só me diga quando vamos, e estarei pronta.

Ela se arrependeu, um pouco, de contar para Pearl Jean todos os detalhes da batalha.

— Hoje à noite. Às oito — falou com um aceno firme. Tempo o suficiente para fazer qualquer coisa que precisasse. — Não tenho bem certeza do que vamos encontrar do outro lado do meu portal, então vamos levar apenas o essencial. Coisas indispensáveis para nossa vida.

— Combinado.

Elas pegaram Sugars e entraram. O resto do dia passou numa correria. Cookie decidiu que o essencial incluía lanchinhos com uma variedade de donuts, garrafas de vinho, calça leggings e shorts jeans, botas de cowboy e fantasias que ela comprou com entrega expressa. Também comida e areia para Sugars, assim como uma mochila especial com telas para ventilação e um painel transparente para o hobby dele. Espionar.

Se ela precisasse de qualquer outra coisa dele, ela voltaria para o mundo mortal para pegar. A casa da fazenda acabara de ganhar um rebaixamento de casa do “para sempre” para retiro de férias.

Pearl Jean selecionou medicamentos para todas as doenças conhecidas pelo homem e talvez algumas que não eram. Um guia para identificar suas doenças antes que ficassem críticas. Fio e agulhas de tricô. *Muumuus* para todas as ocasiões. Um fardinho de cerveja. E uma coleção de livros de romance que elas compartilhariam.

Às 8h07 em ponto, elas se encontraram na sala de estar. Sugars estava descansando na mochila, preso nos ombros de Cookie, e furioso por estar preso. A alça da mala cruzava seu peito, a mala ameaçando derrubá-la com o peso.

Valia a pena.

Um novo jogo estava começando, a animação dela revivendo. A (no momento) deslocada rainha das Terras Crepusculares e seu timinho haviam subido de nível. O prêmio? Uma vida de aventura.

— Você está pronta? — perguntou para Pear Jean… que estava sentada na *scooter*.

Olhos escuros animados, ela acionou a buzina da *scooter*.

— Estou pronta há anos.

Respirando fundo, Cookie ancorou uma corda na cintura e deu a outra ponta para Pearl Jean. Ela imaginou o lugar que desejava chegar e esticou os braços. Enquanto sua audiência de uma fazia barulhos de maravilha, ela cresceu trepadeiras de ambas as mãos, as hastes se unindo no meio do recinto, a alguns metros da mesa de centro. Dessa vez ela não foi puxada por elas. Ela ganhara controle demais para isso. Se Kaysar a compelira a ficar longe? Grande coisa.

— Não solte da corda até termos chegado — instruiu.

Assim que a amiga a garantiu, Cookie inalou… e atravessou com Pearl Jean em seu encalço. De repente, o castelo preencheu sua visão. A sala com o portal permanente, e paredes de pedra envelhecida e…

— Amber?

— Já não era sem tempo — falou o oráculo, aproximando-se.

A corda caiu de Cookie enquanto se abraçavam, prendendo-se uma na outra.

Ser recebida por uma amiga que sentira sua falta… Nada nunca foi tão incrível quanto isso. Bom, exceto estar com… ninguém importante. De qualquer forma. Seguindo em frente.

— Estou tão feliz por ver você — disse Cookie, com a voz embargada. — Senti tanto sua falta.

— Confie em mim, também senti sua falta. *Todo mundo* sentiu sua falta. Kaysar nunca esteve mais… Kaysar.

Até seu nome fazia seu coração acelerar.

— Conte a fofoca e que seja quente. Me conte tudo que aconteceu.

— Eu vou. Mas primeiro. — Amber se endireitou e sorriu para Pearl Jean. — É muito adorável vê-la outra vez, Pearl Jean.

Dã! Apresentações.

— Outra vez? — perguntou sua amiga, confusa. — Ou tenho Alzheimer ou você é a vidente que Cookie mencionou. Acho que a atrevidinha se referiu a você como a primeira confidente não geriátrica.

— Sou eu. — O oráculo voltou a atenção para Cookie e acenou para um bule que colocara em uma pedra. — Agora, seu chá.

— Não foi isso que quis dizer. Ah, esquece. Me conte sobre Kaysar.

— Bom, com sua partida, ele convocou o exército, parando uma invasão dos trolls de Micah. Kaysar liderou o batalhão das linhas de frente desde então. Ninguém foi capaz de passar por ele para invadir a fortaleza. Você pode assistir a batalha de qualquer varanda, e recomendo muito que faça. — Um sorriso sonhador se alargou. — Trolls são surpreendentemente… bonitos. Tantos músculos esperam seu deleite visual.

Pearl Jean pegou uma cerveja da bolsa, dizendo:

— Não ligue para mim, estou absorvendo a conversa. Mas se você quiser repetir essa parte sobre os trolls, não me importaria de ouvir outra vez.

— Por que Kaysar está protegendo a fortaleza? Por mim? — Cookie perguntou para Amber. Para devolver a ela? Ele percebeu que…*Eu não ligo, eu não ligo, eu não ligo.* A resposta não faria diferença.

A vidente dobrou os lábios sobre os dentes e balançou a cabeça.

— Não. Desculpe. Ele deu ordens que você não deve ser ferida, porque é inimiga dele. Ele está protegendo a fortaleza para si.

O oposto do que ela havia desejado… er, esperado ouvir. Cookie pigarreou, engolindo uma farpa. Parecia que ela não tinha destruído a vingança de Kaysar, afinal. Ela apenas lhe dera um novo alvo, assim como Micah previu.

— Você estava certa em deixá-lo, querida. — Pearl Jean arrotou na mão. — Vamos encontrá-la um novo gatinho. Acho que lembro de a vidente mencionar algo sobre músculos?

Cookie colocou um sorriso despreocupado no rosto.

— Antes de acomodar minhas amigas e iniciar minha retomada, preciso saber. Do lado de quem você vai ficar? Kaysar? Ou sua rainha adorada?

— Ambos. — Amber soltou um suspiro cansado. — Falei para ele como ele lidou mal com você, e ele me baniu da sua presença para sempre. Ou até precisar de mim outra vez. O que vier primeiro. Com seu retorno, ele definitivamente vai precisar de mim. Eu vi o caminho tortuoso à frente. Pela primeira vez, ele está sem um mapa.

Bom.

— Como eu disse, tenho muito para fazer hoje. Se vou assistir minha batalha, deveria me trocar. — Ela tinha a roupa perfeita em mente…

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Kaysar passou as garras em troll seguido de troll. A mulher que havia tirado tudo dele voltara, assim como Olho tinha previsto. Graças ao seu oráculo, a imagem de Chantel estava gravada na sua mente. Ela viria através do portal permanente, usando roupas parecidas com as quais usara no dia que se conheceram.

Ele despachou o próximo oponente. Não ligava para a chegada da princesa. Ela roubara seu futuro. O que ele começara a imaginar. Ela matara a vingança dele, garantindo que não existisse ninguém para punir pela perda de sua irmã… além de si. A dor – nunca – ia – embora.

Odiava sua rainha de cabelos rosa. Mas ele também a amava.

Ele matou outro troll, e outro. E mais um. Ele passara tempo demais sem ver Chantel. Tempo demais sem sentir seu cheiro ou tocá-la. Sem almejar pelo vestido que ela usaria, ou testemunhar seu esplendor em ação ao lidar com os inimigos. Sem abraçá-la, ou trocar segredos com ela, ou estocar fundo dentro dela, ou beijar cada centímetro, ou gritar com ela, ou desafiá-la, ou implorar pelo seu perdão, ou exigir que ela se explicasse até ele estar satisfeito, ou se luxuriar no seu olhar de adoração, e ele estava se partindo por dentro. Um dia, ele temia que se estilhaçaria em pedaços demais para poder ser consertado.

Ele deveria viver assim pela eternidade? Como Chantel podia ter feito o que fez? Ele finalmente ganhara a vida que nunca soube que precisava, e com um único ato, ela arruinara tudo.

Ela precisava pagar.

Corte. Soco, soco. Desvia, gira. Corte. Dois trolls caíram. Chantel já havia pagado? Ela pagara o *suficiente*? Ela estava tão fraca quando ele a empurrou pelo portal. Onde ela foi parar? Se alguém a machucou…

Ele balançou a cabeça, fingindo que não considerara segui-la pelo portal

inúmeras vezes. Não. Olho também o garantira que a segurança de Chantel nunca esteve em risco… apenas seu coração.

Com um rugido, ele massacrou outra dezena de trolls. Ele poderia ter cantado, mas não tinha desejo nenhum de acabar tão rápido com a luta. Grunhidos, gemidos e gritos de agonia soaram, criando a perfeita melodia. O fedor da morte saturava o ar, tão pesado e enjoativo como uma névoa matinal densa.

— Você sabe que ela voltou, não sabe? — A pergunta veio de Jareth, que lutava ao seu lado.

Ele havia libertado o príncipe das correntes no dia que Chantel deixara Astaria, mas o homem irritante o seguira por todos os lugares como um mau hábito desde então. Contudo, ele supunha que Jareth não era mais um príncipe, agora que o pai dele estava morto. O homem seria coroado como o governante soberano da Corte Invernal.

— Vá embora antes que lhe dê o mesmo tratamento dos trolls — ralhou Kaysar. Outros dois corpos caíram.

O tolo esfaqueou outro troll.

— Você deveria se desculpar com ela.

— Ela me traiu. — Então por que ele não ansiava por matá-la? Por que ele às vezes ansiava para abraçá-la e segurá-la, como se sua vida dependesse disso?

Corta. Rasga. Perfura. Perfura. Mais trolls caíram.

— Ela te libertou — pontuou Jareth.

— *Isso* não é liberdade. — Ele cortou por uma fileira de combatentes. Isso era sofrimento.

— Com uma mão na sua vingança e a outra na sua parceira, o cabo de guerra estava rasgando você em dois. Você não podia ir para lugar nenhum, exceto em pedaços. Talvez seja por isso que você precisava que ela brandisse a força que você não podia, hum? Você procurou cura da única maneira que conhecia… através do sofrimento de outrem.

— Não. — Curar? Quando ele nunca se sentira mais vulnerável? Corte,

corte, corte. Não lhe restava absolutamente nada. Ele nunca teria procurado essa posição. Exceto…

Quando Kaysar enchera o armário dela com vestidos, ele dera um lugar de honra para o vestido branco de propósito. Notava-se fácil. Apesar que ele não soubera o porquê. Ele só soubera que pensara, *Ela vai salvar a nós dois com ele*, no primeiro momento que ele o viu.

Os movimentos dele desaceleraram.

Agora, pelo menos, você não vai pensar em Hador quando pensar na sua irmã. Você pode lembrar da garotinha que o seguia por todos os lugares enquanto segurava sua linda boneca. Você pode sorrir. A paz é sua, você só precisa pegá-la.

As palavras dela ecoaram dentro da cabeça dele. Ela *tinha* salvado Viori ao salvá-lo? Ela removera o único obstáculo no caminho do futuro deles juntos. Terminara uma tarefa que ele não mais gostava.

Os movimentos dele ficaram ainda mais lentos. Mesmo no meio de sua tempestade de mágoa e fúria, Kaysar pensou ter sentido um toque de… paz. Pela primeira vez nas suas lembranças, ele podia imaginar Viori feliz, onde quer que estivesse. Assim como Chantel prometera que faria.

Nenhum dos seus abusadores andava sobre a terra, mentindo para seus súditos em público, machucando inocentes em privado. A vontade constante de causar dor e sofrimento em seus inimigos – assim como em si mesmo – havia abrandado. Circunstâncias atuais não consideradas.

Ele *estava* se curando?

Um Jareth confuso batalhava em volta dele, agindo como um guarda quando Kaysar parou por completo. Ele ansiava abandonar o passado e mentira a esse respeito para si mesmo? Ele, o impenitente honesto? Ele ansiava por seguir em frente? Esperava mais? Melhor? Ele passou a lâmina para Chantel, incapaz de ele mesmo fazer o corte, e a culpou pelo resultado?

Com certeza ele não fez isso.

Mas e se ele fez?

No momento – no mesmo segundo – que pensou na possibilidade, ele não teve defesas contra isso. A verdade de repente brilhava tão clara. Ele *havia* ansiado e desejado e esperado. Para se proteger da dor de deixar o passado — sua irmã – para trás, ele se deixou acreditar que Chantel o traíra.

Ele se traíra. O que era pior, ele traíra a *ela*.

Um gemido agonizado irrompeu de Kaysar, arrependimento e vergonha o reduzindo a frangalhos. Ele machucara a única pessoa que o amara.

Você protege, honra e respeita o que valoriza – ou você perde.

Ele devia tudo a Chantel, ainda assim, a tratara como lixo. Ela o perdoaria? Ele não tinha certeza se poderia perdoar a si mesmo.

Ele… ele… Por que os trolls estavam esquecendo sua presença? O exército de trolls parara de lutar; os soldados encaravam a fortaleza de onde videira venenosa descia, descia, descia pelas paredes, passando pelo campo de batalha, pegando trolls e apertando até lhes arrancar a vida.

Com o coração na boca, ele ergueu o olhar… Uma mulher estava parada na varanda da sala do trono, bebericando de uma taça de vinho. Cabelo castanho e rosa dançando na brisa. Um *cropped* apertava seus seios juntos e mostrava sua barriga perfeita. Um par de shortinhos azuis que possuía tão pouco material, a parte de dentro dos bolsos apareciam abaixo da barra. As botas mais estranhas iam até o meio das panturrilhas.

Kaysar apertou o peito e cambaleou. Alguma mulher algum dia exalou tanta magnífica beleza?

Desesperado para recuperar o maior presente que jamais recebera, ele usou o *flitter* para chegar na varanda.

— Oi, Kaysar. — A voz de Chantel era como uma luz em uma terra escura e devastada. Um farol.

Ele precisava pleitear seu caso. Precisava superar a mágoa e fúria dela. Poderia?

— Chantel… — Quando ele deu um passo na sua direção, ela o parou com uma trepadeira. Os espinhos perfuraram seu torso.

— Meus inimigos não são permitidos perto de mim… a não ser que esteja prestes a matá-los. Ah, e você pode me chamar de Cookie.

Ele ergueu as mãos, com as palmas para fora, enquanto urrava xingamentos por dentro.

— Chantel. Cookie. Vou lhe chamar do que desejar, mas nunca vou ser seu inimigo.

— Estou confusa. Você é ou não o homem que me expulsou da minha casa? Você não soltou um decreto que eu não deveria ser ferida por outros para que *você* pudesse me ferir?

Ele hesitou.

— Milhares de vezes, quase passei pelo portal para lhe encontrar. — Apenas três coisas o impediram: sua raiva com alvo errado, sua estupidez completa e a garantia de Olho. — Eu teria feito isso, apesar das garantias de Olho sobre sua segurança. O arrependimento que sinto agora… — Começara a incomodá-lo.

Ela tentou avisá-lo, não tentou?

Com um sotaque lento e arrastado, ela disse:

— Talvez não sejamos inimigos, mas também não somos amigos. Então não pense mais no passado. Está dito e feito. Agora nós seguimos em frente.

Dito e feito? Quem dera. Seguir em frente? Jamais. Ele esfregou uma mão no rosto. Como ele poderia afetá-la?

— Eu anseio por fazer as pazes. Sinto muito, docinho. Eu…

— Sente muito? — Ela riu. O grande problema? Ela soava mesmo divertida. — Não precisa sentir, Kaysar. Na verdade, eu entendo sua raiva e suas ações. Eu até as esperei. E honestamente, olhando para trás, posso ver que deixei um fato crucial passar. Você já teve seu livre arbítrio tirado de você uma vez, ainda assim, fiz isso de novo, sem me importar. Por isso, *eu* sinto muito. Mas você tirou as únicas coisas que importam para mim. Meu lar e minha família. Não posso confiar em você para não fazer isso de novo.

As palavras eram um golpe, mas ele persistiu, tentando explicar.

— Quando vi o corpo de Hador, senti como se tivesse perdido minha irmã

outra vez, como se tivesse falhado com ela de todas as formas imagináveis. Eu revidei. Admitir que você fizera o que uma parte de mim esperava que fizesse, significava que precisava admitir que eu *permiti* que ela fosse perdida para mim uma segunda vez. Que eu queria deixá-la ir. — A culpa o corroía mesmo agora, mas seus dentes afiados haviam se gastado. — Sinto muito — repetiu.

— Está tudo bem, Kaysar. Mesmo — falou Chantel depois de bebericar o vinho. — Lembrei de mais um pouco do meu tempo com Jareth. Quem sabe? Talvez exista algo ali.

Pânico e ciúmes espumaram. Ele tentou outra vez dar um passo à frente, para tocá-la e segurá-la, mas a trepadeira o empurrou para trás.

— Eu a amo. Com todas as partes do meu ser, eu a amo. Se você deseja estar com Jareth, eu… eu não vou impedir. Mas por favor, docinho, dê-me uma chance de provar que posso ser o homem melhor para você.

Outro gole de vinho. Com um giro determinado e um olhar triste por cima do ombro, ela falou:

— Não precisa. Você não pode. E não tem necessidade de prolongar isso também. Nenhum motivo para lutar uma batalha impossível de vencer e desperdiçar o tempo de todo mundo. Eu realmente espero que você tenha uma boa vida, Kaysar. Com certeza é meu plano. Talvez nos vejamos por aí.

* * *

A assembleia para conhecer os súditos de Cookie aconteceu duas semanas depois do seu confronto com Kaysar. De quem ela recusava sentir saudade. Ou mesmo pensar. Ele mantivera distância, como ela pediu. E isso era ótimo. Tudo estava ótimo. Maravilhoso. Mas…

Ele também negociara uma trégua temporária com Micah. O outro rei montaria acampamento do outro lado das Terras Crepusculares, onde ficaria por um ano. Qualquer um que desejasse servi-lo, poderia. Qualquer um que optasse por permanecer com Cookie, ficaria. Uma vez que o ano terminasse, tudo estaria liberado.

Kaysar estava trabalhando incansavelmente para lhe garantir um lar seguro, e ela não sabia como se sentir com isso.

Em todo caso, Cookie havia escolhido um vestido escarlate colante e tomara que caia, com um decote em coração e longo. Uma capa de gola alta cobria seus ombros. Joias rubi brilhavam nas suas orelhas, pescoço e pulsos. Na cabeça, uma coroa dos próprios espinhos e rosas. Ela quase pegara a coroa de cristal que Kaysar lhe dera, mas ela não queria pensar nele em todos os segundos do evento… como estava fazendo agora.

Ela bateu as unhas de espinho no braço do trono. O homem não merecia sua consideração. Ele havia dito que a queria, quando ela recusou, ele a deixou. Outra vez. *Em todo caso.* Chega disso.

Ela decidiu ser a rainha de copas. Ela conquistaria seus súditos com julgamentos justos e um plano incrível de revitalização. Qualquer um que machucasse inocentes encararia a Juíza Cookie. Todos os outros teriam que aprender a viver com as peculiaridades de sua personalidade sempre em mudança.

Falando em peculiaridades de personalidade, Pearl Jean e Sugars haviam se acomodado bem. Pearl Jean se mudou para o quarto próximo ao de Cookie, e Sugars reivindicara o castelo inteiro como sua caixa de brinquedos. Servos paparicavam a pessoa que parecia mais velha em toda a terra e tratavam a panterinha sibilante com a adoração que ele merecia.

Os dois tinham tronos próprios, Sugars a sua esquerda, e Pearl Jean a direita.

Apenas Amber e Jareth haviam visitado Cookie. Ela contara para o príncipe tudo que descobrira sobre Lulundria e dado a ele a foto que roubou da cabana, e ele derramou uma lágrima sem envergonhar-se. Cookie o abraçara, sua afeição por ele crescendo. Afeição, mas nada mais. Ela na verdade considerava o cara como um amigo.

Ele estava parado entre os maiores tronos, agindo como um segurança enquanto os cidadãos alegres das Terras Crepusculares traziam presentes de boas-vindas, agradecimentos e elogios. A flora prosperava mais uma vez, e as

pessoas celebravam.

— Qual o impedimento? — exigiu saber Pearl Jean. Ela assumiu seu papel de segunda em comando *bem* seriamente. — Onde está o próximo agradecido? Vamos acabar logo com isso. — Esfregando a lombar, ela se mexeu para ficar mais confortável. — Meu ciático está atacado.

Sugars bocejou.

Fae, minotauros, centauros e uma mistureba de outras espécies passaram pela sala do trono durante horas. Mas Cookie vira a fila antes de encontrar com seu primeiro súdito. A procissão deveria continuar por mais algumas horas. Então por que ninguém estava se moven…

Esquece. A resposta pavoneou-se para dentro com uma expressão determinada. Kaysar. O coração dela pulou com sua aparição. Ele parecia bem. Sem camisa. Com calça de couro. Coturnos. Olhos e cabelos selvagens. Amber entrou atrás dele.

— É quem eu penso que é? — perguntou Pearl Jean, suave. — Porque miau.

Ele parou na frente do palanque e se curvou.

— Vossa Majestade.

— Kaysar — falou com um aceno. — Não tenho mais nada a dizer para você. — E ainda assim ela ansiava por se jogar em seus braços. Mas Cookie cometera esse erro antes.

— Sei que não tem, docinho. Então, se não se importa, quem vai falar sou eu. — Ele deu um sorriso pequeno, mas afetuoso, e o peito dela contraiu. — Provei o que a vida é sem você, e não tem futuro pior para mim. Minha lição foi aprendida. É por isso que vim lhe dar as boas-vindas às Terras Crepusculares, como tantos outros vieram, e jurar minha lealdade. Deste momento em diante seus inimigos são meus inimigos. Os que errarem com você, erram comigo. Aqueles que lhe ferirem vão sofrer minha ira de maneiras que faria meu tratamento dos Frostlines parecer um jogo infantil. Meu presente e meu futuro pertencem a você. Eu lhe imploro humildemente que os aceite, mas entendo se

recusar. De qualquer maneira, você é minha única família, e minha lealdade permanece inabalável.

— Kaysar…

— Tem mais — interrompeu. Enquanto ela observava, boquiaberta, ele enfiou as garras no ombro, e com um pouco de trabalho, arrancou a tatuagem contraceptiva. Atirou o pedaço de pele aos pés dela. Uma oferenda. — Minha vingança contra os Frostlines acabou. Chega. Quando estiver pronta para ter filhos, estou pronto para dá-los a você.

— Agora, *isso* é um grande gesto — disse Pearl Jean, trocando um sorriso com Amber.

A boca dela abriu e fechou como um peixe fora d'água.

— Uma vez você me disse que todas as crianças que gerar vão pertencer aos Frostlines.

— Jareth vai negar permanentemente o casamento com você ou Jareth vai morrer — falou Kaysar, fuzilando o outro homem. — Qualquer criança que nós gerarmos será conhecida por todos como nossa. Eles vão governar *nossos* reinos. A Corte da Meia Noite e as Terras Crepusculares.

Não ceda. Não outra vez.

— Eu não posso…

— Tem mais. — Ele estalou os dedos, e dois soldados correram para a sala do trono. O primeiro carregava uma pequena jaula de pássaros com… não um pássaro dentro. O que *era* aquilo? O segundo segurava uma caixa de tamanho médio. — Para a dama de companhia da rainha, Pearl Jean, presenteio o coração de um fae real. — Os guardas colocaram os presentes da beirada do palanque. — Eu lhe garanto, o recipiente merecia muito sua perda. O órgão está preservado misticamente. Se algum dia ela desejar viver para sempre, tem apenas que comê-lo. Para o felino real, trago uma caixa feita de madeira encantada. Dentro dela, ele vai se curar de qualquer lesão. Entre outras coisas.

— Ela diz sim — falou Pearl Jean, já se apressando para pegar a jaula com mãos ansiosas. — Como o negócio inteiro ou só uma mordida? Não importa.

Vou comer tudo só por garantia.

Cookie nem queria saber qual real havia perdido a vida.

— Eu… Não. — Ela negou com a cabeça, recusando-se a criar esperanças mais uma vez. Kaysar lhe dera os presentes mas incríveis. Mas era isso que ele fazia. Gestos grandiosos. Decepção sempre seguia no encalço deles. — Falei sério. Não posso mais confiar em você.

Ele fechou os olhos por um momento, como se tomado por dor. Quando ele a encarou outra vez, ergueu o queixo e colocou os ombros para trás.

— Também sei disso. Mas estou disposto a fazer muita coisa para garantir que tenha tempo para ganhar sua confiança de volta.

Ah, é?

— E como você planeja fazer isso?

Ele usou o *flitter* para chegar no palanque, com um pedaço de corrente nas mãos, ele enganchou uma ponta no trono dela. Depois se moveu alguns metros, fora do seu alcance. Com o olhar quente nela, colocou uma coleira de metal no pescoço – um elo de corrente o mantinha ancorado.

Ah, não, ele não fez isso.

— Remova a coleira, Kaysar. Agora. — Ela odiava vê-lo assim, sabendo o custo.

— Eu vou. Depois de completar minha missão, juntar meu time de novo.

— Kaysar. — Ela apertou os braços do trono até os nós dos dedos ficarem brancos. — Você não pode…

— Tenho outros dois presentes para você — interrompeu mais uma vez. Ele se moveu diretamente na frente dela, com as mãos apoiadas na cadeira. — Vou lhe dar as três palavrinhas que você merece há muito tempo… você estava certa.

A respiração dela falhou. Tudo bem, sim, a afirmação a afetou. Talvez ela pudesse dar outra chance a ele, afinal?

— Por último — falou — dou *meu* coração. Em todas as encarnações. — Ele caiu de joelhos na sua frente e afundou as garras no peito, onde a pele já começara a se curar. — Vou lhe mostrar como ele bate por você.

Cookie pegou o pulso dele, parando sua mão.

— Não — comandou. Acorrentado era ruim o bastante. Mas machucado, também? — Me deixe pensar por um segundo.

Com uma expressão suave e esperançosa, ele disse:

— Por favor, pense. Vou estar aqui, não importa quanto tempo demorar. Você está estonteante, a propósito. Capturou meu coração outra vez à primeira vista.

Surpreendente. Ele compreendeu a escolha de roupa dela. Mas até aí, ele sempre entendera seus humores, não é mesmo?

Conforme o coração de Cookie acelerava, sua mente rodopiava. O homem cuja liberdade havia sido roubada quando criança estava disposto a abrir mão da mesma quando adulto apenas para ficar perto dela, provando suas falas com ação.

Agora ele a observava com tanta sinceridade, como se nada mais importasse do que sua resposta.

Ela acreditava que ele a perdoara pelo terrível ato que cometera por um bem maior? Sim. Então como ela poderia não fazer o mesmo e o perdoá-lo por algo que fizera no meio do auge de um luto de centenas de anos? Por que ela estava se atendo a sua dor, deixando medo governar suas vidas?

Sim, ele havia errado e estourara. Mas ele tinha assumido, e estava lutando para conquistá-la outra vez. Lutando. Por ela. Ele estava fazendo tudo em seu poder para fazer as pazes, como prometido. E ela o amava. Tanto. O rei complicado com uma sede por vingança a trouxera à vida de formas que dois corações nunca fizeram.

Sem dor para ofuscar seus pensamentos e percepções, ela precisava admitir a verdade. O desejo dela por ele nunca desaparecera. Se muito, ela o desejava mais do que nunca. Noites sem ele eram horríveis. Dias sem ele eram piores. Mesmo com Pearl Jean e Sugars ali, ela se sentira tão sozinha.

Para Cookie, Kaysar era conexão e conexão era Kaysar.

Ela encontrou o olhar dele outra vez, e ele deu um sorriso tão grande que os olhos dela se encheram de lágrimas.

— Você me perdoou cem por cento? — perguntou ele, passando os braços ao redor de Cookie para deslizar sua bunda para a beirada do assento. — Você vai usar o uniforme do time novamente?

— Perdoei, e vou. — Inclinando-se na direção dele, ela segurou seu rosto adorado. — Podemos começar um novo jogo. Então remova a coleira e me leve para…

Piscada. A coleira sumiu, e Cookie e Kaysar estavam dentro do quarto dela, deitados na cama. Ele deu um monte de beijos demorados e suaves no rosto dela, dando a cada uma das suas feições boas-vindas pessoais.

— Eu a amo hoje — falou entre os beijos. — Vou amá-la amanhã. E o próximo dia. E o próximo. E o próximo. Não vai existir um único momento que você não terá certeza da minha adoração pela minha preciosa.

Sorrindo, ela segurou sua mandíbula e encontrou seu olhar.

— Seus inimigos são meus, Kaysar. Aqueles que errarem com você, erram comigo. Os que machucarem você sofrerão a *minha* fúria. Meu presente e futuro pertencem a você.

Como ele amava a parceira.

— Vou lhe dar o mundo, Chantel.

Ela piscou para ele.

— Não se eu der primeiro.

EPÍLOGO

Kaysar segurava uma Chantel nua nos braços. Depois de uma maratona de sexo de duas semanas que ela se referiu como “sexo de fazer as pazes”, eles estavam deitados entrelaçados na cama, conversando como amavam fazer.

— A coroação de Jareth como rei é amanhã — disse ela com um sorriso. — Gostaria de ir.

— Então nós vamos — respondeu. Apesar de odiar admitir, e nunca faria outra vez, ele meio que gostava do filhotinho.

— Ele pediu que não matássemos ninguém.

— E você respondeu…?

— Que não posso prometer nada. E se alguém merecer?

— Essa é minha garota querida. — Sempre pensando uns cinquenta massacres à frente.

Ela traçou um dedo em volta do mamilo dele.

— É ruim esperar que alguém mereça?

Ele tirou uma mecha de cabelo da sua bochecha, colocando atrás da orelha e sorriu.

— É perfeito, amor. Você é perfeita. — Forte o bastante para fazer o que ele não conseguiu. Corajosa o bastante para soltar o urso ferido da jaula. — Antes de irmos, você deveria encher o palácio com videira venenosa, para que Micah não possa entrar sem sofrer. Caso ele decida renegar nossa barganha, ou invadir e roubar alguma coisa.

— Claro. — Ela assentiu. — Sabe, você deveria me levar para ver a Corte da Meia Noite primeiro. Deveria conhecer o palácio, para que possa explicar para Jareth todos os motivos pelos quais seu reino é melhor que o dele.

Kaysar ficou duro na hora. Ela sabia como excitá-lo em segundos.

Ele beijou sua testa, a ponta do nariz, seus lábios.

— Não é meu reino, amor. É nosso. O que é meu é seu, e o que é seu é meu. E parar na Corte da Meia Noite é inteligente. — Ele pensou por um momento. — Suponho que devo comandar uma porção dos nossos exércitos a parar de guerrear com os de Hador… de Jareth em algum momento.

— Falando dos nossos exércitos, você acha que… talvez… possivelmente… algum dos nossos homens possa ter uma queda por velhinhas safadas?

— Pearl Jean procura um pretendente? Muito bem. Apenas o melhor para nossa amiga.

A porta do quarto se abriu. Apesar de ninguém colocar a cabeça dentro do quarto, Pearl Jean falou:

— Desculpem, mas isso está acontecendo. Ele tem sido um monstrinho, e estou ocupada demais pegando um resfriado fae.

A porta fechou depois de Sugars entrar no quarto, o mestre de tudo o que via. Ele pulou na cama, tomando um lugar nos travesseiros.

O gato desenvolvera um apreço instantâneo a ele. Na verdade, o pequeno amado preferia Kaysar a qualquer outro, incluindo Chantel. Um fato que ela achava muito divertido.

Contentamento encasulou Kaysar, tão certo quanto as trepadeiras de Chantel com frequência faziam. A vida nunca fora melhor.

Talvez ele e Chantel passassem um tempo buscando Viori. Ele mantinha Drendall a sete chaves na Corte da Meia Noite, esperando o retorno de sua irmã. Até que ele a encontrasse, ou seu corpo, ele não desistiria. Não outra vez.

Tudo ficaria bem.

Pela primeira vez na vida, ele acreditava nisso com todas as fibras do seu ser.

SOBRE A AUTORA



Gena Showalter é uma autora americana nos gêneros de romance contemporâneo, romance paranormal e jovem adulto. Showalter vendeu seu primeiro livro aos 27 anos e publicou mais de 70 livros. Ela foi nomeada pelo *The New York Times* e pelo *USA Today* como autora de best sellers.

@editoracabanavermelha